

LIH SANTOS

Mamãe quer me casar



SÉRIE ARMAÇÕES DE UMA MÃE
CASAMENTEIRA





Mamãe Quer Me *Casar*

LIH SANTOS

Copyright © Lih Santos

Todos os direitos reservados.

Criado no Brasil.

Capa: Mari Sales

Revisão: Mari Sales

Diagramação Digital: Mari Sales

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.



SUMÁRIO

PRÓLOGO

FAMÍLIA

CAPÍTULO 1

CONVITE

CAPÍTULO 2

UNIVERSO

CAPÍTULO 3

MÔNICA

CAPÍTULO 4

SEJA MINHA GASOLINA

CAPÍTULO 5

VOCÊ DE SOBREMESA

CAPÍTULO 6

MEU BRINQUEDO

CAPÍTULO 7

LIGAÇÃO

CAPÍTULO 8

TODO SEU

CAPÍTULO 9

UM HOMEM MUITO MORTO

CAPÍTULO 10

MARÊ DE AZAR

CAPÍTULO 11

PAI DO MAX

CAPÍTULO 12

SO UMA FAXINEIRA

CAPÍTULO 13

ALGO DIFERENTE (PARTE 1)

CAPÍTULO 14

ALGO DIFERENTE (PARTE 2)

CAPÍTULO 15

SOGRINHA
CAPÍTULO 16
MAMÃE CHEGUEI!
CAPÍTULO 17
DESCONFIADA
CAPÍTULO 18
APAIXONADA!
CAPÍTULO 19
EVIDÊNCIAS
CAPÍTULO 20
AS TRÊS PALAVRAS MÁGICAS
CAPÍTULO 21
ADVOGADO
CAPÍTULO 22
SEMPRE APAIXONADO POR MIM
CAPÍTULO 23
O ENCONTRO
CAPÍTULO 24
BRIGADOS
CAPÍTULO 25
DIA D
CAPÍTULO 26
GAROTA DO COLEGIAL
CAPÍTULO 27
PRECISAMOS CONVERSAR
CAPÍTULO 28
VERDADES
CAPÍTULO 29
APAIXONADA
CAPÍTULO 30
EM FAMÍLIA
CAPÍTULO 31
QUASE UM EPÍLOGO

FIM!
EPÍLOGO
EM UM MÊS E MEIO
EPÍLOGO
PARTE 2
SOBRE A AUTORA



DEDICATÓRIA

Dedico esse livro às minhas leitoras e amigas, em especial a Luh, que me fez ver a importância de um sorriso.



AGRADECIMENTOS

Escrever um livro é sempre um desafio, mas vê-lo completo é como receber um prêmio e cada nova leitura um aplauso... ou uma vaia, quem sabe kkkkkkkk.

Mas essa não foi uma caminhada sozinha, eu não fiz o livro sozinha. Conteí com as melhores pessoas que Deus colocou na minha vida quando decidi entrar no meio literário. Que cobraram, deram palpites, *pitacos*, conselhos, ajudaram a divulgar sem pedir nada em troca, que leram e se divertiram como eu me diverti escrevendo.

Quero agradecer, primeiramente a Ele, Deus, por ter me dado saúde e inspiração. Depois a Mari — Mãezona — Sales, que desde o início, quando falei que tinha um conto, abraçou a ideia, me apoiou e incentivou de uma forma extraordinária e o conto virou livro kkkkkkkk. A Gih Medeiros, outra chata que ficava cobrando para terminar logo e me aguentava nas madrugadas, perguntando “isso tá bom?”.

Agradecer a Beth, que foi tipo uma beta postiça que também me aguentava no privado perguntando se o capítulo estava legal. A Lis Santos, minha *irmãzona* postiça, Carol Cappia, e Awf Santos, que sempre estão *ali* quando eu preciso. Agradecer em especial também a Joyce Domingues, MF Corrêa, Karen Dorothy, Bia Pereira, Maria de Castro, que leram no Wattpad e indicaram o livro pra Deus e o mundo, cobravam para lançar logo na Amazon, me xingavam e ameaçavam em alguns momentos. Obrigada, suas doidas.

E aquele agradecimento super especial para a Tatiane Souza que juntou todas essas doidas em um só grupo e acabou dando muito certo. Sem ela acho que não estaria vivendo esse momento. Só tenho a agradecer. Obrigadaaaaaa ruiva.

Não posso deixar de citar os grupos: Meninas do Café, CCL, ASD e Amigos por Acaso, que viraram uma grande família e todas elas contribuíram um pouquinho para esse sonho estar sendo realizado. Obrigada a todas e a todos que acompanham as minhas loucuras no Wattpad desde o início. Vocês é parte fundamental desse sonho que está sendo realizado.



PRÓLOGO

FAMÍLIA

Sabe aquela velha história de que toda mãe é casamenteira ou que todas sonham em ver suas filhas de véu e grinalda? E por mais que digam que não, a verdade é que — sim — todas as mães querem seus filhos casados e cheios de netos para elas engordarem.

A senhora Amélia — minha querida mãe — é dessas que leva muito a sério o título de casamenteira. O sonho da vida dela é casar as filhas. Isso mesmo, só as filhas, já que o meu único irmão não sofre a mesma pressão. Ela diz que a única mulher boa o bastante para o *Adônis* lhe deu à luz.

Que besteira! Mas nós, as filhas mortais de *Hades*, temos obrigação de casar e enchê-la de netos. Graças ao bom Deus e para o bem da minha sanidade mental, somos apenas três meninas. Eu, Belly, baixa, com um quadril enorme, peitos inexistentes, cabelos naturalmente castanhos, com mechas vermelhas e olhos de âmbar tão naturais quanto meu cabelo, trabalho como faxineira há dois anos, mas me formei — inutilmente — em gastronomia. Sou a mais velha, ou seja, tenho uma placa colada na testa com letras garrafais e luzes de néon escrita em caixa alta "*mãe em desespero para casar a filha. Fuja!*". Sim, de acordo com o nosso século, o XVIII — é claro — eu, com 27 anos, sou uma solteirona mais encalhada que água em bueiro entupido e mais na seca que mula empacada em pleno verão no nordeste.

Uma vez que nem *pequeto* tenho, devo estar pior que uma solteirona, já até estou escolhendo as melhores rações para gatos e as raças mais dóceis. Afinal, serão minhas únicas companhias no futuro.

Não vou mentir dizendo que nunca sonhei com casamento, marido e filhos, já sonhei e muito, mas hoje não tenho mais vontade ou disposição para essas besteiras de casamento. No entanto, finjo adorar e me divirto com toda essa maluquice de casar, ter filhos e blá, blá, blá. Não é fácil aguentar as loucuras da minha mãe. E quando eu digo loucuras, acreditem, é loucuras mesmo.

Voltando á minha árvore genealógica, logo em seguida na linha de "*segura que lá vem a noiva*", temos a Telly com 23 anos, fruto do segundo ou quarto — nem lembro mais a ordem — casamento da mamãe e gêmea do Ricky, alta, olhos pretos, cabelo loiro longo (tão natural quanto o meu) e um corpo escultural que eu idolatro. Nascemos na mesma família e ela ficou com as coisas boas tudo. Injusto, já que eu sou a primogênita. Tudo bem que somos de pais

deferentes, mas por consolo, bem que o universo poderia ter me dado olhos azuis ou verdes, preto é bonito, mas olhos claros são olhos claros, né? Tentei ter olhos azuis, mas o universo achou um crime e tive uma puta alergia às lentes, choquem, quase fiquei cega.

Agora temos o "*sombra e água fresca*", aquele que não pode ser tocado: Ricky, nosso *adônis*, é o sonho de toda garota: lindo, alto, forte, estudioso, romântico, trabalhador, toca violão, cozinha... e acho que é por isso que ele tem mais amigas que pretendentes. A maioria acha que ele é gay. Já perguntei se ele é homossexual, mais de uma vez, porém, ele sempre nega e já até teve algumas *pequetes*... mas enfim, ele sabe que independente de sua escolha iremos acolhê-lo e amá-lo por sua essência.

Letty, a ovelha negra da família, está muito bem em sua zona neutra — jovem demais para casar. No alto de seus dezesseis anos e 1,55m de pura rebeldia, mau humor, chatice e futilidade, porém, na aparência é a mais parecida comigo: as duas juntas não dão um *Smurf*. Só que bem mais magra que eu, já que gosta de pousar como manequim oficial do pai, com quem mora desde os oito anos de idade. Ela detesta com verdadeiro horror essa história de casamento. Às vezes, acho que ela nos detesta também...

Bom, como podem ver pela apresentação da escola de samba, minha mãe gosta tanto de apelidos quanto de casamento. Ela não perde nem para o Fábio Junior em números de *casa e descasa*. Foi casada onze vezes. E só perde para Britney Spears em duração. Seu casamento mais duradouro foi de três anos e o mais curto quase uma semana e entre tapas e beijos, casou e descasou o dobro de vezes que realmente casou. Ok, ninguém entendeu. Simples, ela chegou a casar três vezes apenas com o meu pai. Sim, e não deu certo nenhuma vez e infelizmente, nunca daria. Persistência ela tem pelo menos.

Meu pai era depressivo e extremamente possessivo mesmo antes do casamento, mas minha mãe achou que o amor dela por ele o salvaria ou curaria desse mal — acho que ela lia muito romance, mas depois do casamento, tudo piorou. Resultado: ele virou alcoólatra, passou a usar drogas e um belo dia, seis meses após o casamento, quando ela já estava grávida de mim, ele sumiu por anos. Ela solicitou e conseguiu o divórcio. Casou novamente só Jesus sabe com quem e descasou tão rápido quanto casou.

Quando eu tinha dois anos, ela conheceu o pai dos gêmeos. Foi um mês até estarem casados e quatro meses até o divórcio, ela pegou o tal no flagra com a amante. Minha mãe ficou deprimida após o término de mais um casamento e descobrir-se grávida do ex-traidor piorou isso. Então, em uma bela tarde, como um urubu encarnado de fênix, meu pai ressurgiu do buraco mais

escuro da terra e ela, que sempre o amou, voltou a casar com o senhor Antônio, meu *querido* papai. Dessa vez foi melhor, durou três anos até ele voltar a beber e nos afundar na lama das brigas, dívidas e ameaças de morte. Mamãe, então, para nos dar estabilidade e proteção, casou-se com um ricaço. Durou apenas duas semanas. Ele queria mandar nela, ela o mandou para o inferno e, em um ato de burrice, voltou para o meu pai pela última vez. Ele morreu três meses depois com uma corda no pescoço, uma garrafa de álcool e nada mais que um bilhete com um pedido desculpas.

Não me pergunte em que momento disso tudo a Letty foi gerada, porque nem eu sei, mas tenho certeza de que não foi fruto de um casamento... Só sei que uma bela dona Amélia estava grávida e divorciada novamente.

Felizmente, mamãe não acredita que casamento é eterno. "*Se estiver ruim, peça o divórcio e passe pimenta nas partes íntimas do otário... depois se case de novo, uma hora dá certo, mas antes, transe bastante e beije mais ainda*", palavras dela, não minhas.

Dona Amélia é do tipo "*durma preparada, com sorte um garanhão entra por sua janela e te faz cavalgar a noite toda*."

Eu amo essas pérolas dela. Os melhores conselhos... para quem gosta de encrenca.

Eu não me casei ainda, gostaria de dizer que porque sou uma destruidora de corações, fria, arrogante e calculista, mas a verdade é que ninguém me quer, Brasil. É triste, mas é verdade.

E olha que não é por falta de tentativa da *mamis* poderosa, loiraça, linda e muito gostosa, capaz de fazer até Madonna morrer de inveja. A pobre tentou bravamente me desencalhar, mas falhou miseravelmente. Até encontros com *sinistrões* da internet — mais *fakes* que o loiro dela — ela arranjou para mim.

Meu único casamento foi em uma peça da escola que eu criei na quinta série chamada "*Mamãe quer me casar*". Escrevi inspirado na minha mãe, só que na história, a mãe conseguiu casar a filha com um milionário, mas ela é apaixonada por outro. Resumo, a protagonista termina casada, mas infeliz. Minha mãe nem viu a peça, dava para ver nos olhos dela que a única coisa que prestou atenção foi na filhinha dela vestida de noiva em um casamento de mentirinha. Chorou a peça inteira.

Anos depois da peça tive minha primeira tentativa de namoro. Aos dezessete anos, ele foi meu primeiro "*tudo*": amor, namorado... só não o beijo, porque eu já tinha dado aos catorze anos em uma aposta pelo meu time... Tá,

nem tenho um time, mas quem perdesse me beijaria.

A verdade é que era um DVD e eu sabia quem perderia e foi o time escolhido pela minha *paixonite* na época e assim, meu primeiro beijo foi com o garoto mais lindo da escola.

Mais descolado.

O popular.

Cabelos de anjo e lábios de bosta, pois é, fiquei tão encantada com ele que nem reparei que o infeliz comia merda. PORQUE SÓ COMENDO MUITA MERDA PARA TER UMA BOCA TÃO FEDIDA A CÔCO. Era de fazer inveja a qualquer banheiro público.

Fiquei tão traumatizada que agora sempre dou uma conferida no bafo dos homens antes de decidir beijar ou não. Por mais lindo que seja beijar uma foça não é opção para mim. Lição do dia: bala de menta, R\$ 0,10 centavos. Pasta de dentes, R\$ 3,00 reais. Me beijar, é inestimável.

E minha primeira vez foi ainda pior. Detesto lembrar e nunca me permito lembrar.

Bom, voltando ao Pablo, meu primeiro pretendente, o coitado não aguentou trinta minutos de relacionamento após O JANTAR. Mais para frente irão descobrir o que é e como é esse jantar, porém, nossa relação já tinha esfriado, namoramos escondidos por três meses e nunca tinha tido vontade de transar com ele. Então, quando chegou ao fim, eu me senti livre.

E o último que tive coragem de namorar ou levar para minha casa, foi o Guto. Esse arrasou meu coração como o Pablo não conseguiu e foi o único momento que essa história toda de mãe louca casamenteira não foi engraçada. Eu o amava demais, me entreguei para ele e o jantar destruiu nosso namoro em um dia. Isso foi aos vinte e quatro anos de idade e até hoje não namoro sério. Minhas duas experiências não foram das melhores e eu odiaria ter que suportar novamente a perda de outro amor. Homens geralmente fogem de compromisso e eu já estou vestida para casar desde antes do meu nascimento. Deve ser por isso que nunca recebi um "*oi sumida*". Tenho certeza que meus exs vão todo fim de ano mandar uma oferenda para Iemanjá por terem se livrado das garras casamenteiras da minha mãe. Essa faz questão de deixar claro, "*pode namorar com minha filha, mas vai casar e se reclamar vai ter uma dúzia de filhos*."

Eu agora só tenho noites de sexo, noites mesmo, porque meus *ficantes* vão embora antes do dia amanhecer. Parece que foram enviados pela fada madrinha da Cinderela, do nada viram abóboras e *puff*, somem.

Então, é com muita dor nas partes íntimas que informo estar há seis

meses sem beijar ou transar. Meu nível de carência está tão alto que passo nos postos de saúde só para me darem preservativos, alguém ao menos tem fé que minha vida sexual é ativa. Tão iludidos!

Algo me diz que essa história toda de casamento não é para mim. Devo ser a versão feminina do patinho feio, só que bonita. Óbvio! Mas sabe de uma coisa? É melhor assim, gosto da minha vida como está, não é a melhor de todas, mas para mim é o suficiente. Tenho saúde, teto, emprego, comida na mesa e a melhor família do mundo. O que mais posso exigir da vida?



CAPÍTULO 1

CONVITE

Entro no meu quarto exausta após minha primeira faxina do dia e encontro um convite em cima da minha cama. Não está fechado, o que indica que minha mãe, papagaio, gato, cachorro, cabrito e toda a arca de Noé já leram antes da pessoa a quem foi endereçada. E posso apostar que ele é o motivo do sorriso enorme no rosto da mamãe quando entrei em casa. Nem preciso ler para saber que não vou gostar e nem concordar com o conteúdo.

Aliás, até meu subconsciente já está gritando "*fuja! Ela está planejando seu casamento*". E, por um breve momento, temi ser o convite do meu próprio casamento. Vocês não conhecem minha mãe, vai que ela resolveu me vender para um CEO masoquista e com um passado sombrio? Logo a imagem do Jamie Dornan sem camisa e com calças de cowboy, balançando um chicote na mão no melhor estilo Christian Grey invadiu minha mente e... Hummm... Pensando bem, até que não seria uma má ideia.

Desenrolo meu cabelo do coque e tiro a farda do inferno... ops, trabalho, ficando apenas com uma calcinha preta rendada — se fosse um casamento com o Grey, eu já estava até preparada. Sento na cama segurando o papel e conforme vou lendo, mais minha boca abre e posso jurar que meu queixo atingiu a camada mais profunda da Terra. Teria me impressionado menos se realmente fosse um convite do meu casamento com o Grey.

Era nada mais, nada menos que um convite para reencontrar a turma do colegial. DO COLE-INFERNAL! Eu odeio aquele colégio com todas as minhas dívidas. Que não são poucas. Pela única razão dos garotos babacas da minha sala, enviados das profundezas mais sujas das entranhas de *Nazaré Tedesco*, me zoarem o tempo todo, não era apenas para as nerds como nos outros colégios. Era para todos que não fossem do grupinho de futuros presidiários que eles faziam parte. E pior, alguns eram *barra pesada* mesmo, tive um período difícil graças a eles.

Eles conseguiram uma foto minha sem blusa, sem sutiã, sem peitos... ops, mostrando os seios e espalharam pelo colégio, até hoje não sei quem ou como conseguiram essa maldita foto. Eu nunca tirei. Nem sequer tinha uma câmera e até hoje não tenho. Fazer o quê? A pobreza aqui em casa é perpétua.

Porém, como eu sou muito boazinha e nada vingativa, esperei o acampamento de fim de ano. Enquanto eles mergulhavam e nadavam como gazelas saltitantes em uma apresentação de nado sincronizado nas olimpíadas,

batizei suas bebidas com um remedinho e quando dormiram, joguei uma mistura de cola de sapateiro, *superbonder* e *pó de mico* nas partes íntimas dos quatro que eu sabia estavam envolvidos na "brincadeira". Na hora não pensei muito, foi engraçado, era só um susto e quando acordaram, o desespero deles me fez sentir como a Malévola... até eles passarem por cirurgia em estado crítico. Fiquei com muito medo, mas ninguém morreu, só dizem que perderam partes importantes de suas partes íntimas. Não tentem isso em casa.

Óbvio, fui expulsa do colégio, tive minha primeira queixa na delegacia e graças a Deus um ano depois desse ocorrido, mudei de cidade. Todos me chamavam de "*capadora*".

Agora, anos depois, como se nada tivesse acontecido, tenho que encontrá-los em um reencontro mais hipócrita de festa de fim de ano?

Eu me recuso.

Nem sei por que mandaram essa porcaria de convite?

Como iria me negar a ir com minha mãe já sabendo dessa merda de reencontro? E pior, aposto que ela já fez até minhas malas. Droga!

Jogo-me na cama, fitando o teto, e um suspiro de puro desespero escapa dos meus lábios. O dia seria longo. Olho para a parede dos gostosos à minha frente, onde tem pôsteres de celebridades, todos gatos. Olho o Beckham e depois "*os Chris*", demoro um pouco mais do que deveria na boca do Brown e por último, o Justin Timberlake, pensando quando finalmente algum deles iria perceber que me amava e viria me resgatar dessa vida de Isaura.

Quê? Não é só adolescente que tem e sonha com ídolo não. *Oxe!*

Jogo meu cabelo para o rosto e me viro de bruços. O que eu faço meu Deus?

Recebo um tapa ardido na minha bunda nua e quase pulo com o susto. Telly se joga em cima de mim rindo. De onde ela surgiu?

— Aí vadia! — reclamo, tentando tirar essa estropício de cima de mim, mas ela apenas me aperta mais contra o colchão. — Para bater na minha bunda tem que ter um pau bem grande entre as pernas — digo, um tanto ofegante e abafado.

Merda, minha irmã mais nova é mais forte que eu. Telly gargalha alto deitando do meu lado na cama.

— Você vai ir ver os caras que *castrou*? — pergunta, jogando os cabelos loiros no meu rosto.

Retiro seus cabelos da minha cara fazendo questão de puxá-los, antes

de responder:

— Não sei... — respondo ainda meio sem fôlego. Isso porque prático exercício, caso contrário estaria só o cadáver. — Eles são idiotas, mas seria bom vê-los com medo novamente — brinco gargalhando malevolamente.

Lembro que eles ficaram apavorados quando me viram no dia do depoimento. O caso não deu em nada. Ninguém — o colégio e os pais dos quatro meninos envolvidos —, queria um escândalo dessa magnitude, envolvendo a polícia e um longo processo. Ser rico tem suas desvantagens, afinal.

— Deveria ir...

Soprei o ar com força, conhecia esse sermão de cor e desenhado.

— Para eles me encherem o saco? — Cruzei os braços. — Não, obrigada.

— Você também era uma diaba, nem vem, tem que ir sim... — Neguei. — Vai ser bom viajar!

— Vou voltar em um camburão ou ficarei presa lá mesmo!

— Não vai... — Ela suspirou e em seus olhos negros vi brilhar uma sabedoria que só ela tinha. Às vezes, Telly parecia ser mais velha do que realmente era — Belly, você só trabalha desde a morte do seu pai. Começou a trabalhar cedo, se matou para conseguir uma bolsa, se matou entre dois empregos e faculdade e no fim, desistiu de ser uma grande chefe de cozinha com o seu próprio restaurante... — Aproximei e deitei minha cabeça no colo dela. — Esse é seu sonho. Não o deixe morrer. Não se deixe morrer. — Puxou um punhado do meu cabelo. — Qual a última vez que saiu ou namorou? Ao menos lembra como é?

Suspiro. Era verdade, meu último namoro sério foi anos atrás e meu sonho realmente era ter meu próprio restaurante, mas papai morreu e as dívidas começaram, tive que trabalhar no que aparecesse para ajudar nas despesas da casa. O tempo passou e meu sonho se perdeu.

Nunca permiti que minha irmã trabalhasse, prefiro que só estude. Ricky, como o homem da casa, não consegui impedir, então era o único além de mim com emprego fixo. Mamãe trabalhava com encomendas, mas nem sempre tinha clientes. Sei que só ganho bem porque alguns dos patrões tem segundas intenções comigo e não quero descobrir quais são. Secretamente vivo tentando outro emprego que se encaixe em meus horários, afinal, preciso almoçar em casa e pegar o carro no trabalho do Ricky às 15:00h e levar a Telly para a faculdade às 18:30h, volto para deixar o carro com o Ricky e volto para casa de *buzão*...

mas está muito difícil conseguir emprego até mesmo sem nenhuma exigência.

— Não posso gastar. — Faça cara de cachorro sem dono. — Diz aqui que é um *Resort* por vinte dias, na nossa antiga cidade e...

— Pode usar um pouco das nossas economias. — Neguei freneticamente levantando do seu colo. Nossas economias já são poucas.

— E como vamos pagar sua faculdade, a do Ricky, as dívidas, contas...

— Belly, esse convite chegou há uma semana. — Acho que meu olho estava maior que o do Lula. Como conseguiam esconder tudo de mim? — Conversamos durante esses dias e decidimos que você pode fazer essa viagem. — Tentei interrompê-la, mas ela segurou minhas mãos. — Só me ouve... O resultado da bolsa do Ricky saiu. Ele passou... quando ele contar, faz cara de surpresa. — Ri. — Mamãe e nosso *Adônis* concordaram em pagar a minha faculdade quando precisasse...

— Como assim?

— Arrumei um emprego faz sete meses e vou tentar novamente uma bolsa.

— Que emprego é esse? E por que ninguém me contou antes? — gritei. Minha irmã tinha um emprego e ninguém me conta nada?

— Garçonete! — confessou em um sussurro.

— Não! — gritei nervosa. Levantei e comecei a andar de um lado para o outro. Eu sei como é ser garçonete. Todo o assédio, humilhações e... não quero isso para Telly.

— Sou maior e quero me cuidar — falou firme. — Thomas vai me buscar. Ele também detestou a ideia. — Thomas era seu melhor amigo e às vezes dividiam a mesma cama. Por mais que negue, ela só dividia a cama com ele. — É um emprego digno, Belly... Pode ficar orgulhosa?

— Não, Telly, não posso...

— Já chega de se sacrificar por nós, Belly. — Segurou meus ombros. — Amanhã você irá para essa viagem e por favor, veste uma roupa, sua calcinha está furada e estou vendo coisas que sinceramente não queria... — Sua cara de "*pelo amor de Deus* " quase me fez rir.

— Não é um sacrifício. — Eu queria rir e chorar, mas optei por procurar uma roupa no cesto. Não tínhamos um guarda-roupa ainda.

Minha mente fervilhava e minhas mãos tremiam tanto que quase não consigo achar uma roupa. Não parava de pensar e se tentassem fazer algo com ela? E se ela cometesse os mesmos erros que eu? Já estava seguindo meus passos

e se ela desistisse dos próprios sonhos?

— Mamãe concordou com tudo isso? — perguntei, finalmente achando um vestido longo na cor azul marinho.

— Sim... decidimos juntas...

— Juntas? — Estreitei os olhos enquanto me vestia.

— A ideia foi da mamãe, mas concordei totalmente em te dar essa viagem de presente, além do mais, vai sobrar dinheiro agora com a bolsa do Ricky, com meu trabalho... Nós te amamos, Belly. — Limpei as lágrimas que escorriam sem permissão. Eles eram tudo para mim. — E queremos te dar o seu restaurante de presente. — Fiquei surpresa com aquilo. — A partir de hoje teremos uma quantia mensal para isso. — *Quando decidiram tudo isso?* — Falei com o senhor que se diz ser meu pai...

— Falou com seu pai? — Telly nunca perdoou o pai por trair mamãe e, por isso, não conversava com ele.

— Sim, aceitei a pensão e fiz um acordo dele pagar todas as atrasadas em três anos. — Segurei minhas mãos apertando com força. Eu já chorava um dilúvio. — Quero realizar seus sonhos, Belly. — Ela é tão sábia, inteligente, mais alta que eu, que poderia ser muito bem a irmã mais velha.

— Obrigada... eu... eu não sei o que dizer.

— Diga que vai... a mamãe e eu compramos uma sandália nova para você, vi sua sapatilha e a pobre precisa descansar em paz em algum lixão da vida. Fizemos as reservas do hotel, passagem e compramos também um celular para não perder o contato com você durante a viagem.

Meu celular quebrou há dois anos, sempre que precisava fazer uma ligação usava o da Telly ou da mamãe. Não me lembro a última vez que ganhei algo só meu, acho que por isso me ouvi gritando:

— Eu vou.

Telly pula em cima de mim, gritando também. Logo foi buscar os presentes dizendo que se eu tivesse me recusado a ir viajar, devolveria tudo.

A sandália era preta de salto alto toda de camurça e o celular um J7 na cor cinza. Usados, mas pareciam novos. Pulei de alegria como uma criança quando ganha seu tão esperado presente de natal.

Não disse? A melhor família do mundo. E sabe o melhor? Eu faço parte dela.



CAPÍTULO 2

UNIVERSO

Essa noite resolvemos dormir todos juntos na sala, afinal, era minha última noite com eles antes da viagem. Decidimos assistir um filme de ação com o careca mais sexy da televisão mundial: Jason Statham. Amo os filmes desse cara. Eu o vejo batendo nos rivais e só imagino aquela mão grande acertando minha bunda, puxando meu cabelo, me xingando, me chamando de gostosa safada, enquanto rebolo no seu pau — que imagino ser deliciosamente grande — o suor descendo, enquanto nossos gemidos ecoam pela casa... Ok, acho que me empolguei, mas fico até molhada assistindo os filmes dele. A senhora Statham que me perdoe, mas tenho um *troço* grande por esse homem.

Ricky chegou na metade do filme e dormiu vinte minutos depois. Olhei no celular, passava da meia noite quando ele chegou em casa. Preciso falar com ele, está trabalhando demais.

Ele trabalha desde os dezoito anos, não o impedi de fazer isso. Ele é o homem da casa e deixou claro isso quando decidiu trabalhar, até fico feliz em ter com quem dividir as dívidas e as despesas da casa, mas não permitirei que se mate de tanto trabalhar, prefiro que tente um estágio.

Levantei do tapete verde — horrível — onde estava sentada assistindo, Telly também já dormia deitada ao meu lado. Desviei dela e me aproximei do meu irmão, que estava dormindo no sofá grande. Sentei, colocando seus pés no meu colo e comecei a fazer massagem. Ele, de olhos fechados, sorriu safado mordendo o lábio e gemendo. Bati em seu pé, ele resmungou, mas adormeceu novamente.

— Durma também, Belly, ou amanhã acordará parecendo um panda velho e morto. — Levei um susto com mamãe entrando na sala com uma máscara verde cheirando a abacate, bobes no cabelo e um pijama todo estampado por barras de chocolate. Pelo visto o conselho de dormir já pronta caso o lobo mal te faça uma visita só é válido para as filhas. Comecei a ri. — Pode rir agora, mas seus amigos capados irão rir de você depois.

Ela não sabia da história da foto, não queria mortes no colégio, então resolvi esconder e todos concordaram. Naquela época, meu *papai* ainda era vivo e inventou uma história qualquer para ela.

— Já vou dormir, mamãe, ou tentar, depois de te ver assim não sei se vou conseguir. — Tentei não rir, mas foi inevitável.

— Tenho um encontro amanhã, preciso estar ainda mais bela! —

Depois de ficar viúva do papai, dona Amélia não casou novamente. O que era uma surpresa, considerando sua fixação por casamento.

— Divirta-se então. — Fui até ela, mas desisti de dar um beijo de boa noite. — Mãe, manda o Ricky largar o *bico* de fim de semana. — Durante os fins de semana, ele era entregador de pizza. Olhei para Ricky que dormia no sofá — Ele parece exausto.

— Falarei... o problema é que seus irmãos veem você se matando e fazem o mesmo, filha.

— Eu vou parar, juro... e vou conseguir um estágio para ele.

— Bom mesmo, você precisa namorar mais. — Revirei os olhos. Começou! — E se arrumar também. Mais um pouco e poderá fazer *bicos* como mendiga, metade de suas roupas íntimas tem um buraco — Fez uma careta, me olhando de cima a baixo. Gargalhei.

Exagerada.

— É para facilitar, mãe! — Pisquei insinuativa para ela.

— Facilitar o quê? — ela parecia indignada — A ventilação? Proliferação de bactérias? A manter-se casta? Porque se for penetração, melhor costurar logo, sei muito bem que sexo você não faz há muito tempo. — Nossa, assim minha autoestima aumenta.

— Vou terminar de arrumar minha mochila e dormir. — Saí quase correndo para o quarto, só queria fugir daquele assunto.

Já estava tudo pronto para a viagem e eu só conseguia pensar que aquilo era um erro. Eu não queria rever ninguém. Não tinha amigos naquele colégio. Todos me detestavam e eu detestava todos, me sentia o Chris só que sem o Greg.

No entanto, era tarde para desistir. Até reserva fizeram. É bom essa viagem valer o dinheiro que gastaram.

Fiquei um tempo jogando no celular e quando voltei para a sala, todos já dormiam. Telly parecia em coma, encolhida no tapete coberta dos pés à cabeça, posso jurar que ela rodou uns dois metros da posição que a vi há minutos. Mamãe estava no sofá pequeno com os braços e as pernas abertas, babando tanto que metade da gosma verde em sua cara já tinha saído e Ricky, no sofá grande, roncava mais que motor desregulado de carro velho. Para fechar o circo só faltava eu, a pessoa que fala enquanto dorme. Motivos pelos quais somos todos encalhados nessa família. Aproveitei o celular na mão e tirei umas fotos daquela cena. Um dia seria útil!

Desliguei a TV, apaguei as luzes e deitei ao lado de Telly roubando

parte de seu cobertor.

— Porra, Belly... — ela resmungou, quando coloquei meus pés gelados nas suas costas, mas nem liguei.

Adormeci pouco tempo depois pensando como conseguir um estágio para o Ricky e que na verdade, eu queria sim reencontrar uma pessoa.

— Pegou camisinhas filha? — Quase engasguei com o café. Minha mãe sempre tão sutil.

Estamos tomando café da manhã, eu viajaria em pouco tempo. Então, graças a minha ansiedade, comi feito orca e agora estava com ânsia de vômito.

— Não, compro lá! — Sorri, empurrando meu prato para o centro da mesa. Não ia comprar nada. Não ia transar com nenhum daqueles otários do colégio.

— Ótimo e não volte sem um namorado, precisa transar, aproveitar a vida, dançar, comer o tanto que coloca no prato... — Seu olhar de repreensão fez com que eu puxasse novamente o prato. Droga, minha dieta já era! — E nada de usar porcaria de pílula do dia seguinte ou essas camisinhas do posto de saúde. Aquilo é gravidez ou DST, certa.

— Pode deixar mãe, beijos! — Coloquei todo o resto do cuscuz de tapioca na boca e peguei as chaves do carro em cima do sofá. Abracei ela e a Telly e corri para a saída antes que dona Amélia começasse a falar da minha não vida sexual.

E sim, tínhamos um carro, achamos mais barato e seguro ter um. Então, compramos esse seminovo dividido em mil vezes. O Ricky iria me levar até a estação.

Não era mais barato ter um carro, foi de segunda mão, mas os problemas são de primeira e chique, porque é um mais caro que o outro. Só acho que essas coisas deveriam vir com um lembrete: seu dono é pobre, então, não quebre, não pare e não bata. Jamais dê defeitos. Porém, mesmo o Alfonso — nosso fiat branco — dando trabalho não venderíamos, está conosco há dois anos e se tornou um membro da família.

Diferente da Telly, Ricky aceitava a pensão do pai, daí o carro e os meios de mantê-lo. É responsabilidade dele, já que legalmente ele era o dono.

Chegámos após fazer o trajeto inteiro em silêncio. Ricky era mais fechado que um carro forte e por incrível que pareça não me incomodo de ficar em silêncio ao seu lado, apenas ouvindo música. Avistei a estação ao som Jason Mars.

Assim que o carro parou, me despedi do meu irmão com um abraço apertado.

— Siga o conselho da mamãe: namore e divirta-se.

Sorrio para ele.

— Vou seguir... E cuida bem delas... tente mantê-las longe de encrenca! — Baguncei os cabelos dele. — E se cuide, não trabalhe tanto.

— *Tá bom, chefe!* — Beijou minha bochecha. — Ligue se precisar!

Saí do carro e fiquei olhando ele sumir, me segurando para não correr atrás. Estava receosa de enfrentar a turma sozinha, encontrar paixonites que não deram em nada, as garotas e garotos que briguei, receio de ser como no colégio, metade da turma rica e eu frustrada por não conseguir nada desde que me formei e ainda por cima, solteirona. Medo do meu passado!

Não era assim que aqueles jogos previam minha vida, já era para eu estar rica, casada com o Justin Timberlake ou na pior das hipóteses, com o Tom Cruise, morando em uma mansão em Miami com um casal de filhos e dois cachorros mais caros que minha casa atual. Custa a vida colaborar e seguir esse roteiro?

Lamentei sozinha, sentando no banco desconfortável, velho e quebrado do ônibus. Notei que nem cinto tinha e a mulher ao meu lado segurava no banco como se estivesse em uma montanha-russa. Detalhe: o ônibus ainda estava parado. Ri daquela cena e logo me arrependi, ela começou a puxar assunto e conversava muito perto, cuspiendo até o motorista, cutucando meu braço com o indicador e seu bafo também não era dos melhores. Eu deveria ter sido uma privada na outra vida. Oh, carma de achar gente com bafo de bosta que eu tenho.

Ofereci mais de uma vez uma bala de menta, mas ela era diabética e para completar, do nada começou a falar de dor de barriga, gases e seu assunto favorito: hemorroidas. Duzentas pessoas no ônibus e fui sentar logo do lado dela. Eu mereço!

E assim foi minha viagem até a outra parada, ouvindo a senhora do meu lado falar sobre varizes anais com um puta bafo e cheia de demonstrações com as mãos. Essa viagem promete... ser um desastre completo.

Cheguei no meu destino e já passava das dezessete horas. Após três paradas e um trânsito infernal — nessas horas que eu queria ter um amigo "*Transformers*" — precisei pegar mais três ônibus até a pousada que minha mãe reservou um quarto para mim. Chegando lá, fui direto para a recepção e cancelei a estadia, acharia um quartinho mais barato. Aquele estava bem salgado por ser

próximo ao *Resort Prazer e Luxo*. Eu sei que minha família está querendo me agradar, mas temos dívidas para pagar e não é justo gastar todo esse dinheiro comigo. Eles também mereciam uma viagem de férias, mesmo dizendo que não, eu economizaria tanto quanto pudesse e mais tarde andaria por aí à procura de um emprego provisório. Só que agora tenho que achar um lugar para ficar. Eu sabia o caminho do bairro mais pobre da cidade, era onde eu morava e era para lá que eu iria.

Amanhã bem cedo estaria à procura de um emprego por vinte dias, depois iria à festa com os meus queridos ex-colegas do colégio — *que eu fui expulsa como se fosse uma criminosa* — para o reencontro hipócrita.

Eu tenho certeza que existe uma razão para serem *ex-colegas* e nunca mais ter encontrado nenhum deles. E só pode ser porque o universo me ama ou Deus me poupando de tamanho desgosto, aí vai minha mãe e meus irmãos e faz eu ter que encontrá-los. Certeza que mexeu em algum cosmo do universo e isso atrairá uma maldição para a Terra que começará com a destruição da humanidade e resultará no fim do mundo.

É, eu sou dramática!

O pior de tudo é eu estar cogitando encontrar um dos meninos. O mais idiota deles. Só que também o mais gatinhos e o único que não odeio. Talvez tivesse ganhado um cérebro de presente de natal e estaria bastante *pegável*.

Sorriso mordendo o lábio. Segurei minha mochila, com mais força no ombro, e comecei minha caminhada. Comprei uma garrafa de água mineral e uma coxinha — melhor invenção da humanidade — de um vendedor ambulante e segui a pé até o próximo ponto de ônibus.

Estou aqui universo: me surpreenda.

Assim que fui atravessar para o ponto pisei em falso no meio fio, caindo de quatro numa mistura de água e lama.

Merda. Merda. Merda! Minha coxinha já era.

Universo, por favor, esquece o que eu pedi!



CAPÍTULO 3

MÔNICA

Aqui estou, depois de uma viagem horrorosa, de uma queda vergonhosa e de ter passado a noite em um buraco sujo que chamo de quarto alugado. Dormi feito pedra. Acordei cedo, peguei dois ônibus e agora estou parada na frente de um restaurante próximo ao Resort, tentando encontrar o tal trabalho provisório. Nunca vou gastar minhas economias suadas, para me livrar finalmente da dívida do papai com um agiota barra pesada, com besteiras.

Olhei novamente a vitrine do restaurante que anunciava uma vaga como cozinheira apenas no período diurno. Cozinhar. Meu sonho desde pequena. Tinha me formado em gastronomia, mas nunca consegui exercer. Fazia anos que era faxineira e odeio as insinuações e as tentativas de meus patrões, mas precisava do emprego, ganhava bem, muito bem, e no fim, para mim, era o que importava.

Aquela vaga de cozinheira seria o mais próximo do meu sonho por um tempo, mas não pagava bem o suficiente para nos sustentar e valer o transporte de uma cidade a outra, mas por vinte dias seria o suficiente. Nesses dias serei tudo que eu quiser ser.

— Lindo ele, não é? — Tomei um baita susto quando uma voz grossa e rouca sussurrou isso no meu ouvido.

Virei pronta para dar na cara do *Gasparzinho*, mas quase caio quando vi o dono da voz. O homem era alto e de pele escura. Muito lindo, de sorriso um tanto brincalhão nos lábios grossos, seus cabelos estavam raspados, bem como sua barba, e seus olhos eram estranhamente familiar.

Levei a mão até o coração, descendo meus olhos por seu corpo e se eu fosse uma donzela estaria ruborizada com tudo que imaginei fazer com ele. Obrigada Senhor, por atender minhas orações e colocar um homão da porra desses no meu caminho.

— Gostando de apreciar, Mônica?

Quando ouvi aquele apelido, eu o reconheci, meu queixo se soltou do rosto e foi parar na troposfera. Era nada mais, nada menos que: Maximiliano Castelli. O cara mais divertido, gatinho e sem noção do colégio. A paixonite de muitas meninas. O único que imaginei rever.

Eu até teria pego no colégio, se ele e sua turma de babacas não me apelidasse de Mônica: nanica, baixinha, dentuça, gorducha e bravinha. Ainda tiveram a audácia de me dar um Sanção de presente com um vestido vermelho

parecidos com o da Mônica. Confesso que vesti e ficou sexy em mim e até hoje tenho os dois. Eram lindos, apesar da brincadeira de mal gosto, e nunca ganhava nada, então guardei.

— Sempre soube que viraria gay — respondo, voltando a olhar para dentro e notando que ele falava do garçom.

Eu nem reparara que o pobre estava me paquerando e agora, com a presença tão forte do Max, tão perto das minhas costas, era difícil lembrar até meu nome. Hummm... tenho que checar o hálito, vai que pinta um clima.

— *Englaçadinha...* — debochou, imitando o Cebolinha. — O que tanto olha? — A essa altura uma de suas mãos pousou na minha cintura, seu queixo apoiado no meu ombro e o quadril dele estava perigosamente perto da minha bunda. E olha que o infeliz é bem mais alto que eu.

Sai tentação!

— Nada. — Virei e quase nos beijamos, mas dei um "olé" nele. Deveria ser um crime um homem ser tão cheiroso. — Sai de perto, Max! Empurrei, cruzando os braços para ganhar distância, já que ele insistia em ficar em cima de mim.

Sua mão esquerda ainda descansava na minha cintura e movia-se louca para ir parar na minha bunda. Sempre folgado. Ele que se atreva a descer essa mão que iria levar um *tapão* no meio das fuças.

— Está diferente, Mônica! — Segurou uma mexa do meu cabelo. Bem, uma que estava caída no decote do meu vestido tomara que caía. Fez questão de roçar os dedos ali e inevitavelmente meu corpo esquentou sob seu toque. — Pintou os cabelos, está com umas curvas maravilhosas... — Nunca fui gorducha, mas também nunca fui magrela. — Está mais gostosa.

— Sempre fui assim... meu cabelo é castanho com luzes naturais, você que nunca reparou. — Pinteí mesmo e as curvas são fruto de atividades físicas regulares.

— Imagino que esses olhos castanhos também são naturais.

— Exatamente! — Naturalmente da ótica da esquina lá de casa que me custou um rim e até hoje estou pagando.

— Acredito. Pelo seu tamanho, o universo deve estar te confundindo com um bebê — brincou, afastando-se de mim gargalhando. Sábia decisão, porque iria chutar as bolas dele.

— O que faz aqui, Max? Além de encher meu saco!

— Calma, Mônica! Olha o *colação*! — *Por que ele é tão irritante?* —

Vim para o encontro da turma. — Colocou as mãos na vitrine, de cada lado do meu corpo, me prendendo como fazia no colégio, quando queria roubar um beijo meu. — Não esperava vê-la aqui... afinal, você foi expulsa.

O Max, apesar de ser da turminha, não participou da história da minha foto vazada. Pelo menos seu nome não foi envolvido e ele jurou não saber de nada.

— Pois é, não sei por que fui convidada. Mas achei que você não nos daria a honra de sua ilustre presença — debochei sorrindo. Ele sempre se achou o tal no colégio.

— E perder de rever os otários fracassados que não conseguiram empregos em suas áreas e continuam os mesmos fracassados de sempre? Nunca. — Senti meu sangue gelar. Eu era uma fracassada.

— Você se formou? — Perguntei quase gritando. Ele mal sabia ler, era só farra e brincadeiras no colégio. Como conseguiu entrar para uma faculdade? E o desgraçado ainda conseguiu emprego na área e eu não. Que injustiça.

— Administração. — Estou pensando seriamente em colar meu queixo na cara, porque ultimamente o coitado vive caindo. *Max formado em ADM?*

— E como conseguiu emprego na área? — Só podia ser brincadeira.

— Sempre tive, meu pai tem uma cadeia de peças automobilística e eu administro, sem modéstia, sou um dos melhores do mundo.

Não respondi. Não sou capaz de opinar, expressar toda a minha revolta... e inveja. Eu merecia ser realizada profissionalmente, lutei muito para me formar. Eu mereço!

— Já encontrou alguém do colégio? — Mudei de assunto ou gritaria com o universo.

— Umas cinco garotas. — Aproximou o nariz do meu pescoço aspirando, enlaçou minha cintura com firmeza colando nossos corpos. Ui! Adoro essa pegada. — Mas nenhuma interessante como você!

Meu corpo traidor se arrepiou e eu estava muito excitada, esquecendo completamente o assunto anterior. Ele tem pegada forte, firme, de quem enlouquece uma mulher na cama. Isso desde o colégio. Uma vez quase ficamos, mas eu era virgem, ele era idiota, fofoqueiro, queria mais do que eu poderia dar. Aí não rolou.

— Elas eram casadas ou com namorados?

— Isso. — Sorriu sedutor — Mas eram feias também. — Fez uma careta engraçada.

Ri, eram feias, mas pelo menos eram amadas.

— Você não muda mesmo, né, Max? — O mesmo babaca de sempre, um pouco mais alto e três vezes mais gostoso do que eu me lembro.

— Para que mudar, as gatas gostam de mim assim. — Passou a mão pelo peito mordendo o lábio. Gargalhei. — E você? Namorando, casada, noiva...

— Solteira e completamente desinteressada em ter um caso com você.

Ele sorriu e aproximou a boca da minha.

— E que tal uma parceria?

Sem mau hálito!

— Não.

— Muito egoísmo seu querer administrar todo esse... — Virou o meu corpo e apontou para minha bunda. — Negócio sozinha. Parece ser bastante satisfatório.

Empurrei seu corpo sentindo como era forte, definido... duro. Quase puxo de volta.

— Vai se foder, Max! — Eu sei que não deveria, mas sorri.

— Vou sim... no seu ou no meu quarto? — Sua voz saiu novamente grossa e rouca. Aproximou-se de mim prendendo meu corpo contra o dele e a vitrine, beijando demoradamente meu pescoço, em um rastro delicioso de beijos, mordidas e roçar de barba. Pude sentir que ele estava excitado. Muito excitado. E eu? Estava molhada, arrepiada e louca para dar para ele ali mesmo. Meu coração e minha respiração estavam tão descontrolados quanto minha libido.

Fechei os olhos e espalmei minhas mãos em seu peito em sinal de pare ou foi em sinal de continue por favor?

— Para — *continua* — com isso. — Empurrei-o sem nenhuma convicção, mas ele subiu as carícias até alcançar minha boca.

Iniciámos um beijo lento e pouco antes de aprofundarmos para algo primitivo, abri os olhos e notei que nós chamávamos atenção de algumas pessoas que passavam por ali, alguns garotos nos olhavam de longe como se a qualquer momento fossem *bater uma*. Hora de parar. Empurrei ele com firmeza.

— Mandei parar!

— Pelo visto continua bravinha... e nanica.

Nanica? Isso, continue zoando!

— Para que mudar? Os gatos gostam de mim assim! — repeti sua fala, deslizando meu indicador por sua camisa até o início da calça Jeans que ele usava.

— *Touché!* — Ele continuava me segurando perto. Acho que queria esconder a ereção.

— Não pensa em sossegar, casar, ter filhos? Já passou dos trinta, daqui uns dias não sobe mais — provoquei.

— Na verdade, não... adoro ser solteiro e tenho só 29 anos. — Virou-me, juntando nossos quadris. Que espetáculo estávamos dando. — E jamais repita isso. — Esfregou sua ereção em mim. — Poderíamos estar nos beijando em um local reservado, fazendo sexo gostoso... em vez de ficar aqui nesse papo chato.

— Você não casaria nem se quisesse — falei, ignorando aquele pedido tentador.

— Deus te ouça! — Ele riu contra minha orelha antes de deixar uma mordida ali.

— Idiota!

— Se soubesse as coisas que consigo fazer com a boca já estaria nua há muito tempo em vez de estar conversando. — Santa calcinha encharcada. Quase gemi.

— Pode parar? Estamos no meio da rua — pedi séria dessa vez.

— Parei. — Se afastou ajustando as partes. — Vamos comer algo?

Pensei por um momento, não conhecia ninguém ali e estava quase na hora do almoço mesmo. Éramos solteiros. Ele era chato, idiota, mas era divertido, acessível, sexy, lindo e muito gostoso. Fazia me sentir desejada e muito gostosa e ainda o tinha me agarrando descaradamente. Que mal teria de aceitar? Era apenas para comer e comida era sempre bem-vinda.

— Tudo bem, mas nada de mãos bobas por baixo da mesa — alertei, enfiando o indicador no peito dele, mais para tirar uma casquinha do que para ratificar meu pedido.

— Sim, *senhola!* — Ele bateu continência, novamente imitando o Cebolinha. Tem coisas que não mudam nunca.

Entramos no restaurante e sentamos à mesa próxima a vitrine. O lugar é aconchegante, com poucas mesas, decoração discreta em tom verde musgo e ar condicionado, mas não se engane, apesar da simplicidade, se nota que é para rico.

Assim que percebi os preços no cardápio, notei que o salário de cozinheira era bem injusto e que não tinha dinheiro para comer ali. Era um gasto alto fora de meu orçamento. Remexi na cadeira desconfortável. Como um

restaurante sem estrela podia ser tão caro?

O garçom que me paquerava minutos atrás achando que eu o observava, mas na verdade eu paquerava a vaga de colega dele, veio nos atender e pela cara detestou meu show de *amassos* com o Max.

— Vou querer um suco e uma salada — informei para o garçom. Max fez uma careta para minha escolha.

Eu sei, horrível! Mas é o que dá para pagar com o dinheiro que tenho na bolsa.

— Mulheres são estranhas — Max resmungou. — Vou querer do primeiro ao quinto e uma Fanta.

Minha boca abriu formando um "O". Depois mulheres que são estranhas

— Vai comer o cardápio quase todo?

— Não, vou comer a comida que pedi!

Revirei os olhos. *Ogro. Imbecil!*

Assim que o pedido chegou. Começamos um papo animado sobre os tempos de colégio, faculdade, os amigos babacas dele. Fiquei sabendo que Alex, minha paixonite adolescente, tinha virado usuário e que foi morto pela polícia há quase três anos. Horrível, mas nem tive tempo de lamentar, logo Max fez a pergunta que eu tanto temia.

— E você? Cursou o quê? Trabalhar em que área? — *Na área dos frustrados e fracassados.*

— Eu... eu cursei gastronomia e tenho meu próprio restaurante — *Que merda eu estou fazendo?* — E sou uma chefe de cozinha muito conhecida.

— Uau! — Realmente parecia surpreso. — Conte-me mais sobre isso.

E fiz a maior besteira da minha vida, mas fiz com prazer. Conteí detalhes do restaurante que sempre quis ter. Conteí de como me sentia e de como era gratificante ser chefe. Falei que tinha recusado um convite para ser jurada do *Master Chef*. Era bom ser para alguém o que eu realmente queria ser. Por isso me empolguei e menti além do limite do bom senso.

— Uau! Um dia vou no seu restaurante. — *Ah, não vai não* — Então... irá comigo para boate hoje à noite? — perguntou após um tempo em silêncio apenas comendo. Aproveitei para roubar batatas fritas do prato dele, a minha salada já tinha sido devorada.

— Irei pensar — respondi simplesmente. Óbvio que eu ia.

— Onde está hospedada?

— No Resort... Vou ficar aqui esses dias. — *Mentirosa!*

— Qual quarto?

— Max, não vou dormir com você.

— Só quero saber seu quarto para ir te buscar para a festa! — Olhou indignado. — Para de imaginar coisas.

— Eu irei sozinha... — *Ou você vai descobrir que sou uma vadia mentirosa* — Te encontro lá. — Ele estreitou os olhos. — Prometo não te dar toco.

— Me dê o seu número! — Revirei os olhos, mas passei o número. — Se me der o bolo, reviro esse Resort e te acho. — Gargalhei.

Minutos depois ele pediu a conta e pagou. Ele realmente comeu tudo que pediu com uma pequena ajuda minha.

— Eu poderia pagar o meu. — *Por isso escolhi os mais baratos.*

— Eu que te convidei, justo eu pagar, deixa você pagar hoje à noite. — Prendi a respiração. Do jeito que ele comia e bebia, teria que me prostituir para pagar qualquer coisa para ele.

Minha vontade era gritar: "*eu não posso pagar nada, sou só uma mentirosa pobre*", mas apenas sorri concordando.

Saímos lado a lado do restaurante e paramos próximo a uma BMW prata que ele disse ser dele e não duvido. Max me puxou pela cintura, o fluxo de pessoas passando por ali tinha diminuído, me empurrou contra o carro como fez com a vitrine. Sentir seu corpo no meu era tão incrível.

— Não irei embora sem um esquentar para mais tarde — sussurrou contra minha boca, enquanto afundava a mão no meu cabelo. Então, me beijou e não ofereci nenhuma resistência. Devolvi o beijo da mesma forma que ele exigia.

Ávido.

Firme.

Intenso.

Deslizei as mãos pelas costas fortes até os cabelos raspados. Queria arranhar sua pele, senti-la sobre a minha. Puxei sua camisa numa tentativa desesperada de tê-lo mais perto. Mordisquei seu lábio e um gemido se perdeu em nosso beijo. Ele sorriu safado, descendo a mão até minha bunda.

— Gostosa! — sussurrou antes de me beijar novamente. Mais faminto e exigente, apertando minha bunda. Podia sentir seu pau duro e aquilo estava enlouquecendo meus sentidos. Queria senti-lo com a mão, com a boca.

— Estamos em um lugar público — falei, mais para mim do que para ele. — E você está muito empolgado. — *E eu também!*

— Você que está me deixando louco. — Beijou meu pescoço. *Covardia!* — Nos vemos a noite, vai bem gostosa, quero te foder a noite toda.

— Nada de me foder. — Realmente quero transar com ele, mas não quero. *Doideira.* — Se quiser beijar na boca estou aqui, mas sexo não.

— É virgem?

— Claro que não... Mas não transo assim com o primeiro que aparece. — Na verdade, transo sim no primeiro encontro. Só quero abaixar a bola dele.

— Se não é *vilgem*, não sou o *plimelo* que *apalece*, *Mônica*.

— Some, negão! — gritei rindo. — Nos vemos às 19h00. — Dei um selinho demorado nele. — Vá bem cheiroso, quero te pegar gostoso.

Ele sorriu dando a volta no carro. Observei suas costas largas e fortes desenhada na camisa branca regata, desci os olhos para sua bunda grande e logo em seguida para as pernas bem torneadas enchendo a calça Jeans clara de uma forma invejável.

Que espetáculo da natureza. Imagine isso tudo nu na minha cama, gemendo meu nome? Hummm... Que delícia.

Quero!



CAPÍTULO 4

SEJA MINHA GASOLINA

Eu tentei. Tentei muito encontrar uma roupa digna para a festa, mas agora me olhando no espelho do quarto... quarto não! É um insulto chamar essa cabine verde marciana de quarto. Até uma cela de presídio é maior e mais confortável do que isso aqui.

No entanto, foi nesse cubículo mal iluminado e com cheiro de mofo que descobri três coisas.

Primeiro, eu não tenho roupas novas.

Segundo, eu não tenho uma roupa que preste.

Terceiro e mais importante, eu simplesmente não tenho roupas!

Ajoelhei colocando as mãos em sinal de oração.

— Oh Deus! Não deixa eu mentir mais não. Quando eu for fazer essa besteira, me lembre que não tenho dinheiro, nem roupa para isso... se não me impedir, pelo menos invento uma mentira barata.

Minha mãe tem razão, realmente eu não saio muito e minhas roupas estão a ponto de se decompor em meu corpo. Algumas já tem mais de 10 anos! Ao menos podem entrar no Guinness Book como a roupa mais velha da história. Deve dar algum dinheiro isso.

O pior é que até ontem eu estava feliz com minhas roupas. São ótimas para uma empregada doméstica cheias de boletos atrasados, sem amigos ou namorado que passa o dia inteiro de uniforme ou pijama, mas para uma chefe de cozinha renomada que se recusou a participar do Master Chef? Definitivamente não.

Joguei-me em cima das roupas na cama. A culpa é toda do Max. Ele que começou se gabando por ser bem-sucedido lindo e gostoso, oprimindo os já tão humilhados, me obrigando a mentir.

Estou ferrada se essa mentira se espalhar ou pior, se ele resolve conhecer o restaurante? *Aí meu Deus*. Por que não inventei uma mentira sem custos, tipo minha altura ou peso?

— Merda, merda, merda, mil vezes merda — grito, me debatendo infantilmente na cama.

Eu posso comprar um vestido novo, mas minha consciência ficaria pior, pois além de mentir, ainda gastaria as economias da minha família, é demais para mim. Só que estou aqui para me divertir. Prometi a minha mãe que

ia me divertir. E sair com o Max, um homem quente, cheiroso e com uma pegada que — *Meu Deus, perdoe a minha imaginação sexy!* — para a festa dos ex-alunos do colégio seria o máximo de diversão que teria, já que não tenho afinidade com mais ninguém nessa cidade!

Suspirei prendendo o cabelo em um coque. Eu tenho que ir. Eu preciso ir.

Peguei metade do dinheiro que seria para as despesas da semana e fui em várias lojas, bazar, brechó que encontrei até conseguir um vestido bom, bonito e barato em um tal "*Bazar da Jeni*".

Eu não experimentei, mas era preto, liso, de manga longa e costa nua, deveria ficar na altura da minha coxa, parecia caro e chique. *Perfeito!* Eu já estava quase saindo do bazar quando uma senhora me chamou.

— Menina Belly? É você? — Demorei um pouco para reconhecer a senhora de cabelos grisalhos, mas bastou sorrir que lembrei de onde a conhecia.

— Dona Marcia. — Abracei minha antiga vizinha com carinho — Como vai?

— Apesar de velha e das pernas fracas, estou bem e você, menina? Como está sua mãe e seus irmãos?

— Estamos todos bem! — Sorri, alisando o cabelo curto dela.

Dona Márcia começou a perguntar sobre tudo que fizemos após sairmos dali. Respondi com carinho e paciência, mas quando deu 17h00, fiquei apreensiva, não poderia me atrasar para a festa e nem poderia ser grosseira com a senhora deixando ela falar sozinha, mas já estava ficando desesperada. Max me mataria se eu atrasasse muito.

Pensa Belly, pode dizer que tem um compromisso e combinar algo. Isso.

— Dona Márcia...

— Não quer ficar na sua antiga casa? — sua pergunta me chocou. — Não está alugada no momento e pode economizar o dinheiro. — Meus olhos brilharam. Quis chorar e abraçá-la até pararmos de respirar.

Ela sempre foi um amor com minha família, tenho certeza que comprou a casa só para um dia nos vender novamente, porém eu não desejava aquela casa de volta e nem queria morar nessa cidade novamente.

— Eu...

— Aceite, é de coração e adoraria tê-la novamente como vizinha, pelo pouco tempo que ficar aqui. — Sorri e decidi aceitar, eu poderia comprar outras

roupas com o dinheiro economizado e não me senti tão culpada por gastar dinheiro para sustentar uma farsa.

— Aceito, inclusive me mudarei amanhã mesmo. Muito obrigada! — Abraço ela novamente bem apertado deixando um beijo em sua testa.

Ela se despediu dizendo que tinha um compromisso e que me esperaria no dia seguinte para entregar a chave.

Corri para a estação de ônibus. Extremamente feliz. Mais feliz só se tivesse dado a *piriquita*, porém isso ainda pode acontecer e hoje ser um dia extremamente proveitoso.

Entrei saltitante no quartinho. Já estava me sentindo doente aqui e olha que cheguei ontem. Rodei no quarto.

— Adeus *muquifo*! — gritei e corri para o banheiro. Essa era a única vantagem de morar aqui.

Após o banho, comecei a me arrumar depressa, já era 18h30min. O vestido preto realmente ia até minha coxa e ficou um pouco mais apertado do que eu esperava, mas não ficou ruim. Calcei a sandália preta de salto, que ganhei de presente. Soltei meus cabelos da touca, não deu tempo de fazer uma escova, então fiz uma trança embutida que levou mais de trinta minutos para ficar razoável, o que provou que a escova era mais eficiente e rápida. Já tinha feito as unhas, sobrancelhas no dia anterior, a depilação também estava em dia. Minha maquiagem acho que estava fora do padrão para uma festa à noite em uma boate, mas só tenho base, lápis de olho e batom. Então, será isso mesmo.

Não pensem que estou me arrumando para uma noite de sexo selvagem com o gostoso Max. Longe disso. Nem passou por minha cabeça.

Quando deu 19h00, me olhei no espelho e me achei bastante gostosa. Afinal, se eu não me achar quem vai? Passei um perfume afrodisíaco e tranquei o quarto. O nível de roubo nesse lugar só perde para a câmera dos deputados.

Max tinha ligado umas dez vezes, mas não atendi. Estou muito atrasada e aposto que ele está puto achando que levou um *toco* e como sou muito má, vou deixar ele achando exatamente isso.

Quando finalmente entrei na festa, já estava cansada. Ônibus não é meio de transporte, é castigo e rodar de ônibus o dia todo é tortura. Minhas costas doíam por ter ficado o trajeto todo em pé em cima de um salto e espremida entre vários corpos suados. *Maravilha, meu perfume já era.* E ser recebida por barulho, luzes, gente dançando, bebendo, me empurrando para tudo que é lado estava me deixando louca.

Como toda desgraça para mentirosa é pouco, só agora lembrei que não

combinamos um lugar para nos encontrar.

Como diria o rei Julien de Madagascar: *olha, Maurice, dois bocós!*

Caminhei aos trancos e empurrões, fora as mãos bobas na minha bunda, puxões nos meus braços e cantadas ao pé do ouvido em direção ao bar. Fiquei aliviada ao notar que ali teria um pouco de sossego já que tinha poucas pessoas sentadas bebendo. Para minha surpresa, notei que uma delas era exatamente o Max. Ele estava a poucos metros de mim, debruçado no balcão tomando um drink. Estava delicioso com uma camisa vermelha apertada e calça na cor marrom com aquela bunda gostosa. Sou um pouco tarada nessa região do corpo masculino, apesar dele ter outra que é minha favorita.

Fiquei admirando aquela criação maravilhosa quando vi uma ruiva se insinuar para ele. *Ah, nem vem ciscar no meu terreiro!* Aproximei rapidamente a tempo de ouvi-la perguntar:

— Ei tigrãoooo! — A ruiva piscava tanto que fiquei na dúvida se estava flertando ou tendo um derrame — *Extá sooozinhoooo?*

— Não, o tigrãooo *extá* comigo! — interrompi, abraçando a cintura do Max por trás. Tinha gastado muito para deixá-lo nos braços de outra. Que ela vá ter um derrame em outra freguesia!

A garota me olhou de cima abaixo e saiu caminhando com extrema dificuldade.

— Achei que não nos daria a honra de sua presença — debochou. Opa! Conheço essa frase! Ele está bravo.

— Desculpa, tive um imprevisto! — Fiquei de frente para ele. — Já estou aqui agora.

— E está gostosa para caralho, Mônica! — Max gritou, segurando minha cintura, apertando-me contra o seu corpo forte, deixando um beijo na minha boca. *Assim eu não resisto, negão!*

— Sou gostosa, baby — gritei de volta, puxando seu pescoço. Odiava festas, a comunicação era difícil devido ao som alto. — E eu vou abusar muito de você.

— Assim espero! — sussurrou no meu ouvido com voz rouca, que arrepiou todo o meu corpo, mordendo o lóbulo da minha orelha. *Vai com calma que eu estou na seca.*

— Vamos dançar? — Passei minha mão por sua cintura e pousei em sua bunda. Belisquei. Ah, como eu gosto da bunda dele.

— Bebe algo antes. — Virou o resto da sua bebida na boca e fez gesto

para o garçom servir novamente.

— Eu não bebo...

— Uau, que merda. — Ele coçou o queixo. — Esperava te embebedar e depois te levar para a cama. — Ele ri e espero sinceramente que seja brincadeira.

— Gosto de transar com pessoas sóbrias. — Pisquei para ele, que deixou a bebida no balcão.

Puxei o Max até a pista de dança, tocava um pop eletrônico que eu nunca ouvi na vida, mesmo assim comecei a dançar. A princípio apenas mexendo meu corpo e balançando a cabeça no ritmo da música, mas logo a batida mudou para "*privacy*" do Chris Brown e o Max envolveu minha cintura por trás, deixando que eu rebolesse contra seu pau.

Sorri mordendo o lábio, encostei minhas costas contra seu peitoral, abraçando seu pescoço. Ele já estava bem duro contra meu bumbum, então só rebolei suavemente no ritmo da música, esfregando meu corpo no dele, depois mais rápido conforme a batida que já era bastante excitante.

Segundos depois, percebi as mãos de Max apertavam meu quadril e prensava ainda mais nossos corpos, querendo ditar o ritmo. Sua boca mordida o meu pescoço com fúria e necessidade.

Eu estou excitada, minha respiração acelerada, minha pele quente e minha calcinha completamente molhada, ou seja, estou pronta para rebolar nele sem roupas.

— Caralho, Belly! Vai me enlouquecer assim... — ele sussurrou no meu ouvido, tão excitado quanto eu. Gostei do meu nome saindo de sua boca. Não me lembro da última vez que ele disse meu nome, mas queria ouvir de novo.

— Vou, é? — Puxei seu pescoço e mordi seu queixo. — Diz meu nome de novo.

— Acho que vai me fazer gozar nas calças... — falou entre dentes, quando me inclinei para frente empinando o bumbum e mexendo como dizia a letra da música tipo *Boom Shakalaka*. Olhei ao redor, todos dançavam alheios a nossa "empolgação".

— Tão fácil assim? — Esfreguei-me. — Diz meu nome! — repeti mais alto a ordem.

— Para mim está bem difícil. — Virou-me de frente para ele. — Belly! — sua voz saiu rouca e arrastada, beijou meu pescoço, deixando que alguns fios salientes de sua barba arranhassem o local, causando arrepios por

todo meu corpo. *Hummm... quem vai enlouquecer sou eu!*

— Max... — Já estou louca e quase implorando para ser fodida.

— Melhor irmos falar com os outros ou acabarei te fodendo aqui na pista de dança na frente de todos! — gritou mais alto que a música, me afastando dele.

Eu preferia mil vezes sacrificar meu corpo dando para ele do que falar com alguém da turma. Ainda mais com os *conhecidos* dele.

Mesmo assim deixei ele me puxar pela mão até a área VIP, onde os outros *amiguinhos* dele estavam. Incluindo os idiotas do trote. Nem acredito que ele ainda conversava com esses caras. Nem acredito que estou ficando com esse otário, provavelmente ele vai contar para os patetas que está "comendo a Mônica".

— Vejo que já tem companhia, hein, negão! — gritou o idiota maior, também conhecido como John, com um sorriso sacana no rosto.

O otário me olhou de cima a baixo, mas não falou comigo. *Ui, pelo visto guarda rancor!*

— E você também. — Max apontou com a cabeça para uma loira que estava sentada ao lado do mané, apertando a mão deste. John explicou que a namorada dele não quis ir então, arrumou outra. Como eu disse, idiota maior.

Cumprimentámos os demais presentes, umas vinte pessoas no total, alguns sentados nas cadeiras vermelhas da ala VIP e outras dançando. A música aqui não está tão alta por isso dava para conversar tranquilamente, porém o mais estranho é que metade das pessoas nesse lugar eu não me lembro de ter conhecido e pareciam nem ter idade para ser da nossa turma. *Estranho!* Segurei mais forte a mão do Max, odeio estar em um lugar que não conheço ninguém.

— E você, Belly, achou onde guardou o sutiã? — John sorriu me provocando.

Ótimo, tem alguém querendo morrer.

— Sim, achei — respondi tranquilamente, mas por dentro estava socando a cara dele. — E você? Achou outro lugar para guardar espermatozoides? Fiquei sabendo que perdeu as bolas — perguntei inocente. Os outros riram.

Belly 1 × John 0!

— Sem brigas! — O Max pediu, me puxando para sentar no colo dele ao lado do John. Mereço!

— Desculpa Max, achei que ele estava domesticado, mas como diria

meu pai: "*cão bravo é cão castrado!*"

Todos explodiram em gargalhadas, menos John que me olhou como se fosse atirar lasers em mim. Mandeí beijo para ele, abraçando o pescoço do Max.

Xeque-mate!

— Vamos parar? — Max pediu, encarando John e apertando minha coxa. Soprei o ar com força, mas fiquei na minha.

Começaram a conversar por um tempo e às vezes, eu me sentia uma intrusa ali. Não falavam comigo, eu não os conhecia, não sabia os assuntos e eu não bebia e a única coisa que eles faziam era: beber e conversar entre si.

E ninguém ligava para mim. *Eba, o clube do bolinha voltou!*

Eu já estava de saco cheio, então comecei a rebolar no colo do Max que logo apertou minha coxa e beijou meu pescoço subindo até a boca. Beijei ele, deslizando a mão por seu peito, arranhando suas costas, em um beijo quente e cheio de desejos fazendo ele perder totalmente o interesse no assunto.

Max tentou me deitar no sofá, mas resisti, ele estava muito animado e meu vestido começava a ser um incômodo, várias vezes tentou tirá-lo enquanto me beijava na boca, no pescoço descendo para os meus seios... Opa!

Jesus, socorro!

— Acho... que está na minha hora. — avisei ofegante, tentando afastá-lo. Ele parecia ter quinhentas mãos, duzentas bocas e todas me agarravam e beijavam ao mesmo tempo. *Ô louco*. Empurrei ele com mais força.

— Sério que não vai transar comigo? — perguntou embolado, quase caindo comigo no chão e alto o suficiente para o idiota do John escutar e rir.

— Ihhhh... Max vai ficar na mão! — Riu, fazendo movimento sugestivo com a mão. Fuzilei-o com os olhos.

— É sério, sim! Vou para o meu quarto... já disse, Max, não vou transar com você e nem sei se você conseguiria. Está bastante bêbado.

— Então não acende, caralho! — gritou, apesar de não ter soado bravo, levantou quase me deixando cair no chão, já que ainda estava em seu colo. Demorou alguns segundos até focalizar o caminho e sair da área VIP.

Essa eu mereci, que ódio de ter gastado dinheiro com esse vestido, não sei porque vim para essa festa. Levantei sem olhar para ninguém. Só sai dali, recebendo a música alta, luzes e pessoas me empurrando em uma dança alucinada.

Empurrei todos de volta com agressividade até sentir alguém me abraçar forte por trás, cheirando meu pescoço. Virei com sangue nos olhos. Eu

conheço bem essa pegada, esse cheiro...

Ah, ele só pode estar querendo receber parabéns da dona morte!

— Me solta, babaca! — gritei empurrando-o .

O DJ parecia debochar de mim, pois nesse momento começou a tocar "*fire meet gasoline*" da Sia, e surpreendendo-me, Max com sua boca bem próxima da minha e olhando em meus olhos, falou:

— Seja minha gasolina!



CAPÍTULO 5

VOCE DE SOBREMESA

Seja minha gasolina!

Seja minha gasolina!

Seja minha gasolina!

Não sei se foram as luzes piscando sem parar, ao ponto de danificar meus neurônios, se foi a música alta batucando nos meus tímpanos ou a forma profunda como ele pronunciou cada palavra, mas meu cérebro teve um *delay* enorme para a frase adentrar meus ouvidos e ser processada pelo meu cérebro.

O Max não me segurava mais, apenas passava as mãos no rosto, talvez tentando ficar mais lúcido, já que nitidamente ele tinha perdido o juízo. Balanço a cabeça em negativa, recuperando — finalmente — a capacidade de falar.

— Ah? O que você quer dizer com isso, Max?

— Não quero dizer nada... esquece... — respondeu, olhando algum ponto acima do meu ombro. — Só estou bêbado!

Jura? Nem percebi.

— Quer saber — Enfiei o dedo no peito dele e falei pausadamente. — Vai se foder, Max!

— Calma aí, *estressadinha*, fui só pegar uma bebida e acalmar meu amigo aqui... — Apontou para, suponho eu, o meio das suas pernas e tive que fazer um esforço enorme para não cair na tentação de acompanhar o movimento. — Pode abaixar o Sansão, Mônica, o Cebolinha dessa vez é inocente!

— Vou abaixar é minha mão na sua cara se continuar com essa merda de *Mônica* para lá e para cá!

— Eu sei que você gosta. — Segurou-me novamente roçando em mim.

Esse é o Max que eu conheço, safado e bobo. Do tipo totalmente previsível. Profundo como uma colher rasa de sal.

— Ah claro! Adoro ser chamada de gorda, nanica, dentuça e ser comparada com uma personagem infantil de cabeção com cinco fios de cabelos! — gritei debochada gesticulando, chamando atenção de algumas pessoas. — Que foi? Perderam alguma coisa? Vão dançar em vez de ouvir a conversa dos outros — rosnei para um grupo de garotos.

Dei as costas para ele soprando o ar com força e mais uma vez Max me segurou por trás. Já estava ficando chata essa brincadeira de pega e solta, mas admito que a pegada dele continuava uma delícia!

— Uau! Que brava, hein, deve ser um furacão na cama — sussurrou com uma voz rouca, mais grossa que o normal. E seu *amigo*, parecia animado novamente, posso sentir cada delicioso centímetro de sua ereção. *Belly, fogo, você está brava com ele!* — E nunca mais ofenda a Mônica dessa forma, a cabeça dela e seu cabelo são proporcionais ao seu sobrepeso.

Estreitei os olhos em sua direção. *Que filho da mãe!*

— Max, nem vou te responder... Tchau!

— Ah não, por favor, vamos nos divertir mais um pouco, prometo que não vou insistir em sexo. — Fez um biquinho ridículo de choro com as mãos juntas.

Pensei por um momento enquanto a frase "*seja minha gasolina*" ecoava na minha mente, acompanhando as últimas notas da música que a originou:

"...Burn with me tonight

Burn with me tonight

Burn with me tonight"

Fire meet gasoline. Fogo encontra gasolina! *Burn with me tonight.* Queime comigo essa noite!

— OK! Vou ficar — Abracei seu pescoço, aproveitando uma das grandes vantagens do salto alto, centímetros mais alta do que realmente sou. E com a voz mais sexy que já fiz na vida, sussurrei: — Essa noite serei sua gasolina se você for o meu fogo! — brinquei, apesar que com o bafo de álcool que ele estava, quem poderia servir de gasolina... ou melhor, de etanol, era o sangue dele.

Em resposta, ele apenas sorriu abraçando minha cintura.

Jamais admitiria, mas gosto de como ele me faz sentir. Faz tempo que não saio de verdade com um homem sem ser "*sexo e tchau*". Admito que isso de certa forma me assusta por várias razões. Ainda assim, puxo Max para mais perto de mim e remexo ao som de uma batida conhecida nos braços que eu mal conheço, mas já me sinto tão cativa.

Todos os dias eu levanto às cinco horas, não importa se fui dormir as duas da madrugada depois de dançar até minhas pernas ficarem igual um alicate enferrujado. Simplesmente não consigo levantar tarde desde o falecimento do meu pai. O senhor Antônio sempre dizia, "*acordar cedo, com disposição e alegria atrai felicidade, saúde e riqueza.*" Meu pai jamais acordou cedo,

exatamente por isso, para mim é questão de honra fazer isso todos os dias, independente do horário que durmo.

Entretanto, devo dizer que acordar cedo com disposição e alegria é coisa de gente já muito rica e extremamente feliz. Porque para mim é muita sacanagem. Então, para suprir essa deficiência e resistir ao impulso de voltar para a cama quentinha e mergulhando nos braços de *Morfeu*, eu corria uma hora, tomava banho frio, me arrumava com meu uniforme de faxineira, preparava uma vitamina de banana ou maçã, comia cinco torradas com um prato de sopa para pegar a primeira faxina do dia às sete horas. É assim todos os dias há anos, porém, pela primeira vez eu não tenho trabalho. Não corri. Ou seja, não segui minha rotina. E sabe o pior, isso me agrada. Agrada muito.

Desde que cheguei foi tudo tão inconstante. Fiquei — e gostei — com meu ex-colega de colégio no encontro de reencontro da turma, dancei horrores, inventei ser uma chefe famosa, comprei roupas novas, não tenho nada planejado por vinte dias, ninguém me falou sobre casamento, filhos, dívidas, contas ou reclamou de algo e estou mudando novamente de lugar. Sinto-me tipo propaganda de absorvente, livre, leve e solta.

Assim que me arrumei, olhei para o quartinho pedindo silenciosamente para nunca mais viver no modo automático, nunca mais me contentar com a monotonia. Segurei minha mochila no ombro com força como fiz no primeiro dia que cheguei na cidade.

— É isso que eu queria universo, quando pedi para me surpreender — gritei na rua, sem me importar que as pessoas presentes me achassem louca.

Porém, a verdade é que minhas mãos tremiam. Eu estava mais nervosa em ir para minha antiga casa do que para qualquer lugar do Afeganistão. Vivi tantas coisas lá. Algumas boas e muitas ruins, por isso e por minha antiga casa não ser longe de onde eu estava, resolvi ir andando, precisava pensar um pouco sobre tudo que eu preciso fazer dali para frente. Não voltarei à mesmice. Minha mãe tem razão, eu não vivo, só existo porque penso e agora, eu necessito viver, não apenas existir... Só não sei por onde começar.

Atravessei a avenida e entrei em uma a esquerda que dava acesso ao bairro onde eu morava, que aliás, não mudou nada. Cidadezinha do interior é sempre a mesma coisa. Uma senhora me cumprimentou e isso me fez perceber que minha infância, apesar de todas as idas e vindas, foi boa. Ruim foi depois que cresci e tive que aprender que existe muito mais que 50 tons de cinza e nenhum deles é um romance erótico com o Christian Grey.

Após alguns minutos, que pareceram anos, parei em frente à casa

amarela que era do meu pai e minhas pernas falharam, não estava preparada. Voltar ali era como se nós estivéssemos voltando novamente para tentar um novo casamento fadado ao fracasso, mas meu pai não estava mais entre nós e isso mesmo depois de toda mágoa que tenho dele, me machuca.

Respirei fundo, o portão estava destrancado, então entrei de uma vez. Dona Márcia, pelo visto, acordava cedo também. Chamei por ela mais de uma vez e nada. Até ver o bilhete pregado na porta.

“Tive um compromisso urgente na casa de uma amiga, deixei tudo pronto para sua chegada. Bem-vinda de volta, querida!”

Nossa, me chamar de idosa deve ser uma ofensa para a Dona Márcia. Difícil perceber que idosos tem mais compromissos que eu. Olha, acho que o termo correto para mim é defunta ou móvel.

— Dona Márcia, preciso me tornar sua amiga, a senhora sim sabe viver — falei rindo, ainda com o bilhete em mãos.

Neguei-me a vasculhar a casa, parecia estar tudo igual como se eu nunca tivesse ido embora dali. Então, joguei a mochila no sofá e sentei em frente à TV vasculhando os canais a procurar de um filme ou qualquer coisa legal, e para variar, não achei nada de interessante. Resolvi fazer algo que sempre amei e não tinha tempo: cozinhar.

O armário estava lotado, quando comecei seria só uma lasanha, mas quando vi, já tinha feito um bolo para aproveitar o forno quente, omelete para acompanhar a lasanha, brigadeiro para sobremesa e umas torradas tipo pizza para aproveitar o pão que tinha no armário. Agora, eu tenho muita comida para uma só pessoa, que aliás está de regime. Apesar de cozinhar ser minha paixão, trabalho demais e a cozinheira da casa é a mamãe.

Reviro meus contatos, que se resumem a apenas minha família e... O Max! Não éramos amigos — até porque, eu tristemente não tenho amigos — e ele poderia entender mal caso ligue.

Quando conheci Max, ele pegava minha melhor amiga na época, perdemos contato quando ele começou a dar em cima de mim. Ela achou que eu gostava de ser agarrada por ele, o que admito ser verdade, mas em minha defesa digo que ele me segurava de uma forma que fazia eu ter pensamentos sexy evoluindo eu, ele e uma cama, como aliás faz até hoje. Só sendo de ferro para não gostar. Porém, nunca transamos, porque além dessa minha ex-melhor amiga, eu era muito nova. Virgem. Não queria perder com ele, porque queria mostrar a mamãe que ela estava errada quando dizia: *"Não espere o cara certo, geralmente ele é o errado e no fim vai dá no mesmo: Vai doer para caralho, o otário vai te*

decepcionar, tirar sua virgindade e sumir sem ao menos te fazer gozar". Eu queria perder com o cara, por ter certeza que mamãe só diz isso por a primeira vez dela não ter sido muito boa, e provavelmente não deve ter sido com meu pai, já que casou com ele e seu outro lema era "Case com um homem bom de cama, se todo o resto der errado, pelo mesmo o orgasmo está garantido".

No fim, acho que dona Amélia está errada, ao menos em parte. Não dá no mesmo, quando você transa com o cara errado, você acredita ser o certo. Eu nem tive muita escolha e estava ciente que era o errado. Só que hoje não sou mais uma garotinha e estou disposta a correr riscos.

— Seja o que Deus quiser!

Tomei fôlego e cliquei em ligar. Demorou até ouvir a voz grossa e sexy do Max:

— Alô!

Devo ter ficado muito tempo sentindo meu corpo arrepiar com aquela voz no meu ouvido, pois ele completou:

— *Acho bom ser o fim do mundo para me ligar tão cedo* — sua voz, mesmo meio sonolenta, soou bastante brava. Ops.

— Bom dia, Max! Foi mal, não queria te acordar...

— *São...* — ele pausou — *Nove horas da manhã, eu estou de férias, com uma puta ressaca e dormi de pau duro. Então, foi péssimo, e bom dia só se for para você, Mônica.*

Parece que alguém acordou de mau humor.

— Fiz comida demais e te liguei para vir comer aqui... — *péssima ideia* — esquece, vou congelar tudo.

— Parei de ouvir quando você disse "*comida demais*", vou me vestir agora mesmo, chego aí em dez minutos — pausou como se tivesse lembrado de algo. — Me passa o número do seu quarto.

Putz! Esqueci completamente que sou uma farsa. Desculpa Deus, mas vou ter que mentir de novo.

— Eu... Eu estou na casa de uma tia. — *Eu sou uma vadia mentirosa* — Resolvi sair do Resort, estava me sentindo limitada lá.

Alguém achou meu bilhete para o paraíso? Tenho certeza que o perdi.

— *Sei...* — Ele parecia não ter acreditado. *Merda!* — *Vou tomar um banho, manda mensagem com o endereço e para de me ligar a cobrar.*

— Então coloque crédito para mim. — fiz uma voz melosa.

— *Não tem Whatsapp?* — Sua voz soou incrédula.

— Não... Não gosto de redes sociais. — Não tenho tempo na verdade. Ouvi barulho de água, suponho que ele devia estar escovando os dentes. — Anda logo ou vai comer tudo gelado.

— *Tudo não...* — respondeu abafado — Você eu vou comer bem quente! — Poderia imaginar seu sorriso sacana. — *Ainda estou de pau duro, sabia?*

Acho que terei trabalho. Ele vive de pau duro.

— Tchau, Max!

Mando um SMS pra ele com o endereço, logo em seguida jogo o celular na cama já correndo para o banheiro. Preciso de um banho urgente, estou cheirando a condimentos para pizza. Usaria um vestido vermelho solto sem sutiã, para facilitar a retirada na hora H e meu cabelo em um rabo de cavalo. Hmm... Já até imagino eu de quatro e o Max puxando meu cabelo enquanto bate com força na minha bunda, com aquele corpo grande, nu, quente e suado roçando o meu, a respiração ofegante em meu pescoço enquanto geme meu nome... Caramba, fiquei molhada só de imaginar.

Olha, se fosse da nossa cultura fazer dança do acasalamento, eu estaria fazendo agora.

Alô, alô, Teresinha! Chame a Ludmila, que é hoje! Aliás, cancela a Ludmila, chame aquele produtor americano gostoso que ela pegou. Um a três com dois gostosos... Acalma-se *piriquita* desesperada, nem pegou um já quer dois?

— Ai, caralho... Esqueci de comprar preservativo. — Bato a mão na testa me jogando na cama.

Será que devo ligar para ele trazer? Não, ele deve trazer de qualquer forma. Duvido que já não ande por aí com uma fábrica de camisinhas no bolso, além do mais, tomo anticoncepcional, só não gosto de fazer sexo sem camisinha com caras que não tenho nem um tipo de compromisso.

Escuto o barulho do portão sendo aberto — portão de pobre é assim mesmo, anuncia a visita de longe, além de ser um ótimo alarme antifurto se ladrão usasse o portão —, corro para atender e fico sem fôlego com a visão do Max gostoso e vigoroso em uma roupa inteiramente preta e justa, na medida certa para desenhar seu corpo musculoso mostrando cada estrada, caminhos e linhas para minha perdição.

Bendito seja o ser que inventou a academia!

Sem dar chance para eu limpar a baba, ele me empurra contra a porta beijando minha boca com vontade, e como não sou boba nem nada, atraco seu

pescoço, fazendo com que ele me levante do chão e, sem delongas, enlaço sua cintura com minhas pernas, devorando sua boca quente com toda necessidade dos meses de abstinência.

É hojeeeeeee!

— Sabia que esse bairro é perigoso? — indaga, interrompendo o beijo.
— Deveria ter ficado onde estava.

Oxe, que assunto chato, vamos nos beijar mais!

— Sabia, *papi*. — Mesmo ainda sem fôlego, debocho revirando os olhos.

— Pode me chamar assim na cama com um sotaque espanhol enquanto eu meto fundo em você? — pediu safado, enquanto enrolava meu cabelo em sua mão. — Gostei do seu penteado, fez para mim?

— Para você eu fiz lasanha, omelete e brigadeiro. — Desconversei para não admitir o quanto o desejava.

— Brigadeiro? Hum... Vou comê-lo em você. — Ele me apertou ainda mais contra a porta. — Estou louco por essa sua bunda. — Mordeu meu pescoço, apalpando minha bunda por dentro do vestido.

— Vamos comer logo antes que você pule para sobremesa...

— Belly, Belly... Vou adorar ter você de sobremesa! — Mordeu meu queixo.

Desci de seu colo e guiei-o até a cozinha, já tinha deixado a mesa pronta. Assim que sentamos, ele me serviu uma fatia generosa de lasanha e da omelete, achei tão fofo isso. Não imaginava que Max poderia ser cavalheiro a ponto de me servir. Olhei para ele, sorrindo encantada com esse gesto, que quando começou a colocar tudo que sobrou em uma só vasilha, entendi que ogros não viram príncipes.

— Vai comer tudo que sobrou, né?

— Claro, estou magro de fome, não é de ruindade não. — Tentei retrucar algo, mas não sabia o que dizer. Ele era impossível. Come o triplo que eu e olha que eu como bastante... Quando não estou de dieta, óbvio!

Deixei a comida de lado e fiquei admirando Max comendo, acho que minha mãe teria orgasmos múltiplos vendo um homem gostoso como o Max comendo e gemendo "*hummm... Que delícia, Belly*" de olhos fechados. Eu que não tenho fetiche em cozinhar para um homem bom de garfo fiquei molhada, imagine a mamãe que tem um troço por homens comilões. A coitada estaria babando de quatro... literalmente.

— Que delícia, Belly! — Gemeu mais uma vez. — Se tudo que você fizer for gostoso assim. — Mordi meu lábio inferior alisando a coxa dele. — É hoje que infarto!

— Pelo tanto que você comeu, provavelmente. — Ele riu safado. — Comeu tudo que eu achava ser impossível para uma pessoa só.

— Ainda não comi tudo, mas vou comer daqui a... — Seu celular começou a tocar interrompendo-o. Max revirou os olhos, sacando o aparelho do bolso da calça. — Maximiliano Castelli. — Atendeu no modo profissional que o deixou mais sexy ainda.

Quero esse homem para mim!

Não sei o que falaram, pois ele levantou e saiu sem nenhuma satisfação. Fico na dúvida do que fazer, então aproveito para terminar de almoçar, mas como ele demora para voltar, tiro a mesa e lavo os pratos. Minutos depois e nada dele, volto para a sala e sento em cima da mesa. Tudo em modo automático e extremamente frustrada. Ele foi embora e nem se despediu de mim. Que audácia!

Estava tão distraída que quando braços fortes me envolveram, quase criei asas e saí voando da mesa com o susto.

— Era da empresa, mas já dei um jeito... — Beijou meu pescoço. — Agora sou todo seu! — falou, mostrando o celular desligado. — E pare de planejar mentalmente a minha morte.

— Não me deve satisfação, Maximiliano Castelli — digo por educação, porque deve sim, comeu mais da metade da minha comida e sai assim, sem uma foda gostosa. Nem pensar!

— Eu sei, mas essa sua cara de brava dá medo. — Aproximou a boca da minha orelha e mordiscando o lóbulo completou: — Apesar de que iria adorar ter você *bravinha* na cama.

— Antes. — Tomei fôlego quando sua boca desceu por meu pescoço, mordendo um ponto bastante sensível. — Quero deixar claro que se contar para todos sobre isso... te mato.

— Todos quem? — Olhou confuso coçando o queixo. — Isso o que exatamente?

— Como fazia no colégio. — Empurro meu ex-colega, descendo da mesa. — Contava suas proezas na cama, expondo as mulheres como um *mané*.

— Nunca contei com quem fazia, então não expus ninguém, além do mais, metade dessas proezas eram dos pornôns que eu assistia na época. Só queria impressionar. — Estreito os olhos cruzando os braços. Pensando bem, até que

faz sentido. — Eu cresci, Belly, hoje só falo em descontos, cartões de crédito sem limites e frete grátis. Isso sim são coisas que realmente impressionam as pessoas. — Sorriu.

Balanço a cabeça, puxando Max pela camisa em direção ao sofá, hoje eu transaria sem me importar com mais nada. Amanhã, talvez, eu me arrependa, mas hoje... Empurro Max com força no sofá, tiro sua camisa descobrindo que o safado tem algumas tatuagens. Adoro!

Ele ia dizer algo, mas o calei colocando o indicador sobre meus lábios em sinal de silêncio. Caminhei até dar uma visão completa do meu corpo para ele, parando de costas, comecei a fazer uma dança sensual mexendo principalmente minha bunda, tirando o vestido lentamente. Passei as mãos pelo meu corpo quase nu. Quando virei, seu olhar era puro desejo. Luxúria. Promessas de muito prazer poderiam ser facilmente lidas neles.

Apoiei a ponta do meu pé direito entre as pernas dele bem próximo a minha perdição, umedeço os lábios e sorrio olhando seu delicioso volume.

— Não, Max, você está enganado. — Olhei nos olhos dele e completei de forma lenta. — Eu que terei você de sobremesa!



CAPÍTULO 6

MEU BRINQUEDO

Max sorriu safado tentando se levantar, mas impedir empurrando seu peito com a ponta do meu pé.

— Nada disso. — Fiz que não com o dedo indicador. — Fique quietinho, por enquanto você é só meu brinquedo.

— Então comece a brincar... tenho um brinquedo especial para você, mas ainda está embrulhado. — Levantou o quadril colocando os braços em baixo da cabeça, mordendo o lábio inferior enquanto admira meu corpo quase nu e por seu olhar, ele gosta do que vê. Gosta muito. Foi minha vez de sorrir.

Tiro seus sapatos e meias sem pressa, mas com bastante dificuldade, começo a retirar sua calça, deixando minhas unhas arranharem todo o trajeto de pele até finalmente, depois de tanta peleja, ser presenteada com a visão de uma boxer branca bem marcada por seu membro rígido.

Meu último obstáculo para o paraíso.

Admirei por um momento aquela obra de arte divina. Max de cueca deitado no meu sofá com todo seu vigor e magnitude que mal cabia no móvel. Com o peito subindo e descendo em expectativa pelo que eu faria a seguir, a pele negra que eu ainda sentia quente como brasas sob meus dedos, o corpo grande tão a minha mercê e por fim, os olhos pretos ainda mais escuros pela luxúria que emanavam por meu corpo, me excitando com loucura e perdição.

— Sentado! — ordenei, me sentindo mais sexy e poderosa que a Beyoncé.

— Você fica extremamente sensual mandona assim.

— Mandeí você falar? — ele negou com um gesto de cabeça — Então fique calado e sente-se agora!

Assim que Max cumpriu minha ordem, só consegui ter olhos e imaginação para o que ele esconde na boxer. Ajoelho entre suas pernas retirando preguiçosamente a única peça que me separa do meu brinquedo favorito. Beijo sua virilha deixando uma leve mordida fazendo ele encolher e gemer.

A pulsação dele acelerou ainda mais ou foi a minha quando vi seu membro saltar para fora da cueca pronto para mim, do jeito que eu gosto? Deve ter sido a minha, pois quando segurei com vontade a base do seu pênis, fazendo movimento de vai e vem bem devagar, senti um prazer incrível vendo o prazer dele.

Aumentei um pouco mais o ritmo, sempre observando as reações dele e por sua mandíbula travada, ele estava louco para sentir minha boca. Pisco para ele molhando os lábios e por fim, levo minha boca até seu membro lambendo uma, duas, três vezes a cabeça meio rosada e melada pelo líquido pré-ejaculatório. Exploro toda a extensão apenas com a língua até finalmente abocanhar seu pau, chupando, babando, sem parar de massagear a base com a mão.

— Nossa... Caramba... Belly...

Comecei a alternar fazendo pressão entre minha língua e o céu da boca para lhe dar ainda mais prazer.

— Caralho... — xingou segurando meu cabelo, ditando os movimentos.

Massageando suas bolas, aumentei as sugadas como se quisesse tirar tudo dele. À medida que escuto ele gemer, xingar... minha excitação cresce mais e mais e isso me impulsiona a dar ainda mais prazer. Quando começo a senti-lo contrair em minha boca, olho nos olhos dele e começo a tocá-lo com a mão no mesmo ritmo constante de antes, fazendo ele gozar nos meus seios.

— Seria mais gostoso ver você engolindo...

Tenho certeza que sim, mas hoje não, Max!

Sem responder, subo em seu colo, Max soprou o ar com força quando deixei um rastro de beijos molhados por seu peito, nas tatuagens até o queixo, até morder seus lábios rebolando contra seu pau. Então, o beijei gemendo, arranhando seu peito e suas costas sem delicadeza. O safado puxou meu cabelo apertando minha cintura.

— Minha vez de brincar com você! — sussurrou, separando sua boca da minha, arranhando meu pescoço com a barba, fazendo meu corpo se arrepiar.

Em um movimento rápido, deitou meu corpo no sofá e com habilidade, sua mão sumiu para dentro de minha calcinha. Alcançou meu clitóris sem cerimônias e começou a massagear.

— Hum... Bem molhada para mim.

Sem poder conter meu quadril, reboło em seu dedo que penetrou em minha vagina e arfo de prazer. Max desce a boca para os meus seios e faminto, sugou o direito, mordeu e fez o mesmo no segundo, chupando e beliscando enquanto eu me contorcia sob seu corpo ensandecida de prazer. Imitou várias vezes esse ritual até fazer meus seios ganharem um tom avermelhado. Com breves sugadas percorreu o caminho até seu banquete, rasgou minha calcinha, então, parou sorrindo fazendo sua respiração acertar minha vagina extremamente

sensível e todo meu corpo vibrar.

— Vai torturar desgraçado? — perguntei brava, erguendo meu quadril em sua direção.

— Só um pouquinho... — Sorriu e dois dedos me invadiram.

Meus gemidos enchiam a sala e eu só queria gritar ainda mais. Contorci em êxtase.

Ah como eu gosto dessa sensação.

— Max... por favor... — implorei ofegante.

— O que deseja senhora Mandona?

— Que me foda... Agora!

— Calminha aí, minha vez de brincar e eu sou um menino bem mau...
— Começou a passar o dedo por minha entrada até o clitóris, deixando uma beliscada nele.

Desgraçado, miserável, filho da mãe gostoso da porra!

— Max... Por favor... Preciso senti-lo, agora — implorei.

— Primeiro quero sentir seu sabor. — Desceu para o tapete posicionando meu quadril na beirada do sofá.

Prendi a respiração em antecipação ao prazer que ele me proporcionaria e quando sua boca alcançou o ponto sensível e entregue ao seu toque entre as minhas pernas, chupou, lambeu com fervor e me faz gritar. *Assim eu gosto!*

— Isso... ahhhh... assim...

Senti todo meu corpo convulsionar explodindo no meu primeiro orgasmo com Maximiliano Castelli. Foi inevitável não gozar gritando nome dele.

— Gostosa — falou tirando uns fios de cabelo grudado no rosto pelo suor. Esperei minha respiração acalmar um pouco, antes de empurrá-lo no tapete, e quase montá-lo sem camisinha.

— Está muito apressada — debocha, apontando para a calça na outra extremidade do tapete, após me impedir de cometer essa maluquice. Corri para pegar o preservativo, ouvindo ele rir baixinho da minha repentina pressa. — Nossa que pressa.

— Cala a boca!

Vesti seu pau com maestria e sentei devagar curtindo a sensação dele me invadindo.

— Você é delicioso, Max... — Comecei a cavalgar para frente e para trás ainda curtindo a sensação dele dentro de mim.

No entanto, não demorou muito até o ritmo aumentar acompanhando a velocidade de nossos gemidos. Max olhava meus seios pulando, seus dedos estavam enfiados no meu quadril e sua boca estava aberta, gemendo.

— Ahhh... Max... Que delícia! — comecei a gritar massageando meus seios.

Não demorou muito para ele tomar conta da situação. Em segundos, eu estava de quatro enquanto ele se afundava em mim sem aviso prévio. Firme. Fundo. Bruto. Batendo na minha bunda, puxando meu cabelo, dizendo palavrão, me chamando de vadia gostosa. De sua vadia.

Fechei os olhos e sorri gemendo sem pudor, sem medo, sem vergonha, até alcançar o clímax. Ele, não satisfeito, girou para que eu ficasse de frente levantando minha perna. Meus olhos reviraram de prazer enquanto ele entrava e saía rebolando e massageando meu clitóris.

Meu Deus!

— Não para, Max, não para! — gritei.

Ele estava faminto e eu era seu banquete muito satisfeito em ser devorado.

— Que delícia... Isso... issooo...

— Está gostando, safada? — Abocanhou meu seio.

— Mais rápido — pedi apenas para provocá-lo.

Acabei gozando novamente marcando as costas dele com as unhas. Mordendo com força seu ombro, ele estocou mais uma vez chegando ao ápice com um grunhido. Seu corpo suado caiu, ele estava com a respiração pesada em meu pescoço, o coração acelerado. Desci minha mão até a bunda dele. *Delícia!*

Mesmo Max sendo bastante pesado, provavelmente até mais que eu, permiti que ficasse em cima de mim um bom tempo, até nossas respirações acalmarem. Depois de alguns segundos, ele saiu de dentro de mim.

Ainda estava recuperando o fôlego quando ele começou a me beijar e parecia quase pronto para nos perder novamente um no outro.

— Vou me livrar disso. — Mostrou o preservativo em sua mão já se levantando, apontei a direção do banheiro e enquanto ele caminhava nu até lá, só consegui olhar sua bunda grande.

— Homem gostoso da porra. — Sussurro.

Viro de lado com sono, quase cochilando. Ele retornou me pegando no

colo e caminhou comigo até o quarto.

— Não durma ainda... — sussurra no meu ouvido. — Não terminei de brincar com você. — Colocou-me na cama erguendo minhas pernas para abraçar seu quadril. Com outra, uma camisinha passava entre os dedos.

Eu soube ali que seria seu brinquedo e ele o meu por um longo tempo. Olhei em seus olhos sorrindo, desci a mão até seu pau e seu olhar estava tão intenso quanto quando me disse a frase na boate. Acho que era assim que ele queria queimar comigo ontem à noite: sem roupas no tapete da sala ou no quarto, um dando prazer ao outro.

E eu? Se fosse sempre assim, estava disposta a me queimar muito em seu fogo.

— Adoro torradas. — Pegou mais uma da bandeja e mordeu. — Amo sua comida, mas ainda estou com fome — reclamou, comendo a última torrada de pizza. — Muita fome! — completou apalpando meus seios assim que sentei em seu colo.

— Óbvio que está, é insaciável de várias formas. — Mordi seu maxilar.

Estou só de calcinha, sentada no colo do Max à mesa, acabei de tomar banho sozinha, já que ele preferiu comer a fazer sexo no chuveiro. *Pode isso, Brasil?* E para piorar, ele já está vestido. Isso me irrita. Irrita muito ele ter se vestido após o sexo, faz eu me sentir realmente um mísero brinquedo, porém não vou dar o gostinho de reclamar. Não vou mesmo. Já tive o que eu queria também, se ele quiser dar o fora, que vá.

— Que tal pedir uma pizza... ou mil? Para ver se mata sua fome. — Rebolei em seu colo.

— As pizzarias que conheço não entrega aqui, esse bairro está mais perigoso do que quando você morava...

— Como sabe que morei nesse bairro? — Levantei de um pulo do colo dele.

Será que ele investigou minha vida?

— Era segredo? — Ergueu-se também, já na defensiva. — E não disse que você morava nesse bairro, eu disse...

— Sei o que você disse... — eu já bradava aos quatro ventos. — Eu nunca te contei onde morava, você nunca veio aqui. Como sabe meu antigo endereço?

— Na verdade, estive aqui uma vez... quando seu pai morreu, foi uma tragédia, cidade pequena... não foi difícil descobrir seu endereço.

Essa revelação me fez calar a boca e perder a língua, disso eu não sabia. No velório do meu pai, que eu me lembre, não vi Max, até porque só tinha minha família, os vizinhos e alguns *amigos* do papai. Bom, alguns colegas de colégio foram, mas coloquei para correr, não precisava da hipocrisia de ninguém, contudo, Max não estava entre eles.

— Não lembro de você no velório... — Cruzei os braços na altura dos seios para cobri-los. — Tem certeza que foi? — A essa altura eu já estava pensando seriamente em procurar meu vestido perdido pela sala. Sem clima para discutir algo desse tipo só de calcinha.

— Fui sim, mas sua mãe não deixou que eu entrasse, porque você — apontou para mim —, já tinha rosnado para os outros colegas ordenando que não deixasse ninguém do colégio entrar. — Passou a mão no rosto. — Deveria ter aceitado o apoio dos seus colegas.

— Pena? Deles? Estou dispensando e eu já estava em outro colégio, aliás, por culpa de alguns desses pobres "colegas".

— Pena não, solidariedade. Saberia disso se não fosse orgulhosa demais.

— Orgulhosa? — Ri sem humor. — Eu estava com raiva de tudo e todos naquele momento, tinha sido recente a história da foto. Você não sabe nada do que passei. Me magoou muito aquela brincadeira idiota e tê-los ali prestando condolências embrulhou meu estômago. Me senti ainda mais humilhada — confessei, fazendo um esforço enorme para não chorar. — Mesmo guardando tudo para mim e sendo forte, aquilo me machucou profundamente... — Apontei para ele como se fosse sua culpa tudo que passei. — Todos riram de mim, por dias apontaram a gorda, esquisita, ridícula... Todos tinham ou viram a foto... Sabe quantos comentários maldoso eu ouvi?

— Eu não participei dessa brincadeira, muito menos fiz comentário maldoso sobre isso... Pelo contrário, nem estava na cidade quando aconteceu! — Defendeu-se. — Não sou culpado, não por isso.

— Não estou te acusando Max. — Sentei na mesa. — Sabe, nunca tive problemas com meu corpo. Eu era gorda, sim e estava nem aí para isso...

Sorri, recordando-me daquela época.

— Todos os dias antes de sair para o colégio, minha mãe dizia que eu era a menina mais linda do mundo. Minha mãe era sincera ao extremo, se eu fosse feia por ser gorda ela falaria, ou seja, para mim era tudo inveja. Só que

teve a foto, isso sim me abalou... — Olhei para cima impedindo as lágrimas. — Os comentários, saber que todos viram uma foto íntima minha. Meus seios... E sabe se lá se não me viram nua também, já que ninguém sabe quem e como tiraram. Caramba! Foi nojento — grito.

— Desculpe... — Ouvi ele sussurrar baixinho, mas permanecia parado em seu lugar. Ignorei seu pedido e prossegui.

— Uns anos atrás eu tive um relacionamento complicado e toda essa fase antes de eu ser expulsa ficou martelando em minha mente. — Desviei os olhos para minha mão. — Perdi muito peso por causa dessa relação. Fiz várias dietas malucas, fui parar no hospital por ficar dias praticamente sem comer nada... quase morri por querer mantê-lo comigo por medo que nenhum homem me quisesse por ser gorda. Eu o amava tanto e ele gostava de mulher com cintura fina, fio dental e bunda. Só o sinal de que *quase tive* pernas longas e finas como de uma garça... e... — Não percebi, mas já estava chorando em seu abraço. Não pretendia surta assim, mas o olhar dele de repreensão por eu ter expulsado os coleguinhas do enterro me fizeram colocar tudo para fora.

— Desculpe, Belly... Não sabia dessas coisas, mas ainda assim não é razão para se excluir de todos e de tudo, se fechando em sua família. — Suas mãos passeavam por minhas costas em uma carícia bem sutil.

— Eles são tudo para mim e sei que posso contar com eles sempre, independente do meu peso.

— Ninguém é eterno, Belly... todos precisam de amigos, de...

— Max. — Afasto-me dele. — Sem papo profundo ou lição de moral para cima de mim...

Quem ele pensa que é? Chegou ontem na minha vida e já acha que sabe tudo sobre mim.

— Já comeu, já transou, já se vestiu — aponto para saída —, agora vaza!

— Mônica *blavinha* e insensível voltou!

— Aliás, me explica por que você está vestido e ainda está aqui?

— É proibido fica vestido aqui?

— Logo após transar comigo, é sim. — Empurro ele para fora da cozinha. — Sai logo daqui ou vou começar a cobrar tudo que você comeu.

— Tudo?

— Nem ouse insinuar isso! — grito dando um tapa forte nas costas dele.

— Ai! Só me vesti porque sua tia poderia chegar a qualquer momento e não quero te dar problemas.

— Que tia? — *Não tenho tias.*

— A dona da casa... — falou como se eu fosse uma retardada. — Você é meio doida, fala as coisas e esquece.

Por fora eu fiz cara de paisagem. Cara de quem nunca mentiu na vida e respondi com bom humor.

— Ah, é mesmo, essa tia. Tenho tantas que até me esqueço. — Mas por dentro gritei: *Caralho! Esqueci completamente da dona Márcia, se ela chegar e encontra o Max, vai dar merda.*

— Já pensou se ela nos flagra transando no sofá? — comenta gargalhando — Seria hilário.

Só que não, né.

— Seria terrível. — Desisto de empurrar ele para fora. — Pode ficar, vou fazer um suco *detox* para gente.

— Nem vem bater capim para mim, detesto. — Torceu a boca com nojo. *Fresco!* — Quero o bolo que vi na geladeira — *Claro que quer* —, parece delicioso.

— Nem pensar, abstrai, esquece, finge que não viu. Aquele bolo é para minha tia... Você já comeu demais por hoje!

— Eu? — Coloca a mão no peito. — Mas nem pedimos as mil pizzas... E o brigadeiro? Daqui a pouco tenho que ir e nada da sobremesa.

— Achei que dormiria aqui — comentei, desejando que ele ficasse. Não quero passar minha primeira noite nessa casa depois de tantos anos sozinha com os fantasmas das lembranças.

— Não posso, tenho que entregar um arquivo ainda hoje, antes das 23 horas e nem estou na metade... — justificou, porém, parecia mais uma desculpa esfarrapada para ir embora.

— Ah tá.

— Mas eu ligo para você amanhã de manhã e combinamos algo.

— Certo. — *Droga.* Agora fiquei sem companhia na cidade. Óbvio que com ele também é "*sexo e tchau*". — Já que não quer suco, ainda tem pão e queijo, faço um sanduíche para nós — *Magali*, completo em pensamento.

— E depois sexo no chuveiro... Quero batizar todo esse lugar. — Abraçou meu corpo por trás e beijou meu pescoço.

— Deveria ter tomado banho comigo, aí você já teria batizado todo

esse lugar, mas preferiu comer. — Dei de ombros. — Você que perdeu.

— Eu estava com muita fome, era capaz de desmaiar na primeira rebolada... — Fez uma careta. *Exagerado!* — Aliás, ainda estou.

— Já sei Max, você só fala que está com fome. Come como se tomasse *Biotônico* a vida toda.

Ele sorri em meu pescoço e todo meu corpo se arrepia ao sentir seu hálito quente.

— Max? — chamo, enquanto me liberto dos seus braços. Pego dois pães no armário. — O que significa suas tatuagens? — indaguei, caso não voltasse a ter oportunidade de saber sobre elas.

Lembro de ter visto algumas frases curtas: uma na lateral do tórax em formato circular, duas nas costas, uma na altura do ombro e outra mais abaixo na escápula. O nome *Maísa* no peito com um coração quebrado meio dark, com sangue e uma faca cravada logo abaixo.

— Todas eu fiz quando moleque, meu pai quase teve um infarto em cada uma delas — conta, retirando a camisa e encostando na pia ao meu lado. — Essa. — Apontou para a tatuagem na lateral do tórax enquanto eu começava o preparo do sanduíche. — *Faith, hope, force, sex, love and war* — Fé, esperança, força, sexo, amor e guerra. — Fiz com quinze anos por causa de uma aposta... Na época eu achei muito boa a ideia de escrever as coisas que me moviam, mas os *brothers* acharam muito gay a tatuagem e tiraram saro de minha cara por anos — ele riu. — Maísa, o nome da minha mãe, fiz quando completou sete anos que ela se foi... — Seu olhar estava longe.

Isso explica o formato da tatuagem, tinha batimentos cardíacos antes do nome e depois uma pausa e novamente batimentos. Reflete o que ele sentiu. O quanto sofreu. Como se seu coração parasse de bater junto com o dela.

— Sinto muito, não sabia que sua mãe tinha falecido... — Olhei para ele querendo abraçá-lo, mas me contive. Por sua postura, ele não queria um abraço naquele momento. — Fale das outras tatuagens...

— O coração esfaqueado foi por *desamor*, eu amava uma garota em silêncio, mas ela amava outro. Sabe, adolescentes são exagerados em suas paixões e no sofrimento que elas causam. — Ele permanecia com o olhar longe. — E essa. — Virou de costas para mim, apontando para a tatuagem no ombro. — É a letra da música "*Perfect*" da banda Simple Plan "*Hey dad... I'm sorry, I can't be perfect.*" — Ei, pai... desculpe, mas não posso ser perfeito. Essa dispensa explicações mesmo assim ele explicou. — Fiz pelas pressões do meu pai em desejar que eu fosse sua cópia fiel ou o filho perfeito que jamais serei.

Fiz no ombro, mas queria fazer na testa para ele entendesse que não posso ser perfeito, seria injusto com os outros homens nascer gostoso e ainda perfeito.

Ri, mesmo sabendo que ele só queria aliviar o clima para não ser frágil na minha frente. Seria injusto mesmo e ainda bem que ele não era perfeito, pois seus defeitos o tornavam quem é, e só por isso estava aqui hoje comigo, por sempre ter sido imperfeito, mas um cara incrível, apesar de idiota e às vezes babaca.

— E a última que fiz foi com dezoito anos, uma citação que ouvi no rádio e sei lá, achei que deveria marca na minha pele:

"Mesmo quase sem fé, Deus me manteve de pé".

— Pensa em fazer uma nova? — Coloquei uma fatia de queijo na boca.

— Penso em fazer uma tatuagem com o nome da minha esposa e dos meus filhos, mas não vou dizer qual é.

— Disse que não queria casar. — Estreito os olhos.

— Eu menti sobre isso. — Sorriu safado.

Ora, ora. Somos dois mentirosos e eu me sentindo culpada por causa de uma mentirinha boba, sendo que ele também mentiu.

— Quero sim ter esposa, filhos. Minha própria casa... família... — Pegou duas fatias de presunto e comeu — E você? Pensa em casar? Ter filhos?

Desde o útero de minha mãe!

— Às vezes... Mas isso é história para outro dia, estamos muito nostálgicos hoje. — Aproximei-me dele, já retirando minha calcinha. — Que tal aquele sexo no chuveiro agora? — pedi, puxando ele pela calça. — Vamos para o banheiro, quero morder esse seu *corpitchio* todo.

— Posso comer o meu sanduíche antes? — perguntou, olhando os dois sanduíches prontos em um prato em cima da pia.

— Não, na empresa você come comida, aqui em casa a partir de agora, para você comer, só tem eu.

— E pelo tanto de carne, dá para o gasto. — Bateu em minha bunda e correu rindo em direção ao banheiro.

Corri atrás pensando que não me ofendia as brincadeiras e os trocadilhos dele, pelo contrário, me divertia e sua safadeza aumentava minha autoestima. Creio que quando tem algo, algum sentimento além da brincadeira, ela não machuca ou quando dita sem raiva ou nojo, não ofende. Max sempre teve um carisma tão grande que tem o poder de ser politicamente incorreto, ser

idiota, sem magoar ou realmente ofender ninguém.

Talvez essa seja nossa última transa, mas se depender de mim, será a nossa primeira vez dividindo o mesmo banheiro. Nessas férias quero Maximiliano Castelli todo só para mim.



CAPÍTULO 7

LIGAÇÃO

Max acabou de sair daqui e já sinto falta. Ah, eu poderia passar o dia conversando ou transando com ele. Max daria um ótimo amigo de foda. A forma como falamos de tudo hoje. Foi de uma cumplicidade que nem sabia que tínhamos ou talvez nem tivéssemos. Ele tem razão, preciso de amigos. Depois de tudo que suportei praticamente sozinha, deixei de acreditar em amizade verdadeira. Amigos não deram teto quando minha família precisou, não deram comida, dinheiro, agasalho ou uma palavra amiga. Quando precisei só contei com minha família e eles só contaram comigo e é neles que me sinto segura. Porém, Max sempre teve disso, me faz sentir mais... leve. Desde a época do colégio. Se eu soubesse que ele estava no velório de meu pai teria aceitado suas condolências. Ele não é mau, só idiota mesmo. Vou sentir falta dele quando retornar ao mundo real.

Andei pela sala ajeitando a bagunça que fizemos. Já anoiteceu e nada da Dona Márcia. Eita, que a festa estava boa. Quantos anos será que ela tinha, 70 ou 80 anos? Quero ser assim na idade dela ou pelo menos queria ser assim na minha idade atual...

Sou tirada dos meus pensamentos pelo meu celular tocando em cima do sofá e o nome "*Diva da família*" piscando na tela com uma foto de bunda, que eu imagino ser da Telly. Essa menina não tem jeito mesmo, agora vou ter pesadelos para o resto da vida, ao menos teve a decência de estar de calcinha, porque eu não mereço ver a bunda branca nua da minha irmã a essa hora da noite. Atendo ainda incrédula com sua audácia.

— Por que tem uma foto da sua bunda no meu celular?

— Porque esse é o meu melhor ângulo — responde como se fosse a coisa mais natural do mundo.

— E se um homem ver essa foto?

— Que tem? Relaxa, ele não iria ficar impressionado, a sua é maior.

Vadia!

— O que houve que está me ligando em vez de estar no trabalho?

— Tirei folga hoje, vim dormir com o Thomas, ele está com febre e jura que só tem duas horas de vida... Sabe como homem é dramático quando está doente.

— E você não perdeu a chance de ir dormir com ele, né, safada?

— Já estou arrependida, ele não para de roncar, queria dormir também, mas não consigo. — Ouço minha irmã bocejar.

Olho no relógio e fico impressionada ao ver que já passou das 22h00. Uau, segurei tempo demais o Max aqui. Espero que ele consiga entregar o tal projeto.

— E então, resolveu me atentar?

— Exatamente, mas você deveria estar transando agora.

Adoraria! Ainda mais com o negócio gostoso que acabou de sair daqui.

— E você deveria estar em casa... sabe o que mamãe acha de dormir na casa do Thomas, essa "amizade" de vocês está indo muito longe...

— Não seja chata, arranja um...

— Um amigo de foda?

— Ele não é isso — suspirou —, é complicado. — *É amor!* — Que faz de bom aí, mana? — mudou rapidamente de assunto.

— Me preparando para dormir.

— Não acredito que vai ficar aí dormindo... Eu não gastei naquele salto lindo para isso.

— Eu já saí, já fiquei com um cara, mas vou dormir agora. Estou cansada e dolorida! — digo, já afastando o telefone do ouvido. Sei que ela vai surtar.

— Que cara? — grita estridente toda empolgada. Sabia que ia me deixar surda.

— Um ex-colega de turma... Lembra aquele que eu vivia escrevendo o nome no meu caderno, toda *apaixonadinha*?

Não me julguem.

— Alex? — Sua voz soou incrédula.

— Não, o Alex... — Resolvi não contar que ele faleceu. — Saí com aquele melhor amigo dele.

— Maximiliano Castelli? — gritou, dessa vez ainda mais alto. Uau. Que memória boa.

— Vai me deixar surda desse jeito.

— Lembro dele ser muito mais gostoso que o...

— Quem é muito mais gostoso? — Ouvi a voz rouca e sonolenta do Thomas perguntar.

Como ele consegue dormir com essa gritaria?

— Ninguém, Tommy, coisa de mulher, volta a dormir!

Comecei a rir. Esses dois ainda vão casar! Ele resmunga algo que não entendo, depois um longo silêncio.

— Telly? — chamo.

— *Hmmm...* — Ouço alguém gemer.

— Se vão transar, desligue o telefone, pelo amor, né gente.

— Não seja indiscreta *Smurfete*, não vamos transar... E você transou? Não me poupe dos detalhes sórdidos — pede toda empolgada.

— Saímos ontem para dançar e hoje transamos muitooo.

— Detalhes, Belly, quero detalhes! Ele tem um *rolão*?

Quase engasgo. *Que safada! E depois eu que sou indiscreta.*

— Não seja indiscreta, mana!

— Ah, sou sim, quero os detalhes comprometedores, quero as posições... já que pela sua voz foi muito bom. Está com voz de bem fodida.

— Foi tudo de bom, mas deixou um gosto de quero mais. — *Quero muito mais!*

— Vão sair de novo?

— Acho que sim. — Ouvir um gritinho extremamente agudo do outro lado da linha. — Vou esperar ele ligar. — Outro grito.

— Manda mensagem para ele. Você não é mulher de esperar ligação.

Isso é verdade, mas é o Max, não quero fazer a linha desesperada que vive atrás de reprises e recaídas enquanto ele se sente o fodão, rei do camarote.

— Quando o mel é bom, a abelha volta.

— No seu caso é Sansão, Mônica. Para pegar o Sansão, o Cebolinha sempre volta.

— Nem vem!

A desgraçada ri, não sei por que contei esse apelido para ela, faz tempo que ninguém me chama assim, mas é só falar do Max que começa a palhaçada.

— Sabe que te amo e lembre-se: xoxota é paciente, adora receber visitas!

— Também te amo e use preservativo, a mamãe tem um ataque se você aparecer grávida — digo.

— Não vamos fazer nada, Belly, ele está doente, sua pervertida.

— Sei, aham... Beijos!

Encerro a ligação e vou até a cozinha pegar uma boa fatia de bolo e suco de morango — *porque estou de dieta, né gente* — e volto para sala rindo. Falar com minha irmã é a melhor coisa do mundo. Uma pena a Letty ser tão distante de nós, seria incrível ter com ela a mesma cumplicidade, mas não podemos ter tudo.

Ligo a TV ainda pensando que jamais terei uma relação fraternal com minha irmã mais nova e de repente, meus pensamentos viajam levando até o Max, nas coisas que conversamos, no que ele contou sobre as tatuagens.

Quem será a garota para quem ele fez a tatuagem? E sua mãe falecida, será a adotiva ou a biológica? Coitado, a vida dele parece que também não foi nada fácil e só de pensar que no colégio ele era o palhaço da turma. É como dizem, nem todo palhaço é feliz.

Pego o celular. Nenhuma ligação ou mensagem. Era cedo para isso. Ele está trabalhando, disse que ligaria amanhã, não sei porque estou ansiosa por uma ligação. Ah, como eu odeio isso que eu estava fazendo. Esperando desesperadamente um homem me ligar no dia seguinte.

E eu achando que já tinha dormido com homens o suficiente para estar acostumada com a adaptação malfeita dos contos de fada, onde à meia-noite os homens viram abóbora e desaparecem sem deixar sinal de vida.

Qual é o problema dos homens? Nós também transamos sem compromisso. Também gostamos de ficar por ficar e principalmente de repetir uma boa transa.

— Belly Oliveira, pare de pensar nisso, está ficando ridículo. Você já teve transas maravilhosas antes e não ficou esperando ligação nenhuma — grito comigo mesma. — Pare com isso.

Ah, mas você não pode negar, quer ficar com ele de novo e deseja mais ainda que ele manifeste o mesmo desejo por você e para isso, ele precisa te ligar.

— É, você está certa... Espera, estou conversando sozinha... Já estou ficando louca, pior que minha mãe. Só pode ser cansaço, preciso dormir.

Peguei o celular, desliguei a TV e fui direto para o quarto, amanhã é um novo dia.

Acordei. Corri. Tomei café da manhã. Assisti. Almocei. Assisti. Esse foi o resumo do meu dia, tudo em modo automático, no mais profundo tédio e com o celular na mão esperando a maldita ligação. Não liguei, apesar da vontade de tomar a iniciativa e pedir bis, não dei essa ousadia.

No entanto, para minha surpresa, há alguns minutos achei o celular dele embaixo do sofá. Jesus que sabe como foi parar lá, mas procurando algo que já não lembro, achei. Tentei descobrir a senha para fuçar até encontrar algo comprometedor com o qual eu pudesse chantageá-lo e fazer dele meu escravo sexual, mas infelizmente não consegui descobrir.

Não sei se eu me preocupo com o infeliz por não ter vindo buscar o celular, afinal o pai dele ligou umas dez vezes nos últimos minutos. Deve ser importante. Não posso atender, a relação deles já não é boa, como vou explicar ele ter esquecido o aparelho celular na casa de uma foda? Melhor esperar ele dar sinal de vida e vir buscar o telefone.

Deito no sofá, pego o meu celular e vou cometer a pior merda da minha vida, mas vou ligar para minha mãe e perguntar como agir diante disso. Deus não permita que ela crie expectativas.

— Filha, estamos bem, vai se divertir! — falou tudo em um fôlego só, desligando em seguida sem direito a resposta.

Tornei a ligar. Dessa vez não dei tempo para ela se pronunciar, já fui gritando:

— Preciso de um conselho. — Ela fica muda. *Minha mãe calada? Será que enfartou meu Deus.* — Mãe? — Ela resmunga algo indecifrável. *Pelo menos está viva.* — Eu dormi com um cara ontem...

— Meu Deus — grita. *Pelo visto minha família não sabe reagir sem gritar* — Está grávida?

— Eu disse ontem, mãe, óbvio que não estou grávida.

— Pegou doença... Meu Pai do céu, vou ter um enfarte. — *Que drama.*
— Filha, quanto eu te falei das doenças, do tanto que te avisei para tomar cuidado... É HIV?

— Não! — grito. — Não estou grávida e muito menos com DSTs...

— Por que disse, então? — *Quando eu disse?* — Menina, não estou mais tão nova para trotes...

Pelo visto está ficando é abilolada.

— Mãe, só me escuta. — Aposto que ela revirou os olhos. — Eu dormi com um homem e ele ficou de ligar e até agora não ligou...

— Como a grande maioria, filha, faz tempo mesmo que você não tem um homem, nem lembra mais os maus costumes deles.

— E hoje achei o celular dele atrás do sofá... — Ignoro seu comentário. — Não sei o que faço, isso não para de tocar, parece ser

importante... — Olho para o celular dele que está em meu colo.

— É caro o celular? Podemos vender.

— Mãe! — grito, mas acabo caindo na gargalhada. Meu Deus, que mulher.

— Brincadeira. Ele vai aparecer, não seja desesperada, vocês ficaram ontem e já está nesse desespero todo.

— Não estou desesperada, só preocupada!

— Então você foi tão ruim que traumatizou o cara.

— Claro que não, foi bem gostoso e até fiz comida para ele.

— Se é assim, ele vai ligar, tenho certeza, se não for para você, vai ligar para o celular dele para saber onde perdeu... Deve ligar com outro número ou com o número de um parente, então, fique atenta.

Ops!

— Pode deixar, vou ficar atenta.

— Como é ele? É alto? Forte? Come muito ou é cheio de frescura? Conhecemos? — Ela parecia mais empolgada que a Telly.

Nossa eu estava encalhada mesmo.

— Lindo, sim, sim, come muito e sim, vocês conhecem é um ex-colega de turma... A Telly irá te contar detalhes.

— Isso depois de apanhar... Acredita que ela dormiu na casa daquele amigo de novo? Aí aparece grávida e eu que levo a culpa de não saber criar as filhas.

Dramática!

— A Telly é adulta e responsável...

— Adulta e responsável? Não me faça rir.

— De qualquer forma, ela sabe se virar. — *Espero que saiba.* — Voltando ao Max, já vou adiantando que ele é muito gostoso.

— Encontre ele e me avise. — *Começou.* — Mantenha ele interessado, sabe que vai fazer trinta anos e nada de casamento, nem sequer um *tico tico no fubá* você arranja, já, já nem netos vai poder me dar. Que desgosto, vou morrer sem um netinho...

— Mãe, te amo, tchau, o crédito acabou.

Desliguei sem esperar resposta e só depois lembrei que liguei a cobrar. Dona Amélia vai me matar pela mentira, mas ninguém merece a história triste e sem fim da solteirona, velha demais para ter filhos. Qual é? Eu só tenho 27 anos.

No mesmo instante o telefone do Max começa a tocar no meu colo e o nome "pai" brilha na tela.

— Alô? — atendo um pouco receosa. Se realmente for o pai dele, invento uma desculpa qualquer.

— Belly? — Ouço a voz do Max e solto a respiração que nem percebi ter prendido. — Esqueci a porra do celular na sua casa? Liguei mil vezes...

— Desculpe, não sabia que era você o tempo todo e só achei o aparelho agorinha, estava desligado...

— Tudo bem... Estava morto em duas horas se você não atendesse... — Ouvi um barulho do outro lado da linha ou ele caiu ou quebrou algo.

Afasto o celular rindo com a possibilidade do Max caído no chão de bunda, até esqueci de prestar atenção ao que ele dizia.

— Esse é meu celular da empresa, toda minha agenda está nele estaria fodido se não achasse... deveria ter ligado para mim.

— Como, gênio? Se seu celular está comigo.

— Te dei meu número pessoal... Não percebeu?

Olha só, ele tem dois celulares e não me ligou com nenhum.

— Não, eu não percebi... Por que ligou com o número do seu pai, então?

— É o meu número, só salvei com o nome pai... Deixa para lá, vou mandar minha secretária pegar com você, tem um puta projeto nesse celular, fiquei como um louco tentando refazer...

— Pode mandar quem você quiser vim buscar! — falei mais fria que a Rose em cima do resto do Titanic enquanto o Jack morria lentamente congelado.

Ele está me evitando, o que significa fase dois na escala de babaquice. Fase um: não ligar. Fase dois: evitar. Fase três: fingir que não conhece.

— Quer sair hoje? — perguntou, tentando ser sedutor. *Só pode estar de brincadeira, né filho da puta!* — Ou posso dormir aí...

Penso um pouco e decido que não. Não quero mais ele.

— Não, já tenho um compromisso para mais tarde — minto. — Melhor vir buscar logo a porcaria do seu celular antes que eu saia.

— Isso é uma iPhone importado de última geração, não o ofenda. — *iPhone importado? jura?* — Está zangada porque não liguei antes ou por eu não ir buscar o celular?

— Não estou zangada com nada.

— Está. — Suspirou. — Esqueci com tudo isso de ter perdido o celular. — *Devia ter rastreado, né inteligência pura.* — E estou meio atolado aqui no serviço... — *Achei que estivesse de férias.* — Mas liguei de qualquer forma. — *Para seu celular não para mim.* — Você está muito birrenta, Mônica. — *Não diga.*

— Max, preciso sair sem você. Afinal, não temos nada e eu quero aproveitar minhas férias com tudo que tenho direito e isso inclui sair com homens, no plural.

— Conversamos aí, chego em duas horas. Beijos. — Desligou como se eu tivesse dito: "*venha amor, estou esperando por você.*"

Esse homem me tira do sério!

Coloco outro tapete na sala — tirei o que estava para lavar — lembrando de tudo que fizemos ali. Não pude evitar sorrir recordando a sensação maravilhosa de tê-lo dentro de mim, da nossa pele quente roçando uma na outra e os olhos dele me admirando como se eu fosse a nona maravilha do mundo. Imediatamente meu corpo traidor reagiu a essas lembranças fazendo meu ventre contrair de excitação.

Quem eu queria enganar? Era com ele que eu desejava aproveitar minhas férias. Gostava de como me sentia quando ele estava perto. Gostava do jeito como me olhava, de conversar sobre tudo e nada ao mesmo tempo. Gostava da forma como eu era transparente ao seu olhar. E acima de tudo: fazer sexo com ele é coisa de outro mundo.

Aproveito que ele vai demorar, faço uma torta de liquidificador. Amanhã terei que fazer compras e controlar o Max ou vou gastar uma fortuna em comida.

Minutos depois, ouço o barulho do portão e logo em seguida batidas na porta. Assim que abro me deparou com um enorme buquê de rosas vermelhas, uma boneca Mônica bebê e uma barra de chocolate de 1,80m de altura...Ok, ele é a barra de chocolate e está delicioso em uma roupa social, dando uma pequena amostra de como seria o Maximiliano CEO.

My God, é a personificação de um dos meus fetiches bem na minha frente.

Max joga o buquê no chão — *que romântico* — me pega no colo prendendo meu corpo entre a parede e o seu. Segura firme meus pulsos acima da minha cabeça enquanto sua boca se apossa da minha em uma confusão de língua, dentes, mordidas. Mãos em todas as partes apertando, arranhando, me deixando enlouquecida e necessitada.

— Saudades desse seu corpo gostoso... — Desceu a boca arranhando meu pescoço com a barba. — Do seu beijo, do seu cheiro...

— Tanta saudade que nem queria vir buscar o celular... — resmungo ofegante, bastante afetada pelo desejo. — Eu não vou casar com você só porque ficamos, Max, não precisa fugir de mim.

— Eu sei... — Enterrou o rosto na curva do meu pescoço. — Pretendia vir aqui, mas meu pai fez um inferno pelo projeto que está no celular que acabei esquecendo, nem lembrava onde deixei o celular... — Ele respirou fundo, deslizando o nariz até meu ombro, deixando beijos molhados por todo o caminho. — Esquece isso — Mordeu meu ombro, se afastou um pouco de mim e retirando os cabelos do meu rosto completou olhando em meus olhos —, hoje vim dormir com você.

— Max...

— Não ouse me expulsar, só me alimente, faz 10 horas que não como nada e estou sentindo um cheiro tão bom — começou a farejar. — Parece torta de frango com bastante queijo e linguiça.

Uau. A fome dá superpoderes.

— Fareja bem, hein, *Super Dog!* — brinco entre risos.

— Vou te mostrar o *Super Dog* depois... — brincou, acertando um tapa em minha bunda me deixando ainda mais molhada com as promessas por detrás de suas palavras.

Ah se ele soubesse que adoro um sexo selvagem *a lá* BDSM nem batia assim na minha bunda ou talvez batesse com mais força... Eu ia adorar!

— Sua torta está queimando — sussurra aproximando a boca da minha orelha.

— O quê? — Demorou até eu entender que... *Putz, esqueci a torta no fogo.*

Desci do colo dele correndo direto para o forno ver o estrago na minha torta maravilhosa. Respiro aliviada ao perceber que só queimou um pouco embaixo, dará para comer à vontade.

E o Super Dog com seu super olfato salva o dia!

Assim que coloco a torta na mesa, Max entra na cozinha jogando o buquê no chão. Novamente.

Reviro os olhos. *Homens!*

— Max, já pensou em me entregar as flores para eu colocá-las em um vaso?

— São flores, elas devem gostar de ficar no chão, afinal, elas nascem e morrem nele. — Deu de ombros. — Mas sua Mônica bebê deixei no sofá e... — Deu uma volta. — O chocolate também é todo seu, aproveita.

Olho séria para ele por alguns segundos, mas termino caindo na risada. Ele é inacreditável, chegou há pouco e já me faz rir a todo instante feito uma boba... Isso não será bom se eu não for a dona da situação. Max já demonstrou que sua liberdade é o mais importante então, eu preciso dar o troco e mostrar que não vou ser sua marionete, que quem manda nesse nosso *caso* sou eu.

Max, Max, por hora você está perdoado do vacilo, mas vou fazer você comer na palma da minha mão.



CAPÍTULO 8

TODO SEU

— De qualquer forma vou guardar as flores em um jarro... — digo pegando o buquê do chão e algumas pétalas caem. — Ou pelo menos o que sobrou delas.

— São suas, faça o que quiser com elas! — responde beliscando a torta quente.

Esfomeado!

— Obrigada, eu acho... mas não traga flores se vai jogar assim, na verdade, eu nem gosto de rosas.

— Você não gosta de nada, Mônica.

— Gosto de muitas coisas, inclusive de uma coisa que cresceu naturalmente como as flores, mas só que em você. — Olho diretamente para o seu *amigo*, mordendo o lábio para que ele entenda a referência.

— Bom ver que você não está mais brava comigo.

— Foi por isso que trouxe flores e um brinquedo de criança? Acha que estou brava?

— Trouxe porque sou romântico e gosto de agradar as mulheres — diz assoprando os dedos.

Percebe-se, mui lomântico você!

— Eu não estava brava — *não muito* — e não seria isso. — Bato com as flores na cara dele, enquanto completo: — Que mudaria caso eu estivesse brava.

— O que mudaria? — pergunta, tomando o buquê da minha mão.

— Sei lá... — *Um Kindle, uma lamborghini, você queimando em uma fogueira ao som de Celine Dion.* — Mas flores eu garanto que não.

— Está bom, eu descubro depois, já que você vive brava. — Revirou os olhos arrastando a cadeira para sentar. — Vamos comer agora... estou com muita fome para argumentar.

Novidade!

— Pode comer, mas só porque você já viu que tem comida, depois vaza, vou sair.

Sair daqui direto para minha cama, mas ele não sabe e preciso colocar meu plano — Max comendo na minha mão — em prática. Vamos ver o quanto

você é possessivo Maximiliano Castelli.

— Vai sair com quem? — Ficou de pé escorado na mesa de braços cruzados.

Se está querendo me intimidar não vai conseguir. Não depois de tudo que já passei nessa vida.

— Vou sair com...

Fui interrompida por batidas na porta. Será que é dona Márcia? Merda. Não quero mentir para ela, nem quero que diga nada sobre mim para o Max. Às vezes parece que ele sabe demais para alguém que não tenho contato há anos e eu não gosto disso.

— Você realmente tem outro cara? — Sua postura contida ao pronunciar essas palavras só revela uma coisa: ele está muito puto.

E eu não sei o que responder já que, na verdade, não tenho outro cara, nem estou esperando visita. A única coisa que eu tenho é uma passagem direta para o inferno por ser uma mentirosa de terceira categoria.

— Pois bem, agora vou descobrir quem é ele.

— Espera...

Max se adiantou caminhando a passos longos em direção a sala e antes que eu pudesse me mexer para tomar alguma atitude, ele abriu a porta, meu queixo foi ao chão quando vi um loiro lindo parado na frente da porta. Só conseguir pensar:

Que não seja cobrança!

— Belly Oliveira? — perguntou, olhando diretamente para mim com incríveis olhos castanhos *mega* claros, que ficariam lindos em mim.

Necessito comprar uma lente nesse tom.

— Quem é você? — Max ainda segurava a porta. — Quer saber, não importa, ela não vai mais, tchau! — Bateu a porta com tanta força que eu ouvir as paredes gemer de dor.

Será que Deus ouviu minhas orações e o homem da minha vida resolveu aparecer justo na hora que estou me divertindo com um homem errado tão gostoso? Que injusto!

— Max! — grito, andando virada no samurai até a porta.

Empurrei Max da minha frente e abri novamente a porta sorrindo para o loiro que parecia não ter entendido nada.

— Você é ou não a Belly Oliveira?

— Depende. — Sorrir sedutora. — Se for coisa boa... — Olhei o loiro

de cima a baixo com a sensação de conhecê-lo de algum lugar. — Sou eu, se for cobrança... — Apontei para trás com um polegar indicando o Max. — É ele! — Ouvi Max resmungar, mas nem olhei para trás. Deve estar soltando fogo pelas ventas.

Isso pode ser bom. É a chance perfeita para colocar meu plano em prática.

— Minha mãe mandou eu...

— Me buscar para a festa... — interrompo. — Estou quase pronta, benzinho. — *Benzinho, Belly, sério? Assim da bandeira.*

— Benzinho? Que coisa ridícula — Max grita gargalhando e sou obrigada a concordar com ele. Foi ridículo mesmo.

— Festa? Benzinho? Não, ela pediu para... — Aproximei mais dele, abraçando sua cintura.

— Entra no jogo, por favor — pedi entre dentes.

Ele é mais baixo, mais magro e aparentemente bem mais novo que o Max, mas seu corpo é definido, eu podia sentir. Sua pele é bronzeada e o melhor, é muito cheiroso. Deslizo as mãos por suas costas até a bunda beliscando. Max também ganha nesse quesito e sim, eu estava tirando proveito da situação. Espero que pelo menos ele seja maior de idade, é bem gostosinho, pode rolar algo entre nós caso eu decida cortar relações com Max!

— Querem privacidade para continuar com a palhaçada? — Ouvi Max bradar, por um momento esqueci dele e mesmo com sua voz furiosa não me afasto do meu novo amigo.

— Daqui a pouco teremos privacidade, vai terminar de se arrumar, gatinha. — Segurou minha cintura, beijando minha bochecha. Gostei desse loirinho.

— Ela não vai para lugar nenhum com você. — Max me puxa pelo braço. — Já deu desse circo.

— Claro que vai — gritou o loiro me puxando também.

Eu tinha que filmar essa cena, Telly não vai acreditar, dois homens lindos brigando por mim. *Chupa Beyoncé!*

Agora sei como a Bella, do Crepúsculo, se sentiu em ter que escolher entre o lobo e o vampiro. É difícil e faz um bem danado para o ego.

— Calma, meninos... — *Tem Belly para todos.*

— Mônica, você não vai para lugar nenhum com esse mané aí.

O rosto e a postura do loirinho mudaram de divertido com a situação

para "*opa ninguém me xinga de mané*". Vixe, tomara que a coisa não fique séria e eu tenha que apartar uma briga.

— Mônica? Pode ficar com essa tal Mônica, a Belly vem comigo — Puxou-me com firmeza, apertando seu corpo no meu e só lamentei ele não estar excitado, ia adorar sentir seu membro.

— É Max, fica com a Mônica... — Desvencilhei dos braços do loiro, caminhei até o sofá e peguei a Mônica bebê que o Max trouxe de presente. — Só toma cuidado que ela é menor de idade — completo, com uma piscadela entregando a boneca para ele.

— Belly, você não quer jogar esse jogo comigo. — Sua mandíbula estava travada de raiva.

Acho que ele é possessivo o suficiente.

— Não, você que não quer jogar comigo. — Aponto para ele. — Não temos nada, Max... Deixou claro que para você eu sou insignificante.

— Para de bobagem e dispensa logo esse merda... — grita. *Opa! Abaixa a bola aí.* — Sei que vocês não estão juntos, primeiro você está vestida para dormir, não para sair e segundo, não teria me beijado daquela forma quando cheguei se não me quisesse.

— De que forma? — pergunto no mesmo tom dele.

Retorno para perto do gatinho que parecia se divertir novamente com o chilique do Max, apesar do novo xingamento. Apoiei a mão no peito do garoto, puxando seu pescoço para mais perto, fiquei na ponta do pé trilhando um caminho de beijos por seu pescoço até quase a boca do loiro — que não sei o nome e nem posso dar bandeira de perguntar — ia beijá-lo, mas ele sibilou "*tenho namorada*" e quando vi, já estava sendo puxada pelo Max, tão rápido e firme que nem deu para reagir a essa nova informação.

— O que você quer provar com esse show, Belly?

— Que eu sou tão livre quanto você e não vou chorar se você não me ligar amanhã como não ligou hoje e ainda ter a audácia de aparecer aqui com presentes, querendo comida e sexo como se eu fosse obrigada — falei tudo em um só fôlego. — Tenha santa paciência, né Max, não sou suas roupas.

— Não fala assim, não é isso, gosto de estar com você... Disse que não estava brava.

— Eu vou deixar vocês terem essa DR a sós...

— Não estamos tendo DR nenhuma! — gritamos juntos.

— De qualquer forma, vou deixar vocês a sós. Belly, minha mãe falou

para você não andar sozinha a noite nem correr tão cedo como hoje pelo bairro. Está muito perigoso *para você*.

"Para você" eu sei o significado desse *para você*. Significa que os homens que odeiam meu pai sabem que estou aqui e que o novo *bam-bam* da área também sabe e para minha integridade física, não é nada bom. Se eles me pegarem depois do perdido que dei neles, me matam, na melhor das hipóteses.

Esses caras também não esquecem, a dívida foi com o antigo dono da área, nada a ver com eles, mas pela quantia ser alta, acham que devemos pagar, como se tivéssemos ao menos metade do dinheiro que devemos. Eu seria rica se tivesse, mas isso não quer dizer que eu não vá pagar a dívida. Eu vou pagar, só não tenho o dinheiro ainda. Que culpa tenho se os juros são altíssimos? Impossível juntar uma quantia que cresce todo dia.

— Obrigada, eu vou tomar cuidado. — Despedi dele acenando. — Na próxima te convido para entrar, Fábio. — Brinco para aliviar o clima.

Ele sorri concordando. Lembrei dele assim que ouvi o recado, é o filho da Dona Márcia, quando fui embora era só um menino. Cresceu e evoluiu muito e infelizmente, deve ter uns dezessete anos. Uma pena.

Fechei a porta encostando nela, minhas mãos e pernas tremiam. Eu não devia ter vindo para cá. Foi arriscado, foi muita burrice da minha parte. Esfrego a testa tentando raciocinar com clareza, senão pego minhas coisas e vou embora daqui agora mesmo. Antes uma rotina chata, do que umas férias dolorosas.

— Que houve, Mônica? Está pálida. — Só quando Max surgiu na minha frente me abraçando apertado que lembrei da presença dele e quase me permiti gostar de estar ali em seus braços, sendo apoiada e protegida por ele, mas eu não podia me dar esse luxo.

— Nada... — Afasto dele. — Só estou cansada.

— Ficou com medo, não foi?

Como ele faz isso? Ler-me assim tão bem. Como se eu fosse seu livro favorito que não se cansa de reler.

— Sim — confesso —, afinal, estou sozinha nessa casa e o bairro realmente está mais perigoso do que pensei.

— Agora eu estou aqui e — beijou meus cabelos —, se quiser pode fica na minha casa enquanto estiver na cidade, o bairro lá é muito tranquilo.

Eu na mesma casa que o arrogante prepotente do pai dele? Prefiro enfrentar um esquadrão de terroristas sozinha.

— Melhor não.

— Não vai mudar nada entre nós. — *Nós temos algo? Nem pense em acelerar, coração, deixe as expectativas para minha mãe.* — Sei que fui um idiota hoje, disse que ia ligar e não liguei... mas gosto de você e quero continuar te conhecendo melhor...

— Conhecendo melhor? — *O que será que isso quer dizer.*

— Conhecendo melhor, rolo, ficada, caso, amizade colorida... Não importa o nome, o importante é ter beijo — segurou meu rosto entre as mãos e beijou meus lábios — e...

— Sexo!

— Eu ia dizer você na cozinha, mas isso também.

Bati em seu peito rindo.

— Idiota!

— Quer uma massagem? Você está muito tensa. — Começou a apalpar meus ombros. — Posso cuidar de você todinha hoje, conheço massagens muito boas usando várias partes do corpo. — Mordeu o lóbulo da minha orelha. — Posso fazer com as mãos, com os pés, com a língua e você só tem que relaxa e apreciar.

Fechei os olhos, uma proposta tentadora.

— Eu vou adorar, mas antes — afasto-me —, vamos comer que além de queimada, torta gelada é demais para mim.

— Depois eu que sou insaciável.

— Você é insaciável — grito puxando ele de volta para cozinha. — Me ajude a colocar a mesa que não sou sua empregada.

Ele bate em minha bunda e vai pegar pratos no armário. Com maestria coloca a mesa. Olha, sinceramente esperava que ele nem soubesse colocar dois pratos na mesa, mas sabe e muito bem. Esse homem é uma caixinha de surpresas.

E mais uma vez ele me serviu para aproveitar e ficar com o maior pedaço da torta.

— Você é impossível...

— Impossível? Não, eu sou fácil, muito fácil! — brincou.

O celular dele começou a tocar e foi assim por vários minutos. Comemos com a trilha sonora da companhia do celular dele, que de maneira irritante não parava de tocar.

— Pode atender essa coisa, deve ser importante, depois lave a louça —

falei levantando.

Ele segurou meu braço me impedindo de sair, simplesmente digitou algo e desligou o aparelho, guardando no bolso em seguida. Não sabia ao certo o que ele fazia, mas com certeza era administrador da empresa do pai, já que foi isso que ele se formou.

Eu sinceramente não conseguia imaginá-lo de terno, concentrado em papéis importantes atrás de uma mesa de escritório falando sobre balanços e sei lá mais o quê, porém, de acordo com minha imaginação sexy e os romances que leio, é algo bastante excitante.

Humm... será que se eu pedir para ele usar o terno e a gravata e fingir que está em seu escritório trabalhando, ele faria? Preciso começar a pôr em prática meus fetiches com ele... Se seu celular deixar.

— Era da empresa?

— Não, é só meu pai enchendo o saco! — falou abraçando minha cintura por trás e beijando meu pescoço.

Esse gesto tão comum durante uma conversa banal do dia a dia fez com que eu imaginasse ele repetindo várias e várias vezes essa cena por muitos dias, meses, anos.

Recuo abruptamente como se tivesse levado um choque. *Estranho!* Não sou emotiva e nem sou de me apaixonar rápido. Não acredito em amor à primeira vista e não sou romântica, só transamos ontem. E o Max é o Max. O cara que implicava comigo no colégio me chamando de nanica, *bravinha*, baixinha, dentuça e gordinha. Que até uns dias atrás eu nem pensava em reencontrar. Um completo idiota que leva tudo na brincadeira... Talvez seja isso, ele implicava, mas me fazia rir. Sair do mundo. Deve ser por isso que me sinto à vontade com ele e fantasio coisas.

— Que foi? — perguntou me encarando. — Está estranha hoje.

— Deveria ter atendido, não quero atrapalhar seu trabalho.

— Não se preocupe, é só meu pai que quer arruinar minhas férias, minha vida...

— O que você faz na empresa?

— Basicamente faço mais do que deveria, sou escravo do meu pai — apesar de todo o debocho e sarcasmo, a mágoa é nítida em suas palavras.

— Ele pega muito pesado com você? — Deslizei minha mão por sua garganta até a nuca.

— Muito pesado é eufemismo, ele me massacra, você lembra como

era no colégio. — *Infelizmente, eu lembro.* — Ele está sempre me cobrando, querendo uma disciplina que eu jamais terei... — Respirou fundo me abraçando, beijando. Odeio quando ele faz isso. — Vamos para o quarto. Já deu desse assunto, você tem que aproveitar que hoje sou todo seu.

— E o projeto? Não era caso de vida ou morte?

— Enviei por e-mail para minha secretária. — Puxou meu cabelo. — Todo seu.

— E se eu não quiser sexo hoje? — Indaguei sentindo o cheiro dele me invadir com a proximidade de nossos corpos.

— Você quer! — *É, eu quero.* — Caso não queira vai ter que dividir a cama comigo do mesmo jeito, me recuso a dormir sem você.

Quando Max quer, sabe ser romântico e dizer tudo que agrada uma mulher, ou seja, ele é um perigo para minha sanidade.

Não posso cometer o erro de me apaixonar por ele.

— Eu quero mesmo, quero muito fazer sexo com você.

— Sala ou quarto?

— Quarto!

— Antes ou depois de comer?

— Acabamos de comer Max... — Revirei os olhos.

— Brincadeira.

Ele mordeu minha orelha se esfregando em mim, roçando a boca no meu pescoço enquanto sua barba arrepiava meu corpo. A fome dele agora é por mim.

— Então pretende estar comigo esses dias que ficará na cidade?

— Por que não? Estou com preguiça de achar outro cafajeste tão bom de cama quanto você.

— E o loiro menor de idade? — pergunta desconfiado.

— É filho da minha tia, não íamos sair, só estava...

— Brava! Te entendo, mas vou me redimir, que tal ficarmos na minha casa? — Olhei para ele em um aviso claro de não retorne a esse assunto. — Mônica, vai ser melhor para sua segurança ficar lá, toda vez que chego aqui parece que vão me assaltar, tive que mudar de carro e andar sem relógio, mesmo não tendo pinta de rico eles me olham estranho. Sem falar que uma pesquisada básica e descobrem até o faturamento mensal das empresas Castelli e aí, é ruim para nós dois.

A preocupação dele comigo é encantadora, mas eu não posso passar quinze dias na casa dele. Primeiro, minha mãe me mataria se descobrir, transa ela *super* apoia, mas tem que ser em um ambiente impessoal, na casa de uma das partes para ela é coisa de namoro sério. Dormir e acordar por dias ao lado da mesma pessoa, para minha mãe é casamento.

Em segundo lugar tenho medo de gostar da cama, da rotina e da presença diária dele. E em terceiro o pai do Max, com toda sua pompa de rico, me deixa com os nervos a ponto de dar na cara desse filho da mãe.

— Depois com calma falamos sobre isso... — Tomei impulso, entrelaçando meus braços em seu pescoço e minhas pernas em seu quadril. — Agora quero você — digo bem próximo da sua boca.

— Estou bem aqui, sou todo seu, é só você pegar.

Sussurrou olhando nos meus olhos, mordeu meu lábio e em minutos estávamos transando no chão frio da cozinha.



CAPÍTULO 9

UM HOMEM MUITO MORTO

Por alguma razão essa noite sonhei com minha infância. Provavelmente é essa casa ou o perigo eminente que fez eu recordar esse período tão conturbado da minha vida. Estar aqui, mesmo que eu não queira admitir, mexe comigo.

Essa foi a casa que eu mais morei quando criança. Nunca foi um lar, mas chegou perto. Minha mãe só mudava dessa casa para morar com um novo marido — a casa ficou para ela no primeiro divórcio com o papai. Como seus casamentos mais duradouros foram exatamente com o ex-dono da casa, era aqui que ficávamos "*esperando*" ele voltar.

Sei que *painho* não tem culpa de ter nascido com distúrbios e nem culpo minha mãe por ter escolhido ficar ao lado dele aguentando tudo mesmo quando ele não a queria. Ela se apaixonou e engravidou muito nova, ainda uma adolescente sonhadora em casar, envelhecer e morrer ao lado do primeiro amor adolescente e acabou deixando isso ser tudo em sua vida.

A doença e os vícios de meu pai refletiram em todos nós e isso virou nossa vida, rotina... Acho que por isso os outros casamentos não deram certos. Ela se divorciava do meu pai, mas no seu interior continuava casada com ele e acho que até hoje é assim. Apesar de nunca falarmos sobre o passado, sobre meu pai, ela aparentemente desistiu de ter o tão sonhado casamento "*até que a morte nos separe*". Isso seria ótimo se mamãe não tivesse transferido a responsabilidade para as filhas. Coitada, mal sabe ela que somos da mesma safra ruim de espermatozoides.

"*Safra dos incansáveis*".

Ah, como eu queria que depois de tantos casamentos mamãe não acreditasse, mas nesse negócio de casório, aliás, até hoje me pergunto como fracassar em onze casamentos e terminar viúva/divorciada a pessoa acha as mil maravilhas casar, ainda por cima sonhar com véus, alianças, vestidos de noiva e flores de laranjeira. Como continua a acreditar em um casamento à moda antiga como o dos meus avós depois de onze casamentos?

Meus avós se casaram ainda na adolescência e morreram juntos velhinhos em um acidente de avião. Juntaram dinheiro por anos para fazer uma viagem para Itália. Saíram para comemorar Bordas de Diamante e nunca mais voltaram. Minha mãe costuma dizer que se apenas um morresse o outro não seria capaz de viver. Não eram duas metades. Um era a extensão do outro.

Inseparáveis. Por isso ambos viveram e morreram juntos, mesmo com todos os problemas da vida a dois. Como se até a morte não fosse capaz de separá-los.

O casamento dos meus avós maternos não era do tipo conto de fadas: chega um estranho, nem pergunta o nome nem nada, dá um beijo de amor, casa e "*viveram feliz para sempre*". Fim, mas sim, um casamento cheio de altos e baixos que apenas fortalece o amor, o companheirismo e a lealdade entre o casal. Que gosta do outro mesmo cheio de defeitos e admira as qualidades. Que é lembrado e sentido até depois da morte.

Percorro com os olhos, percebendo que mesmo cansada acordei no mesmo horário de sempre. Hoje não sou mais criança e nem estou dormindo com meus irmãos ou com minha mãe, mas estou novamente nessa casa. Onde tudo parece parado no tempo. A casa continua do mesmo tamanho, da mesma cor, com a mesma atmosfera, no fundo, se parece comigo.

Eu não reclamo de tudo que vive e fiz. Tudo que vivemos no passado faz quem somos no presente. Molda nossos gostos e vontades. Solidifica o caráter, nos torna mais fortes. E mesmo não realizando meus sonhos ou minhas expectativas. Eu sou honesta e estou viva, tudo pode acontecer. Um belo dia eu posso acordar uma chefe de cozinha famosa com seu próprio restaurante ou só uma simples cozinheira em uma cantina escolar. O importante é amar o que faz e eu amo cozinhar, apesar de não trabalhar com isso.

Viro na cama para admirar o *nego* gostoso que dorme ao meu lado. Quase ri ao sentir uma pontada de dor nas costas. Max e eu queríamos testar novas posições e não deu muito certo. Acabei caindo e acertando em cheio minhas costas na cadeira, nem tente imaginar que posição era, até porque nem eu sei. O idiota começou a contar sobre suas facetas e eu queria dar uma de "*rainha manjadora do Kama sutra*" e me dei mal. Nossa noite terminou com ele fazendo massagem rindo da minha desgraça, completamente nu, enquanto eu gemia de dor.

A vida gosta de me surpreender principalmente se for surpresas desagradáveis.

Fiquei por um tempo sentindo o calor que emana do corpo ainda nu do Max. Aliso o braço forte contornando seus músculos que me abraça, sentindo sua mão que passou a noite toda, e ainda estava, segurando meu seio, mas confesso, a parte que eu mais gostava era da sua ereção me cutucando, a cada movimento que eu fazia ela se tornava mais presente e tentadora. Costumo chamar essa posição de conchinha safada. Por razões óbvias.

Eu não queria estragar esse momento, porém precisava levantar.. mas a

sensação de intimidade ao dormir agarrada a ele é maravilhosa e perigosa ao mesmo tempo.

Mainha diz que há duas for, mas de amar: a que te faz sofrer e a que te faz sonhar. A primeira é morna. Cansativa e propensa a terminar mal e a outra te faz acreditar que está sempre fora do mundo real. Intensa. Viva e com a mesma intensidade que alegre, dói.

Eu já vivi a primeira e não sei se quero viver a segunda. Não me sinto pronta para ser tão de outra pessoa ao ponto de dividir minha vida com ela de forma incondicional.

Caramba, eu estou ficando uma retardada sentimental. Meu comportamento está o extremo. Sinal disso é toda essa baboseira que estou pensando e aquela minha cena com o Fábio para provocar o Max? A troco do quê fiz isso? Eu não quero relacionamento sério, só curtir o momento. Está bom que gosto de ser exclusiva e de homens que diz que vai ligar no dia seguinte e realmente liga, mas preciso controlar meus impulsos ou vou acabar agindo feito uma louca desesperada.

Tento sair da cama sem fazer barulho para não despertar Max, mas ele acaba acordando assim que retiro sua mão do meu seio.

— Só mais seis horas... — resmunga de olhos fechados brincando com meu mamilo. *Safado!* — Meu celular nem despertou ainda... — Pega o aparelho com a mão livre embaixo do travesseiro e quando olha o visor salta na cama como se tivesse cobras nela. — Caralho já são cinco horas da tarde!

— É cinco da manhã Max. — Tento levantar, ele impede olhando novamente o visor, com certeza para conferir se era isso mesmo.

— E porque está me acordando às cinco da manhã sem estar morrendo ou em trabalho de parto?

— Não te acordei, só queria sair da cama, aí você acordou.

— Por quê?

— Porque você estava me segurando e sempre acordo cedo.

— Dorme, está muito cedo e fomos dormir tarde. — Deitou novamente me puxando.

— Não, Max, eu gosto de acordar cedo.

— Você é humana?

— Sou humana, tenho gostos e hábitos como todos os humanos e um deles é acordar cedo.

— Dá vontade de ficar na cama só de ouvir essa bobagem, imagine

tentar acordar às cinco horas da manhã? Da manhã!

— Força de vontade é tudo, Max.

— Por isso vou ficar na cama, essa é a minha vontade.

— Que horas você vai embora?

— Não sei, depende do que você vai fazer para o almoço. — Beijou meu ombro. — Ainda sente dor?

— Muita e por sua culpa, você que me obrigou a fazer aquela posição idiota. — Belisco seu braço.

— Eu te obriguei? Eu disse que você não conseguiria.

— Exatamente, me obrigou a mostrar que eu consigo sim... Você que não me segurou direito.

— Primeiro você não consegue, provamos isso ontem. Segundo, a garota era contorcionista e mais leve que você, aceita!

Mais leve?

— Se estou muito pesada para você — aproximei minha boca da orelha dele —, divide com outro.

— Não se preocupe — jogou-me na cama deitando por cima de mim —, já percebeu que eu gosto de comer muito!

— Idiota cuidado! — grito socando seu peito ao sentir uma pontada forte de dor. — Passa o dia aqui comigo, preciso de mais massagem... — Pedi fazendo biquinho. Geralmente a Telly e os bebês conseguem tudo que querem fazendo isso.

— Seu desejo é uma ordem. — Beijou meu biquinho. — Vou até me preparar psicologicamente para ouvir meu pai encher meu saco.

— Essa é a parte ruim de ser filho único. — Prendo minhas pernas em volta do seu quadril. — Fica com a cobrança dos pais toda nas costas.

— Não sou filho único. — Esclarece mordendo meu queixo. — Sou só o único homem, tenho quatro irmãs.

— Adotadas também? — Indago surpresa. Sinto ele fica rígido em meus braços.

— Não tenho irmãs adotivas. — Solta de mim e ri sem humor. — Eu não sou adotado, Belly. — Afirmou categórico. Seu olhar agora me encara indecifrável. Ficou em silêncio por um tempo, então com um longo suspiro completa. — Sou só negro.

Essa revelação me deixou desconcertada, sempre acreditei que ele era adotado por vários fatores: por ser muito diferente fisicamente do pai. Pela

forma como o pai tratava ele na frente de todos. A rejeição, o descaso, a indiferença entre os dois... tudo me levou a crer que ele era adotado.

— Desculpa, Max... — Sento na cama jogando os cabelos para o lado. — Mas você e seu pai não são parecidos em nada, sempre fala dele de forma tão distantes e também...

— Todo mundo acha que sou adotado. — Sua voz sai carregada de rancor. — É estranho negro rico sem ser bandido. É bizarro negro filho de branco bacana, só pode ser caridade. Negro em mansão ou invadiu, ou está roubando ou é o empregado. Já fui confundido diversas vezes com o motorista da minha casa ou com um assaltante...

— Não quis ser preconceituosa. Não sou preconceituosa, desculpa se ofendi você... mas pelo amor de Deus, não tem nada a ver com sua cor. — Afirmo já exaltada. — Foi só uma conclusão infundada... Teve uma vez quando estudamos juntos e você jogou chiclete no cabelo da professora — levantei da cama rindo com a lembrança, mas ele permaneceu, acreditem, sério. — Uma senhora foi ao colégio, como sua responsável e ela disse não ser sua mãe e que te criava como filho. Já achava que era adotado pelos fatos já mencionado e isso para mim foi a confirmação. Desculpa se pensei como a maioria e ti ofende. Não foi minha intenção.

— Provavelmente uma das minhas milhares de madrastas insuportáveis, sou fruto do primeiro casamento do meu pai. Minha mãe morreu vítima de um câncer de mama antes mesmo de eu te conhecer. Ela era negra por isso sou negro, tenho mais uma irmã negra e ainda assim somos tão filhos do meu pai quando as filhas brancas do segundo casamento dele. Tenho cinco exames de DNA que comprovam isso.

— Eu acredito que você é filho dele e sinto muito por tudo... — Aproximei dele o abraçando. — Desculpa novamente, não queria...

— Vou tomar um banho. — Avisa se desvencilhando dos meus braços mais frio e rígido que o iceberg que afundou o Titanic.

Droga! Eu deveria ter ficado dormindo. Agora mesmo sem querer acabei magoando ele. Como eu ia saber dessa história toda? Anos estudando juntos, na mesma sala e não sabia nada sobre ele. É tão estranho e ao mesmo tempo tão irônico que nos últimos dois dias descobri mais sobre ele do que em sete anos estudando no mesmo colégio.

A vida deve ser costureira, porque é cada peça que ela prega na gente.

Penso em ir tomar banho com ele, mas prefiro deixar para conversar mais tarde depois do café quando ele estiver satisfeito e de bom humor.

Já estava me vestindo para colocar meu plano de desculpas em prática quando o celular dele, o pessoal imagino, começa a tocar perdido na cama. Algo me diz para ignorar o aparelho e ir para cozinha fazer um café da manhã delicioso para redimir minha *cagada*, mas a curiosidade e a ânsia de falar umas verdades para o pai dele me venceu, e quando dei por mim já estava com o aparelho na mão, com o coração acelerado, a ponto de ter uma parada cardiorrespiratória quando li o nome que brilhava na tela. Não era o pai dele. Era o prelúdio de sua morte.

— Max, Max você é um homem morto! — falei pausadamente, apertando com força o aparelho, que ainda tocava, entre minhas mãos. — Um homem muito morto.



CAPÍTULO 10

MARE DE AZAR

Em um dia de chuva sentada no sofá da sala, antes mesmo de ter meu primeiro namorado, *mainha* disse mais uma de suas frases que sempre guardo na memória, já que ela faz questão de lembrá-las todos os dias.

Basicamente disse que existe dois tipos de mulheres: as que estão ao lado e as que estão atrás de um homem.

As que estão ao lado é a oficial. A mulher que bate de frente sem medo tendo ou não um relacionamento e a outra é quem se sujeita a eles. Posso até não ser oficial, mas não me sujeitaria nunca a um homem, seja como amante seja como submissa a seus caprichos, mandos e desmandos e jamais, sob circunstância alguma, aceitaria que um me colocasse nesse papel. E o Max cruzou essa linha uma única vez na vida.

Penso em andar até o banheiro e jogar com bastante força o celular na cara daquele desgraçado, mas desisto. Ele foi tomar banho magoado, deve estar remoendo a história dele ser adotado, os preconceitos que sofreu. Prefiro esperar. Vou pegar ele de surpresa e desarmado. Assim que ele atravessar a porta do quarto, vou pular no seu pescoço com uma chave de braço ou de pernas e sufocá-lo até a morte.

Esse seria um excelente plano, se ele não demorasse tanto no banho ou eu não estivesse tão nervosa para esperar. Começo a andar de um lado a outro do quarto conversando sozinha. Tenho certeza que está saindo labaredas de fogo dos meus pés, dos meus olhos, do meu nariz e da minha testa. De todo o meu corpo. Eu sou o próprio tocha humana ou a *Lavagirl* de tanta raiva. Só falta eu ficar verde e virar o incrível Hulk!

— Ah Max, eu vou fazer picadinho de você. — Prendo meu cabelo em um coque alto. — Eu vou arrancar seu pau e guardar em um pote. — Aperto as mãos em punho. — Não, eu vou te enterrar vivo ou melhor, eu vou te queimar vivo ao som de *Sia*, vou mostrar como fogo encontra gasolina em um grande "*kbum*". — Sorrio diabólica.

Visto uma camisola, sem chance de discutir com ele novamente nua. Solto meu cabelo. Prendo novamente e nada dele aparecer, então desisto de esperar. Ouço a merda do celular tocar me lembrando a todo instante que além de uma vadia mentirosa, sou uma completa idiota.

Caminho com tanta força até o banheiro que quase sinto o chão ceder sob meus pés. Entro com tudo, o box está aberto e ele está de olhos fechados

sentindo a água quente. Perco-me um pouco com a imagem dele nu, molhado, hipnotizada pela gostas percorrendo sua pele negra, que quando a porta se choca contra a parede em um estrondoso baque, ele pula assustado me fazendo retornar a realidade.

Nem pense em ficar excitada por esse imbecil, a partir de hoje, para você, ele é um vegetal.

— Caralho, Mônica! Quer me matar de...

— Quero!

Nem deixei ele terminar, enfurecida, miro o murro bem na cara dele e na minha imaginação, metade de sua face afundava com a potência do meu soco, mas como a vida me odeia e a realidade é triste, escorrego antes mesmo de atingir meu objetivo. Acabo caindo de bunda no chão.

— Belly! — grita, desligando o chuveiro, se segurando para não rir. — Está bem? — Se agacha tentando me levantar, mas escorrego novamente.

Querida vida, poderia ter me deixado com um pouco de dignidade?

— Não me toque! — berro entre dentes.

Aproveitando que ele estava distraído tentando me ajudar, dei um soco na cara dele com toda minha força. Que no momento era bastante pouca. Quase nada.

— Você enlouqueceu? É isso? — seu tom agora é cauteloso e ele me segura com força. Pelo visto o soco nem doeu.

— Me solta — grito me debatendo. — Não toque em mim nunca mais, seu babaca mentiroso, filho da puta. — Ele me solta e eu quase caio de novo. — Me ajuda idiota. — Ele me ajuda a ficar de pé e aproveito para escorar na pia.

Cadê a droga do tapete do banheiro? E por que esse piso está tão liso?

— O que deu em você, Belly?

— O que deu em mim? O que deu em mim? Tem certeza que não sabe o que deu em mim?

— Tá legal... Deve ser alguma entidade, vou ligar para um exorcista.

— Aproveita e liga para uma ambulância... — *Estou precisando!* — Você vai precisar!

— Posso saber ao menos o motivo de estar nesse estado? — Pega uma toalha em cima da pia e enrola na cintura. Agora ele está sério.

— Você tem uma esposa... — Empurro ele. — Você é casado e está dormindo comigo. — Soco seu peito várias vezes, meu lábio treme em um misto de raiva, ódio e revolta. — Me transformou em uma vadia.

— Eu não tenho esposa nenhuma. — Tentou sair do cômodo, mas chutei sua perna voltando a me apoiar na pia. O chão parecia ter sido lavado com quiabo. — Ai... — Geme segurando o lugar que chutei. *Sinta dor, seu desgraçado!* — Eu não sou casado... De onde tirou isso?

— Daqui ó!

Peguei o aparelho que tinha caído no chão com minha queda e tentei jogar na cara dele, mas o imbecil pegou antes mesmo de arremessar. Na minha imaginação era mais fácil matá-lo.

— Não estou entendendo nada... Além dessa sua fúria e tentativas de quebrar minha cara, o que há com você?

— O que não entendeu Max? — Tomei o celular que voltou a tocar. *A mísera desse aparelho é indestrutível?* — Olha só sua esposinha ligando. — Viro a tela para ele onde o nome esposa brilha.

— Eu posso explicar... — Agora ele estava na defensiva. *Te peguei!* — Calma!

— Eu tô calma, eu tô muito calma, eu tô um suco de maracujá de tão calma. — Chuto o box. — Vamos *miserávi*, explica, mas explique bem explicadinho, sua vida depende disso. — Tento jogar mais uma vez o celular na cara dele e novamente ele pega, o que me deixa ainda mais P da vida. — Vista-se e saia da minha casa agora. — Meu tom é cada vez mais alto e mais enraivecido.

— Pode parecer clichê, mas não é nada disso que você está pensando. — *Ele não disse essa frase.* — Pode atender o celular. — Pede estendendo o aparelho para mim. — Irá entender tudo!

— Com prazer, quem sabe não marco de te assassinar em algum ritual grupal.

Max recosta na parede ao lado do vaso cruzando os braços fazendo os músculos saltarem. Por dois ou três segundos eu esqueço novamente que ele deveria estar morto ou no mínimo com a cara dentro da privada e fico lembrando de ontem, quando minhas unhas arranhavam todo seu corpo. De como mordi seu bíceps enquanto meu corpo estremecia no chão da cozinha... *Foco, Belly!* Pisco várias vezes para retorna à realidade, entendendo agora o significado do dito popular "*alegria de pobre dura pouco*".

Respiro fundo e atendo o telefone, mais fria que a *Elsa*:

— Alô!

— Maximiliano sabe que você atendeu o celular dele? — uma voz feminina pergunta do outro lado da linha.

— Sim, ele sabe, está aqui no meu banheiro nuzinho na minha frente, prontinho para morrer. Deseja receber alguma parte do seu maridinho? — Ele abre um sorriso, mas o fuzilo com os olhos. Ele fica sério novamente.

— Gostei de você! — comenta rindo. Ela definitivamente não é esposa dele ou é uma corna muito conformada. — Por favor, o Max merece, mas não o mate... não sou esposa do Maximiliano, sou Mariana Salles, a secretária dele — ela faz um tom de conspiração. — Esse nome sempre dá problema com as amiguinhas dele. — *Amiguinhas dele? Ótimo, agora eu sou amiguinha dele.*

— Tchau. — Desligo sem esperar resposta, passo a mão no rosto, no cabelo, tentando me acalmar.

— Ficou mais cal...

— Nem se atreva a completar essa frase. — Aponto o dedo. — Você ainda está por um fio... Por que salvou o contato da sua secretária como esposa?

— Não é o contato da Mariana, é da empresa. — Tenta se aproximar, mas eu recuo. — É só uma brincadeira, meu pai diz que a empresa é como uma esposa: estressa, toma muito tempo, tem que investir, está sempre exigindo algo, gera muitos problemas... E eu concordo com isso... — Deu de ombros.

— Essa é sua opinião sobre as mulheres? — é minha vez de cruzar os braços. — Bom saber que acha isso de mim.

— Não, claro que não acho isso de você, estou falando das outras esposas...

— Ah, tem esposas? — Saio do banheiro em direção ao quarto. Ele vai se vestir e vazar daqui.

— Eu disse esposas? Quis dizer as outras antes de você... — Max me segue. — Eu salvei mais para espantar as fodas apaixonadas do que por essa opinião idiota.

— Não diga? Fica cada vez melhor. — Bato palmas, mas queria mesmo era deitar na cama e chamar minha mãe.

Estou quase chorando, minha bunda e costas doíam pra caramba agora que a adrenalina gerada pela raiva está passando, eu sou só dor. Dor e nada mais.

— Belly, por que você tem que exagerar em tudo? É só a merda de uma palavra! — esbraveja. — Se eu tivesse uma esposa e um caso, não salvaria o contato como esposa e caso. Colocaria um nome normal para uma não descobrir a outra.

— Ah é?

— Não que eu tenha uma esposa, é só uma hipótese completamente

fictícia.

— Max, acho melhor você calar a boca. Está só piorando a sua situação. Aliás, melhor você ir, já é muito ocupado com sua "esposa" e eu não divido homem e muito menos vou ser sua segunda opção.

— Sem drama, nem somos namorados, só estamos curtindo as férias, para que esse ataque de ciúmes?

Ataque de ciúmes? Eu? Ah, por favor, me poupe!

— Não é ciúmes, é para deixar claro que não aceito ser a outra de homem nenhum. — Viro para ele. — Se eu sonhar que você é casado ou está me enganando, te mato.

Ele fica em silêncio por um tempo, fez que ia responder mais calou-se antes de afirmar:

— Não tenho ninguém, juro para você. Acha que eu seria tão burro para ter uma amante brava igual você? — Sorri, me abraçando pela cintura.

— Assim espero... — Ele beija meu pescoço e mesmo ainda chateada, começo a ceder. — Preciso correr um pouco, espairar, pensar em tudo isso...

— Nem pense! Ouviu seu primo, o bairro está perigoso para uma mulher correr sozinha por aí, sem falar que vai piorar suas costas. — Morde minha orelha — Tenho uma atividade melhor para te fazer relaxar.

— Não vou transa com você, não estou completamente satisfeita com sua explicação. — *E parece que fui pisoteada por um mamute.*

— Tem certeza que não vai? — Empurra-me contra a parede segurando forte em minha bunda, me levantando do chão. Quase gritei de dor.

Que dia, meu Deus. Que maré de azar! Não acredito que acordei cedo para isso.

— Max... está me machucando — aviso. Ele me solta, confuso. — Até meus fios de cabelo está doendo.

— Desculpa... Você se machucou quando caiu? Foi minha culpa, sem querer derramei um dos seus trecos de cabelo no chão, tentei limpar, mas só piorou, ficou meio escorregadio. — *Meio escorregadio? Parecia uma pista de sabão.* — Você entrou com tudo que nem deu para te avisar. — Coçou a nuca.

Vontade de dar na cara dele!

— Você nem tem cabelo, Max. — Ele me dá um selinho e me afasto. Ainda não estou convencida dessa história toda de esposa/empresa. — Por que estava mexendo nas minhas coisas?

— Curiosidade...

— Depois limpe o banheiro, já que sujou! — Caminho até a cama deitando com cuidado. Sopro o ar. Parece que levei uma surra de um caminhão.

— Você está péssima. — *Obrigada!* — Vou pedir compressas de água quente, um enxague bucal, porque você está com bafo e analgésicos para...

— Vai embora. — Mandei, me cobrindo com o Edredom. *Bafo? Só o que faltava!* — Vou dormir, então não tem porque ficar aqui, não tem sexo hoje.

— Não vou te deixar assim, mesmo que não te conhecesse, eu te ajudaria. — Deita na cama abrindo os braços para me aconchegar e eu não recusei. — Não somos só sexo, não sou casado, pode confiar em mim. — Beijou meu cabelo. — Até te chamei para minha casa, se eu fosse casado não faria isso... — Sua mão desceu por minha cintura entrando dentro da camisola. — O convite ainda está de pé.

— Eu e seu pai sob o mesmo teto? Não vai dar certo.

Uma vez o pai dele o chamou de inútil no pátio da escola, na frente de todos. Éramos crianças ainda, entrando na adolescência e eu ao ouvir aquilo, gritei que se o Max era um inútil, ele era um grande e velho idiota. Foi meu primeiro contato com o Sr. Castelli e foi ódio à primeira vista.

Eu não tinha trocado muitas palavras com o Max, aquela época ele era de outra turma e de outra série. Era seu primeiro ano no colégio, mas só pelo olhar dele percebi que deveria fazer algo. Já que ninguém fazia nada, defendi aquele menino sem imaginar que um dia estaria com ele na mesma cama. Depois desse dia, Max e eu não ficamos amigos, nem falamos do ocorrido, mas o pai dele e eu nos declaramos inimigos em uma guerra silenciosa e sem vencedores. Sempre que nos encontramos sai faíscas!

— Não seja por isso, moro sozinho tem anos. Seria só eu e você.

Só eu e você! Parece pior que uma batalha com o pai dele.

— Max...

— Que tal fazermos assim — interrompeu enquanto eu alisava sua pena —, vamos sair hoje à noite, com certeza você estará melhor. De lá vamos para minha casa, se você gostar, ficamos lá se não gostar, ficamos aqui.

Eu estou com receio de ficar na casa dele. Essa era a verdade. Seria um passo grande para um lugar desconhecido. Poderia ser um passo para terra firme ou para um abismo. E o desconhecido nunca é bom. Eu sempre me dou mal. Porém, admito, a casa dele realmente é mais segura para mim.

— Fechado! — Beijo o pescoço do Max. Estava gostando daquele momento de carícias. — E para onde vamos? Sabe que estou toda ferrada para aguentar uma noitada na boate.

— Que tal jantar fora?

— Acho uma maravilha, estou quase falindo para te sustentar. — Ele ri mordendo meu ombro. — Não sei que milagre aconteceu que você ainda não reclamou de fome, Magali.

— Só não te mostro quem é Magali, porque você está debilitada, mas quando melhorar... — Morde minha orelha com força. *Ui!* — Está cedo, nunca acordei esse horário, então, minha fome deve estar dormindo... — Brinca pegando o celular. — Acredita que ainda é sete horas da manhã? Da manhã! Por que será que estão me ligando tão cedo, aliás, nem quero saber. O que vamos fazer com tanto tempo livre?

— Que tal maratona de filmes? — pergunto extremamente empolgada.

— De ação? Terror? E séries?

— Sim, sim, sim... — grito esticando a última letra.

— Então *rumbora* começar! — diz me pegando no colo. Só tem TV na sala e é para lá que vamos.

Antes de me deixar no sofá da sala, ele me ajuda a tomar banho. Eu poderia tomar sozinha? Sim, mas com ele era melhor. Depois de limpa, arrumada e cheirosa, passamos o dia de pijama no sofá, engordando, diminuindo nossa expectativa de vida comendo besteira e assistindo séries e filmes. Só em companhia masculina mesmo, se fosse em casa eu só escovava os dentes e "olhe lá".

Ele ainda estava só de toalha, sentado ao meu lado fazendo massagem nos meus pés enquanto falava com a secretária pedindo roupas para ele, chocolates, sanduíches, analgésicos, compressas e filmes, tudo que precisaríamos para uma tarde de cinema. Quinze minutos após sua ligação, o motorista já estava aqui na porta entregando tudo e mais um pouco. Mais rápido que isso só o *The Flash*.

Caminho toda entrevada, pior que senhora com reumatismo, até a cozinha, pretendendo fazer pipoca e café para beliscar enquanto assistirmos, junto com os salgados e doces que o Max pediu. A fome dele acordou assim que a comida chegou. Quando adentro a cozinha, percebo algo que faz meu coração disparar em alerta. Levo a mão ao peito com o susto ao ver as flores em um jarro em cima da mesa. Não coloquei, nem sequer lembro de ter visto esse jarro aqui e o Max é um inútil, jamais teria esse cuidado.

— Max, colocou as flores que trouxe ontem em um jarro? — pergunto mesmo tendo certeza que não, torcendo para que fosse sim.

Eu olhava para aquilo como se fosse a coisa mais macabra do mundo e

não flores dentro de um jarro, lindo por sinal.

— Óbvio que não, deixamos dormir em cima da mesa ou no chão, sei lá! — gritou da sala mesmo. — Já coloquei o filme, agiliza a pipoca.

Fechei os olhos, me aproximando, ignorando completamente o que Max dizia. Estou com medo de descobrir quem foi. Eu preferia nem saber. Notei que apenas uma rosa está sobre a mesa e dela escorria um filete vermelho já seco. Não parecia ser sangue, mas pelo estado intacto enquanto as outras estavam murchas e faltando várias pétalas, aquela flor não fazia parte do buquê que Max trouxe e não estava ali há muito tempo. Senti meu corpo arrepiar e estremecer inteiro. É um recado para mim.

— Esse inferno de novo não. — Sussurro de olhos fechados amassando a rosa.



CAPÍTULO 11

PAI DO MAX

Passado sempre remete a algo que já passou. Permanente. Imutável. Morto e enterrado nas entranhas de satanás. Pelo menos é o que eu achava até hoje.

Porém, percebi que isso só acontece com os bons momentos. Já reparou que as coisas boas não voltam? Tipo aquele aniversário com as melhores amigas ou aquele momento qualquer de extrema felicidade que só a lembrança enche o coração de alegria.

Agora faz uma única merda na vida para ver. Parece que vira uma fênix: difícil de matar e quando finalmente morre, ressurgiu do pó. Do limbo. Da lama. Do nada, maior e mais forte. Pronta para atacar, roubar a paz e desestruturar toda sua vida novamente. Às vezes — sempre —, eu queria que as besteiras que fazemos no passado não afetasse todo o futuro.

Olho para o jarro em cima da mesa depois para a rosa e é tanta gente desejando que eu morra, que é difícil listar ou tentar adivinhar quem entrou aqui. A parte boa de ser uma pessoa incrível com uma personalidade adorável é essa. No entanto, existe a possibilidade de ser só uma brincadeira.

— Seja lá o que essa rosa fez... — Max diz praticamente gritando no meu ouvido me fazendo pular de susto completamente surda. — Acho que ela já sofreu o suficiente.

— Que susto infeliz e não grita no meu ouvido!

— Você também hein, quando foca em uma coisa parece que se esquece do mundo. Reza para nunca ser assaltada pois se depender de você, levam a casa *sarrando* no ar com você dentro e nem percebe.

Está explicado como entraram e saíram sem eu ou ele ver nada, por coincidência, ele é igualzinho a mim no quesito: distrair com uma mosca enquanto o mundo desaba ao redor.

— Cadê a pipoca? — Sai destapando as panelas no fogão — Não fez?

— Não... — Deixo o que restou da flor na mesa. — Pode fazer? — Penso um pouco antes de acrescentar. — Você sabe fazer?

— Tenho cara de quem sabe fazer pipoca? — Questiona erguendo as sobrancelhas. É, realmente, ele tem cara de quem não sabe abrir nem pacote de *miojo*.

— Preciso ir no banheiro, vai comendo o que tem, mas não tudo... Já

volto. — Saio depressa antes que ele faça perguntas difíceis.

Apoio minhas mãos na pia fitando minha imagem no espelho. Estou horrível, pálida e com orelhas enormes, nem maquiagem conseguiria disfarçar. Belisco as bochechas para ganhar um tom rosado. Jogo meu cabelo para o lado e começo a fazer uma trança de qualquer jeito.

Meu Deus, como entraram sem nós percebermos? Fizemos sexo na cozinha. Será que viram? E se ainda estiverem aqui?

Calma, Belly. Não surta! Pode ter sido dona Márcia, sem paranoia. Afinal todo mundo entra na casa dos outros escondido para colocar flores em um jarro. Quem nunca? Super normal! Faço isso todo dia. Droga, dessa vez estou ferrada ao molho pardo. Isso só pode ser praga da minha mãe por eu ter saído da pousada maravilhosa que ela deve ter suado para alugar ou é castigo por eu ter mentido para Max ou é só minha má sorte de sempre mesmo. Aposto na última opção.

Abro a torneira e lavo o rosto. Estou com medo. Por mim, pelo Max, por minha família. Não era só os credores do meu pai, tinha um inimigo pessoal, para mim, o mais perigoso. Os credores é "só" pagar a dívida, o outro quer me destruir por eu ter "passado a perna" nele. Em um momento de desespero fiz algo que me arrependo todos os dias e todas as noites, e hoje, vendo tudo que isso me causou, eu teria tentando outra saída. Uma menos humilhante e dolorosa.

— Preciso mudar novamente.

— Mônica? — Max me chamar enquanto batuca na porta. — Não vai cagar agora, né?

— Você sempre idiota! — digo entre risos abrindo a porta.

— Está fedendo. — Começa a farejar.

— Eu não estava cagando, *Super Dog*.

— Sei não viu, do jeito que você saiu correndo parecia feia a coisa... — brinca abraçando minha cintura. Dou um tapa no seu bíceps.

Só esse idiota para me fazer rir hoje. Decido deixa para lá o acontecido na cozinha e aproveitar meu dia de cinema com ele. Uma hora, quem foi vai aparecer e eu já estarei bem longe daqui.

Puxo Max pela camisa.

— Quero um beijo bem gostoso seu, mas não me aperta... Estou sensível.

Ele sorri de lado, sua mão sobe para minha nuca se enfiando no meu

cabelo. Max se aproxima vagarosamente de mim, fecho os olhos quando seus lábios tocam os meus iniciando num beijo lento, mas carregado de desejo. Deixo um caminho de arranhões com as unhas de seus braços até o pescoço, bem suavemente fazendo ele se arrepiar.

Ele infelizmente já estava vestido com as roupas que solicitou, mas sua camiseta me dava o molde perfeito do seu tórax. Aperto-me contra esse monumento de homem sentindo seus músculos contraírem e o beijo se torna mais exigente, mais violento. Mordo seu lábio, deixando uma leve lambida. Ele pressiona sua ereção contra mim, segurando meu cabelo com força enquanto sua mão passeia por meu quadril, se metendo dentro da minha calça do pijama. Ele levanta uma de minhas pernas deixando dois dedos acariciarem minha intimidade.

— Humm, molhada... — geme interrompendo o beijo, fazendo meu corpo reagir a sua voz rouca. Sua boca inicia um trajeto de mordidas e lambidas por toda a extensão do meu pescoço, me levando a loucura.

Molhada? Sou o próprio oceano em dia de chuva.

Meu corpo é encostado na parede e ironicamente estou me sentindo subindo por ela. Arfo com seu dedo passeando por ali, ele penetra e quando acho que a coisa vai ficar séria, ele retira chupando-os.

— Deliciosa! — sussurra e simplesmente se afasta me deixando com cara de tacho.

— Max... — reclamo. — Não comece com seus jogos. — Pego sua mão metendo novamente na minha calça para voltar de onde paramos, mas ele não cede.

— Você precisa estar bem para hoje à noite... Aí te dou o que você quiser. — Dá um selinho. *Um mísero selinho!* E sai, assim como quem acabou de comprar pão, deixando o troço de gorjeta.

Bufo irritada.

— Pior dia, nem sexo posso fazer — reclamo retornando para a sala extremamente emburrada. Odeio ficar depilada e molhada para nada.

Sento no sofá ao lado dele bem próxima com a mão em sua coxa. O primeiro filme que ele escolheu, eu não conhecia, mas começou com tiroteio, já gostei. Tem várias barras de chocolate espalhada em cima do sofá e até no tapete, pego uma, retiro a embalagem enquanto meto minha mão dentro da calça de flanela cinza que ele usa.

Maravilha! Penso ao constatar que ele está sem cueca.

Ia provocar até ele ficar de pau duro e na vontade, como eu estava —

na vontade e não de pau duro, claro! — No entanto, o *amigo* do Max já está bastante acordado. Então, olhando nos olhos dele comecei a brincar, massagear por alguns segundos seu membro. Max apenas se endireitou no sofá para me dar livre acesso sobre aquela área. Sem desviar o olhar do dele, chupei bem devagar o chocolate. Ele não gemeu, mas sei que está gostando do espetáculo. Seus olhos não negam e sei que ele adoraria me ver chupar outra coisa ao invés do chocolate.

Tirei seu *amigo* para fora fingindo que ia chupar, mas em vez disso, parei os movimentos. Sujo de propósito um pouco abaixo de seu umbigo com chocolate, dou uma piscadela para ele, ignorando seu membro que me tentava a desistir da vingança. Limpo com a língua a sujeira que fiz com chocolate fazendo questão de arranhar com os dentes. Agora sim ele gemeu.

Afasto abruptamente. Objetivo concluído.

— Isso não se faz com um homem... É muita maldade para uma pessoa só — murmura assoprando o ar.

— Não é maldade — *na verdade, é sim* —, eu até estava com vontade.. mas lembrei que preciso estar bem para hoje à noite, aí tive que me controlar, pena né?

— É, uma pena que eu não terei quando você melhorar — respondeu fingindo prestar atenção ao filme enquanto sua mão sumia dentro da minha calça. Ah, de novo não, tentei impedir, mas... — Quietinha ou será castigada. — Ameaçou com uma voz tão gostosa que fiquei tentada em saber o meu castigo, porém, permito que ele tenha sua vingança e ele faz o mesmo que eu fiz. Quando estou quase lá, para.

Foi assim durante todo o dia, ele me provocando, eu o provocando entre beijos, carícias, filmes, séries, risos e comendo muito doce. Estragando o corpo, os dentes e a mente, mas infinitamente felizes.

Já anoiteceu e como ele disse, eu realmente me sentia melhor dopada de analgésicos, mas melhor. Estou quase pronta para jantar fora em algum restaurante que deve ser meu sonho de consumo e com pratos mais caros que minha casa. Assim que ele saiu daqui, o meu desejo de implorar para ele não me deixar ficar sozinha *nessa* casa foi difícil de controlar. Afinal, quem tem telhado furado, qualquer gota de água anuncia tempestade e depois do aviso do Fábio, das flores, até o fato de não ver minha própria sombra no escuro, me dá arrepios.

E, além disso, gosto de estar com Max, fazia tempo que não tinha um namorado e já esqueci como é fazer sexo, conversa, brincar, ver televisão com o mesmo homem. Ok, Max não é meu namorado, mas é o máximo que quero por

enquanto. Estou fugindo de relacionamento sério, prefiro um relacionamento bem hot e descomplicado com um homem engraçado e gostoso.

Antes de ir ele ligou novamente para a "esposa" pedindo um presente que tinha comprado para mim e pasmem, ele me deu um vestido. Lindo. Liso. Todo preto. Bastante sensual. É na altura das minhas coxas com um decote enorme nas costas. Parece ser caro e chique. A altura do restaurante.

Olho-me no espelho, passo batom vermelho — só tenho esse —, perfume, deixo meu cabelo solto mesmo porque não tenho tempo para iniciar uma guerra contra ele. Estou atrasada novamente, porém bastante gostosa.

Ouçó o portão abrir e logo em seguida batidas na porta. Combinamos de nos encontrar lá no restaurante. Eu iria de táxi. Entretanto, como estava 20 minutos atrasada, o impaciente veio me buscar. Reviro os olhos.

Homens!

Por que não sabem esperar? Até as noivas se atrasam no dia do casamento, aposto que é para os maridos irem se acostumando a esperar. É uma tradição que faz parte do nosso charme.

— Max você não sabe...

Não completo a frase ao ver um homem magro, alto, com um boné cobrindo seus olhos. Tento fechar novamente a porta, mas ele me empurra com tanta força que antes mesmo de cair de bunda no chão, eu já sentia a dor do impacto.

— A princesinha voltou para quebrada... — sua voz me dá calafrios e olha que é mais fina e aguda que a do Anderson Silva. Em outra situação eu acharia graça, mas agora eu só acho que vou morrer.

Pelo menos estou gostosa, melhor do que quando nasce careca, pelada, banguela e com cara de joelho.

— Está namorando um *playba* cheio da grana, a princesinha sempre esperta.

— Não sei do que você está falando, não tenho namorado nenhum!

Tento levantar para achar uma rota de fuga, mas meu algoz dá uma bofetada forte no meu rosto. Sentir o gosto de sangue na hora e uma vontade enorme de matá-lo. Nenhum filho *duma* égua bate no meu rosto.

— Não vem de *migué* não, vadia.

O miserável acerta outro tapa no meu rosto seguido de um puxão forte de cabelo. Senti um choque percorrer meu corpo e um uivo de dor escapa da minha garganta.

— Desgraçado! — rosno. — Eu... O que você quer? — indago sentindo o cheiro forte de álcool e maconha exalando dele. Está bêbado e drogado. Isso, para minha atual situação, pode ser tão bom quanto ruim.

— Acha que *nois é otáro? Tamo* na tua cola princesa, só tu pedir que o *playba* te descola nossa grana, *tá* comendo na tua mão... — Segurou meu pescoço. — Só te passar a visão do bagulho. Fica ligada, não é só os manos que quer teu pescoço não, a princesa tem outro inimigo e não é só o pescoço que o tio quer não...

— Só transei com esse *playba*, aí... Nem lembro mais o nome dele. Ele não vai me dá nada — digo rápido. Não posso meter o Max em encrenca e muito menos pedir dinheiro.

Começo a pensar em uma saída rápida que não me coloque em um saco preto a caminho do IML. De preto já basta meu vestido e minha situação. Percebo ele olhar meu corpo com luxúria. Meu vestido nesse momento não cobre muita coisa, minha calcinha então, nem se fale... E a posição não ajuda em nada, metade do corpo dele está sobre o meu. Sinto seu dedo alisar minha garganta e tenho a confirmação, minha situação acabou de piorar.

— Fode por dinheiro princesa? — Ele riu cheirando meu pescoço e apertando ao mesmo tempo. — Não que tenha muitas opções...

Respira, fique calma, repito mentalmente. A mão do homem aperta ainda mais o meu pescoço e fica quase impossível respirar. *Mantenha a calma. ele está drogado, jogue com ele.*

— Qual seu preço?

— Não transo por dinheiro... — pronuncie com dificuldade. — Não sou nenhuma vagabunda.

Tento tirar sua mão do meu pescoço, mas só consigo mais um tapa forte no rosto dolorido. Eu podia sentir o sangue descendo por minha boca e nariz.

— Quanto você tem aí? — pergunto o mais firme que consigo.

Ele está drogado demais, com sorte não se lembrará de mim amanhã e não deverá ter outros homens do lado de fora, senão estariam aqui também para se divertir comigo. Então, quando ficarem sabendo, eu já estarei bem longe daqui e o Max muito bem protegido.

— Cinquenta *pilas*... — Ele se afasta me soltando e pega a nota no bolso jogando em mim. — Paga uma mamada bem gostosa para mim! — Puxo o ar com força.

Ele se afasta ainda mais, piscando, fungando, parecia cada vez menos

lúcido. Aproveito sua distração para ganhar tempo e recuperar o fôlego.

— Anda vadia! — Abre a calça e coloca o pau para fora. — Chupa!

Eu nem olhei, simplesmente aproveitei para chutar com força suas bolas. De primeira não saiu como queria, mas foi o suficiente para ter uma vantagem sobre ele. Chuto mais três vezes no mesmo lugar. Ele uiva de dor, chuto sua canela, piso no seu pé com o salto da sandália, aproveito que ele caiu de joelho e dou um chute em sua cara. Com muita raiva chuto sua barriga e saio correndo.

Eu não estava em condições para uma briga e se ele se recuperasse, estaria ferrada, mas antes de chegar ao portão, alguém me segurou pela cintura impedindo que eu continuasse. Não lembro nem de ter gritado, só de sentir uma pancada forte na cabeça. Depois disso, caí em um mar de escuridão.

Desperto meio desnorteada, minha cabeça dói, meu corpo dói. Olho ao redor me dando conta que não estou no meu quarto, na mesma hora sou invadida por imagens de ontem à noite e a dor dá lugar ao pânico. Salto da cama e percebo que estou nua. Meu Deus, o que fizeram comigo?

Olho ao redor procurando uma rota de fuga e percebo que não é um cativeiro, pelo nível de luxo. O quarto é todo branco, com um grande espelho no que imagino ser um closet, a cama com certeza é uma daquelas de rico que leva o nome da marca. Tem algumas caixas no canto da parede ao lado da cama e alguns porta-retratos de mulheres jovens. Aquilo não me tranquilizou. Mesmo parecendo mais um quarto qualquer, não é minha casa e nem qualquer lugar que eu conheça.

Enrolo-me no Edredom sentindo uma pontada de dor. Ignoro, depois me preocupo com isso. Começo a procurar algo para me defender caso alguém do lado errado da força esteja por aqui. Acho apenas um troféu em uma das partes do closet, não é a melhor coisa, mas é única arma que tenho. Ando devagar até a porta. Tranco e no mesmo minuto ouço batidas nela.

— Mônica? — Meu sorriso ao ouvir esse apelido ridículo é do tamanho do mundo.

Largo o objeto e abro a porta pulando no colo do homem. Dane-se a dor!

— Max! — Nunca pensei que fosse ficar tão feliz em vê-lo.

— Está melhor?

— Você que me trouxe para cá?

— Sim, te encontrei desmaiada na varanda da sua casa.

— Nua? E o homem que me atacou? Chamou a polícia? — dispero a perguntar.

— Eu tirei sua roupa, te dei banho... não tinha mais ninguém lá na casa da sua tia... Sim, chamei a polícia — explicou me levando de volta para cama. — O que aconteceu?

— Max, depois a gente conversa sobre isso...

— Nada disso, vamos conversar agora — diz decidido, me deixa na cama e vai pegar um roupão para mim dentro do closet. — Passei a noite toda preocupado com você, juntando os pontos e cheguei à conclusão de que você está me escondendo muita coisa. No que se meteu?

Não queria mentir para ele novamente afinal, mesmo sem querer, coloquei ele nisso tudo. É justo ele saber a verdade.

— Nem eu sei ao certo, é um passado que eu queria esquecer. Dívidas antigas do meu pai que estão até hoje me trazendo problemas... Um monte de coisas.

— Dívidas? De Quanto?

— Pouco mais de 60 mil. — Esconde o meu rosto no seu peito.

— Caralho! Você tem esse valor?

— Se eu tivesse já tinha pago. — Suspiro. — Max, eu preciso sair da cidade... Hoje mesmo... eles virão atrás de mim... Eles sabem de você.

— Eu posso dar um jeito nisso... — Segurou minha garganta e involuntariamente estremeço com flashes da noite passada. — Como ele era fisicamente? — pergunta do nada e sei que se refere ao meu agressor e por seu olhar, ele quer encontrá-lo, mas não para mandar para cadeia. Como se eu fosse permitir que ele sujasse as mãos de sangue por mim.

— Max, não se mete nisso, é coisa minha, eles sabem de você. Podem te sequestrar ou sequestrar suas irmãs ou sei lá, eu preciso ir... Antes de eu retornar para cá, eles me deixaram em paz, então, é só eu voltar para minha cidade que fica tudo bem.

— E se não ficar? Vai fugir sempre? É isso? Vai fugir a vida a toda? — grita e vejo que ele tem razão. Não posso viver com medo. — Eu tenho esse valor e...

— Você não vai pagar — digo firme. Era só o que faltava. — Max vou me sentir vendida se fizer isso.

— Escuta — sentou na cama segurando minha mão — Eu posso

comprar a dívida... Você deverá para mim sem juros, sem ameaças e parcelado.

Penso, seria uma boa, tipo um empréstimo e eu estaria me livrando de um problema. Finalmente quitando essa dívida, tudo irá melhorar para nós.

— Quero tudo em um contrato — digo por fim vestindo o roupão.

— Contrate um bom advogado de sua confiança — Beija minha testa me abraçando. — Fiquei apavorado quando cheguei e você estava caída no chão... tinha sangue no seu rosto, na sua cabeça... Achei que tudo não valeu a pena e coloquei você em risco...

— Eu me coloquei em risco e coloquei você também. Fui imprudente e descuidada, você não tem culpa de nada.

— O médico te examinou e falou que não foi nada grave, mas mesmo assim me preocupe, você não acordava... Só fiquei tranquilo quando você ficou lúcida por alguns minutos e o médico te deu uns remédios... — Dei um selinho nele para que parasse de falar.

— Obrigada por cuidar de mim... Preciso pegar minhas coisas na casa da Dona Márcia.

— Já trouxe, a partir de hoje você está oficialmente em minha casa. Eu pretendia fazer sexo com você hoje, mas como não está em condições, vou ficar na punheta... de novo.

— É livre para ficar com outras mulheres. — *Não é não!*

— Diz isso agora, depois está dando outro soco na minha cara... — Ri.
— Vou preparar um banho de banheira para gente. Dispensei as empregadas, então temos que nos virar. Pedi café da manhã, daqui a pouco chega e você tem que prestar depoimento na delegacia, fazer corpo de delito...

Assenti, preciso ligar para casa também, avisar para tomarem cuidado.

Ele enterrou o rosto no meu pescoço, me abraçando, forte. Acho que ele ainda está apavorado.

— Tenho vontade de matar esse desgraçado só em ver essas marcas... Foi covarde machucarem uma mulher tão pequena, meiga e frágil como você — brinca, porque de meiga e frágil eu não tenho nada!

— Max, não me provoque hoje... E dei uma surra bem pior nele.

— Essa é minha Mônica! — Deu um tapa na minha coxa. — Se eu soubesse, tinha te dado um revólver não um buquê de flores.

— Realmente teria sido mais útil. — Ele deita em cima de mim, sustentando o peso nos cotovelos. — Tenho mais 10 dias com você, pode ficar sem cair ou fora de encrenca durante esse período?

— Vou tentar, mas sabe que é o universo que me odeia! — Dou uma mordida em seu lábio. — Também te desejo — sussurro — e muito!

— Maximiliano, você...

— Pai?

Max pula de cima de mim com o susto. *Ops pegos no flagra.*

Não demora muito para o senhor parado aos pés da cama com o celular na mão e cara de quem viu um animal sendo morto me reconhecer. Dava para ver a raiva nos olhos dele. Pai do Max. Senhor Castelli que me detesta e não quer me ver nem vestida de galinha pintadinha, me pegou na cama do filho dele.

Que momento mais desagradável. Quando o dia já começa com a visita de uma ave de rapina é impossível ficar bom, mas a cara dele nesse momento é impagável!

— O que essa garota mal-educada faz aqui?

EPA!



CAPÍTULO 12

SÒ UMA FAXINEIRA

O dia começou tão bom, Mas tão bom, Que antes mesmo de tomar meu sagrado café da manhã, eis que me surgiu ele: Lúcifer. E não, não é aquele gato da série da Netflix. E como se não fosse pouco, ele me encontra de roupão na cama do filho dele em um momento quase constrangedor. Isso é para atestar que além de coisas, pessoas boas também não voltam por mais que você reze, já as ruins...

Olho o senhor de cima a baixo furiosa. Ele não deve ter mais de cinquenta anos, então não é idoso, é mais alto que eu e o Max, deve ter sido bonito na juventude com corpo atlético, os olhos azuis e um sorriso no rosto, mas hoje só consigo imaginar eu arrancando seus olhos ou rasgando sua jugular com minhas próprias mãos. Avanço para cima dele, vou mostrar como sou mal-educada.

— Belly, por favor... — pede segurando minha cintura. Seu olhar implorava para deixar ele resolver essa situação.

Até parece que vou conseguir ficar quieta, penso cruzando os braços e revirando os olhos como uma criança birrenta.

Que carma o meu. Quando uma desgraça aparece traz logo várias.

Bato o pé irritada com o silêncio no quarto. Quando Max vai me resolver a situação? Dou uma cotovelada nele que finalmente acha a língua e resolve falar:

— "Essa garota mal-educada" tem nome, pai e o senhor sabe muito bem.

Só isso? Eu tinha uma resposta bem melhor para dar no meio da cara ranzinza do Sr. Castelli. Desconheço seu primeiro nome e mesmo se soubesse, o chamaria assim. Deus me livre ser íntima do demônio a ponto de chamá-lo com intimidade.

— Belly? — Ri... *Do meu nome?* — Isso não é um nome, é só mais um disparate da mãe dela.

De onde ele conhece minha... Espera! Ele acabou de ofender minha mãe? Ah, agora ele morre.

Tento escapar dos braços do Max esquecendo completamente que estou machucada, mas o infeliz me segura com mais força. Que ódio.

— Belly, não deixa ele te desestabilizar. — Pede enquanto segura

firme meus braços. Eu estou tão perto e tão longe de meter a mão na cara do meu alvo.

— Ela nunca foi estabilizada.

— Max, me solta, vou ensinar a esse senhor boas maneiras...

— Você? Logo você vai me ensina boas maneiras?

Agora que ele falou parece realmente algo ridículo. Eu que estou tentando agredi-lo, para ensinar boas maneiras. É difícil de acreditar, mesmo assim respondo com firmeza, porque sei sim ser mais educada que ele. Quando não estou irritada.

— Sim, eu, porque pelo visto mesmo tendo estudado nos melhores colégios, convivendo com gente fina, elegante e sincera, o senhor continua um jumento fora do pasto dando coice em todo mundo.

Sua expressão superior agora é de ódio puro, quase dava para ver espuma escorrendo da boca dele, mas sua postura? Impecável. Quem olhar ele de costas nem imagina que está me enforcando mentalmente.

— Filho, vai deixar ela me faltar com respeito assim? — grita caminhando até a porta. Já ia comemorar achando que ele ia embora quando se virou para nós completando: — Sempre idiota quando se apaixona.

Fiquei tão impactada com o "se apaixona" ou o "sempre" que esqueci de retrucar, de fazer piada ou de debochar.

Max já se apaixonou? Max apaixonado por mim?

Olho para o dito cujo que parece tão estático quanto eu, sem saber o que fazer ou dizer. Acho que duelando entre explicar para o pai na minha frente que não está apaixonado por mim ou simplesmente ignorar e deixá-lo achando isso mesmo. Nas duas opções, o momento continua bastante embaraçoso para nós. Para ter ideia, a tensão no ar estava tão grande que só perdia para poluição na China. E nem eu, nem Max queríamos nos pronunciar sobre o que foi dito, então Sr. Castelli resolveu se inflar feito baiacu destilando seu veneno fatal em todas as direções.

— Eu deveria saber que você estava com ela, assim que começou a faltar no trabalho, perder as coisas... E eu preocupado achando que estava metido com drogas de novo... — *Como assim de novo?* — Se bem que essa mulher e drogas dá no mesmo. — *Oi?* — Ambos te deixam relapso no trabalho! — Continua falando como se eu nem estivesse presente. — E agora isso, estão morando juntos e escondido... — Olha ao redor, talvez tentando adivinhar a quanto de tempo estou aqui e se já me instalei de vez. — Você só me decepçiona.

Max não me segura mais, continua calado, acho que doeu ouvir tudo isso do pai. Mordo a língua para não responder. Esse momento é do Max. Olho para ele que está de olhos fechados, mas logo abre e parece pronto para responder.

— Agora que já acabou, minha vez... — Max caminha até próximo do pai e quando volta a falar, sua voz é potente: — Primeiro: eu não estou e nunca estive metido com drogas. Segundo: eu estou de férias trabalhando, então sou tudo menos relapso com o trabalho. — Meu delícia cruza os braços e sua postura está bastante rígida como a de seu pai, já eu estou em festa. — E por último, eu moro com quem eu quiser. Essa casa é minha, não tenho porquê morar com ninguém escondido, sou adulto, ela também, trabalho, pago minhas contas há muito tempo... — Sorri. — Quanto a decepção, já devia estar acostumado.

— Então vai me desrespeitar por causa dessa mulher? — pergunta com uma voz branda.

Agora ele vai se fazer de vítima! De pai injustiçado. Ai minha beleza cansada, eu não pago uma fortuna em lentes para ver isso. Reviro os olhos quando vejo que Max curva os ombros se sentindo culpado.

— Pai, não é...

— Aliás, não esqueça que comprou "sua" casa com meu dinheiro. — Seu tom mudou para firme novamente. — Enquanto você esquentar a cama dessa mulher eu dou duro no escritório.

— Seu dinheiro? Se eu trabalho para ganhar, é meu, independente de quem paga o salário, não acha pai? Senão, seus clientes seriam dono das empresas Castelli e não o senhor.

Quase me apaixonei por ele nesse momento! Que vontade de beijar a boca desse homem até morrer sufocada. Que orgulho desse menino. Estou pensando seriamente em gravar a cara de panaca que o Sr. Todo Poderoso está. Só para rir depois nas horas tristes da vida.

— E se fosse demitido agora? Essa garota ainda ficaria com você?

— Ficaria sim, ficaria muito com ele, até demais... — Olhei Max alisando seu peito. — Estou interessada em outra coisa do seu filho, que continuaria muito apetitosa mesmo sem dinheiro. — *E acho bom parar de me chamar assim, não sou o tipo de mulheres que está acostumado, não precisa descer do salto, nem perder a pose, não vou roubar nem seu trono, nem seu reino.*

— Falei com meu filho.

Que audácia!

Me preparo para rebater, porém Max se adianta.

— A Belly já respondeu sua pergunta então, só quero lembrar que se eu fosse demitido, continuaria rico, tenho 25% das ações das empresas Castelli, teria que me engolir de qualquer forma.

Rebate essa, penso sorrindo. Vejo Sr. Castelli coçar a barba tão grisalha quanto seu o cabelo e pela primeira vez vejo algo em comum com o filho. Max também tem essa mania.

— Na empresa a gente conversa sobre esse seu comportamento...

— Mas só depois das férias dele — interrompe abraçando a cintura do Max. — Vou devolver seu filho, meio cansado, mas bastante feliz, só que em 10 dias e até lá, ele é só meu, nem adianta a "*esposa*" ligar precisando.

Sr. Castelli me olhou de cima abaixo, como se só agora tivesse se dado conta da minha presença no cômodo. Um sorriso brota em seu rosto e sei que lá vem veneno. Serpente não fica feliz se não for dar o bote.

— Então aproveita e quando ele retornar, pede para contar com detalhes quem finalmente quebrou sua cara, quero dar os parabéns a essa pessoa.

Antes que eu consiga articular uma palavra, ele sai gargalhando da minha cara. Da minha cara! *Filho da mãe*. Penso em ir atrás dele e empurrá-lo do topo de alguma escada, no entanto, Max me faz estancar com apenas uma frase.

— Deixa ele ir, é perigoso comprar briga com meu pai.

— Como assim perigoso? — *Agora que ele avisa?* — Se bem que é meio tarde para isso, não acha?

— É sério Belly, ele te reconheceu na hora que te viu, mesmo tão mudada, é muita raiva guardada e você tem muito o que perder.

— Ele que tem muito a perder, eu não tenho nada e nem mudei tanto assim... — *Só pinte o cabelo de castanho, coloquei lentes castanhas, emagreci uns vinte e cinco quilos, cresci uns três centímetros e meus peitos também cresceram um pouco... E mesmo assim todo mundo me reconhece! Ou todos são muito bons de memória ou sou inesquecível*. Algo me diz que é a segunda opção. E não sou inesquecível do tipo bom.

— Meu pai pode descobrir sobre esses homens que você está devendo...

— Não tem como descobrir nada sobre mim... — *Assim espero ou terei sérios problemas*.

— Só toma cuidado... Meu pai é rico, influente, não gosta de ser

confrontado e você é só uma faxineira... — disse coçando o queixo.

Seu tom não era bravo ou decepcionado, estava mais para "*ops, escapou sem querer*". Mesmo assim, senti como se tivesse levado um soco no estômago.

— Como... Como sabe disso? Desde quando sabe disso?

— Sem querer acabei atendendo seu celular ontem à noite... — Inicia agora coçando a nuca. — Dois de seus patrões ligaram querendo saber se poderia fazer faxina na casa deles no próximo fim de semana, só juntei "a, b e Google", para saber que mentiu... Não sei por que preciso me justificar, você mentiu para mim.

— Eu... Eu... — gaguejo olhando para o chão. *Por que eu menti para ele?* — Sinceramente, não sei... Talvez vergonha de mim, um pouco de inveja de você por ter conseguido se realizar profissionalmente e você veio com aquilo de... — faço uma voz grossa tentando imitar a dele —, *zoar os otários que não conseguiram emprego na área*... Eu não queria ser a chacota de novo, não queria ficar por baixo, essa é uma questão delicada para mim e... acabei inventando essa palhaçada de que sou uma chefe de cozinha famosa.

— Eu estava só brincando, não ia zoar ninguém... E tinha que inventar uma mentira tão grandiosa? Chefe famosa? Sério? — Ele deita na cama cobrindo o rosto. Agora parecia irritado.

— Se fosse para inventar uma mentira pequena eu falava logo a verdade — digo sem pensar.

— Teria sido bem melhor... No que mais você mentiu para mim?

— Por que acha que mentir outra vez? — *Agora virei Pinóquio!*

— Aquela casa... — diz sentando na cama e batendo no colchão ao lado para que eu sentasse também — é sua, não é?

— Na verdade não — respondo fazendo o que me pediu. — Vendi há muito tempo, é da vizinha agora... não tenho tia nenhuma e nunca fui hóspede do Resort.

— Sabia que essas histórias eram fake's e aquele Fábio? — Estreita os olhos em minha direção. — Quem é realmente?

— O filho da vizinha, nem o conheço direito, estou saindo só com você... — ele me deita na cama cobrindo meu corpo com o seu. Parece satisfeito com as explicações. — Eu não deveria ter mentido, mas você também não devia ter atendido meu celular sem permissão.

— Só fiz isso porque estava insistindo muito, achei que fosse algo

importante, entenda que no estado que te encontrei, eu estava nervoso.

— Até te entendo, Max... — Ele cheira meu pescoço. — Só que necessito do emprego, tenho uma casa para sustentar... — Fecho os olhos enquanto ele morde meu ombro. — Para com isso, Max... Assim é difícil pensar! — Saio debaixo dele irritada. — Onde fica o banheiro? Preciso tomar um banho, esfriar...

Ele simplesmente levanta, caminha até a extremidade do quarto abrindo uma porta que eu nem tinha reparado. Casa de rico parece cartola de mágico, a gente tira um coelho, mas tem a arca de Noé toda dentro.

— E eu preciso transar bem gostoso com você. — Sorri. — Mas em vez disso, vou pegar nosso café da manhã, apesar de já estar quase na hora do almoço.

Seguro seu braço impedindo que saia.

— Não atenda novamente meu celular. Nunca mais, entendeu? O que meus patrões irão pensar de mim?

— Que você está com um homem. Normal, é uma mulher adulta e solteira. — Sua postura muda e seu tom muda. — Ou será que tem algum envolvimento sexual com seus patrões?

— Óbvio que não. — Entro no banheiro percebendo que tem uma escova de dentes em cima da pia. Só pode ser para mim. — De onde tirou essa ideia?

Não nego que alguns patrões tentaram sim me levar para cama várias vezes em troca de dinheiro, mas não cedi e nunca dei a entender que cederia.

— Não sei... Ficou toda irritada... Achei estranha essa reação...

— Como assim? — indago realmente curiosa. — Não tem nada de errado com minha reação. Fiquei irritada porque me senti invadida.

Inferno de dia.

Começo a escovar os dentes com mais força que o necessário enquanto espero sua resposta. A todo momento olho apenas para o piso branco do chão, não queria ver meu reflexo no espelho, queria evitar ver o estrago em meu rosto, o que parecia impossível mesmo o banheiro sendo amplo com apenas a pia, o armário embutido e a banheira enorme. Só que tinha espelhos por toda parte. As paredes na frente, no teto e nos lados eram espelhos. Literalmente. *Caraca!* Que ego.

Olho para Max, escorado na porta, que ainda não respondeu minha pergunta, então deixo a escova de lado e repito.

— Como assim?

— Não sei... acho que é só cisma minha mesmo, não gostei deles!

— Nem eu gosto, mas é eles que pagam minhas contas. — Dou de ombros voltando a minha tarefa.

— Mônica, não minta de novo para mim, não gosto de mentiras... Olhe nos meus olhos. — Ele pausa tomando fôlego. — Já dormiu com eles em troca de dinheiro?

— Não, claro que não, Max. Eu nunca dormi com nenhum deles. — Minha cabeça começa a doer com toda essa conversa. Faz com que eu lembre coisas... — Prometo que não minto mais para você a partir de agora. Satisfeito? Posso terminar de escovar os dentes em paz?

— Sim...

Ele se aproxima, mas faço sinal para que não me toque.

— Não volte a fazer esse tipo de insinuações a meu respeito.

— Desculpa, não quis te insultar... — diz me segurando por trás. — Só tem mais uma coisinha... — *Lá vem bomba!* — Sua mãe também ligou.

— Você disse, minha mãe? — Quase engasgo. — Vocês... Você falou com ela? Falou com minha mãe? — *Diz que não, por favor.*

— Sim, sim e sim... Não se preocupe, ela me adorou, disse que minha voz é muito sexy.

— Aposto que disse. — *Aposto que ela te quer como meu marido também.* — A essa altura ela deve estar pensando...

— Que você transou a noite toda, fica tranquila que ela adorou a ideia. — *Imagino.* — Até me perguntou se te fiz gritar loucamente como se tivesse sendo assassinada.

Pior que eu estava quase sendo assassinada.

— Deus do céu, santa descrição.

— E disse que ligaria mais tarde querendo detalhes, ela jurava que você nunca mais transaria depois de um tal de Guto.

— Já transei depois dele. Muito. Ela sabe disso... o problema é que nenhum deles ficou até a manhã seguinte para atender meu celular três vezes "sem querer" — retruco. Minha mãe sempre espalhando que sou encalhada. Que ódio.

— Se puder me poupa de suas experiências sexuais, agradeço!

— Como se você não falasse das suas experiências para todo mundo.

— Não digo para todo mundo...

Sopro o ar quando lembro de uma coisa.

— Contou sobre o que houve comigo ontem para ela?

— Não, não... Ela ligou hoje cedo, eu já estava mais calmo, deixei ela achando que passamos a noite transando, falei que estamos saindo esses dias e...

— Max, isso quer dizer um compromisso para o futuro? Porque minha mãe vai achar que estamos em um relacionamento sério prestes a pisar no altar... Você deveria ter dito a verdade, que estamos apenas transando.

— Não estamos apenas transando, nem prestes a pisar no altar... mas por que futuramente não podemos ter um compromisso? Gosto de você, de ficar com você, o sexo é gostoso, nos damos bem... — Dá de ombros.

— Moro em outra cidade, seu pai me odeia, menti para você, você tem uma esposa... — *Minha mãe vai te fazer correr em dois segundos. Minha família é louca.*

— De novo com isso de esposa? Meu pai teve aqui, viu você, teria jogado na sua cara se eu fosse casado. — Brada ligando alguma coisa que não consigo ver e a banheira começa a encher de água. — Você mora em uma cidade próxima daqui, posso ir e voltar ou você pode vir, mando até jatinho te buscar... — Me empurra de perto da pia e pega algo no armário antes de completar olhando nos meus olhos. — Se quiser um compromisso teremos, se não quiser, invente desculpas.

Diz isso agora, mas depois, quando sentir tudo de um compromisso sério, vai sentir falta da vida de solteiro. Da liberdade. De viver outras experiências... Ou talvez eu vá sentir e estou fazendo o que ele disse. Inventando desculpas.

Acho que eu sofro de SIRC — Síndrome de Início de Relacionamento que pode virar Casamento —, sempre que estou prestes a ter um ou tenho um relacionamento que o cara é bacana, não consigo sustentar.

Sei que o problema sou eu, mesmo colocando a culpa na minha mãe, tenho medo do namoro evoluir para casamento. Não estou preparada para casamento, ter filhos... Eu fui em grande parte dos casamentos da minha mãe, eu vi todos darem errado ao ponto de hoje não me ver sendo noiva. Embarcar em uma aventura a dois me dá calafrios só de imaginar.

— Relaxa, Belly! — Max sussurra no meu ouvido. — Talvez isso não dê em nada.

E se dê? E se eu me apaixonar por você? E se você mudar de ideia? E se... Eu não gosto de me abrir para qualquer um. Eu sinto demais. E não tenho

boas experiências com homens.

Belly, você consegue ter um caso sem envolver sentimentos. A Telly tem um com o mesmo homem há anos e nunca deu em nada. Você também pode, penso enquanto observo ele sair do banheiro.

— Tem razão, Max... Talvez não dê em nada — murmuro mesmo sabendo que ele não está aqui.

Olho para o lado e vejo minha imagem no espelho. Não está tão ruim como pensava. Meu rosto está vermelho e inchado com um pequeno corte na lateral da boca. Um roxo embaixo do olho esquerdo. Toco na mancha, porém não sinto dor, só um incômodo.

Meu pescoço está vermelho e tem marcas de unhas nele. Levo a mão até minha cabeça no local onde senti um pouco dor, imagino que seja da pancada. Está inchado. Imagens da noite anterior me invadem fazendo meu corpo tremer. Eu poderia ter morrido ou... Não quero nem pensar se o Max não tivesse me encontrado.

— Trouxe comida para gente! — Levo a mão ao peito. Esse homem ainda me mata de susto. Parece que não anda, se *teletransporta* para trás de mim!

Vejo que ele segura uma bandeja com frutas, pães, bolo e uma jarra de suco laranja que não faço ideia do que seja, mas era só o que faltava, um piquenique no banheiro.

— Que delícia! Café da manhã em companhia com as bactérias do banheiro — debocho. — Você realmente é um cara romântico, como adivinhou que essa era minha fantasia?

— Hahaha... É um banheiro enfeite, engraçadinha, por isso não tem vaso sanitário, nem chuveiro, é limpo diariamente, é completamente limpo. Uso só quando quero relaxa na banheira.

— Tenho pena da infeliz que limpa esses espelhos todos os dias. — Pego um morango. — Aliás, para que tanto espelho?

Como o morango e já alcanço um pedaço de bolo na bandeja. Que fome.

— Tem certeza que não saber? — Nego e ele sorrir — Onde geralmente tem espelho no teto?

Motel! Dispensa explicações. Até imagino para que ele usa.

— Safado!

— Sempre. — Deixa a bandeja na pia dando um tapa na minha bunda,

que não está mais tão dolorida da queda.

— Vou terminar de preparar o banho.

Observo ele se movimentando no cômodo, os músculos se contraindo, o corpo grande e ágil fazendo minha imaginação viajar e todo meu corpo desejá-lo loucamente. Respiro fundo desviando os olhos da minha distração e só então percebo que ele está falando comigo. Só consigo ouvir as últimas palavras.

—... eu já tenho mais do que imaginei ter um dia.

Pisco três vezes confusa sobre o que exatamente ele estava falando. Até tento encaixar essa frase na conversa anterior, mas ainda não sei do que se trata. Viajei legal.

Max estende a mão para mim que aceito sem questionar o que disse. Não deve ser nada muito importante, se fosse, ele esperaria uma resposta.

Entro na banheira e a água quente cheia de espuma me abraça relaxando todo o meu corpo, curando dores e tensões, limpando minha mente e meu corpo. Que delícia.

Ele pega uma cartela de remédio no bolso e me entrega com um copo de suco.

— Toma, já passou da hora.

Faço isso meio anestesiada, o suco estava tão ruim que neutralizou o gosto do remédio. Suco de cenoura feito com jiló, porque nunca vi nada mais amargo. Pelo menos o banho é tudo de bom.

Ele traz a bandeja para próximo de mim e como enquanto observo ele ligar o celular em uma melodia dançante. E eu achando que íamos relaxar. Já ia pedir para colocar algo mais lento, quando Max começa a tirar a blusa vagarosamente como fiz da primeira vez que transamos. Sua cara é séria, até sexy, tenta me seduzir, mas ele rebola tão ridiculamente que começo a gargalhar sem controle. Parece que tem nove parafusos prendendo o quadril. Está pior que gringo sambando!

Ele mordendo o lábio, desce a mão pelo peito. Rebola. Põe o dedo na boca. Essa parte foi boa. Paro de rir prendendo a respiração quando ele tira a calça. Minha imaginação pervertida e com saudades desse *corpitcho* já começa a projetar posições, sons e água expelindo para fora do banheiro.

Ele volta a dançar e agora estou vidrada no seu pacote. Seduzida.

— Gostoso, se prepara que vou lhe usar.

Ele ignora, vira de costas, rebola me dando a visão do seu traseiro durinho desenhado na cueca, depois vira de frente e tira a boxer. Parece que tem

alguém bem mais animado que eu.

E agora que estava bom, ele entra na banheira ofegante, se acomodando atrás de mim. Mesmo contrariada, encosto em seu peito tendo toda a consciência de que a *chave* para o paraíso está entre nós. Cutucando.

— Gostou do show baby? — pergunta segurando meus seios.

— Adorei, já pensou em ser profissional... — Max rir pomposo — de circo? Ganhar dinheiro passando vergonha? Porque de graça não vale a pena não.

— Você também como dançarina é a melhor faxineira do mundo. — Segura minha mão impedindo que eu lhe dê um tapa.

— Seu pau duro me dizia o contrário... — retruco. *Sou ótima dançarina.* — Não está zangado com isso tudo? Mentir para você...

— Não estou, já até esqueci, afinal, mereci depois daquela brincadeira idiota... — diz de olhos fechados enquanto deixo mordidas no seu pescoço. — O que falta? — indaga de repente me fazendo parar confusa. — O que falta para realizar seu sonho?

A pergunta me pega despreparada. Não sei o que responder. *O que falta para realizar meu sonho?* Tanta coisa, então opto pela resposta mais óbvia:

— O que falta para todos... capital. Dinheiro.

— Quanto?

— Não vai pagar mais nada para mim. — Viro para olhá-lo. — Por que isso agora?

— Pensa comigo, posso te financiar e sermos sócios.

— Por que faria isso? Você tem um ótimo emprego, ações em das melhores empresas do Brasil...

— Porque quero um negócio rentável sem ter o dedo do meu pai, sem as ameaças e cobranças dele, sempre quis ter um negócio meu, mas como você, nunca tive coragem para jogar tudo para o alto e fazer o que tanto sonhei. — Ele molha meu cabelo brincando como uma mexa. — E ainda fazer sexo gostoso todos os dias com minha sócia.

— Max, não dará certo, está louco? Imagina você entrando em um negócio assim do nada, sem o menor planejamento...

— Belly, pensa, conversa com sua mãe, com seus irmãos e voltamos a discutir sobre isso. Sou empresário, administrador há tempo o suficiente para pesar riscos e lucro. Planejar e concluir um projeto rentável não será do nada.

Viro ficando completamente de frente para ele.

— Vou falar com eles assim que eu retornar para casa, agora chega de conversa. Quero você. Você me quer. — Sento em seu colo. — Nada de desculpas ou cuidados. Depois penso na dor ou em qualquer outra coisa, só me dê prazer e deixa eu te dar prazer — digo beijando sua boca.

Sinto um leve incômodo no início do beijo, por causa do corte no lábio, mesmo assim só paro para pedir algo que quero ardentemente:

— Me faça sua — sussurro contra sua boca olhando nos seus olhos dele.

— Seu desejo é uma ordem, senhorita! — sussurra de volta. No mesmo instante sinto ser preenchida lentamente por ele.

Um suspiro escapa dos meus lábios enquanto rebolo, suas mãos se fecham em torno do meu quadril e fecho os olhos para que aquela sensação domine todos os meus sentidos. Para que minha imaginação, minha pele, minha carne sinta o prazer que ele me dá, por estarmos sem barreiras. E assim para que nós sejamos um só, mesmo que por pouco tempo.



CAPÍTULO 13

ALGO DIFERENTE (PARTE 1)

Dias depois...

— Max, onde ficam as coisas nessa casa? — grito da cozinha que fica no andar de baixo. — Caramba! Não consigo achar nada aqui — continuo gritando batendo as portas do armário completamente vazio. — Estou com fome Max... Maaaaxx, responde infeliz, onde escondeu a comida?

Em cima da cadeira, cruço os braços soprando o ar com força, batendo o pé sem nenhum medo de cair enquanto espero por uma resposta, só para poder gritar novamente descontando toda minha aflição nele. Na verdade, nem sei se Max está me ouvindo, mas estou tão nervosa, preocupada e receosa, tudo junto e misturado com muita paranoia, ao ponto de só gritar com ele me deixa mais calma.

Jogo o cabelo para o lado e começo o retorcer entre os dedos. Hoje Max vai encontrar com os agiotas para pagar a dívida do meu pai. Não foi fácil achá-los, muito menos conseguir um acordo com o tal, mas usando seu dom de empresário e filho de Lúcifer, oferecendo o dobro do valor, a garantia de que não levaríamos a diante o processo contra os homens que me bateram, em dois dias de muita briga comigo, Max aceitou as exigências. Consegui marcar um encontro para levar o dinheiro e a garantia de que jamais votariam a tentar nada contra mim ou minha família. Não que nós acreditamos 100% na palavra de bandido, mas é toda garantia que temos.

Olho a cozinha toda trabalhada e planejada no inox quase suspirando apaixonada. Estou me sentindo como se tivesse ganhado na loteria da Disney dias de princesa. A casa do Max é simplesmente linda. Enorme. Parece um castelo. Luxo para todo lado e possui coisas que geralmente muitos só veem na TV. É nítido que alguém — uma mulher — ajudou Max a decorar tudo. Ele não conseguiria ter a sensibilidade necessária para ser sutil e elegante de mesclar cores fortes e chamativas à tons mais claros e discretos.

Na sala e nos corredores tem jarros, quadros, pequenas estátuas e o toque do Max, coleção de miniaturas de carros, armas e de bonecos de ação. Tem grafites em algumas paredes, desde mulheres quase nuas a bichos estranhos. Pelo que vi, se dependesse dele a casa seria só um jogo de vídeo game ou um museu "nerd". Aqui tem vários compartimentos "secretos". A casa toda é tipo um labirinto: portas que dão em banheiros, quartos, onde ele guardou a comida e sei lá, tenho até medo de andar por aqui sozinha e me perder numa dessas

entradas.

Rio com o pensamento de me perder aqui, quando ouço o barulho de sapato se chocando contra o piso, viro-me para olhá-lo e sou presenteada com toda a sua beleza. Um dia eu me acostumo com ele ficando lindo de terno ou simplesmente como ele é lindo até dormindo. Um dia eu me acostumo que tudo isso que vivemos durante esses dias no futuro será apenas uma boa lembrança.

Balanço a cabeça para espantar esses pensamentos nostálgicos e aproveito para observar com atenção como Max fica bem de roupa social, e na sua cor favorita: preto. Está com cara de mal parecendo um agente, com direito a óculos escuros às sete horas da manhã dentro de casa. Começo a rir sentando na cadeira.

— Te chamo de Maximiliano Castelli ou de James Bond? — provoco.

— Engraçadinha você, hein? — Dá uma volta. — Mas respondendo sua pergunta, pode me chamar de "*seu gostoso*" — brinca sorrindo.

— Te chamo de gostoso... — digo caminhando para ele como uma leoa pronta para devorar sua presa. — Grito se quiser. — Puxo sua gravata mordendo com força seu lábio. — Se prometer que vai voltar intacto para mim, faço o que você quiser.

— Pedindo assim vou voltar intacto e duro. — Retira os óculos e completa olhando nos meus olhos. — Pode ter certeza que estou seguro. Tenho tudo sobre controle Mônica.

— Tenho medo de te machucarem... — confesso me arrependendo profundamente de ter aceitado a ajuda dele nessa história. Não deveria tê-lo envolvido nisso.

— Vou ficar bem, se tivesse algum risco para mim, eu não estaria tão tranquilo.

Você não está tranquilo, está fingindo para me deixar calma, penso me esforçando para não externar esse pensamento, afinal não quero brigar agora e depois me sentir ainda mais culpada caso ele se machuque.

— Estou com fome — digo com o rosto escondido no peito dele

— Já comeu três vezes nos últimos trinta minutos... Ou vai passar mal ou depois vai reclamar que está gorda.

— Posso fazer o que? Estou com fome.

— Não está com fome, isso é apenas nervosismo. — Puxa-me pela mão até a sala e como se eu fosse uma criança teimosa, tenta me fazer sentar no sofá, mas resisto. — Eu vou ficar bem, sei negociar, lidar com situações

complicadas... — Segura uma mecha do meu cabelo. — Confia em mim.

Situações complicadas de negócios, com empresários de alto escalão, não com bandidos armados.

— Eu confio em você Max, mas... — Abraço sua cintura e ele me aperta em seus braços. Não queria dizer isso, mas amo como esse infeliz me faz sentir segura e quero deixá-lo seguro também. — Tem certeza que deseja ir sozinho, eu posso ir com você...

— Tenho certeza, vou sozinho, em um território neutro e vigiado por seguranças de minha confiança. Não estarei em risco, fique tranquila. Tenho tudo sobre controle. — Beija minha testa. — Faça nosso almoço, vou voltar com fome.

— Pode pedir fora? Não sei se consigo cozinhar hoje.

— Pode pedir se quiser, vou deixa o número, mas vou ligar para o lugar e deixar avisado para não trazer nada antes do meio dia. — Tira um celular do bolso e estende para mim. — Você sabe a senha, estarei com o celular da empresa. — Dá um selinho. — Não coma mais nada ou vai acabar passando mal. Volto logo!

— OK. Vou ligar para minha mãe e me ocupar com as besteiras que ela fala. — Sorrio, se mamãe ouve isso, me mata.

Ele também ri, beijando novamente minha boca.

— Agora, o destino me aguarda. — Pisca para mim com um sorriso safado. — Me chame de Bond — colocou os óculos antes de completar —, James Bond!

Sorrio sozinha balançando a cabeça, olhando por onde ele se foi. Mesmo involuntariamente começo a roer as unhas. Estou a um passo do fim de um pesadelo, de fechar de vez essa parte do passado — finalmente — ou a um passo de que tudo dê errado e Max se machucar por minha causa. Um dos homens mais incríveis que já conheci e em tão pouco tempo conseguiu quebrar todas minhas barreiras e entranhar dentro de mim.

Amarro meu cabelo em um coque bem alto, pego o controle do Home Theater ou é um Mini System? Sei lá, tento colocar em uma rádio qualquer, desejando pôr no último volume para fazer meus neurônios explodirem e não pensar nenhuma bobagem, mas simplesmente não consigo mexer nesse troço, então desisto, sacando o aparelho e ligando para minha mãe. Depois de uma década e doze ligações, ela atende afoita:

— Oi filha, fala rápido que estou com duas encomendas atrasadas.

— Mãe, já disse para não abusar... sabe que tem o seu problema no

braço...

— Eu sei filha, estou bem, só atrasada. Ontem Telly, voltou muito tarde e cansada do trabalho e não conseguiu me ajudar com essas encomendas, mas não se preocupe, dou conta de tudo até a noite.

— Está bom, mas não abusa, se cuida, só falta ficar com o braço inchado de novo sem poder fazer nada.

— A mãe aqui sou eu, estou meio velha para levar broncas de filha que nem sabe o que quer da vida — ironiza toda trabalhada no deboche.

Velha só para broncas mesmo e ainda assim, vai eu dizer que ela está velha para ver se o mundo não desaba na minha cabeça na mesma hora.

— Desculpa mãe, eu me preocupo com a senhora.

— Se preocupe em fisgar o Max.

Ouçõ um barulho de liquidificador e aproveito para fugir do assunto: minha relação com o Max.

— Está fazendo bolo?

— Não, uma torta, para o almoço, não vou ter tempo para fazer mais que isso.

— Telly está na faculdade?

— Não sei, saiu com o Thomas dizendo que ia resolver alguma coisa no escritório dele antes de ir para faculdade, com certeza foi dar em algum motel... — seu tom é rude e mesmo pelo telefone sou capaz de adivinhar que sua boca está em linha reta de desaprovação. — Já disse que não gosto dessa relação. Essa menina não me escuta... Ah, mas se ela ficar grávida, aqui vai ter show ao vivo da dupla sertaneja Cinto e Chinelo, só vão ouvir eles cantando e loirinha dançando e pulando até o sol raiar — diz derrubando algo, que pelo estrondo, imagino ser a casa toda.

Até tento não rir, mas é inevitável, só minha mãe para falar essas coisas.

— Relaxa mãe, faz anos que estão juntos... Deixa ela se divertir com o amigo, pelo menos nós o conhecemos, poderia ser pior...

— Relaxa... — repete com desdém — Poderia ser pior? Ela está apaixonada por ele, vai acaba sofrendo uma hora ou outra, como vou relaxar?

Nesse quesito sou obrigada a concordar. Isso pode acabar mal para minha irmã, porém ninguém pode fazer nada. A vida é dela e tem o direito de estragá-la se assim quiser.

— Podemos mudar de assunto? — peço. Não sei mais o que opinar,

nem quero escolher um lado e já estou nervosa o suficiente para começar a pensar na minha irmã sofrendo uma desilusão amorosa.

— Sim, podemos fugir do assunto... Como sempre. — Escuto o baralho do forno abrindo e fechando com um baque. Minha mãe é a única que cozinha com amor e violência. — Conseguiu pagar a dívida?

Contei a ela da proposta do Max em comprar a dívida, ela ficou meio cismada, mas no fim aceitou. Pedimos ao Thomas junto com o advogado dele para fazerem o contrato registrado em cartório, tudo certinho, não quero ter problemas com isso no futuro... Só não contei a proposta de sermos sócios, farei isso pessoalmente quando retorna da viagem.

— Max acabou de sair daqui levando o dinheiro... — Deito no sofá cobrindo o rosto com o braço. — Estou com medo de fazerem algo de ruim com ele.

— Não vão fazer nada. Já, já, seu negão gostoso de quase dois metros de altura volta para os seus braços — diz em tom de cumplicidade. — Safada sortuda. Que inveja.

Às vezes minha mãe fala cada coisa que nem parece mãe.

— Mainha... — começo em tom reprovador, porém, paro percebendo algo estranho. — Como sabe que o Max é um negão de quase 2 metros de altura? — pergunto desconfiada.

A linha fica muda por uns segundos, afasto o celular do ouvido apenas para verificar que ela ainda está na linha pouco antes de ouvir sua voz indignada.

— A Telly me contou... Adivinhando que não foi, né filha? Tenho cara de bruxa, mas não vim com bola de cristal não — ela pausa antes de completar —, ou acha que eu investigaria o Maximiliano com uma pesquisa bem detalhada no *google*?

Não acho, tenho certeza. Primeiro, Telly era muito nova quando o vi pela última vez na época do colégio e não deve lembrar dele o suficiente para sanar a curiosidade da minha mãe. Segundo, Max agora está bem mudado. Lá ele era criança, adolescente na verdade, não era tão forte, tão alto, lindo... gostoso. Ui... viajo nesse homem, na voz, no corpo, no cheiro, no toque... Tudo nele me excita, enlouquece e cativa de jeito que às vezes me sinto completamente apaixonada. No entanto, não posso nem cogitar essa hipótese, imagine contar para minha família a possibilidade de estar apaixonada. Minha mãe e irmã iriam surtar. O certo é fazer as duas pararem de investigar e alimentar ilusões a respeito dos homens que eu transo.

— Vocês têm que parar com essa mania de revirar a vida dos caras que

eu saio.

— Foi só uma pesquisada de leve sem querer filha... — Suspirou fazendo cena. — Como vou saber se ele não é um traficante? Ou um assassino? — *Que exagero.* — Falando nisso, e o pai do Max? Voltou a te encher?

O que tem a ver Sr. Castelli com assassino e ladrão?

— Graças a Deus, esse chato sumiu.

— Tomara que tenha engolido o próprio veneno e se intoxicado. — Gargalha. — Idiota soberbo, não aceita você ter estudado em um dos melhores colégios do país sendo filha de pessoas humildes.

Apesar de todos no colégio acharem que sou bolsista, o pai da Telly e do Ricky, era quem pagava os meus estudos. Após o divórcio, minha mãe abriu mão da pensão e da casa que eles moravam, em troca de pagar meus estudos e dos gêmeos. Na época meu ex-padrasto era bem de vida, mas não tão bem-sucedido como agora. Acho que aceitou o acordo porque sabia que ficaria ainda mais rico e não ia querer dividir tudo com minha mãe. No fim, ele saiu no lucro.

— Contribui muito nesse ódio dele contra mim.

— Azar o dele, porque agora você vai casar com o filho dele.

Casar?

— Nem vem com essa história de casamento... — grito.

— Grita de novo comigo e sou capaz de arrancar seu pinguelo com um alicate de unha. — *Ai.* — Me respeita menina.

— Desculpa.

— Ligou para algo específico? Preciso terminar as encomendas.

— Não, só estava nervosa, preferia comer, mas não acho comida. Max escondeu. — Reviro os olhos.

— Ele fez bem, sei o quanto você come quando está ansiosa. — Suspira parecendo cansada. — Vai fazer algo mais produtivo tipo: correr, dançar, assistir...

— Vou ver o que faço.

— Traga o Max aqui. — Faz o pedido que eu tanto temia. — Quero conhecer.

— Não começa mãe... — Pego o controle da TV me jogando novamente no sofá enquanto brinco com o objeto. — É só sexo.

— Filha, é sempre "só sexo", todos os casamentos começam assim. — *Ela disse casamento de novo?* — Deixa ele achando isso, quando ver está de quatro por você, com uma aliança enorme no dedo e dois filhos nos braços

dizendo "*sim, querida*".

— Não quero nada disso.

— Quer sim... Traga ele filhinha querida — pede com uma voz de quem fez muita birra quando era criança.

Antes era safada sortuda, agora é filhinha querida. O mundo dá voltas.

— Mãe, nem temos uma relação formal.

— Não se preocupe, qualquer coisa, se você não ficarem juntos, eu fico. Que voz, que corpo... Só de lembrar me arrepio toda.

— Sempre que puder me poupa, se poupa, nos poupe Mãe. — *Só o que faltava é minha mãe interessada no meu namo... Peguete.* — Irei tentar convidá-lo para um almoço e nada de tratar como meu namorado.

— Nada de almoço, convida para jantar, assim faço ele dormir aqui em casa.

— E a regra número um da casa Oliveira — coloco a mão no peito solenemente antes de citar a regra —, sem pessoas que não tenha o meu sangue ou de mama na minha teta dormindo embaixo do meu teto, na mesma cama que minhas *crias*.

— Eu disse dormir, apenas e nada mais que isso e não será com você... — *Espero que nem com a senhora.* — Nem cogite a hipótese de transar com ele na minha casa, nos lençóis que eu lavo. Sem safadeza aqui. Nem espaço e privacidade para isso tem.

— Mãe, eu nem sei se ele vai aceitar e já estamos falando de dormir aí.
— Passo a mão na testa.

— Ele não tem de querer... Obrigá ele a vir e o resto deixa que eu faço. Ele vai ser seu.

É desse resto mesmo que tenho medo.

— Como vou fazer isso? Obrigá a ir jantar conosco.

— Usa os lábios minha filha querida, só não digo quais — sua voz soou tão cínica que ela nem precisa dizer quais. — Faça ele gritar filha "sim", "Oh! Simmm, Belly..."

— Mãe! — grito — Me poupe, me poupe.

Ainda bem que já cresci traumatizada, porque caso contrário, ficaria nesse momento.

— Nossa, como você é sensível, parece até que não conversamos abertamente sobre sexo.

— Eu vou apagar isso da minha mente. — Ouço mamãe gargalhar. — Prometo que vou tenta convencer.

Escuto um estrondo do outro lado da linha, seguido de um grito da minha mãe que me faz pular aflita.

— O que...

Antes de completar a frase escuto um berro dela que quase me deixa surda.

— Quer me matar do coração moleque? Bate essa porta de novo que eu vou aí fechar ela com teu saco grudado no batente, seu filho *duma* égua.

— Que isso mãe? — pergunto mordendo a língua para não rir.

— Seu irmão que está tentando fica sem as bolas... — sua voz tremia. — Só pode ter perdido o amor pela vida... Onde já se viu bater à porta assim do nada?

— Ricky batendo portas?

O ser humano mais equilibrado da família, se revoltou e agora está batendo porta? *Que loucura é essa Brasil?*

— Anda frustrado porque não consegue um estágio remunerado.

— Sabe, eu pensei em pedir para o Max arrumar um estágio lá na empresa do pai dele para o Ricky — comento receosa da reação da minha mãe. Ela detesta o pai do Max com a mesma intensidade que ele nos detesta.

— Oi? Surtou filha, o velho jamais aceitará algum de nós na empresa. Nem como clientes, imagine trabalhando lá.

— Ele teria que descobrir o parentesco — digo sentando por cima das minhas pernas. — Somos de pais diferentes, eu tenho apenas seu sobrenome, Oliveira e o Ricky tem o Oliveira e o Melo que é do pai dele. Certeza que Sr. Castelli não lembra nosso sobrenome e sem contar que o pai do Ricky é ricoço, como um homem de negócios, Sr. Castelli vai querer o filho de um possível aliado trabalhando para ele. Não tem como dar errado.

— Não entendi nada e parece uma loucura total... — Fica muda por alguns minutos. — Adorei! Qualquer coisa José se vira para achar emprego para o filho dele.

— O Ricky não vai aceitar. Ele quer algo que batalhou para conseguir, não por ser filho desse homem. Deixa eu falar com o Max e depois fazemos meu irmão aceitar pelo menos nossa ajuda... — Começo a roer as unhas novamente. — Aliás, Max está demorando demais.

— Calma Belly, não estamos nem em 20 minutos de ligação, vai ver

ele nem chegou lá ainda. Vai tomar um banho na banheira incrível da pousada. — *Que pousada?* — Eu vi no catálogo, tem massagem ou era sauna... — *Ahhh... Aquela que ela alugou para mim e nem fiquei um dia.*

— Tinha sauna? — *Droga! Nunca fiz sauna.*

— Sei lá filha, você que está aí não sabe de nada, eu que vou? — agora ela parecia brava. — Dividi em 10x toda empolgada para você nem aproveitar...

Vixe! Ela sabe que não estou lá. Está sendo sorrateira.

— Sabe que não estou lá, né?

— Ingrata, filha da mãe! Como deixou aquele lugar magnífico? Aposto que alugou uma quitinete xixelenta para economizar.

Pois é, foi exatamente assim, como ela mesma costuma dizer "*nível de pobreza: avarenta até com o dinheiro dos outros.*"

— Me conhece bem, sabe que eu faria isso...

— E achou que eles não iam me ligar avisando? Ou que eu não ia ligar para eles? Tenho cara de idiota? — berra.

— Se sempre soube que eu não estava lá, por que não disse?

— Porque a Telly me convenceu a deixar para lá. — *Te devo uma mana.* — Onde está ficando? — Seu tom voltou a ser brando.

— Na casa de uma amiga.

— Você não tem amiga.

— Agora tenho, é do colégio, não se preocupe.

— Me preocupo sim e vamos conversa sobre isso quando você voltar... Aliás, quando volta?

— Volto daqui a dois dias, na sexta... — E estou evitando pensar nisso.

— Vai assistir TV e nada de ligar para polícia... Vou ver o que houve dessa vez com seu irmão... Antes que ele quebre tudo no seu quarto.

No meu quarto?

— Fala que vou conseguir um estágio para ele e não deixa quebrar nada meu, só da Telly.

— Está bom e divirta-se.

Encerro a ligação deitando no sofá. Olho para o relógio, quase 9 horas e nada do Max. Esfrego os olhos me sentindo exausta. Numa tentativa de não pensar besteiras me perco em divagações sobre minha vida nos últimos dias. Ainda não conseguia acreditar que aceitei a maluquice de "morar" com o Max,

mesmo que por pouco tempo, estou dormindo e acordando ao lado dele e está sendo tudo tão incrível, que não dá para acreditar.

Faz quase sete dias, isso mesmo, sete maravilhosos dias que estou aqui. Comendo, dormindo, transando, conversando... Fazendo tudo com ele.

Se *mainha* descobrir que estou "morando" com um homem sem um papel atestando nosso casamento, vai surtar. Ela é completamente contra juntar "os trapos", as escovas... Amigar então? Para ela é a palavra *amiga* escrita errada. Capaz de fingir um infarto se souber que estou infligindo um de seus conceitos morais. Rio imaginando o circo que seria.

— Melhor isso tudo ser um segredinho meu — digo levantando do sofá.

Corro para o andar de cima, onde fica o quarto do Max. Direto para o closet dele, que é maior que meu quarto atual que ainda por cima divido com a Telly. Tem tanta roupa, tênis, relógios, gravatas e sapatos aqui que duvido ele ter usado tudo. Estou me sentido em uma loja de grife, só falta os vendedores.

Caminho e as luzes vão acendendo por onde passo, o cheiro forte do perfume masculino está em toda parte, deslizo meus dedos pelas roupas dele. Grande parte na cor preta, branca e algumas em tons de vermelhos, azul e verde. No fim tinha algumas roupas e camisolas minhas. Era evidente a diferença. As roupas dele de luxo, os melhores tecidos e provavelmente o preço da minha casa... E tinha meus trapos velhos. Olhando o cenário parecia que penduraram pano de chão no meio das roupas novas. Preciso comprar roupas pra mim urgente.

Viro para o lado e vejo uma gravata linda na cor azul e branca. Sorrio tendo uma ideia. Tiro toda minha roupa, ficando só de calcinha. Visto um paletó azul escuro. O menor que achei no fim do closet, creio que nem dá nele. Prendo meu cabelo e vou para o banheiro dos espelhos. Hummm isso ficou bom. Pisco para meu reflexo colocando a gravata no pescoço sem dar o nó, verifico novamente ficando na ponta do pé.

— Com um salto alto ficaria melhor.

Corro para pegar o salto que a Telly me deu. Era o mais alto e lindo que eu tinha. Me deixa sexy e poderosa. Faço uma maquiagem forte marcando bem a boca e os olhos. Vi tudo em um tutorial no YouTube e como não tenho muitos recursos, não levou muito tempo para ficar pronta.

— Uau! Max vai adorar isso... — Mordo o lábio safada, puxando o paletó para ver melhor minha bunda no espelho. — Merda, engordei!

Minha bunda está enorme e minha barriga também, sinal claro de que

engordei bonito nesses últimos dias. Como não percebi isso antes? Era de se esperar que Max e sua fome sem fim, a falta das corridas matinais e da dieta iriam me transformar em uma baleia azul urbana.

Desvio os olhos do espelho para porta e vejo o Max encostado nela de braços cruzados, descalço e sorrindo.

— Tudo isso é para mim?

Dessa vez não me assusto, apenas sorrio ao ouvir a voz grave que sempre causa um reboliço no meu corpo fazendo eu esquecer padrões, rotinas, dietas e neuroses.

— Para quem mais seria? Se só tenho você — respondo correndo para abraça-lo. — Como foi lá?

— Ocorreu tudo bem — diz me pegando no colo.

Adoro quando ele faz isso. Tão prático que pareço ser até leve, me coloca em cima da pia. E começar a massagear o ombro.

— Que houve? Está machucado? — indago preocupada.

— Não, só você que está mais pesada, acho que deu um jeito no ombro — brinca.

Pelo menos eu espero que seja uma brincadeira.

— Vai se foder idiota e de pensar que ainda fiquei preocupada com você. — Soco seu braço.

— Gostosa. — Puxa a manga do paletó deixando meu ombro e meus seios amostra. — Nunca me canso de você.

— Acho bom não cansar mesmo, porque ainda tem muito de mim para ti — digo abrindo as pernas para que ele se encaixe entre elas.

— Safada. — Dá um tapa na minha coxa.

— Pensei em fazermos algo diferente hoje...

— O que deseja fazer?

— Realizar um fetiche que tenho desde que cheguei aqui: te comer todo sério de paletó.

— Odeio quando você diz *te comer*, parece que estou saindo com um homem. — Ele tentar se afasta, mas não permito.

— Acostume-se! — Seguro firme seu braço. — É comigo que vai dormir independente do que eu diga. Nunca fui muito feminina, nem romântica e sempre gostei de dominar a situação, e você até que gosta e muito do meu jeito.

— Adoro, muito obrigado por me fazer sentir um boiola — debocha.

Vou acabar brigando com esse imbecil. Caralho, eu toda gostosa aqui pronta para ele e fica de conversa fiada por uma besteira. Respiro fundo e decido continuar com meu jogo de sedução.

— Tira a roupa que te faço se sentir homem. — Deslizo meu pé por seu peito. — Sabe... — tiro a gravata do meu pescoço e deslizo por meu corpo até a barra da calcinha — quero te amarrar na cama ao som de um pop bem sensual, beijar, morder e lambe todo seu corpo como se fosse um sorvete de chocolate cremoso... — Começo a abrir sua camisa. — E depois foder bem forte com você.

Ele sorri enigmático e aproxima a boca do meu ouvido sussurrando:

— E se eu te amarrar em uma cadeira, de quatro, com os olhos vendados, ao som de uma balada sensual e fazer com seu corpo tudo que eu quiser?

Hummm... Parece uma excelente ideia.

— Sou toda sua — digo entendendo meus pulsos para ele.



CAPÍTULO 14

ALGO DIFERENTE (PARTE 2)

Observo Max atentamente esperando, ansiando, que ele amarre meus pulsos. Nunca antes tinha permitido um homem me imobilizar. Um tanto por insegurança minha outra por falta de confiança nele, mas com Max é diferente, sei que ele não faria nada que me machucasse. Sei que ele não faria nada com meu corpo que não fosse para o meu prazer.

— Vai fazer tudo que eu mandar? — pergunta todo safado apalpando meu seio.

— E muito mais — digo lambendo os lábios olhando para o volume da sua calça, já imaginando tê-lo na minha boca completamente a minha mercê.

Max sorri de lado parecendo satisfeito com minha resposta. Continua olhando nos meus olhos como se procurasse algum tipo de aprovação enquanto tira o cinto.

— Põe os braços para trás — manda tirando o paletó que recobria meu corpo.

Eu realmente tinha imaginado algo diferente. Diferente até mesmo do que ele tem em mente.

— Max... — *Não vai me bater com isso né?*

Ele acerta o cinto na minha coxa, me fazendo pular em um misto de dor e susto.

— Obedeça sem retrucar.

Abro a boca para resmungar, mas vejo o lugar vermelho e de certa forma isso me excita. Sei que ele não bateu forte quanto poderia, mas foi um aviso de que bateria se eu não obedecesse.

Pulo da pia colocando as mãos para trás, viro para ele empinando bem a bunda para provocá-lo. Max acerta uma palmada forte no meu traseiro, me fazendo gemer.

— Ai Max... — digo bem safada sabendo que ele gosta.

— Gostosa — sussurra antes de amarrar meus pulsos bem firme com o cinto.

Acompanho todos os seus movimentos pelos espelhos do banheiro. É um contraste delicioso: eu quase completamente nua em cima de um salto e ele de terno e relógio no pulso. Ah, como homem de terno me excita, com relógio então, minhas pernas tremem.

Max percebe que estou o admirando pelo espelho, mas não se inibe, pelo contrário, segura minha nádega firme enchendo a mão e simultaneamente puxa meu cabelo levantando meu queixo. Ofego com a brutalidade do ato e Max aproveita para tomar minha boca com a sua em um beijo molhado. Quente. Voraz. Carnal. Que faz meu corpo ter um turbilhão de sensações.

Sua mão aperta ainda mais minha bunda me fazendo gemer de olhos fechados. Quero virar de frente para ele e esfregar meus mamilos rígidos no seu tórax. O beijo diminui a intensidade e sua boca escorrega por meu pescoço.

— Hummm... Max...

Ele volta a me beijar, ora com paixão como se quisesse arrancar uma parte de mim. Ora com carinho, como se sentisse mais do que demonstrasse. Esfrego as pernas gemendo a beira de um orgasmo. Suas mãos descem e sobem desenhando minhas curvas, apertando meus seios me fazendo gemer ainda mais. Vou enlouquecer se continuar por muito tempo só nos beijos. Estou prestes a implorar para ser fodida ali mesmo contra a pia fria.

Sinto-me entregue. Totalmente rendida aos seus mandos e desmandos. Desejando ficar quieta e deixar que ele faça tudo comigo e ao mesmo tempo querendo que minhas mãos estivessem livres para arranhar toda pele exposta que eu encontrasse pela frente.

Fecho os olhos quando suas mãos abandonam meus seios e seguram minha garganta, esfregando sua ereção em mim. Esse gesto me excita ao ponto do meu corpo todo estremecer. Jogo a cabeça para trás e gemidos escapam da minha garganta. Minha respiração falha quando feito um vampiro Max desce um caminho de mordidas que com certeza deixa marcas, por minha nuca, clavícula até meus pulsos amarrados. Ele está tão perto de uma área minha que necessita de sua atenção.

— Max, por favor, não judia de mim assim não!

Ouçõ Max rir e vejo pelo espelho ele segurando com os dentes minha calcinha. Essa imagem me excita ainda mais, Max quase de joelhos todo engravatado mordendo minha calcinha. Pertinho de me levar ao paraíso. É o auge das minhas fantasias. Volto a esfregar as pernas.

— Pare! Só eu te dou prazer.

— Até agora não vi nada — provoco mesmo correndo o risco de ser "castigada".

— Se não calar a boca, além de não ver, não vai falar também — comenta alisando minha bunda com um sorriso de quem tem algo em mente. Rasga a calcinha e cheira de olhos fechados.

É hoje que eu serei seu brinquedo novamente. Abro a boca para retrucar, mas me calo quando em um movimento brusco ele me vira e seus olhos estão mais escuros do que o habitual, há mais no seu olhar. Algo que não consigo decifrar, porém, não é a primeira vez que vejo isso. Nunca tinha visto tanta intensidade. Tão meu. Tão forte e excitante.

Sem desviar seus olhos dos meus, Max puxa meu cabelo novamente sem delicadeza e toma minha boca de forma lenta. Sua outra mão arranha minha coxa puxando minha perna até quase a altura de seu quadril. Sem dar-se por satisfeito, brinca com meu clitóris fazendo meu ventre contrair e mais uma vez não contenho o gemido alto de prazer.

Ele se afasta tão abruptamente quanto quando iniciou o beijo, tão ofegante quanto eu, sua cara é de *bad boy* que acabou de sair do reformatório. *Eita!* Parece que alguém aqui, além de mim, está adorando o papel de menino mau dono da porra toda.

— Se inclina na pia, com essa bunda gostosa bem arrebitada para mim.

Faço o que ele pede sem nem cogitar reclamar, só o contato da pia fria contra meus seios, que a essa altura estão bem duros desejando uma língua já me faz ofegar, imagine quando ele fizer o que eu imagino. Fecho os olhos me preparando quando ele abre minhas pernas e então, nem ligo, mas para pia fria ou para meus seios necessitados, só grito ao sentir a língua dele me chupando, lambendo como se eu fosse seu doce favorito.

— Max... Minha nossa... Que delícia... — grito sem parar sentindo cada vez mais meu corpo estremecer.

Caralho! Isso está melhor do que imaginei. Minhas pernas falham, mas só serve para ele chupar com mais força. Max aperta e bate na minha bunda xingando, chupando, me chamando de gostosa.

— Oh... Max... Eu vou...

Ele não me deixa completar, chupa com mais vontade meu clitóris, metendo dois dedos em mim, foi o pouco que faltava para meu corpo convulsionar apertando os dedos dele chegando ao orgasmo. Na boca dele. Isso me faz sentir ainda mais tesão. Ofegante, tento me manter de pé, sem usar as mãos ficava difícil.

— Para o quarto, quero você na minha cama — ordena.

Ainda fico alguns segundos tomando fôlego, então tento caminhar apesar das minhas pernas tremerem. Parece que vou me *estabacar* no chão a qualquer momento.

Quando finalmente consigo chegar a sua cama, me jogo nela de

braços. Max me puxa para a beirada, me posiciona com o traseiro bem para cima.

— Vou te comer assim... Toda *empinadinha* para mim — avisa. — Você é minha vadia, Belly! — grita batendo em minha nádega. — Só minha! Entendeu? — Outra palmada — diz que é minha.

— Sim, sou sua vadia, sou o que você quiser. — Vejo por cima do meu ombro ele tirar a gravata do próprio pescoço e fico sem entender até ele vender meus olhos.

— Vou buscar umas coisas para deixar isso mais interessante.

— Vai me deixar assim? — pergunto indignada sem obter resposta. — Não vou ficar aqui enquanto você... Maaax? — chamo ainda sem obter resposta — Maaaax? — berro.

Droga, ele saiu e me deixou falando sozinha.

Desobedecendo sua ordem, mesmo com dificuldades e muito medo de me espatifar no chão, consigo sentar na cama. Até parece que vou ficar de bunda para cima, nua, com as mãos amarradas, vendada e sozinha, vai saber que tipo de constrangimento estou sujeita a passar com a sorte que eu tenho.

— Mandei ficar como estava.

Nossa, foi rápido, penso quando escuto a voz zangada e grossa do Max me fazendo ter um sobressalto. Sua voz se faz presente em todo meu corpo de maneira nova, causando arrepios de excitação. Nem eu sabia que tinha um lado submissa gritando dentro de mim. No mesmo instante volto ou pelo menos tento voltar, a posição que estava há minutos. Como ele me colocou, tarde demais. Sinto o colchão afundar e ele puxar meu cabelo.

— Acho que merece um castigo por essa desobediência.

— Não mereço... Aí... Filho da puta — grito quando sinto algo úmido acertar com força minha bunda. — Caralho Max! — berro novamente quando o objeto volta a acertar três vezes seguidas ainda mais forte, sem me dar tempo nem de respirar ou me defender. Certeza que vai deixar a marca. Agora ele está exagerando. — Bate em mim de novo e... ai, ai... — Prendo os lábios com os dentes quando ele volta a bater mais três vezes no mesmo lugar e só então identifico o objeto com o qual estou apanhando. É uma toalha molhada. Na falta de um chicote, improvise. — Isso é...

— Calada! Será possível que não consegue ficar quieta um segundo? — Acerta uma palmada no meu traseiro já bastante dolorido. — Só fala agora quando eu mandar, entendeu?

— Não acredito que aceitei isso, pode alimentar seu ego, mas vai ter

volta — retruco.

— Acho que vou comprar pão no México e te deixar aí por uns dias sem água ou comida, seria um bom castigo e de quebra, você já perde os quilos a mais. — Mordo a língua para não responder a provocação. Sinto os dedos grossos passearem por minha bunda descendo até a junção meio molhado de minhas pernas. Negarei, já que ele acabou de me ofender, mas fiquei excitada com a surra de toalha. Ouço ele estalar a língua. — Que vontade de te criar em cativeiro. Está maravilhosa nessa posição. Molhada. Marcada. Minha.

— Max, não sou frango de vitrine, agiliza com isso, me fode logo desgraçado.

Ele ri.

— Xiuuu, não me desconcerta... Vai ser no meu tempo ou vou amordaçar você.

Fico calada, estou bem mais excitada e ansiosa para tê-lo assim dentro de mim. É a primeira vez que faço sexo vendada e amarrada, o fato de não poder ver o que ele vai fazer é o mais excitante. Só consigo ouvir seus movimentos no quarto antes dele voltar a me tocar e posicionar melhor meu traseiro. Sinto uma coisa passar por minhas pernas e me arrepio com o leve toque. Parece seda. Ele está amarrando minhas pernas aos meus braços. *Meu Deus*. Uma mistura de medo com tesão me invade fazendo meu corpo estremecer.

Escuto uma balada começar a tocar e uma voz de mulher encher o ambiente. A balada é sexy e reverbera por meu corpo fazendo mesmo com dificuldade meu quadril balançar. Max volta a puxar meu cabelo e me beija. Sua boca tem um gosto doce de algo com cereja e menta. É frio e um pouco escorre por minha garganta me fazendo arrepiar. O corpo grande e másculo do Max roça no meu por um momento, fazendo a umidade do meu sexo aumentar ao constatar que ele está nu. Deliciosamente nu.

— Max...

— Se não se calar, não dou o que você quer — sussurra no meu ouvido mordendo o lóbulo da minha orelha enquanto suas mãos passeiam quente e suaves em uma massagem do meu pescoço ao ombro. Abro a boca e suspiro fortemente.

— Que delícia...

Posso senti-lo roçando, me cutucando tão perto. Mais um suspiro escapa da minha garganta quando algo gelado desce pela pele quente do meu pescoço até metade das minhas costas. Max morde meu ombro e lá está o gelo novamente.

Meu Deus, isso ficou ainda melhor.

Puxa com firmeza, suas mãos cravadas na minha cintura e só de imaginar seu próximo movimento fico louca. E então, sem aviso, ele chupa entre minhas pernas com o gelo na boca. Grito de prazer me contorcendo em seu aperto firme. Sua língua passeia da minha vagina ao anus e a parece faminto e insatisfeito, pois logo sinto seu dedos entrarem em mim e já não freio meus gemidos. Saem altos e despidorados.

Ele acerta duas palmadas fortes em minhas nádegas. Caramba, isso está bom. Jogo a cabeça para cima e grito. De repente, uma sensação de frescor toma conta de mim fazendo minha respiração ficar suspensa. Todo meu corpo grita de prazer, uma maravilhosa sensação de ser tirada do chão e lançada no espaço explodindo em um orgasmo arrebatador.

Não tenho tempo de pensar, logo ganho um novo puxão no cabelo, e ele entra com tudo em mim. Se eu não tivesse tão excitada teria sentido dor com tamanha brutalidade. Meu grito de prazer é como um estímulo para Max, pois ele parece ir cada vez mais rápido. Mais fundo. E meus gritos de prazer são cada vez mais altos. Poderia não parecer a posição mais confortável, mas que estava maravilhoso, estava.

— Grita vadia... Grita! — Manda batendo na minha bunda.

— Ahhhh... Max... Vai, isso... Assim...

— Gozar para mim, gritando meu nome.

Estou tão excitada que nem consigo durar muito. Meu corpo estremece e grito seu nome chegando ao ápice novamente. Ele sai de dentro de mim e em movimentos rápidos libera minhas pernas e me vira de frente para ele, segura minhas pernas bem abertas e novamente entra em mim. Forte, bruto, tirando o ar dos meus pulmões.

— Max! — grito. — Minha nossa... Não para... Vai...

— Gostando, né vadia safada. — Segura na minha garganta, gemidos saem mais esganiçados. Necessitados.

Estou próxima a explodir em outro orgasmo, sei que ele está perto também, mas quer prolongar o nosso prazer. Por isso, sem nem me deixar respirar, sai de dentro. Gira me montando no seu colo. Até tento cavalgar e rebolar gostoso, mas além de amarrada no momento, minhas pernas estão com a mesma utilidade de quando estavam amarradas, ou seja, praticamente nenhuma.

Max segura em minha bunda com uma pegada que até nele eu desconhecia e me ajuda na árdua tarefa.

— Que delícia... Que delícia...

Ouç-o gemer e isso me faz rebolar com mais vontade, esforçar para dar ainda mais prazer a ele. Empurro com mais força, ouvindo os nossos gemidos misturados, os corpos batendo. Suor. Cheiro de prazer, as peles quentes, corações e respirações descompassadas. Sua carne na minha. Tudo isso para mim está tão vivo e real em cada poro do meu corpo. Beijo a boca dele para captar todos os seus gemidos antes de deixar novamente meu corpo mergulhar no ápice do prazer. E dessa vez junto com ele.

Fico um tempo em seu colo, encostada em seu peito quente, sentindo subir e descer. Queria abraçá-lo, mas ainda estou amarrada.

— Segundo round? — pergunta safado me empurrando para cama.

Só se eu tivesse querendo me aposentar por invalidez dos órgãos sexuais.

— Agora? — indago ofegante. Minhas pernas ainda são gelatinas. — Sem condições!

— Não vai dormir, né?

Ele odeia quando durmo logo em seguida a transa, mas a verdade é que eu estou com sono sim.

— Só um pouquinho... — respondo fazendo bico.

— Você sempre quer dormir depois do sexo — comenta retirando a venda dos meus olhos.

— Posso fazer nada... — Ele morde meu pescoço fazendo minha voz vacilar enquanto libera meus braços. — Se sinto sono, sabe que quando acordo te recompenso de várias formas.

— Combinado, pode dormir, enquanto isso vou pedir uns brinquedinhos para gente... — Alisa meu cabelo descendo até minha bunda. — Quando acordar é toda minha de novo, de novo e de novo — sussurrou na minha orelha mordiscando.

Deus tenha misericórdia de mim, acho que criei um monstro robô do sexo.

— Já sou toda sua... — Beijo o peito dele toda manhosa, me aconchego no seu corpo. — Gosto *muito* de você Max — Deixo escapar, sem querer.

Caralho! Que merda. Sono faz a gente dizer cada besteira. De onde saiu essa declaração? Gosto? E muito ainda. Contenha-se Belly, se não quiser ter que voltar mais cedo para casa. Fico nervosa ao perceber que ele ainda não disse nada.

Fica quieta que ainda dá para fingir que foi sonho. Um delírio, penso, mas para minha surpresa, ele responde:

— Também gosto muito de você, Mônica! — Ele sorri acariciando meus cabelos, essa é a última coisa que ouço antes de adormecer nos braços do Max pensando o que será de mim quando tudo isso acabar. Quando não o ter mais na minha vida ao ponto de dormir e acorda nos seus braços.

Acordo como se tivesse sido drogada, sem saber se é outro dia ou se dormi demais após nossa, digamos que, pequena travessura e principalmente, por que não estou sentindo um corpo grande, forte e quente me abraçando e um membro rígido contra minha bunda?

Antes de reclamar a ausência do meu homem. Viro na cama dando de cara com Max dormindo na beirada dela. Lembrei que uma vez ele reclamou que costume me mexer muito durante o sono e jogá-lo para fora. Não me lembro de nada disso então, não posso ser responsabilizada por nada.

Me aproximo dele sentindo todo meu corpo reclamar, tem tanto lugar dolorido que nem consigo contar, mas foi por uma boa causa. Foram maravilhosas as peripécias que fizemos mais cedo. Incríveis.

Sorrio pensando que adoraria repetir e tentar outras técnicas na cama com ele, mas temos tão pouco tempo. Apoio meu cotovelo na cama para admirar melhor meu gato dormir, tão delicioso e nu que já imagino altas sacanagens para fazer com seu corpo. Se ele tivesse de barriga para cima, eu aproveitava para acordá-lo com um boquete, contudo, como está de bruços aproveito para deslizar minhas unhas do ombro até quase a bunda dele. Repetindo o movimento mais duas vezes para ver se ele acorda, porém se mexe, mas continua dormindo.

— Desisto de ser romântica...

Meto o pé em seu quadril tentando empurrá-lo para fora da cama, só que ele é rápido e segura no meu pé quase me levando junto. Olha para mim entre assustado e bravo. Pelo jeito, Super Dog tem reflexos de homem aranha.

— Como se não bastasse passar a noite toda me empurrando, tem que empurrar acordada também — retruca.

Seguro seu braço para olhar a hora em seu relógio de pulso. Odeio dormir fora do horário, parece que acordo em um mundo estranho e paralelo.

— São 16 horas Max. — Estalo o dedo em frente ao seu rosto. — Acorda! Lembra de hoje de manhã? Transamos e dormimos, pelo visto até demais.

Ele faz uma careta.

— Nossa, que insensível, *transamos e dormimos*. — Ele se ajeita na cama. — Nunca me acostumo, durmo com a Cinderela gostosa, safada e acordo com a Fiona insensível e mal-humorada.

Dou um tapa nele.

— Para de implicar comigo... — Mordo sua orelha. — Posso ficar safada agora mesmo... Só de olhar seu pau duro.

— Ogrinha safada, o que tem mente?

— Por enquanto, um banho que estou necessitada...

— Então vou continuar dormindo. — Volta a ficar de bruços.

— Dorme só, porque eu estou lascada de fome.

— Tem certeza que é de fome? — Segura minha mão quando ameaço dar um tapa de novo.

— Escroto! — grito levantando da cama indo direto para o banheiro.

Antes de sair ainda escuto ele gritar:

— Rebola assim no meu pau.

Entro gargalhando no banheiro. Esse cômodo, diferente do outro "banheiro de efeito" é normal, com chuveiro, privada e apenas um espelho. No momento preferia que não tivesse nenhum. Quase tive um ataque ao ver minha imagem no espelho, geralmente eu acordo de manhã feia, mas agora percebi que depois de um cochilo da tarde, me superei. Capaz até de uma marginal me cheirar de tão bagulho que estou.

Meu Pai!

De onde tirei a ideia de passar maquiagem forte? Agora estou com cara de boneca assassina. E que merda o Max passou no meu cabelo? Além de estar o ninho macabro de rato de sempre, está bem pegajoso e crespo. Pior, só minha cara inchada marcada pelo colchão e baba seca.

Minha cara não é a única marcada, Max pelo visto marcou território, quase consigo ver a mão dele desenhada no meu bumbum. Até chupão no meu pescoço tem. Desde o colegial não tenho um chupão. Ainda bem que estou de férias e não preciso trabalhar amanhã, afinal, sexo bom é o que deixa a marca da potência da pegada né gente.

Estendo a mão para pegar o meu creme depilatório que está em cima da pia, mas em vez disso fico hipnotizada em como meu creme junto a loção de barbear do Max ou nossas escovas juntas e até mesmo o fato das minhas roupas dividirem o closet com as dele. É ridiculamente íntimo. Volto a me olhar no espelho. A sensação que tenho é que isso é certo. Eu estar aqui na casa dele, com

ele, é certo.

— Belly, não seja tola, não se apaixone e muito menos se acostume com essa merda. — Murmuro para mim mesma — Está ouvindo? Não se apaixone e nem se acostume! — repito mais alto apontando para meu rosto refletido no espelho.

Tranco a porta do banheiro, caso o Max invente de tomar banho comigo. Nesse momento preciso de um banho de verdade. E também preciso ficar só comigo mesma.

Desisto da depilação e caminho direto para o box. Em segundos, a água quente do chuveiro acerta em cheio meu rosto. Fecho os olhos soprando a água. Quando vem a minha mente as palavras da minha mãe sobre fazer o Max ser meu. Se ela conseguir não vou reclamar, vou é aproveitar e muito.

Com esse pensamento abro os olhos olhando para o teto.

— Seja o que Deus quiser.



CAPÍTULO 15

SOGRINHA

Quando retorno para o quarto usando um roupão azul do Max, ele já estava de pé com uma camiseta vermelha de gola V — horrível — e uma bermuda jeans clara que definitivamente não combina com a camiseta. E ainda assim, lindo. Injusto isso. Conseguiu ficar pronto mais rápido e mais gato que eu em menos tempo, já que entrei no banheiro primeiro. Passo por ele chateada. Na próxima vida quero ser homem ou uma linda mulher careca. Mais da metade dos meus atrasos é culpa do meu cabelo.

Paro ao ver uma bandeja com suco e vários sanduíches em cima da cama. Minha barriga, nesse momento, parece criança dentro de uma loja de doces, barulhenta, birrenta e com vontade de comer tudo.

— Achei que tivesse morrido aí dentro... — reclama Max enfezado, nem olho para ele, mal o entendo. — O fedor estava vindo aqui. — Fez uma careta me olhando com os olhos semicerrado. *Do que é que ele está falando?* — Cagou no meu banheiro foi?

Credo! Conseguiu estragar meu clima com a comida com uma frase. Bufo irritada antes de responder:

— Essa é a utilidade dele, não é? Ou fala tanta merda que não sabe mais o lugar ideal para isso?

— Nossa, Mônica! — Coloca a mão no peito fazendo drama. — Manda esse espírito de cavalo te *despossuir* porque pedi sanduíches para nós e não capim.

— Vou deixar passar, só porque estou com fome, mas cuidado, posso pensar melhor e querer linguíça no meu sanduíche. — Ameaço e ele esconde os *países baixos* com um travesseiro.

— Não lembro de você acordar tão estressada... — comenta.

— Você que me estressa! — Retiro o roupão do corpo, pego um sanduíche e caminho nua para o closet.

Posso sentir Max me devorando com os olhos. Nada como um olhar de luxúria do seu homem para te fazer se sentir a mulher mais sexy do mundo.

Olho para trás dando uma piscadela para ele que me segue até o closet.

— Olha as mãos sujas nas minhas roupas — avisa já bem próximo de mim. Massageando meus ombros enquanto tento escolher uma roupa. — Que tal pagar aquela promessa de ser minha agora?

— Seria uma ótima ideia, mas estou a fim de sair hoje.

— Para onde?

— Sei lá, só quero fazer algo com você que não seja sexo — digo pegando uma blusa branca dele.

De uns tempos para cá peguei aversão as minhas roupas. Nenhuma me agrada. Grande parte está apertada. Assim que chegar em casa vou ostentar chutar o pau da barraca e comprar logo três roupas novas de uma vez só para mim. Sorrio com essa ideia. Preciso me cuidar mais.

— Esse sorriso aí é lembrando de mim?

Pisco retornando à realidade, por um momento esqueci dele e que falávamos sobre alguma coisa.

— Não, na verdade estou me imaginando fazendo compras. — Retiro a toalha do cabelo vestindo a blusa dele.

— Então vamos as compras — sugeriu. Rio sem humor, se o pai dele já me acha interesseira, imagine se ele começar a pagar as coisas para mim. — Só compre o que quiser e prometo te levar em uma loja com preços baixos. Sem luxos.

— Não acho uma boa...

Ele nem me deixa completar, põe o indicador nos meus lábios.

— Shiu! Aceita como um presente de despedida. — Puxa-me para seus braços. — Já que não pode ficar mais uns dias... Certeza que não pode ficar?

— Sim, não posso ficar. — Mas *bem que queria...*

— Vou sentir sua falta — diz segurando uma mecha do meu cabelo molhado e colocando atrás da minha orelha. Fico meio balançada com essa declaração. — Acho que me acostumei com você todos os dias enchendo meu saco. — Rimos. — Adoro sua cara de Pit Bull com raiva. — Olho para ele com os olhos estreitados. *Idiota!* — Mas adoro ainda mais o seu sorriso e de como me sinto quando estou com você. — Beija minha testa.

— Como se sente quando está comigo?

— Como um adolescente apaixonado! — responde, mas logo em seguida sorri e fico na dúvida se foi brincadeira ou se ele realmente está apaixonado por mim. — E por último, mas não menos importante, vou sentir falta de você na cama...

— Sou inesquecível nesse quesito. Sexo é minha especialidade.

Bom, pelo visto, a gente é só sexo mesmo.

— Não estava falando disso e sim de você me empurrando e chutando a noite toda. — Põe a mão no queixo como se estivesse pensando. — Estou até com uma ideia de cortar a cama, deixa só um palmo para mim e coloca um paralelo em cima da minha barriga ou prensando meu quadril, simulando seu pé.

— Meu pé não pesa o mesmo que um paralelo — retruco saindo do seu abraço.

— Mas é tão gelado quanto um. — Ele me abraça por trás — E você? Vai sentir minha falta, Mônica? — sussurra no meu ouvido.

Não respondo, me desvencilho novamente dele e vou para o banheiro. Sou covarde com sentimentos, mas é óbvio que vou sentir falta dele. Além do que as palavras possam dizer. Só tenho medo de tentar dizer isso e sair sei lá... "eu te amo" ou pior, "case comigo".

Pego o pente e começo a pentear meu cabelo querendo ganhar tempo. Reparo que a raiz já está totalmente preta. A cor natural. Lembro do que Max me disse uma vez sobre achar meus cabelos e olhos pretos lindos. Que sou tão linda natural quanto me acho com cabelos e olhos castanhos. Penso em retirar as lentes dos meus olhos, mas faz tanto anos usando que simplesmente não consigo.

— Belly? — Max me chama da porta do banheiro, mas não me viro para olhá-lo. — Sogrinha — completa. Só então ganha toda a minha atenção. Vejo ele balançar o meu celular na mão onde a imagem da minha mãe brilha.

Caminho depressa para pegar o aparelho, mas ele corre.

— Max, nem pense em atender essa ligação! — grito alcançando nele e tentando pegar meu celular.

— Vou atender sim. — Levanta o braço bem alto enquanto pulo tentando pegar o aparelho. Merda de altura. — Vou dizer para sua mãe que você irá ficar morando comigo para sempre. Sem casamento. Um sacrilégio — ele faz uma voz sombria. — E será minha escrava sexual.

Contei para ele que minha mãe abomina morar junto sem casamento. Se souber que fiquei aqui com ele por dias, me mata, pior que isso é só filho fora do casamento. Deus me livre isso acontecer, capaz dela tem um ataque fulminante. No entanto, a parte do escrava sexual, ela nem ia se importar... Muito menos eu.

— Max, devolve meu celular! — grito cansada. Acabei de tomar banho e já estou toda suada. Vou matá-lo!

Em vez de me devolver, ele consegue se soltar e corre pelo quarto subindo na cama quase derrubando nosso café da manhã no chão. O celular para de tocar e logo em seguida começa novamente.

— Vem me pegar Mônica — provoca com a cama entre nós. — Melhor você ir buscar o "Sansão" hein.

— Vou buscar é um facão — ameaço ofegante. Nem dei dois passos e já estou morrendo.

Meu coração parece que saiu do meu peito e está batendo na minha cabeça agora. Socorro! Não consigo respirar. Uma máscara de oxigênio por favor, faz dias que não corro, estou fora de forma.

— Está bem fora de forma hein... — Joga o celular para cima, meu coração gela, se quebrar Telly me mata, mas ele pega novamente.

— Eu vou te pegar Max! — Avanço por cima da cama.

— Me pegar? — Corre para o lado que eu estava antes. — Com essas pernas curtas de piche? Acho que não.

Max tentar correr para fora do quarto e aproveito para finalmente conseguir alcançar o infeliz antes dele sair do cômodo. Pulo em cima dele que perde o equilíbrio caindo no chão.

— Me dá essa merda agora! — berro enchendo ele de tapas.

— Aí! Para de me bater, está doendo — reclama tentando se defender.

— É para doer mesmo seu miserável! — digo entre dentes, rebatando o celular da mão dele, porém, permaneço sentada em cima da sua barriga para ele aprender a não ser gaito.

— Oi Mãe. — Atendo.

— Aleluia! Pensei que teria que passar o dia todo te ligando.

— Desculpa... Eu estava... — tento explicar, mas ainda estou com dificuldades para falar. Nunca mais vou correr na vida.

— Filha? Está ofegante... Será que atrapalhei algo... — indagar sugestiva.

— Sim, uma tentativa de assassinato — Max resmunga.

Levanto de cima dele antes que escute algo que não deva.

— Mãe, estou bem, só estava correndo atrás de um cachorro intrometido que pegou meu chinelo... — digo ouvindo o Max rosnar e latir para mim. Contenho o riso. — Precisa de algo?

— Não, foi só um dos seus chefes que ligou para mim perguntando de ti... De novo. — Reviro os olhos — Já disse que você chega a tempo de fazer faxina na casa dele, mas... oh homem chato.

— Mãe, só ignora as ligações. Eu faço isso o tempo todo.

Não sou obrigada a atender ligações de chefe nas minhas férias. Ainda mais de patrão que não suporto. Ele me trata como se a qualquer momento fosse me ter em sua cama.

— Está bom, vou até bloquear esse cara. — Suspira. — Volte cedo, não quero que pegue pista tarde.

— Uhum — digo simplesmente.

— Já convidou o Max?

Lá vem!

— Estava fazendo isso agora — minto.

— Agiliza! — ordena. — Será que anda tão ocupada com a boca que não consegue fazer uma simples pergunta? — pergunta quase gritando e desliga em seguida na minha cara, sem ao menos deixar eu responder.

— Minha mãe é impossível... — digo olhando para Max que agora está deitado na cama comendo sanduíches e mexendo no celular.

— Por que acha isso?

— Ela quer conhecer você e que jante conosco na sexta, mesmo eu deixando claro que não temos nada.

Max bloqueia o aparelho antes de responder:

— Não sei se é uma boa ideia... — Coça o queixo e depois a nuca. — Trabalho na segunda. E tem muita coisa atrasada...

— Não conhece ela — começo já toda manhosa deitando na cama ao lado dele. — Tem que ir ou ela não me deixará em paz, por favorzinho. — Faço bico.

— Tudo bem! — concorda. — Você implorando me dá mau presságio.

— Aff! Sempre babaca.

— Mas que fique claro, retorno no mesmo dia, preciso aproveitar mais um pouco minha alforria.

— Por mim tudo bem...

Bem filho da puta você! Nem saí e ele Já está pensado em aproveitar com outra.

Ele me olha sério e segura minha mão como se quisesse dizer algo muito importante.

— Belly, pensa na minha proposta. Eu quero muito tentar esse negócio e queria estar com você nisso. Você me dá força e coragem. — Beija minha mão. — Além de orgasmos, claro.

— Vou pensar no seu caso, tenho muito a perder se tudo isso der errado.

— Não perderá nada... Pensa comigo. — Max levanta caminhando pelo quarto. — Você continua nas faxinas, como plano b, e investe nas encomendas da sua mãe. Começa a tirar uma boa renda daí e ao mesmo tempo fidelizar clientes para um futuro restaurante ou lanchonete.

É uma excelente ideia, pode ser um passo para o meu sonho.

— Max, vou pensar sobre isso, conversar com minha família. Se toparem, seremos sócios.

Estendo a mão para que ele aperte.

— Achei que seria mais difícil te convencer — brinca apertando minha mão.

— Estou fácil hoje. — Dou uma piscadela para ele.

— Está linda também. — Debruça na cama roubando um selinho.

— Depois de 20 quilos mais magra, ouço isso com frequência.

— Te acho linda de qualquer forma.

Sei...

— Ficaria comigo se eu tivesse 20 quilos a mais?

— Até 50 quilos, mais que isso não conseguiria te levantar durante um beijo.

Gargalhamos. Sento no seu colo dando uma mordida no sanduíche dele. Falta só mais um e ainda estou com fome.

— Vamos jogar um jogo?

— Qual?

— O nome do jogo é, uma coisa sobre você. Serão perguntas que quero saber sobre você e vice-versa. Simples assim!

Na verdade, inventei esse jogo para saber um pouco mais dele sem dar muita bandeira.

— As damas primeiro, pode perguntar.

— Já se apaixonou?

Ele assobia.

— Já começa pesado — comenta. — Duas vezes e você?

— Uma.

— Pelo Guto? — confirmo.

Aquele infeliz!

— E você, por quem se apaixonou?

— A primeira vez por uma garota no colégio e a segunda, há quatro anos, quase casei com ela...

Opa! Esse jogo está rendendo.

— Por que não casou com ela?

Ele pausa olhando nos meus olhos, como se ponderasse os motivos, logo em seguida olha para frente e balança a cabeça.

— Porque... — dá uma longa pausa — porque descobri que ainda amava a garota do colegial.

Essa declaração me faz repensar se foi uma boa ideia esse jogo.

— E por que não ficou com a garota do colegial? — indago brincando com o meu cabelo que ainda está molhado.

— Essa é uma ótima pergunta, mas sinceramente não sei te responder.

— Então acho que só se apaixonou uma vez — constato ficando de bruços.

Eu me apaixonando por ele e ele apaixonado por outra há anos. Seria lindo, se não fosse trágico.

— É, pensando bem, sim, só me apaixonei uma vez — concorda imitando minha posição.

— Não sabia que no fundo você realmente faz o tipo romântico.

— Sou muito romântico, eu gosto de namorar. Sair com uma mulher só...

— Então, você é apaixonado por ela e não é correspondido, ficar na *bad* ouvindo Adele, preenchendo a vida com sexo vazio, bebida e festas enquanto a outra segue em frente com alguém aparentemente melhor que você — brinco para aliviar a tensão que se formou em mim.

— Exatamente isso! — Explodimos em uma gargalhada de chorar. Ele muda de posição — Ainda quer sair?

— Claro que quero, porém mais tarde, estou com preguiça, estava pensando em assistirmos a um filme comendo besteiras... Pode ser aqui no quarto mesmo... — insinuo louca para ir ao cinema.

"Se quer que um homem, faça uma coisa que você quer muito, deixa ele achando que a ideia é dele". Adivinha de quem eu ouvi esse conselho?

— Ou melhor, podemos ir ao shopping e ver um filme nos cinemas,

depois vamos nas lojas e fazemos compras. Junta o útil ao agradável.

— Ótima ideia. — Pulo em cima dele fingindo que nem tinha pensado nisso. — Vou me arrumar, fica bem cheirosa para cumprir nosso trato e quando retornamos — aproximo minha boca de sua orelha subindo em seu colo —, quem sabe não compro uma fantasia bem sensual para ficarmos a noite toda acordados.

— Mônica, eu amo suas ideias. — Segura minha bunda fazendo eu lembrar de hoje mais cedo.

Agarro seu pescoço e iniciando mais um beijo lento, quente e delicioso.

Ah, como eu vou sentir saudades dele!



CAPÍTULO 16

MAMÃE CHEGUEI!

— Max, para de ser infantil só uma vez na vida, por favor — Grito irada puxando minha mochila da mão dele.

Já levei cinco vezes minha mochila para o carro e toda vez ele tira e leva novamente para o quarto. Eu não acordei cedo para ficar brincando de Tom e Jerry!

— Que inferno Belly! — Grita no mesmo tom que eu.

— Não grita comigo não — Aviso enfiando o dedo no peito dele. — Enlouqueceu?

— Por que isso agora? — indaga mais calmo dessa vez. — Por que resolveu ir embora hoje? — Tenta me abraçar, mas me afasto. Ele suspira antes de completar: — Não está bom aqui comigo? Fiz algo errado?

— Max, você não fez nada de errado... — resolvo ceder um pouco e abraço sua cintura. — Estar com você não é bom, é maravilhoso. Espetacular, mas eu não quero me acostumar a ficar aqui, sabe. Tenho medo de me afeiçoar a dormir com você...

— Belly...

— Tenta entender, por favor.

— Eu entendo, mas faltava pouco para você ir para casa.

Realmente faltava pouco, entretanto a conversa, o jogo com o Max ontem me fez ver que estou apaixonada por ele, mas apenas eu estou. Ele ainda ama a tal colegial, ao que parece, sempre amará e eu feito idiota me apaixonei pelo primeiro que me tratou com carinho, amor e respeito.

— Max... — pausei, me afastando dele para tomar fôlego, senão choraria ali na frente dele. — Entenda, por favor!

A última vez que chorei na frente de um homem foi quando Guto terminou comigo. Depois que eu saí da *bad*, jurei nunca mais chorar na frente de homem nenhum por nenhum motivo.

— Tudo bem, eu entendo. Não precisa explicar mais nada, põe suas coisas no carro...

Max coça a barba meio sem saber o que fazer e eu fico feito boba, balançada com esse gesto tão recorrente dele. Observo os movimentos de sua mão e contenho o ímpeto de sentir sua barba na minha garganta entre beijos, arranhões e mordidas, enquanto nossas peles queimam de prazer.

Como se adivinhasse meus pensamentos, ele me dá vários beijos rápidos na boca.

— Vou trancar a casa e avisar aos seguranças — diz dando-se por vencido com o rosto enterrado no meu pescoço.

Seguro sua mão antes que saia, puxo seu pescoço e dou um beijo de verdade, com gosto nele.

— Pode ir me visitar quando e quantas vezes desejar — sussurro.

— Irei sem dúvidas... Só tenho o pressentimento que às coisas não serão tão maravilhosas para a gente daqui para frente.

— Só será o que a gente permitir que seja. Nossa história quem faz é a gente, Max. Você mesmo disse uma vez, se nós quisermos que dê certo, faremos dar certo.

— Então estamos namorando? — pergunta parecendo meio confuso, imagino que com a situação ou com seus próprios sentimentos.

— Vamos deixar rolar... Sem precipitação! — Pisco para ele. Antes de um namoro, preciso da garantia de que ele sinta o mesmo que eu. — Vai logo trancar a casa, não quero pegar estrada a noite.

— Preciso avisar meu pai também. — *Ah não...*

— Manda um torpedo porque pela sua cara, vai ser enrolada essa conversa.

— Ele vai ficar puto, detesta ser avisado por torpedo.

— Estou nem aí *pro* seu pai. — Encosto no carro. — Não me enrola, Max. Agiliza, faz minutos que estamos aqui discutindo em frente da sua casa. — Passo a mão por meus cabelos amarrados em um rabo de cavalo. — Minha mãe falou para não dirigir a noite e Deus me livre contraria-la, capaz de acontecer algo ruim no caminho.

— São 8:00 horas da manhã ainda, calma, vai dar tempo até para uma rapidinha.

— Nem pense nisso seu tarado!

Ele sai gargalhando. Minha nossa! Esse homem parece um coelho no cio. Ainda insinua namorar à distância, logo comigo que sou ciumenta ao nível tiro, porrada e bomba. Ainda mais sabendo como ele gosta de sexo, na primeira fissura arranja outra e na minha testa floresce um par de chifre. Eu não tenho estrutura para isso não.

Sem dar chance para mais conversas, entro no carro no banco do passageiro, coloco o cinto de segurança e minha mochila no meu colo. Boa parte

do que eu trouxe está dentro dela, algumas coisas já deixei para trás, Max ficou responsável por doar as que estivessem em melhor estado, pode servir para outra pessoa. E o resto, lixo.

No carro tinha também outra bagagem com os presentes do Max que agora pesam feito chumbo na minha consciência. Eu me sinto um pouco vendida por ter aceitado e pior, nunca dei nenhum presente para ele, então, não é algo recíproco e todos podem interpretar de forma errônea os que ele me deu, principalmente o Senhor Castelli. Esse ia fazer minha caveira. E tudo que não quero é dar munição para esse Senhor contra mim.

Esfrego a testa, vou ficar louca se continuar pensando nisso. Foda-se o que vão achar, eu sei que não sou interesseira e pronto. Quem realmente me conhece não vai me julgar. Nesse instante, Max toma seu lugar ao meu lado como motorista.

— Então é hoje que vou conhecer todos da família Oliveira — comenta colocando o cinto.

— Sim, já vou avisando, são todos malucos, mudam de assunto do nada e se metem muito um na vida do outro, principalmente nos relacionamentos.

— Mas pelo brilho no seu olhar ao falar deles, você os ama muito do jeitinho que são.

— Demais, são meu tudo! — Olho pela janela sentindo o vento no meu rosto jogando meus cabelos para todas as direções.

Vejo as mansões bem cuidadas, extremamente luxuosas e grandes ficando para trás a medida que o carro avança para a saída do condomínio. Um medo me assola de repente. Medo da minha história com o Max ser assim, passar rápido ficando cada vez mais para trás como essas mansões. Odeio bancar a sentimental. Nostálgica. E para evitar me expor em algum impulso, resolvo ligar o rádio do carro em um volume alto inibindo qualquer conversa. Será uma longa viagem de volta.

Em algum momento do percurso acabei dormindo e quando acordei, já estava anoitecendo. Olhei pela janela e por segundos achei estar sonhando. Ali estava a pequena casa amarela com janelas e portas de madeira, quem vê por fora não imagina quanto amor cabe dentro dela.

Eu estou em casa. Finalmente.

Não sei como Max acertou o caminho tão perfeitamente, está bom que coloquei no GPS, mas o número da casa não e novamente, tenho a sensação dele saber mais de mim do que demonstra ou do que deveria.

Olho para ele que batuca no volante sem dizer nada. Desço do carro com meus pertences em uma mão e Max com o resto me seguindo de perto. Sua respiração estava pesada e tive que segurar o riso. Homens sempre com medo de conhecer a família de uma mulher. Coitado! E nem está aqui como meu namorado.

— Relaxa — peço abrindo a porta.

Max apenas balança a cabeça e murmura:

— Falar é fácil...

Jogo minha mala no sofá gritando:

— Mamãe cheguei! — repito três vezes bem alto em forma de melodia. — Cheguei, mamãe, cheguei e trouxe o mala... ops, Max!

— Já chega me desmoralizando... — murmura ao meu lado analisando o ambiente. Continua nervoso, como se realmente estivesse visitando a sogra. Isso será divertido.

Minha irmã aparece, saindo da cozinha, correndo em minha direção. Pula com tudo em cima de mim gritando que quase caímos no chão.

— Graças a Deus você chegou, mamãe ia me enlouquecer.

— Telly, cumprimenta o Max primeiro, para mostrar que temos educação.

Ela o cumprimenta com três beijos no rosto, o que é bem desnecessário. Um oi, tudo bem, no máximo um aperto de mão já bastava, não tem nenhuma intimidade. Para quer beijo?

— É um prazer conhecer seu rosto — Max diz e o fuzilo com o olhar.

— Como assim conhecer meu rosto?

— Tem uma foto da sua bunda no identificador de chamadas da sua irmã.

A safada sorri e me olha com cara de "*Ops! Bem que você avisou*". Ótimo, meu *ficante* viu a bunda da minha irmã e mexeu no meu celular sem autorização.

— Cadê nosso irmão e mamãe? — indago para sair desse assunto.

— O Ricky está no trabalho, chega só após às 19:00 horas e a mamãe está sendo ela — avisa no nosso código para "*mãe extremamente empolgada pronta para nos fazer passar vergonha*".

— Espero que pegue leve.

Max senta no sofá observando nossa conversa sem entender nada.

— Quer um conselho Max? Corre! Sem olhar para trás!
Balanço a cabeça rindo da careta que ele faz e dou um tapa na minha irmã.

— Ela está brincando. — *Espero...*

Nesse momento minha mãe entra na sala em cima de um salto 15, mais enfeitada que carro alegórico na avenida com um perfume tão forte que faz meus olhos lacrimejarem, provando que a Telly não estava brincando. Isso porque pedi para ela agir normalmente.

— Maximiliano, é um prazer tê-lo aqui — cumprimenta, desnecessariamente, com beijos.

— O prazer é todo meu. Como a senhora está?

— Que senhora? A virgem? Oh, ela está nas graças do Pai... — brinca com um sorriso do coringa. Ela odeia ser chamada de senhora. — Eu estou bem. E por favor, me chame de Amélia. Tenho quase a mesma idade da minha filha.

Claro. Inclusive fomos geradas no mesmo útero. Reviro os olhos, minha mãe é bem jovem, não sei porque mente idade.

— Bem, igualmente.

— Excelente, sinta-se em casa, não consegui me arrumar de modo adequado para te receber, estava dando faxina na casa.

Ele olha para ela de cima a baixo e eu acerto minha testa com um tapa. Meu Deus, como ela consegue ser assim? Quem da faxina maquiada, arrumada e em cima de um salto 15? Meu Deus!

— Vejo que milha filha tem sorte... Você é tão lindo quanto sua voz indicava — comenta como se ela não tivesse visto todas as fotos dele que exista na internet — E o melhor de tudo, além de gostoso é cheiroso... Já quero como genro hein.

— Menos mãe! Bem menos — peço dizendo com os olhos que ela prometeu se comportar.

— Sente Max, estou preparando um bolo, baba de noiva, bem casados... Faz parte de uma encomenda, mas separei uns para você.

Mamãe coloca a mão na coxa dele. Apalpando. E depois sorri para mim. Ela acha que vou demonstrar ciúmes? Que me importo com esse teatro? Jamais. Nunca! Não estou nem aí.

— Grossa, dura... Faz academia, Max?

Não, ele já nasceu bombado, penso soprando o ar. Vejo minha irmã revirar os olhos e mexer no celular.

— Sim... faço academia.

Max me olhar quase pedindo socorro e parece estar bem desconfortável com minha mãe sentada em cima dele. Dou de ombros com minha melhor cara de “já estava assim quando cheguei”.

— E vocês estão namorando? — indaga mesmo sabendo que não.

— Mãe, vem me ajudar a trazer um lanche para o Max — desconverso.

Sem da chance para resposta, puxo minha mãe.

— Que homem é esse, filha... — falou assim que chegamos a cozinha quase gritando empolgada. — Estou suando só com a presença dele. Como é na cama?

— Mãe, pelo amor de Deus, aquietar, eu estou saindo com ele, lembre-se disso e nem começa com perguntas difíceis.

— Fala logo como ele é na cama.

— Maravilhoso, gostoso, me deixa louca... Tremo só com os beijos dele. — Abano tão empolgada quanto ela. — Ahh... Mãe, com ele me sinto nas nuvens! — confesso.

— Vai tomar um banho... Vou fazer esse homem ser seu para sempre.

— Não começa mãe. Vai colocar ele para correr. Mão na coxa? Bem casados? Namorando? Sério? Que sutil.

— Eu sei o que faço. Só obedeça. Se depender de você, esse lance de vocês não avança. — Empurra-me na direção do quarto. — Fique bem sexy e usa uma maquiagem, ninguém merece ver essas olheiras... Isso no seu pescoço é chupão?

— É! — respondo com meu melhor sorriso safado.

— Filha, fico feliz em tê-la novamente em casa e fico ainda mais feliz em saber que aproveitou e que voltou acompanhada do Max.

Dou um abraço nela e resolvo ir tomar banho, estou realmente precisando de banho e comida. Minha última refeição foi umas quatro horas atrás.

Entro no meu quarto sentindo uma saudade imensa da minha casa, parece que fiquei fora séculos e aqui nada mudou. Acho que só eu não sou mais a mesma. Não quero mais me contentar com pouco. Quero correr atrás do meu sonho. Dar o melhor de mim para conseguir o melhor para minha família.

Viro para a porta do quarto ao ouvir um barulho atrás de mim.

— Belly?

— Oi! — Observo minha irmã na porta do quarto.

Telly caminha até mim e me abraça novamente.

— Saudades de você irmã.

— Também senti muita falta de vocês.

— E esse brilho nos olhos? Parece estar ainda mais linda. — Segura minhas mãos. — Max te faz feliz.

— Então, peguem leve, quero o convencer a me ver novamente, quem sabe dá namoro...

— Tenho certeza que ele volta. Ele gosta de você.

— Acha que eu deveria tentar um namoro a distância com ele?

— Faz o que seu coração mandar, só namore quando se sentir preparada para isso.

Abraço mais uma vez minha irmã. Sempre vou admirar como ela parece mais madura e decidida que eu. Tenho tanto orgulho da Telly que me sinto uma segunda mãe dela e do Ricky.

— Volta para sala, tenho medo daqueles dois a sós.

— Relaxa, no mínimo mamãe vai fazer um topless para ele.

— Pelo amor, não brinca com isso, vai que ela escute. Era só o que faltava.

— Não se preocupe, esse ela não põe para correr. Ele te faz bem!

— Então, estragaram meus namoros de propósito? — pergunto mais por brincadeira, porém a expressão da minha irmã me diz que toquei no ponto certo. — Telly, estragaram meus namoros de propósito? Todo aquele desastre nos jantares para eles foi planejado?

— Eles eram babacas...

— Mesmo assim, não tinham o direito de fazer isso comigo... Como se eu não pudesse tomar minhas próprias decisões — brado irada.

Ela dá de ombros sem nem se sentir culpada.

— Sei que ficou chateada pelo Guto...

— Chateada? Eu fiquei destruída!

— Belly, foi para o seu bem. — Ela tenta se aproximar, mas viro de costas para ela. — Você vivia em relacionamento pombo, se contentando com migalhas dele e nem percebia. O Guto tinha vergonha de sair com você, mas sempre te fazia acreditar que queria te levar, mas não podia e aí compensava com beijos ou com comida para depois reclamar que você estava gorda. Era

falso e cínico o tempo todo. Só você não percebia, mas quem estava de fora do relacionamento era claro que ele te manipulava baixando sua autoestima.

Fecho os olhos escutando tudo aquilo. É tudo verdade, descobri tempos depois do término do namoro, mas dói saber que fui usada por tanto tempo e não percebi, pelo contrário, dava ainda mais de mim em troca migalhas.

— Já o Max não, aflora tudo de belo em você...

— Como sabe disso? Nem conhece ele.

— Mas conhece você, sei quando está feliz. Dá para ver no seu olhar. Arriscaria dizer que está apaixonada por ele e ele por você.

— Não viaja... Tem razão sobre o Guto. Mesmo vocês não optando pelo melhor caminho realmente era um relacionamento abusivo e talvez, se ele não tivesse me deixado após aquele bendito jantar, eu estaria presa nisso até hoje.

— Belly, nós te amamos e tudo que fazemos é pela sua felicidade, como você sempre faz pela nossa. — Ela beija minha bochecha e sai.

Suspiro pegando a toalha na porta do quarto com a certeza de que minha família está tramando algo. E envolve Max, eu e casamento. Posso sentir no ar e preciso descobrir antes que desabe na minha cabeça. Caminho para o banheiro resistindo ao impulso de ir na sala e ver o que estão fazendo.

Por isso, devido a curiosidade absurda, tomei o banho mais rápido do mundo. Me vesti molhada mesmo e assim que retorno para sala, ouço minha mãe perguntando:

— Quer mais bem casado, Max?

Vai entupir ele de doces e indiretas de casamento.

— Só mais um. — Com um sorriso enorme ela passa por mim indo buscar mais na cozinha. Deve estar adorando ter alguém que come tudo sem cansar.

Vejo Max pegar algo no sofá, sacar o celular e começa a tirar foto. Já sei até o que é. Que filho da mãe.

— Ah não. — Voo em cima do celular. — Vou te matar Max! — grito tentando pegar o celular da mão dele. — Me dá essa merda!

Ele ri enquanto tento impedir que ele tire fotos das minhas fotos. Odeio quando a mamãe mostra esse álbum de quando eu era criança para os outros. Só ela acha as fotos lindas.

— Que isso Belly? — grita *mainha* entrando na sala.

— Mãe, de novo o álbum da vergonha... — Jogo-me exausta no sofá

cruzando os braços como uma adolescente birrenta.

— Não é o álbum da vergonha, é nossas lembranças. São lindas, especiais e emocionante.

O pior é que ela realmente acredita nisso, mas são fotos ridículas, de momentos vergonhosos que infelizmente ela estava com uma câmera para registrar e ainda criar um álbum com isso.

— É, Belly — Max começa debochando —, tão linda, especial e emocionalmente aquela do seu primeiro resfriado. Estava fofa com o catarro escorrendo. Esse seu nariz de capô de fusca, todo vermelho, estava um charme. Se não fosse tão nova eu diria que ficou bem sexy.

Aproveito que minha mãe está entretida procurando algo no álbum e mando o dedo do meio para ele. *Meu nariz não é de capô de fusca!*

— Ainda queimo esse álbum.

— Max, como você pode ver, terá que ter paciência com ela. Pense em uma pessoa mal-humorada, difícil de conviver — esculhamba como se eu não estivesse presente —, porém no fundo é um amor, trabalhadora, esforçada, inteligente, linda e tem aqueles talentos que você já conhece.

— Que são magníficos por sinal. Sua filha é fantástica. — Ele olha para mim e pisca.

— Claro que ela é.

Eu posso ver nos olhos da minha mãe todo o meu casamento nesse momento, desde a despedida de solteiro até a lua de mel. Dá até para ouvir a valsa nupcial saindo dos ouvidos dela. Deus que me ajude, só vi os olhos dela brilharem assim quatro vezes. Quando me viu de noiva na peça, quando os gêmeos nasceram, quando a Telly nasceu e na minha formatura.

— E o Ricky? — indago para tirar o foco de mim. — Está demorando.

— Telly foi buscá-lo, porque hoje ele foi trabalhar sem carro.

— O que temos para o jantar Amélia?

Falou em comida Max logo se interessa. Deve estar enjoado de tantos doces porém, continua comendo.

— Rocambole de frango com macarrão.

— Parece delicioso, se cozinhar tão bem quanto sua filha já ficou tentado a me casar com a senho... Você, Amélia!

— Ou com minha filha.

Engasgo com a saliva.

— Mãe!

— Só estamos brincando filha.

Ela se levanta saindo da sala, mas antes faz sinal para que eu sente perto dele. Faço como pedido, principalmente porque quero aproveitar ao máximo a presença dele aqui em casa.

— Desculpa pelas loucuras da minha mãe.

— Gostei dela, parece ser uma mulher admirável que consegue tudo que quer.

— Ela tenta, mas nem sempre consegue... — digo lembrando dos casamentos fracassados.

Ficamos em um silêncio desconfortável, Max mesmo disfarçando não parece muito confortável agora a sós comigo. Não está tão espontâneo e sua perna batendo no chão deixa claro que está nervoso.

Coloco a mão na sua coxa a fim de cessar o balançar das pernas enquanto sussurro em seu ouvido:

— Relaxa... Minha mãe é louca, mas gosta de você.

— Eu sei... É que... Sei lá... É estranho estar aqui com sua família... Como se fôssemos namorados ou como se não fôssemos nos separar.

— Já disse, podemos manter contato, você não é só um *ficante*, é meu amigo também.

— O que é bem pior. Odeio a zona da amizade.

Ele deitou a cabeça no meu colo rindo, começando a alisar minha perna com movimentos suaves enquanto eu fazia um cafuné na sua cabeça raspada.

Olhei para a porta e minha mãe observava a cena. Lá estava novamente aquele olhar que brilhava tanto parecendo fogos de artifício. Se *mainha* tivesse uma coluna boa, estaria *sarrando* no ar em um *remix* muito louco da valsa matrimonial, com direito a quadradinho de oito finalizando com *espacate*. Isso só com o devaneio do meu casamento, imagine no dia.

Balanço a cabeça em negativa a tudo que ela estiver fantasiando. Mamãe faz sinal para as horas sibilando:

— Convida ele para dormir aqui.

Nego com a cabeça e Max percebe nossa interação, pois retira a cabeça do meu colo.

— Max, meu filho ligou e disse que ia chegar um pouco mais tarde. Não se importa de esperá-lo?

Levanto tentando puxá-la para cozinha. Sei que é mentira.

— Mãe... O Max precisa ir, ainda vai pegar estrada.

— Filha, vai lavar a louça e não me atrapalha — cuspiu entre dentes, beliscando meu braço.

— Ela tem razão, Amélia, tenho que pegar estrada.

— Jamais irei deixá-lo ir essa hora e passar a noite dirigindo. Durma aqui... no sofá claro. A Belly divide o quarto com a irmã mais nova, não seria adequado vocês dormirem juntos.

— Acho melhor...

— Por favor, nem jantamos ainda e eu preparei tudo com tanto carinho.

A voz dela soou tão magoada que até eu cairia nessa chantagem emocional barata. Mais um dom da minha mãe.

— Tudo bem, eu durmo aqui... Sempre consegue o que deseja, hein Amélia.

Minha mãe sorri me olhando com cara de “prepare-se, o próximo passo é eu aceitar Belly Oliveira como minha legítima esposa”. Enquanto um sorriso nasce no seu rosto.



CAPÍTULO 17

DESCONFIADA

Olho para minha mãe fazendo sinal para ela ir realmente preparar o jantar ao invés de ficar conversando sobre minha vida com o Max. Já olhei na cozinha, não tem rocambole nenhum, mamãe está tão interessada que ele jante aqui que esqueceu de fazer o jantar.

Ela passa por mim trocando olhares com ele. Por que estou com a leve impressão de que não me querem a sós com Max por muito tempo? Olho para ele que continua sentado no sofá com as pernas abertas mexendo no celular. Cruzo os braços tentando entender o que exatamente eu perdi ou em que momento minha família criou intimidade com Max a ponto de terem segredos com ele.

Escuto uma falação empolgada na frente de casa que ganha toda minha atenção quando reconheço a voz dos gêmeos. Como sempre, minha mãe e suas artimanhas. O Ricky já deve ter chegado há horas e ficou escondido, provavelmente só esperando Max aceitar passa a noite aqui. Quem pode com a minha mãe?

— Max, vou pegar uma coisa aqui na frente e já volto — aviso mesmo que ele esteja entretido demais no celular para se dignar a conversa comigo.

Faço o caminho até a porta marchando. Abro com tudo flagrando meus irmãos sentados no chão da varanda debatendo sobre alguma matéria da faculdade.

— Entrem! Mamãe já o convenceu — digo assustando eles.

— Sabemos disso, mas aqui fora está melhor.

— Não vão me deixar sozinha nessa, ainda mais agora que descobri mais um truque de vocês contra mim — aviso deixando claro que estou brava.
— Ricky, entra logo, pela sua cara você está exausto.

Meu irmão levanta e me abraça com força. Está vestido com uma camisa branca bem apertada deixando evidente o quanto está ficando forte. Seu cabelo está bagunçado e uma mecha cobre quase que totalmente seus olhos. Ele é tão lindo que se não fosse meu irmão, pegava fácil. Encosto a cabeça no seu peito sentindo seu cheiro tão familiar. Quando meu menino cresceu a ponto de ficar mais alto que eu?

— Como está, baixinha?

— Não sou baixinha, sou compacta — digo tentando arrumar seu

cabelo. Ele sorri um sorriso bastante cansado. Acho que tem mulher nisso. — Está com uma cara péssima.

— Nossa, valeu Belly! Muito obrigado pelo seu imenso apoio — debocha bagunçando minha cabeça como geralmente fazemos com uma criança. — Vamos entrar, quero conhecer o famoso Maximiliano Castelli.

— Eu vou ficar mais um pouco. Thomas vai dá uma passadinha aqui — Telly avisa apoiando o queixo no joelho. — Podem me dar cobertura?

— Claro! Qual você quer quando a mamãe arrancar o seu couro? Sal grosso ou Merthiolate? — debocho. — Nos deixe fora das suas encrencas.

Já basta as encrencas que a própria mamãe arranja para mim.

— Nunca posso contar com vocês — fala emburrada.

— Se tratando de Thomas não, não pode contar. Seu lance com ele é prelúdio de treta forte com dona Amélia e meu já está na reta. Prefiro me preocupar com Max sozinho na sala.

Minha irmã revira os olhos e eu dou de ombros abraçando a cintura do meu irmão. Assim que entramos em casa, vejo Max agora rindo com meu álbum. Deve ser divertido quando é com os outros.

— Boa noite cunhado! — brinca meu irmão, estendendo a mão para cumprimentá-lo. Dou uma cotovelada nele.

Sempre me fazem sentir como uma adolescente levando o primeiro namorado para conhecer a família.

— E aí? — Eles se cumprimentam com um aperto de mãos depois tocando os punhos fechados. — Você que é o Ricky? Estudante de administração?

— Sim, sou eu. Sei que minha irmã pediu um estágio para mim na empresa do seu pai, mas já aviso que não é necessário, posso achar um por minha competência e não por favores.

Teimoso esse meu irmão.

— Já mandei seu currículo para o RH da empresa, meu pai é responsável por contratar os estagiários, então, será sim por sua competência, não irei nem dizer que te conheço.

— Bom, se é dessa maneira, será um prazer trabalhar com vocês caso eu seja selecionado. — Ele vira para mim. — Vou tomar um banho e roubar a geladeira. Além de cansado, estou faminto.

Beija minha testa, troca um olhar com o Max e sai. Cada vez mais minha pulga atrás da orelha cresce. Aí tem! Conheço minha família e quando

começam com a linguagem dos olhos... tenha medo.

Como não sou mulher de ficar na curiosidade viro para Max e pergunto na lata:

— Está acontecendo algo entre você e minha família?

— Algo como? — respondeu com uma pergunta, já sei que estou certa em ficar desconfiada.

— Não sei, se eu soubesse não estaria perguntando. Só sei que vocês ficam se olhando estranho e tentando disfarçar. Não gosto de ser feita de boba.

— Belly? — minha mãe grita da cozinha como se adivinhasse o teor da conversa. — Pode me ajudar aqui?

Max continua calado me olhando.

— Claro mãe, estamos morrendo de fome — grito de volta, aponto para Max. — Essa conversa ainda não acabou.

— Não está acontecendo nada, você que é muito desconfiada.

É, realmente eu sou, mas ele demorou demais para negar *o nada*. Não quero minha família novamente interferindo nos meus relacionamentos.

Ligo a TV, dou uma olhada mortal para Max e vou para cozinha ajeitando meu cabelo em um coque alto.

— Mãe, o que está acontecendo? — pergunto apoiando na pia enquanto ela mexe no que imagino ser molho de macarrão.

— Pratos novamente para lavar, macarrão para temperar...

— Não é disso que estou falando, o que vocês estão armando com o Max ou contra o Max e eu?

— Nós? Armando?

— Sim, vocês mesmo, sei que fizeram aquela palhaçada no jantar do Guto e do Pablo simplesmente porque não gostavam deles.

— Do Pablo nem você gostava.

— Não importa, não me meto na vida de vocês, não se metam na minha vida.

Ela vira para mim.

— Se você tiver ferrando com sua vida vou me meter sim, não te gerei por nove meses, tive um dor do cão para colocar você no mundo para depois vim com "não se meta na minha vida" . Essa é boa! — Joga o macarrão na panela. O cheiro está maravilhoso.

— Mãe, eu posso tomar minhas próprias decisões.

— Erradas, você toma cada decisão errada que é invejável.

— A senhora só toma decisão certa né?

Ela para de mexer o macarrão no fogo. *Ixe*, agora ela vai cortar meu pescoço e servir como prato do dia.

— Desculpa mãe... Não quis dizer isso...

— Sei que não, tomei as melhores decisões na vida principalmente na juventude, mas aprendi que as vezes é bom ter alguém para nos orientar... — Desliga o fogo antes de completar: — Sua avó se foi muito cedo e acho que fez falta enquanto eu fazia tanta merda e não quero te ver fazer o mesmo.

— Faz parte da vida. Aprendemos com os erros.

— Eu sei, mas você amadureceu rápido, muita responsabilidade e acabou esquecendo de você. — Olha para mim de cima abaixo. — Engordou um pouco.

— Sei disso... — *Como viemos parar nesse assunto?*

— E o Max? Não viu problemas?

— Não, ele é idiota, mas me trata com respeito. Ele me achar sexy.

— E ainda fode com força. — Ela riu e eu saquei a referência. — Nunca te vi tão marcada.

— Não tenho do que reclama nesse quesito. — Pego a bucha e começo a lavar a louça.

— E como vai reclamar com um negão daqueles? Me admira você conseguir andar — brinca. — Porque se me pega, só saio de cima numa cadeira de rodas.

— Mãe e aquela conversa sobre me poupar?

— Estou brincando filha, mas vamos falar sério. — *Tenho até medo.* — o que sente por ele?

— Atração, amizade... Gosto dele.

— Hummm... E quer continuar saindo com ele?

— Até se eu odiasse, viu aquele homem? — Rimos.

— E o que te impede de falar abertamente com ele sobre esse rolo de vocês?

— Sei lá mãe...

— Sei lá mãe — repete debochada. — Por favor, não faça igual sua irmã que fica ocupando moita sem cagar.

— Mãe... Não tem nem um mês com ele, ele mora longe... É

precipitado colocar as cartas na mesa.

— Eu estou feita com vocês duas. — *Vocês duas? Que duas?* — Uma há anos trepando no mato com um advogado e a outra quer usar a moita, mas fica com medo.

Quê?

— Mãe, não estou com medo. Só quero ir com calma... E que história de moita é essa?

Ela caminha até mim.

— A vida é uma só Belly, se não arrisca, jamais terá nada. Mesmo que você erre foi tentando ter o melhor. Cometi muitos erros, mas não me arrependo de nada.

— Por quê?

— Porque tive vocês. — Oferece um pouco de macarrão que aceito na hora.

Provo com ansiedade, porque estou morrendo de fome, mas logo me arrependo. Parece que caiu na minha barriga como um tijolo no vácuo. Pego uns salgados no armário que sempre sobra das encomendas e vou comendo enquanto arrumo a mesa.

Assim que termino, vou pegar maionese na geladeira quando vejo uma lista. A lista de encomendas da minha mãe da semana, média de 4 encomendas por dia. Uau! Está excelente.

Pego-me pensando no que o Max disse. Se eu começo a ajudar divulgando, posso duplicar esses números. Quem sabe a curto prazo alugamos um ponto fixo para nós e no futuro, um grande restaurante. Sorrio emocionada.

— Que foi filha?

— Não sabia que tinha tantas encomendas, achei que só fazia duas pequenas por dia.

— Fazia, mas a cada dia está aumentando, até estou dispensado umas... Tive que contratar a filha da vizinha para me ajudar várias vezes semana passada.

— Mãe... Isso é maravilhoso!

— E a lanchonete onde sua irmã trabalha, mais duas estão pegando encomendas comigo pela manhã. Por isso já deixo quase prontas, só falta fritar, eu e sua irmã madrugamos para atender todos os pedidos.

— Mãe e se eu largasse a faxina e ficasse nas encomendas?

— Seria uma ótima ideia... Ficaria perto do teu sonho.

— Max me disse o mesmo. Sabe, me propôs até parceria... Abrirmos um restaurante juntos. O que acha?

— Que você deveria voltar para a sala... E aceita a proposta do Max. Todas elas.

— Essa vou aceitar, as outras já não sei... — Principalmente porque nem sei quais são. — Vou chamar ele e Ricky para jantar.

— E a loirinha?

— Telly? Está... No quarto com o Ricky, vou chamá-la também.

Telly só me mete em mentiras.

— Engraçado, ela me disse que ia sair, como não acreditei, te perguntei para ter certeza que estava mentindo. — Ela põe o rocambole na mesa. — Essa menina não tem jeito.

— Já disse, deixa ela...

— Deixo, deixo de couro quente isso sim. — Ajeita a comida na mesa. — Vai logo chamar os meninos.

Faço o que ela pede, chamamos Ricky que dormiu só de toalha na minha cama, mando um torpedão para minha irmã e depois chamo Max que já cochilava no sofá da sala.

Assim que todos se ajeitaram a mesa, o jantar fluiu bem. Gostei de ter minha família reunida. Max parecia completamente à vontade ali: ria, fazia piada, repetia o prato, até fez uma aposta com o Ricky para ver quem comia mais. Ninguém ganhou, porque a comida acabou, mas foi divertido de qualquer forma.

É uma sensação estranhamente boa ter todos juntos como uma grande família. Oliveira Castelli. Soa bem. Olho para Max que ainda está sentado do meu lado a mesa. Queria dormir com ele essa noite, mas minha mãe é linha dura, jamais deixaria.

— Já preparei o sofá para você dormir Max.

— E eu? O sofá não é o lugar onde geralmente eu durmo... — meu irmão falou, mas logo se cala ao ver o olhar assassino da nossa mãe. — Pensando bem, dou meu jeito.

— Se quiser durmo no tapete, assim não tiro seu lugar.

— Imagina Max, o Ricky vai dormir em um colchão no quarto das irmãs... Só para o caso de alguém ser sonâmbulo e sei lá, querer andar até a sala ou até o quarto para *trepar* em uma árvore.

— Não se preocupe, eu estou morto... Vou cair e dormir sem

sonambulismo.

— Acho bom, antes peru morto do que degolado.

Max olha para mim com os olhos arregalados. Sorrio mandando *tchauzinho* e beijos para ele. Volto para o quarto e vejo Telly arrumando o colchão para o nosso irmão. Já está de camisola e cantarola sorrindo. Enfeito Thomas.

Telly, Telly, o que está fazendo com sua vida?

Acordo assustada com algo apertando minha garganta. Dou um empurrão e percebo que é minha mãe com uma fita métrica.

— O que estava fazendo mãe? — pergunto passando a mão no rosto.

— Tirando suas medidas — responde simplesmente como se fosse a coisa mais normal do mundo. — E por favor, vá escovar os dentes está com um bafo terrível.

— Por acaso vou morrer para precisar tirar minhas medidas?

— Calada, depois te explico. Vai logo escovar os dentes e se depile direito. Vi uns pelos aí que faria qualquer homem correr.

— Nem vou quero saber aonde vii... — levanto e vou para o banheiro. Qualquer coisa é melhor do que ser medida por minha mãe.

Saio do banheiro me arrumando para trabalhar. Ontem mandei um torpedo para todos que já me contrataram dizendo que voltei mais cedo, então, consegui duas faxinas para hoje. Mesmo querendo aceitar a proposta do Max, preciso repor o que gastei durante a viagem. Entro na sala já vestida com meu uniforme, que aliás está bastante apertado e mais curto, mostrando que preciso voltar a correr.

Observo Max se espreguiçando no sofá. Resmungava de dor nas costas por causa dele.

— Faz uma massagem nele filha — Mamãe sugere.

Sento atrás dele e começo a massagem sem dizer uma palavra. Ele está tenso e posso ver o volume em sua calça. Sempre acorda excitado. Minha mão sem querer escorrega do ombro dele para aquela região.

— Belly... Sua mãe...

— Shiiu... Ela está terminando as encomendas. — Mordo sua orelha. — Relaxa e aproveita.

Deixo minha mão entrar na calça. Dá para perceber que ele está sem cueca. Então, é só aproveita.

Deixo minha boca vagar por seu pescoço, mordiscando, enquanto movimento minha mão de forma ritmada. Max solta um gemido fechando os olhos.

— Belly. — Quase Caio do sofá ao ouvir a voz do meu irmão me chamando atrás de mim. — Melhor tomar outro banho não acha?

— Não, estou bem. — Bato no ombro do Max. — Ele que precisa de um banho frio.

Levanto e saio sem olhar para trás. Que saco. Vou para a cozinha tomar café antes que chegue atrasada ou agarre Max novamente. É tão bom estar de novo na minha rotina puxada e maluca que tenho vontade de entrar no carro com Max e gritar "Toca de volta para tua casa. Vai, rápido!"

— Bom dia, Mãe! — Dou um beijo nela que já está montando as encomendas numa caixa. — Precisa de ajuda? Tenho uma hora ainda.

— Vai preparando mais coxinha, pasteizinhos e o que conseguir.

— Claro... Amo fazer isso — digo lavando as mãos. — E a Telly?

— Já está colocando umas caixas no carro.

Nesse momento Max entra na cozinha e antes mesmo dele dizer algo, minha mãe já dá outra cartada.

— Max, poderia leva a Belly até o serviço?

— Claro, será um prazer. — Abraça por trás e posso sentir que não tomou o banho frio. — O que temos para o café da manhã?

— Pão, queijo, iogurte, café... come o que você quiser.

— Pode deixar que ele come tudo para não precisa escolher.

Max riu divertido e me beijou na boca. Não sei o porquê, mas gostei dele ter feito isso na frente da minha mãe. Dá um ar de compromisso sério. Real.

— Vamos Belly? — Segura minha mão. — Tenho que pegar estrada ainda hoje.

— Não vai tomar café?

— Não, como na rua!

Espero minha mãe elaborar mais um plano para ele ficar mais um tempinho porém, ela não diz nada.

— Volto para o almoço, mãe e te ajudo com as encomendas. — Dou mais um beijo nela. — Então, vamos Max...

Foi isso que falei, porém, não saí do lugar, minha vontade foi de pedir e gritar para ele ficar só mais um dia. Ser meu mais um pouquinho. Mas como

sempre, fiquei calada. Fui covarde. Em se tratando do que sinto por ele, sou sempre uma covarde.



CAPÍTULO 18

APAIXONADA!

Depois de um longo período inerte na cozinha da minha casa, no fundo, eu ainda torcia por uma intervenção da minha mãe com mais um de seus planos mirabolantes que conseguisse como mágica convencer Max a ficar até pelo menos amanhã, já que ele só trabalharia na segunda.

Quando eu não quero ela faz um jantar para meus namorados se fazendo de pirada, dá palpite até na minha depilação, mas quando realmente preciso que faça algo, fica quieta feito estátua de cera. Que merda!

Caminho para fora de casa sem falar uma palavra e muito menos olhar para Max. Faço a francesa. Como se ele nem estivesse no caminho. Além de mal-humorada, estou começando a ficar com fome.

— Que cara feia é essa? — pergunta puxando meu braço.

— A única que tenho — respondo tentando não soar tão grossa quanto gostaria. Afinal, não quero brigar com ele agora.

Max me agarra por trás me tirando do chão, me fazendo gritar e caminha comigo assim até próximo do carro.

— Ainda sobre eu está armando com sua família? — indaga roçando a barba no meu pescoço. Golpe baixo.

— Não... Eu só... — Ele me aperta todo safado contra seu carro e uma vizinha passa olhando a cena com cara de quem está me excomungando mentalmente. — Para com isso — peço rindo —, vai traumatiza as vizinhas.

— Diz o que você tem que eu paro. — Vira-me e encaro seu olhar de predador.

Seu corpo ainda me aperta contra o veículo, segurando meus braços abertos contra o carro. Tão possessivo!

Esquece o que eu disse, vamos traumatizar sim a vizinhança.

— No momento acho que só tenho tesão — digo em tom de brincadeira, mas é verdade. Ele ri. — Não estou desconfiada de você e sim da minha família. Conheço eles, sei que estão armando alguma coisa.

Max balança a cabeça ponderando, olha para além da minha cabeça e volta a me encarar.

— Então faço a pergunta novamente: por que essa cara feia? — repete liberando meus braços, porém não se afasta

— Acho que acordei... de TPM — minto, porque não vou dizer o real

motivo. Seria ridículo confessar que estou brava comigo mesma porque não consigo me declarar para ele.

Max dá um passo para trás, depois da minha mentira e ele se afasta. Seguro o riso.

Homens!

— Se eu soubesse disso antes não tinha aceitado te dar carona.

— É só você não me provocar que nada de ruim acontece — brinco com cara de mal.

— Não sei se consigo não te provocar, qualquer coisa te irrita geralmente, imagine de TPM... Me sentiria mais seguro com você amordaçada em uma jaula.

Lanço um olhar mortal em sua direção fazendo ele levantar as mãos em sinal de rendição. Sem dizer mais uma palavra, dá a volta no carro para ocupar seu lugar como motorista. Para minha surpresa, abre a porta por dentro do veículo para mim. Esse é o mais longe de cavalheirismo que eu já vi dele. Entro batendo — sem querer — a porta com muita força.

— Não faz isso — põe a mão no peito fazendo drama —, dói na alma.

— Fica calado e vamos logo, ainda temos que tomar café, você com sua pressa não deixou eu tomar nem o meu.

— Ainda estamos aqui, pode descer e tomar se quiser.

Viro para ele com meu melhor olhar sanguinário que faz ele ligar o carro e dirigir em completo silêncio.

Coloco o endereço do meu primeiro trabalho no GPS pelo caminho mais longo. Eu precisava de coragem para iniciar uma conversa séria com Max, tenho que falar que quero namorar com ele. Vai que ficamos novamente anos separados ou que nunca mais voltamos a nos ver. Seria horrível. É agora ou nunca!

Ensaio várias vezes o que dizer, mas sempre que abro a boca as palavras fogem e acabo desistindo. Vejo cada vez mais meu destino se aproximando, o que significa que meu tempo está acabando. E para melhorar, Max resolveu me obedecer e realmente ficar calado.

Tomo fôlego, tento falar novamente, mas não consigo e a vontade de roer as unhas cresce até que não resisto e acabo roendo. Odeio fazer isso.

— Vai lá Belly, você enfrentou coisas piores... — murmuro para mim mesma — É só perguntar... O máximo que pode acontecer é ele responder não.

— Vai quebrar o pé assim...

— Ah? — Só então percebo que estou chutando o carro. Caralho, preciso controlar melhor meus tiques. — Desculpa.

— Está tensa ou só violenta? — pergunta alisando minha coxa por cima do vestido.

— Não estou tensa, nem violenta.

— É a TPM, então?

— Não, na verdade nem estou de TPM... Se eu disser o motivo você vai rir.

Coragem Belly! Qualquer coisa diz que é pegadinha.

— Não vou rir, prometo. — Ele olha para mim depois para estrada.

— Estou nervosa porque não queria que você fosse embora e não sabia como te dizer isso.

Pronto! Falei tudo de uma vez como se não fosse nada demais. Só o movimento nervoso das minhas mãos que desmente minha aparente indiferença.

— Você quis volta mais cedo...

Não foi essa a resposta que eu esperava.

— Eu sei.. mas sei lá, fazia tempo que eu não passava tanto tempo com um homem... Fiquei com medo de me jogar nessa, estava me sentindo cada vez mais envolvida — confesso. — Não queria sentir por você mais do que sente por mim e desejar ter com você mais do que deseja ter comigo.

— Impossível!

— O quê?

— Nada, estava pensando em outra coisa... E acabei pensando alto.

Ele divide sua atenção entre mim e o trajeto.

— O que quero dizer é que passar um tempo com você mexeu comigo.

— Mexeu? Como assim?

— Mexeu mexendo — *que bosta de resposta.* — Não consigo explicar... Gosto *muito* de você e você disse que gosta *muito* de mim, então como essa pode ser nossa última conversa, fiquei pensando... sei lá, na gente.

— Pensando o que? Se podemos ou não tentar um namoro à distância?

Aleluia! Pensei que ele ia ficar com essa conversa de conta gota se fazendo de diva.

— Exatamente isso. — Ele comprime um sorriso. — Prometeu não rir!

— Lembro. — Sei que pode parecer absurdo...

— Não é absurdo, só que você parece estar sendo torturada para dizer

tudo isso. Seja mais romântica. — Faz uma voz afeminada. — Está me pedindo em namoro, sou sensível e quero ser tratado com carinho. — Funga fazendo bico para finalizar a cena.

Quem é Shakespeare na arte do drama perto do Max?

— Esteja ciente que não sou um exemplo de romantismo e feminilidade.

— Não é mesmo. — Agora ele rir abertamente.

Ficamos em silêncio por um tempo enquanto ele diminui a velocidade do carro procurando uma vaga para estacionar próximo a um restaurante. Várias pessoas viram a cabeça para olhar. Carro de luxo nunca passa despercebido.

— Já veio nessa cidade alguma vez? — indago curiosa. Ele dirige tão seguro como se conhecesse tudo por aqui.

— Já. Algumas vezes, por negócios na maioria delas...

— Hummm...

Finalmente consegue estacionar o carro antes de falar olhando para mim com um longo suspiro.

— E sobre o namoro — inicia segurando meu queixo —, eu iria adorar ser seu.

Confesso que meu coração falhou algumas badaladas e depois parecia dançar o creu na velocidade 5 de tanta felicidade, porém, em vez de dizer o quanto estava feliz, lembrei da distância que nos separa e queria deixar tudo claro.

— Tem certeza? Tem certeza que deseja namorar comigo? Porque eu sou muito ciumenta — aviso. — Não poderá sair com mais ninguém, aliás não pode nem sair, não enquanto estivermos juntos. — Ele faz uma careta erguendo a sobrancelha. — Terá que viajar todo final de semana para me ver e aguenta abstinência de sexo a semana toda...

— Belly, eu sei como um relacionamento funciona, principalmente um à distância. Já tive outros! — *Bom saber que ele faz isso sempre.* — Tenho certeza absoluta que quero namorar com você, se você também tiver certeza. — Segura minha mão. — Não me importa mais nada se você estiver a fim de tentar.

— Se eu não estivesse querendo tentar nem teria começado essa conversa — Sorrio. — Minha mãe vai surtar quando saber que depois de séculos eu estou namorando. Minha família adorou você.

— É, acho que sim. — Ele clareia a garganta. — Sua mãe até me disse para deixar você fazer o pedido de namoro, senão já estaríamos namorando

desde ontem.

Não acredito!

— Por que minha mãe te pediu isso?

— Porque ela temia que sua resposta fosse não, agora se nem eu, nem você dissesse nada, eu ainda poderia tentar driblar suas defesas — Diz dando uma piscadela para mim.

Meu coração dispara com essa confissão, se ele estava disposto a esperar meu tempo e não ia desistir é porque gosta mesmo de mim. Quem sabe o que ele sente é amor? Seguro o sorriso presunçoso que ameaça lascar meu rosto e também a vontade de entrar nessa área de sentimentos. É cedo para isso e posso acabar destruindo tudo.

— Minha mãe é impossível.

— Só concordei em ser pedido em namoro porque ela me avisou que você é bem lerda em se tratando de relacionamento e sentimentos, por isso tem que ser no seu tempo.

Lerda? Eu? Só por causa disso não vou mais contar para ela que estou namorando com Max.

— Não sou lerda, só é tudo muito estranho...

— O que é muito estranho?

— Eu e você juntos... — Pego meu celular no bolso do meu uniforme para ver as horas. Ainda tenho tempo. — Fui para o reencontro da turma fazer nem sei o que, já que só tinha babacas na nossa ex-turma e voltei namorando com um — provoco.

— Obrigado, Benzinho, pelo elogio — debocha.

— Benzinho? Nem começa com essa palhaçada.

— Quero um apelido carinhoso. Igual ao Fábio — brinca fazendo um beicinho ridículo.

— Não *força* Max, ou terá um relacionamento igual ao meu e do Fábio.

— E qual seria?

— Inexistente!

Max sorri, gostando de saber que realmente não tive nada com Fábio. Esquecendo completamente do cinto de segurança, me puxa para um beijo, o que não dá muito certo e acabamos sendo puxados pelo cinto.

— Parece que o cinto não curte pouca vergonha — brinco, agora sim me soltando e já montando no colo dele. — Seu pai vai ter um ataque quando

souber.

— Ele já acha que somos namorados, o ataque será pequeno. — Morde meu queixo. — Agora que ele vai tentar algo para nos separar, ah se vai.

— Ele pode tentar quantas vezes quiser, que minha mãe vai fazer algo para nos juntar toda vez que ele separar. — Rio, mas ele não. — Eu nunca namoro caras fácies. — Ele continua sério e sua mão sobe meu vestido enrolando o dedo na minha calcinha. Acho que a conversa acabou.

— Você também não é nada fácil — devolve inclinando um pouco mais o banco. — É mal-humorada, romantismo zero, bruta, insensível...

— Só tudo isso? Estou começando a repensar esse namoro... — digo rebolando em seu colo.

— Quanto tempo temos até seu trabalho?

— Uns 30 minutos.

Ele sorri safado e sei exatamente no que está pensando. Carro parado. Vidros escuros. Eu no seu colo.

— Rapinha?

— Rapidinha. — Alisa minha coxa por dentro do vestido. — Não vale ficar com sono depois — provoca.

— Vou tentar, namorado e sócio gostoso.

— Sócio?

— Sim, esqueci de falar, eu aceito ser sua sócia... Vou cumprir duas semanas como faxineira porque já dei minha palavra e iniciamos essa sociedade mês que vem.

Ele sorri me beijando.

— Você é maravilhosa... Às vezes tenho vontade de te dizer tanta coisa — divaga alisando alguns fios soltos do meu cabelo para trás da orelha.

— Por que não diz?

Retiro sua blusa.

— Porque não é a hora ainda.

— Bom, então, quando for a hora, você me diz.

Deslizo a mão por seu peito nu, pelas tatuagens. Mexendo vagarosamente meu quadril, suas mãos apertam minha cintura. Posso sentir sua ereção e ele provavelmente sabe que estou pronta para ele. Conhecemos bem o corpo um do outro.

Deixo minhas unhas passearem por seu peito, pescoço, sempre o

olhando nos olhos deixando claro meu desejo por ele. Seguro seu queixo antes de pedir em tom bastante sensual:

— Me beija. — Aproximo ainda mais minha boca da sua. — Me beija daquele jeito gostoso que só você sabe.

Max nem pensa, segura na minha garganta, já que o cabelo está preso, firma sua mão na minha bunda por dentro da calcinha e me beija. Do jeito que eu gosto. Com posse, desejo e vontade de me deixa louca por ele.

Abro sua calça e fico frustrada ao ver que ele colocou uma cueca. Só para atrapalhar. Reviro os olhos. Afasto de qualquer forma a cueca liberando seu membro enquanto ele beija meu pescoço. Tenta abrir meu vestido como dá. O espaço não é o mais confortável tornando os movimentos bruscos e desajeitados.

— Vai me ligar quando chegar em casa? — pergunto ofegante.

— Ainda pergunta, óbvio.

Satisfeita com a resposta, libero seu membro já vigoroso entre nós e sento sobre ele. Meu gemido é alto, pois sinto um certo desconforto. Um pouco de dor.

— Tudo bem? — pergunta sondando meu rosto. — Estou te machucando?

— Não, estou bem — tranquilizo. Aproximo minha boca da sua orelha. — Passe o dia com meu cheiro e lembre-se de mim todos os dias quando acordar e quando for dormir — sussurro tomando seus lábios e começando a movimentar meu quadril, gemendo ali mesmo na rua em frente a um restaurante em plena luz do dia.

— Será que perceberam? — pergunto olhando ao redor mesmo já estando em frente ao meu trabalho bem longe ao restaurante. Ainda tenho a sensação que todos sabem que acabei de transar dentro de um carro numa via movimentada.

— Acho que sim, mas relaxa, não deu para ver nada... — Ele ri. — Primeira vez que te vejo tão corada. — Alisa minha bochecha. — Nunca transou em um carro?

— Durante o dia confesso que nunca. Você é maluco!

— E você é gostosa! Muito gostosa.

Max me abraça forte, acho que está na hora dele ir. Estou bastante atrasada, mas não me importo com mais nada fora daquele abraço.

— Já vou, mas te ligo... Vou refazer minha agenda para todos os fins

de semana ficar com você.

Concordo. Ele me dá um selinho, entra no carro e vai embora. Isso foi bem frio e vazio. O eu te amo no final da despedida faz tanta falta.

Ajeito meu uniforme, ainda sentindo como se ele estivesse me tocando.

— Acabou o sonho Cinderela — murmuro para mim mesma.

— Belly, está atrasada! — Quase pulo de susto.

— Desculpe senhora. Tive um imprevisto.

Ela me olha de cima a baixo como se soubesse qual foi o meu imprevisto.

— Não me interessa desculpas. Vi seu agarramento na frente da minha casa, não pago seu salário para isso.

Nossa, o que deu nessa mulher? Nunca falou comigo assim, não é possível esse chique todo só por causa do Max.

— Não vai acontecer de novo. — *Principalmente porque não vou mais fazer trabalhos para a senhora.*

— Acho bom, eu entendo como é difícil para você conseguir um homem, ainda mais bonito, mas emprego também não está fácil.

Aperto as mãos em punho. A vontade é de dar na cara, mas meu profissionalismo não permite.

— Pois é, agora se me der licença, vou começar minhas obrigações pelas quais sou paga.

Ajeito meu cabelo e o meu vestido ignorando seu olhar, caminho para dentro. Não era uma mansão tão grande quanto a do Max, mas tomaria minha manhã inteira. Horas com essa mulher.

— Como foi de férias? — Perguntou aparecendo na cozinha do nada enquanto lavo os pratos.

E eu achando que estava livre dela.

— Bem... — *Pena que acabou e voltei para esse inferno.*

— Seu namorado me pareceu familiar. Qual o nome dele?

Ah bingo! Ela reconheceu o Max, por isso tanto interesse. Todos conhecem a família Castelli, o marido dela trabalha até em uma filial das empresas. Nosso primeiro dia de namoro, nem minha família sabe ainda e já vai ter boatos.

— Maximiliano! — Não diria o sobrenome. Ela quer, jogar então

vamos jogar.

— Conhece os pais dele?

— Sim.

— Onde ele mora?

— Na casa dele — respondo grossa e bastante infantil, mas cansei do interrogatório. — Deseja algo senhora? Preciso continuar meu trabalho. Não sou paga para ficar falando da minha vida particular.

— Belly querida — *querida?* —, não precisa ser grossa... Só que pelo carro, ele tem dinheiro e fiquei preocupada com você.

Agora ela é minha amiga.

— Agradeço a preocupação, mas...

— Esse tal Maximiliano está te usando... Você parece uma boa moça, não merece isso.

— Como já disse, agradeço a preocupação, mas preciso limpar o banheiro agora. — *Antes que eu perca a paciência.*

Fui para o banheiro respirando fundo. Lavei o rosto para me acalmar. Sabia que seria assim quando soubessem que ele tem dinheiro, mas essa conversa foi um tanto estranha, como se ela não me quisesse com Max. Será alguma ex? Ou alguma fã? Ela é mais velha, porém bonita.

Primeiro dia de namoro e já estou sentindo o peso. Só sei que nessa casa eu não trabalho mais.

A casa é grande com muita coisa delicada, em compensação, tem poucos móveis, sem crianças ou animais. Já fiz faxina algumas vezes aqui, mas nunca tão rápido. Fui mais ligeira que *The Flash*. Não quero ver essa mulher na minha frente. Graças ao Senhor recebo por antecedência. É um método para evitar calote e pechincha. Gente rica pousa de fina, mas se deixar não paga.

Saí sem ela ver ou inventaria algo para eu fazer. Peguei um táxi, ali não passa ônibus, eu teria que andar uns bons minutos até o ponto de ônibus mais próximo, já táxi passava a todo momento e eu não queria perder tempo. Faltava três horas para outro serviço e eu precisava almoçar ainda.

No caminho até em casa vou em completo silêncio, mas eu a todo momento pensava no Max. Nos dias que passamos juntos, namoro... Tanta coisa em tão pouco tempo. Encosto a cabeça na janela do táxi quando meu celular apita. Pego o aparelho e vejo que é uma mensagem do Max.

"Já estou com saudades e pensando seriamente em largar tudo e ficar ai com você".

Não consigo evitar o sorriso bobo que nasce em meus lábios enquanto leio a mensagem. Se eu tinha dúvidas de que estava apaixonada por ele, agora tenho certeza.

Eu estou perdidamente e irremediavelmente apaixonada por Maximiliano Castelli.



CAPÍTULO 19

EVIDÊNCIAS

Um mês depois...

Estaciono na frente de casa após passar a manhã inteira fazendo entregas. Estou exausta, mas cada dia, a cada entrega, me sento mais realizada. Ninguém disse que seria fácil ou rápido e nada que vale realmente a pena é. No entanto, quando se trata dos nossos sonhos, todo passo é uma conquista. Uma fagulha para o caminho da felicidade.

Os últimos dias foram extremamente corridos. Uma nova rotina que estou tentando me adaptar. Cumpri minha última semana como faxineira, avisei que estaria trabalhando com encomendas ou buffes caso eles quisessem me contratar. E agora, estou passando o dia fora distribuindo panfletos, divulgando nas redes sociais, conversando com donos de lanchonetes e outros que possam ser clientes futuros. Enfim, atrás de clientes novos e fixos.

Estamos indo bem nas vendas, que cresceu ainda mais e resolvi contratar de vez a vizinha e comprar novos equipamentos. Expandir os negócios, quem sabe daqui uns dias podemos abrir nosso próprio ponto no centro da cidade e deixar a Telly como responsável. Já estou até estudando o local junto com Thomas, que é advogado. Max tenta participar à distância.

Max! Só de pensar nele já sinto um formigamento entre as pernas. Desde que me deixou em frente ao trabalho há um mês, não o vejo. Viajou a negócios para passar uma semana e lá mesmo ficou, aposto que é obra do miserável do pai dele, tentando nos manter longe um do outro. Pelo visto, dirigir uma empresa de grande porte não gasta tempo o suficiente para mantê-lo ocupado, talvez devesse mudar de ramo. Faxina, por exemplo, toma muito tempo. Gente que gosta de cuidar da vida alheia deveria tentar. Recomendo.

Escuto minha mãe cantando a pleno pulmões uma marchinha de carnaval que faz meu ouvido tremer e uivar feito guitarra desafinada. Posso ouvir também com o pouco de audição que ainda me restou barulho de água. Deve está lavando o banheiro ou destruindo a casa.

— Mãe! — grito assustando ela. — Papai Noel sabe dessa traição? — zombo lembrando que o natal está mais perto que o carnaval. Ela odeia natal, diz que deixa tudo mais caro. Já o carnaval, sua época do ano favorita, não. As pessoas vestem um abadá e shorts rasgado, já está excelente para a folia.

Após se recuperar do susto de ser flagrada em seu show particular, ela balança o quadril cantando "jingle bells" com uma voz de tédio.

— Satisfeita? — indaga revirando os olhos. — Já almoçou?

— Não... Depois como alguma coisa — aviso coçando a cabeça. — Temos mais alguma entrega para hoje?

— Uma formatura a noite, mas é pequena, então resolvi dar um trato na casa antes de começar a preparar tudo — informa secando o banheiro com o rodo — E Max?

— Ainda viajando.

— Já foi mais corajosa filha. — Deixa a tarefa de lado e encosta no box. — Por que não pede para ele voltar? Sei que é esse seu desejo.

— Não é falta de coragem, é maturidade, não posso simplesmente pedir para ele largar o trabalho e vim ficar comigo porque quero.

— Frescura! — Revira os olhos. — Tenho certeza que é coisa do mala do pai dele, nem deve ser necessária a presença dele nessa viagem. É apenas para esfriar a relação de vocês.

— Mas não vai conseguir, nossa relação será sempre quente! — Pisco para ela.

— Vocês estão bem mesmo? Já falou para ele o que sente?

— Vou para o quarto, quando terminar me avisa, preciso tomar banho.

— Pode fugir de mim, mas não pode fugir do que está no seu coração — grita.

Reviro os olhos e vou para o quarto ouvindo ela cantarolar a música "evidências" do Chitãozinho e Chroró. Penso em voltar para negar aquela bobagem, mas conheço minha mãe. Ela iria adorar me ver rebatendo a indireta registrada na letra da música e essa seria apenas mais uma evidência do que sinto.

Sopro o ar com força. Não contei ainda para dona Amélia que estou namorando. Quero fazer uns três meses de namoro antes de fazer essa loucura. Minha mãe tem mania de criar tanta expectativa quanto criança com presentes de Natal. Se eu contar agora, vai começa a planejar todo meu casamento com Max e caso não der certo, na cabeça dela será como ver o Titanic afundar com todos dentro. Uma tragédia.

Assim que entro no quarto meu celular apita causando uma relação já conhecida: coração disparado, mãos trêmulas e um sorriso bobo colar no meu rosto. Sei exatamente quem é antes mesmo de pega o celular no bolso do meu short. Max! Meu namorado. Já repararam como é bom dizer *namorado* com *meu* antes?

Entretanto, toda a minha euforia de receber uma nova mensagem do Max — que sempre são muito fofas — some quando leio o conteúdo desta:

"Meu pai quer falar com você".

Leio novamente duas vezes a mensagem para ter certeza que li certo. Como ele manda esse recado assim, na lata? O que esse senhor quer comigo? Ai meu Deus, lá vem bomba.

"Responde a porra da mensagem".

Impaciente! Nervosinho ele! Só por causa disso não vou responder agora. Solto meu cabelo, tiro os sapatos e a roupa me jogando na cama quase nua, curtindo uma preguiça antes do banho. Agora sim vou responder.

"Calma a bunda para falar comigo, nervosinho ou ela vai acabar com um pé bem no meio. Acabei de chegar das entregas, estou exausta. Então, não irrita! Vou tomar banho e conversamos direito. Tchau"

Em vez de responder à mensagem, vejo pela foto dele sorrindo brilhando na tela que está ligando para mim.

— Leva o celular, preciso falar com você agora.

— O que aconteceu?

Agora fiquei preocupada.

— Não é o que aconteceu, é o que vai acontecer... Tenho certeza que meu pai vai fazer alguma coisa para nos separar.

— Max, esse carnaval para isso? O que ele pode fazer? Te dar um boa noite Cinderela, colocar numa cama com uma mulher e eu flagrar? — debocho revirando os olhos.

— Essa é uma possibilidade, mas meu pai não é tão clichê. Ele insinuou saber algo de você que mais ninguém sabe — conta, fazendo meu coração acelerar e um suor frio descer por minha testa. — E descobriu da dívida que eu paguei, que dormi na sua casa, que estamos planejando abrir um restaurante juntos...

Já descobriu tudo isso? Se não for pacto com o diabo, esse homem contratou o FBI para me monitorar.

— E o que ele sabe sobre mim? — pergunto realmente interessada.

Se ele realmente sabe. Pode ser só um verde. De qualquer forma, é perigoso ter gente me investigando, pode descobrir coisas que realmente não são necessárias vir à tona.

— Não sei, ele apenas insinuou, nem sabia se tinha algo realmente, mas quero ouvir de você. Tem algo que queira me contar?

— Nada... — *que eu queira contar*, completo mentalmente.

— Nada? Tem certeza? — insiste.

— Nada, não tenho nada que nos envolva ou que afete nossa relação.

— Mas tem algo. — Dá um longo suspiro. — Belly, não podemos ter uma relação sem confiança.

Penso em contar, mas não é fácil e não vejo como algo que fiz na adolescência durante o período difícil pós morte do meu pai pode afetar nossa relação mesmo que eu não me orgulhe e nem gostaria que todos soubessem. É algo meu. Apenas meu e não quero me expor. Nem dividir. Por isso opto por manter segredo.

— Max, estamos construindo uma relação e com ela a confiança. Uma precisa da outra e ambas de tempo para nascer, florescer e principalmente, jamais morrer. Ninguém confia no outro com apenas um estalar de dedos, como nenhuma relação dá certo em um piscar de olhos.

— Eu sei, só... — o tom de voz dele é baixo e cansado. — Só sinto que não estamos completamente nesse relacionamento.

— É recente e não nos vemos, é normal que estejamos um pouco distantes à menos que você tenha feito merda. Precisa me contar algo Maximiliano?

— Eu... Eu não fiz nada, mas você conhece alguma Brenda Soares?

— Não! Quem é ela? — Pulo da cama desejando ter o poder de esganar ele por telefone. — E o que tem a ver com esse assunto? — pergunto entre dentes. Se ele me traiu acabou tudo agora mesmo. Sem desculpas.

— Nada, só achei que você a conhecia.

— Conta logo ou entro na internet e descubro — ameaço andando de um lado a outro do quarto.

— Minha ex-noiva, aquela casa onde te deixei há um mês, era de uma amiga dela, mas já deve ter mudado ou não...

— Aposto na segunda opção.

Isso explica tudo. A forma como me tratou, como estava interessada na minha história com o Max. Como sondou terreno. Queria era fazer fofoca para ex dele. Que vaca.

— Só queria te deixar avisada caso ela disser algo a meu respeito, mas não sabia como dizer e eu nem tinha certeza que ela ainda morava no mesmo lugar. Por isso não te contei antes.

— Tudo bem Max, não precisa se justificar à menos que sua ex surja

do nada para encher o meu saco. Está tudo bem.

— Que eu saiba ela está grávida e noiva de um dos ricos mais desejado do Brasil.

— É mesmo, não me diga, que lindo! Acompanha a vida da sua ex. Interessante — ironizo totalmente debochada.

— Nada a ver Mônica, só quis ter certeza que nós não vamos ter problemas com ela.

— Acho bom, porque se você ainda sentir algo por ela, me avise. — Volto a deitar na cama de bruços. Um pouco mais calma.

— Não sinto nada mais por ela, tenho certeza disso.

— Você vem para cá esse fim de semana? — questiono mudando de assunto. — Estou com saudades de ficar com você.

— Eu também estou com saudades de você, mas não vai dar... Chego no sábado cansado da viagem, para pegar mais horas de viagem até aí, não faz sentido.

Que balde de água fria!

— Entendo, mas acho que uma hora teremos que falar sobre a possibilidade de morarmos na mesma cidade.

— Você pode vir para cá. Já ficamos na minha casa mesmo. Pode ficar aqui comigo e veremos no que dá — propõe todo safado.

— Não! Está louco? E tudo que já construí aqui? Sem falar que minha mãe nos mataria. Melhor você se mudar para cá.

— E minha casa, empresa?

— Faz outra casa, você não é um dos donos da empresa? Dá um jeito, mas minha família é insubstituível e estou tão perto do meu sonho... Não posso e não quero mudar para essa cidade novamente.

— Supondo que eu fosse para aí — meu coração já dispara —, você moraria comigo? Ou iríamos ficar como adolescentes namorando na sala da sua casa esperando sua mãe sair para trocar um selinho?

Nem é para tanto. Beijo aqui em casa minha mãe permite. Apenas sexo é proibido.

— Eu iria morar com você! — respondi tão baixo que nem Jesus Cristo escutou, mas tenho certeza que a orelha da minha mãe esquentou. E se ela ao menos cogitar, pior, sonhar com isso, vai ser um Deus nos acuda e macacos me mordam.

— Belly, você não iria, conheço você... Nem consegue pensar na

possibilidade — diz em tom brando, mostrando não está chateado. — Por que você não vem para cá no sábado?

— Nesse? Não posso, vou fazer um jantar de gala. Nosso primeiro jantar para alguém da alta sociedade, é para o pai dos gêmeos, mas se formos bem, vai chover convites e logo teremos clientes de vários níveis sociais — conto empolgada.

— Namoro complicado esse nosso! — Ri. — Amanhã tem uma festa aqui perto — aposto que ele está coçando o queixo enquanto diz isso — e eu queria ir...

Tempo para mim, não tem, mas para festa ele acha.

— Ainda bem que não quer mais, já pensou que triste você ir e perder a namorada no primeiro mês de namoro?

— Fiona, não confia em mim?

— Não é questão de confiança — *é que você não vai e pronto.*

— Não vou te trair, só vou beber e...

— No hotel tem bebida, por que você quer sair para beber?

— Porque quero ver gente.

— Você viajou muito nos últimos dias, já deve ter visto muita gente ou então, está precisando muito de óculos de grau.

— Quero tomar uma cerveja, ouvir música, dançar, conversar com meus amigos...

— Liga o rádio, toma sua cerveja, você nem gosta de dançar — constato brincando com a barra do lençol da cama. — E outra, não sabia que seus amigos estavam com você.

— Porra, Belly! Você tem resposta para tudo. Eles trabalham comigo, por isso estão aqui. Não vou te trair, só vou sair sem você — brada e sua voz faz um eco estranho.

— Não vou bancar a namorada compreensiva, eu me importo sim e não gosto da ideia.

— Não pode me prender, vai ter que confiar em mim! Eu poderia ter ido e você nem ficaria sabendo, mas quero ter uma relação de confiança com você.

— Tudo bem, vai para sua festa, mas vou sair também e vou dançar com outros homens.

— Eu não disse que ia dançar com mulheres — rebate.

— Você vai beber ao ponto de nem lembrar seu nome, então vai acabar

dançando ou dormindo com outras mulheres.

— Não vai dançar com outro homem, não se empolgue!

— Digo o mesmo. — Jogo meu cabelo todo para um lado. O calor hoje está no capricho. — Nada de ficar olhando outras mulheres.

— Jamais! Vou até deixar meus olhos em casa só para não olhar para nenhuma mulher que não seja uma faxineira gostosa que tira meu sono — zomba antes de completar com um sussurro: — e que está deliciosa com essa calcinha fio dental afogada na bunda.

Gargalhei quando percebi o que ele disse. A forma tão real que ele disse me fez deixar o celular cair na cama. Entre surpresa, excitada e encrencada, pulo em seus braços enchendo ele de beijos. Filho da mãe, estava o tempo todo aqui e ficou brincando comigo. Nem consegui ficar com raiva. Que saudade do meu negão!

— Não sei como fui me apaixonar por um idiota como você.

— Apaixonar? — Só quando ele repete essa palavra me dou conta do que acabei de dizer. — Está apaixonada por mim, Belly? — indaga olhando nos meus olhos como se lesse minha alma e talvez leia, o suficiente para saber a resposta. Ainda que eu queira esconder as evidências, meus olhos não conseguirão negá-las.



CAPÍTULO 20

AS TRÊS PALAVRAS MÁGICAS

Eu queria ter o poder de apagar a memória recente das pessoas. Tipo aquele *treco* do filme MBI — Homens de preto. Até hoje espero alguém lançar e produzir em alta escala. O mundo precisa disso. Eu mesma ia parcelar em cem vezes, mas ia ter um desse. Aquilo sim é algo útil, principalmente na época que eu era faxineira. Já até imagino quando as patroas e suas amigas nojentas me olhassem com ar superior cheias de deboche, dava na cara delas, apagava a memória e garantia meu pagamento, diversão e emprego tudo no mesmo pacote. Estão perdendo de ganhar dinheiro. Quem não ia querer um desses?

Entretanto, como não existe, vou ter que lidar com o fato de que não dei na cara de nenhuma delas porque precisava do trabalho e falei mais do que devia.

Eu tinha que estragar o momento com minha boca grande. Que merda! Muito cedo para dizer que estou apaixonada por ele. Muito, muito cedo para admitir isso em voz alta. Além do mais, eu não quero ser a primeira a dizer. Eu sei que o amo, mas não sei se ele me ama, logo, acho justo ele ser o primeiro a se declarar. Já pedi em namoro que até um tempo atrás, em algum século passado, deveria ter sido obrigação dele como homem pedir.

Afasto-me do Max, olhando para todos os lados do quarto tentando de alguma forma achar uma explicação plausível para aquela frase — que não deve ser repetida jamais —, até porquê, não posso ficar muito tempo calada, afinal quem cala consente.

— Está apaixonada por mim — dessa vez não foi uma pergunta. Ele lutava para conter o sorriso presunçoso.

Ah, mas não vou dar esse gostinho a ele.

— Você entendeu errado — minto na cara dura.

— Ah, entendi errado? Então me explica — pede cruzando os braços parecendo estar se divertindo com meu desconforto.

— Eu não disse "apaixonar" eu disse "aproximar". Não sei como fui me aproximar de um idiota como você — digo me esquivando da pergunta.

— Isso não responde minha pergunta — insiste voltando a mergulhar nos meus olhos. — Tirou as lentes — constata já bastante próximo de mim. — Gosto mais assim. Me faz lembrar da época do colégio — diz deslizando as mãos do meu rosto ao pescoço. Me envolvendo em uma teia de sedução. Se eu

disser que não adoro quando ele faz isso, estaria mentindo.

— Eu lembro que uma vez você disse que meus olhos são diferentes. Únicos. Mas, na minha opinião olhos pretos são os mais comuns.

— Não são únicos ou diferentes pela cor e sim pelo brilho que traz. Pela forma como sempre refletem o que sente. — Ele passa o dedo nos meus lábios. — São únicos porque são seus.

— Você sabe mexer com uma mulher quando quer — zombo tentando me livrar da magia e da áurea de sedução que se formou no quarto. Eu amo esse homem. Meu Deus! Amo tanto.

— Lembra de quando eu te roubava beijos no recreio? — concordo com um aceno de cabeça. — Quando eu te prendia... — ele gira comigo caminhando em direção à porta —, bem assim contra a porta. — Simula me apertando entre a porta fechada e seu corpo.

Admito, atualmente isso é mais excitante do que na época do colégio. Afinal, hoje eu sei todo o prazer que esse corpo pode me proporcionar.

— Lembro. — Deixo escapar um riso acompanhado de um suspiro saudoso. — Eu até que gostava dos seus agarramentos, você já era bem gostosinho na época.

— Não parecia, me dava cada tapa com essa mão pesada que passava dois dias doendo. — Rebate me segurando firme pelos pulsos, como fazia naquela época.

— Tudo parte do meu charme — confesso —, apesar que dá primeira vez que fez isso, eu era BV. Fiquei irada por ter me agarrado assim do nada só por brincadeira, mas das outras vezes, pode perceber que eu meio que deixava. Sua pegada sempre foi uma delícia.

Até hoje creio que se fosse em um ambiente mais reservado que uma sala de aula, eu teria sucumbindo. Mesmo sendo bastante nova eu já sentia uma forte atração por ele. Era um dos poucos que conversava comigo, que queria *ficar* comigo.

— Foi só um selinho, nem tirou seu BV — brinca. — Então quer dizer que gosta da minha pegada? — Puxa para mais perto, se é que é possível, cheirando meu pescoço.

— Adoro! — digo pausadamente. — E agora que você está maior, mais velho e mais forte, me deixa completamente louca — sussurro safada tentando soltar minhas mãos para beijá-lo, porém Max não permite.

— Com quem foi sua primeira vez? — Essa pergunta foi como um balde de gelo na minha cara e acho que ele percebeu, porque logo completou. —

Às vezes, eu queria ter sido seu primeiro.

— Você está sentimental hoje — comento. — Pode soltar meus braços? Prometo que só bato se pedir.

— Opa! Então bate uma para mim.

— Idiota!

Ele ri libertando meus braços.

— Idiota, mas você bem que gosta.

— Max, sua pergunta é um tanto íntima, para mim não importa quem foi sua primeira ou se ela era muito especial. — *Talvez a tal garota insuportável por quem ele era apaixonado.* — Só me importa que hoje eu sou a única!

Pelo menos espero ser a única.

— Foi com uma prostituta qualquer. Meu pai me levou. — Inclina minha cabeça para o lado. — Nada de especial, ciumenta.

— Hmmm... Como disse, não me importo, nesse momento só quero ficar com meu namorado gostoso.

— Sabe, é difícil para mim também dizer a frase.

Que saco! Voltamos para esse assunto de novo. E eu achando que tinha conseguido escapar, mas quem está na chuva é para se molhar. Já que estamos tendo essa conversa, vou aproveitar para sondar o que ele sente.

— Você diria? Diria sem sentir? — indago, sabendo que ele entende exatamente o que quero dizer.

— Não! Eu não diria — responde simplesmente brincando com meus mamilos. — Por que tirou as lentes? — questiona mudando bruscamente de assuntos novamente. Essas mudanças estão me deixando tonta.

Penso um pouco na pergunta. Quando tirei as lentes seria apenas para mudar a cor, só que quando eu me olhei no espelho, foi tão estranho, me senti tão... eu. Como se tivesse me reconectado comigo mesma.

— Estou me redescobrimdo nos últimos dias. Buscando ser mais eu mesma. — Suspiro quando ele belisca meus seios. — Max! Não inventa, minha mãe está lá embaixo.

— Cantando feito cigarra no verão com o aspirador de pó ligado... Ela não irá ouvir nada e está bastante ocupada.

— Minha mãe não precisa ouvir, vai saber, daqui a pouco bate na porta.

— Vamos para o carro, então, estou com tanta saudade de estar com você — sussurra contra minha boca.

— Sei, está merecendo um bom gelo, isso sim. — Empurro sua cara.
— Que história foi aquela de ir para festa com os amigos?

— Só estava te testando, ciumenta. — Aperta meu nariz. — Cheguei hoje de madrugada.

— Como assim? Onde dormiu? Por que não veio para cá?

— Em um hotel, já era muito tarde e queria te fazer uma surpresa. — Coça o queixo e já até sei que não vou gostar do resto. — Estive aqui mais cedo, mas você não estava.

Que filho da mãe!

— Por que não me disse nada? Ficou de joguinho... Pior foi minha mãe se fazendo de desentendida.

— Porque queria fazer uma surpresa e pedi para sua mãe não dizer. — Deu de ombros. — Assim que você chegou em casa, sua mãe ligou para mim e aqui estou.

— Vou relevar dessa vez só porque estou com saudade de você. — Abraço seu pescoço dando impulso para enlaçar a cintura dele com as pernas. — Achei que seu pai te manteria lá para sempre.

— E manteria, mas fugi da senzala, principalmente quando meu pai disse que pretendia falar com você.

— Seu pai disse pelo menos quando queria falar comigo?

— Descobri que ele também está viajando então, não se preocupe, tem uns dias para se preparar. Aliás, nem precisa ir se não quiser.

— Fugir? Jamais! Eu vou e irei dizer a esse senhor que nada e nem ninguém vai me impedir de te dar o golpe da barriga — brinco mordendo o queixo dele. — Talvez já tenha até um neto dele aqui. — Aliso minha barriga para dar ênfase.

— Aí só tem gases, Mônica.

— Como pode ter tanta certeza? Eu posso ter deixado de tomar o anticoncepcional de propósito...

— Não faz seu perfil e não estaríamos tendo essa conversa se fosse verdade. Sua mãe me mataria. — *Correção, ela me mataria.* — Mas pensando bem, não seria tão ruim um bebê nosso.

— O quê? Nem inventa! — Aviso descendo de seu colo caminhando até a cama.

— Num futuro distante, claro, pretendo ter filhos... E queria muito que a mãe fosse você.

O desgraçado sabe como derrubar todas as minhas barreiras e eu odeio isso.

— Estou começando a acreditar que você é mesmo um homem romântico.

Ele me olha de cima a baixo com cara de *pidão*.

— Eu sou romântico, porém sou mais safado...

— E principalmente idiota — interrompo completando: —, em um futuro distante eu iria gostar de ser mãe de um filho seu.

Bem a logo prazo. Em um futuro bastante distante. Tão distante que nem foi escrito ainda. Bendito seja meu anticoncepcional! Que ele nunca falhe.

— Deve me achar maluco por estar falando de filhos no segundo mês de namoro — comenta rindo enquanto deita na cama me abraçando. A passos lentos.

— Acho você maluco o tempo todo.

— Eu gosto de me jogar em uma relação. Não quero perder a oportunidade de falar, de fazer o que sinto... Amanhã pode ser tarde demais e só restar a sensação de "*eu poderia ter*". — Abraça forte. — Pior sensação não é errar, é sentir que não fez. É o tal "*e se...*" ou "*será?*" que nos impede de viver como gostaríamos.

— Isso foi... profundo! — Começo alisando o peito dele por dentro da camiseta. — Já senti muito essa sensação e ainda assim fico presa nos meus dilemas pessoais. Eu quero dizer, quero me jogar, mas sempre travo. Por medo ou insegurança de me machucar.

— Te entendo, não sou um exemplo de coragem, mas hoje estou tentando ter algo que sempre quis e nunca tive coragem ou oportunidade para tornar real. Torná-la minha.

— Como assim?

— Eu sempre quis...

Ouço meu celular tocar interrompendo nosso momento, suspiro e muito relutante levanto dos braços dele. Hmmm! Não conheço o número, mas já odeio *pacas* a pessoa que está ligando. Péssimo momento.

— Alô! — Atendo mal-humorada, mas logo percebo que é uma cliente. Então já faço o atendimento formal com mais simpatia. Tudo que não precisamos é de uma má fama com atendimento. Atender bem o consumidor é parte fundamental para um bom negócio, afinal, ninguém quer ser maltratado.

No meio da ligação enquanto a cliente decidia o que ia querer, quantos

e de que sabores, Max começou a massagear minhas costas a beijar minha nuca fazendo meu corpo estremecer.

Covardia isso! Eu também estou na vontade.

Fechei os olhos sentindo aquele caminho de beijos e mordidas subindo por minhas costas até a orelha. Um suspiro escapa dos meus lábios.

— Está tudo bem? — a voz preocupada da mulher me faz despertar. Caramba, me perdi na conversa, agora não sei se ela está perguntando se está tudo bem comigo ou com o acerto que estamos fazendo.

— Pode repetir?

— Claro! — solícita, ela repete e eu anoto tudo no celular mesmo, depois passo para o papel.

Assim que termino o atendimento, encerro a ligação e vejo a foto de um buquê de flores na janela que é meu descanso de tela. Lembro do que ele disse durante a ligação sobre nós dois na mesma casa.

— Falava sério sobre morar aqui comigo? — indago virando para ele, que continua o festival de beijos. — Max, responde!

— Na verdade, não... — responde se afastando. — Sei que não iria morar comigo e sua mãe jamais permitiria que eu morasse com vocês.

Jamais mesmo!

— Se você pelo menos morasse nessa cidade, nos veríamos com frequência — digo empurrando ele na cama. — Pense na ideia.

— Não é tão simples. — Joga um lençol para mim. — Pode colocar uma roupa?

— Não.

— Se não vamos transar, melhor não me tentar.

— Azar o seu, gosto de ficar assim, está um calor do cão.

— Não gosto que fique exibindo o que é meu. Se outro homem entra aqui e vê você assim? Serei obrigado matar.

— Você não mata ninguém, otário, e quem disse que sou sua? — rebato.

— Seu corpo, seus olhos... dizem que és minha o tempo todo.

Monto em seu colo.

— Então acho que preciso colocar uma marca minha em você, só para garantir.

— Sinta-se à vontade, mas eu nunca disse que não era seu. Com ou

sem marca, sou todo seu.

Sorrio mordendo sua boca. Talvez uma rapidinha não seja nada mal. Minha mãe até agora não apareceu aqui então, talvez, esteja realmente ocupada. Tiro a camiseta dele, mas fico alguns minutos olhando seu tórax. Ele fez cinco novas tatuagens. Pelas histórias, ele nunca faz uma sem um grande motivo por trás. O que será dessa vez? Penso em indagar, mas sou interrompida por batidas na porta que quase me faz cair da cama assustada.

— Por que essa porta trancada? — escuto minha mãe sem parar de esmurrar a porta. — Deus não gosta de portas fechados e muito menos eu. Bora abrindo.

Max e eu acabamos caindo na gargalhada. A porta nem está trancada.

— Sua mãe é boa na missão cão de guarda.

— Oh se é, até hoje só a Telly conseguiu quebrar essa regra e duvido que ela faça de novo.

Acabo vestindo a camiseta dele. O cheiro gostoso do meu homem invade meus poros fazendo desejá-lo ainda mais.

— Oi, mãe! — digo com cara de inocente.

Minha mãe me olha da cabeça aos pés e depois para Max deitado na cama. Olha para mim novamente depois para Max com cara de "*por que ele está sem camisa na sua cama?*". Max acena para ela totalmente cínico.

— Melhor ir tomar banho, Belly e você? — Aponta para Max. — Deve estar com fome, vem comigo vou preparar algo para você.

Olha para mim mandando um recado claro "*quebre as regras dessa casa que eu quebro sua cara.*" continuo com minha cara de paisagem enquanto Max se aproxima.

— Sogra, eu estou sempre com fome. Sou...

— Um homem grande! — interrompo completando.

— O que temos para comer? Agradeço se não for bem casados ou doces de casamento. Acho que já comi o suficiente para um ano.

— Não se preocupe, apesar de achar que bem casados nunca é demais, temos feijoada hoje.

— Hoje exercito minha dieta do pavê.

— Dieta do pavê? Nunca vi essa.

Esfrego a testa. Nem vão esperar o natal para começar as piadas com pavê. Mereço!

— Venha sogrinha, vou te ensinar a dieta enquanto minha branquinha

toma banho.

Observei eles andando abraçados em direção a cozinha e tive uma certeza, Max contou para ela que estamos namorando. Está escrito na testa dela "*meu genro querido!*" Já até imagino ela conversando com as vizinhas toda pomposa "*finalmente minha filha desencalhou, vai ficar grávida logo*". Sorrio balançando a cabeça com o pensamento. Pego minha toalha na porta do quarto e vou tomar um banho bem gostoso e demorado. Max sabe lidar muito bem com dona Amélia, posso ficar sossegada. Ele vai estar aqui quando eu sair do banho.

— Sabe, eu adoro sua família... Queria que a minha fosse assim — Max diz entrando no meu quarto enquanto enxugo meu cabelo com uma toalha.

— Assim como? Pirados? Intrometidos? Pirados?

— Não, isso já são... — deita na cama da Telly —, mas vocês também são unidos acima de tudo! É diferente sentar na mesa com todos conversando ao mesmo tempo ou só ouvir minha sogra falando como as tatuagens ficam após ficar velho e enrugado.

Jogo a camiseta para ele. Tinha até esquecido que ele estava desfilando por ai de peito nu.

— Sabia que ela ia implicar, ela não tem o meu fetiche por homem negro, alto e tatuado nu em uma cama. — Dou uma piscadela para ele.

— Tenho certeza que fora o tatuado, o resto ela tem fetiche sim. Me perguntou até se eu tenho irmãos.

— Sério? Não creio.

Confesso que ri de chorar. E agora essa? Coitada! Max só tem irmãs.

— Falei para ela do meu pai querer conversar com você...

— Max, fica tranquilo! Seu pai não vai me matar. Relaxa.

Caramba! Essa preocupação está começando a parecer rabo preso.

— Belly, não importa o que meu pai diga ou faça, eu não vou terminar com você. O problema é você não ter a mesma certeza que eu... — Abraça afundando o rosto no meu pescoço. — Promete que vai continuar comigo?

Eu não gosto de prometer, sempre há a chance de não cumprir e a palavra perde a credibilidade. A vida é imprevisível, às vezes as coisas fogem das nossas mãos e eu não quero magoá-lo. Hoje tenho certeza do que quero, mas amanhã posso mudar de ideia. O destino pode resolver que não é assim do jeito que ele quer. Por outro lado, é como ele disse: falar eu errei é melhor do que dizer eu não fiz. E amanhã pode ser tarde demais. Por isso, conscientemente,

enquanto minhas mãos passeiam por sua costa larga, me peguei dizendo:

— Prometo que farei o possível e impossível para ficar com você, porque você está certo, eu estou completamente apaixonada por você. — Afasto seu rosto para poder dizer as três palavras mágicas olho a olho. — Eu te amo Maximiliano Castelli.



CAPÍTULO 21

ADVOGADO

Eu mal posso acreditar que realmente falei "eu te amo" e sabe o melhor? Não me arrependo, nem tenho dúvidas de que é exatamente isso que sinto e de como esse sentimento é grande mesmo, agora, com Max aqui parado. Calado. Estático. Como se a namorada dele não tivesse acabado de dizer as palavras mágicas e estivesse sei lá, esperando uma resposta. Ainda que seu silêncio me deixe ansiosa, nervosa, com um *puta* insegurança. Eu não vacilo, apesar da vontade de gritar "*pegadinha do malandro*" seja grande, mantenho cada vírgula do que eu disse. Se ele quiser fugir ou não dizer que também me ama — mesmo querendo muito que diga — por mim tudo bem. Se ele for realmente meu e está disposto a tudo comigo, não há o que... Mentira! Tudo bem, o caralho se ele não dizer que me ama, jogo pela janela. Não sei como, mas jogo.

Sem conseguir me conter e engolindo parte do meu orgulho peço:

— Max... Diz alguma coisa.

— Acho que voltei a ser adolescente e estou sonhando... — murmura.

— Não, não está! É tudo tão real quanto o que sinto por você e...

Max apenas avança em mim me beijando com necessidade. Com fome, desejo. Como se quisesse fundir seu corpo ao meu. Ele ainda está sem camiseta e é tão gostoso sentir novamente sua pele quente sob minha palma. Seus músculos rígidos. Arrasto minhas unhas com força por suas costas, devolvendo o beijo com toda a saudade que sinto de sua boca. De seu corpo. Fecho os olhos saboreando o beijo. O homem. Meu homem. Com todos os meus sentidos.

— Repete! — pede ofegante apoiando sua testa na minha. — Repete só para ter certeza que você realmente disse isso.

Afasto de seus braços, pulo para cima da minha cama, abro os braços e grito:

— Eu te amo Max — repito inúmeras vezes a frase gritando bem alto entre risos e pulos na cama. — Eu te amo. Eu te amo...

É, acho que na verdade foi eu que virei adolescente e do tipo que se encanta pelo sapo.

Paro de pular cansada, tonta e com muita falta de ar. O sedentarismo ainda me mata. Se bem que se essas forem minhas últimas palavras e a cena dele

sorrindo for a última que verei, não me importaria que minha vez de partir fosse nesse exato momento. O sorriso dele está tão lindo, tão grande que estou preocupada que não caiba no rosto e lasque a cara toda.

— Mônica...

— Eu sei que pode ser cedo para dizer e você pode sair correndo. — Sento na cama. Ainda acalmando minha respiração e as batidas frenéticas do meu coração. Puxo o ar com força antes de completar: — Mas é o que eu sinto e fico tão vazia toda vez que nos despedimos sem dizer que te amo... que eu só precisava dizer.

— Não vou sair correndo, só ia dizer que é perigoso você pular na cama, pode quebrar.

Estreito os olhos na direção dele em uma ameaça de morte clara.

— Retiro tudo que eu disse nos últimos vinte minutos.

— Estou brincando — levanta as mãos em sinal de rendição —, até porque sinto o mesmo por você. — Fica de joelhos na minha cama segurando meu rosto. — Eu te amo Mônica, você não tem ideia do quanto eu te amo.

Apesar dele não ter dito meu nome, sorrio. Ele me ama. E agora, o que faço? O que digo?

Aja naturalmente, Belly, não é seu primeiro romance.

— Amar é uma meleca. Odeio me apaixonar — murmuro escondendo o rosto no peito dele.

Tudo bem, acho que fiquei um pouco desesperada e acabei falando sem filtro a primeira besteira que me veio à cabeça.

— Nossa! Acaba de dizer que me ama e agora odeia.

— Amar é uma droga. Uma droga maravilhosa, mas continua sendo uma droga. — Filosofo levantando da cama. — Agora fala.

— O quê?

— Eu te conheço. — Aponto o dedo para ele. — Está o tempo inteiro querendo me dizer algo. Fala.

— Tem razão, preciso te falar uma coisa, mas não queria estragar tudo logo agora que disse que me ama.

— Você me traiu, é isso? — pergunto de olhos fechados.

Tudo menos isso. Isso não dá para perdoar!

— Não, claro que não.

Solto a respiração que nem percebi estar prendendo e um alívio

enorme me invade. Nada poderia ser pior que isso só...

— É casado! É isso, não é?

— Porra! De novo essa história, não sou e nunca fui casado. Pode esquecer isso? Ou pelo menos entender? — brada passando as mãos pela cabeça.

— Não é comum colocar o nome da empresa como esposa, mas vou tentar esquecer essa história. — *Pelo menos até a próxima briga.* Abraço ele. — É sobre seu pai?

— Não, é sobre eu e você e como está tudo ficando sério entre a gente eu preciso te contar...

— Fala antes que alguém...

— Belly? — ouço minha mãe gritar por mim em algum canto da casa. — O imbecil do Thomas está te chamando. Tem meia hora buzinando aqui na frente. Melhor descer logo porque se ele continuar ,sou capaz de ir presa hoje mesmo.

— Já estou indo! — grito de volta.

— Quem é Thomas? — Max indaga desconfiado.

Toda vez que tem o nome de um homem e o meu na mesma frase, ele age assim.

— O advogado que te falei — ele ergue a sobrancelha ainda sem lembrar —,que está me ajudando com a parte legal do nosso negócio.

— Lembrei.

— Combinei de ir com ele olhar uns lugares para o nosso futuro restaurante.

— Achei que íamos passar o dia juntos.

— Se tivesse me avisado que vinha passaríamos sim — explico arrumando os travesseiros na cama por cima dos ursos de pelúcia antes que ele note um em especial —, porém como não avisou, marquei com ele.

— Vou me lembrar de não te fazer mais surpresas — debocha —, de qualquer forma, já ganhei meu dia. — Se joga na cama mesmo sabendo que estou tentando arrumar. — Pode repetir que me ama de novo?

— Não.

Max começa a retirar tudo de onde coloquei e acaba achando o coelho de pelúcia. — Sansão. — igualzinho o dá Mônica, que ele me deu há muitos anos para me zoar. Droga! Era isso que estava tentando esconder. Não quero que pense que gostei da brincadeira ao ponto de guardar como lembrança. Já que eu guardei só porque ninguém, exceto minha família, me dava coisas e é tão fofo.

— Você guardou... — constata segurando meu urso.

— Sim, sei que foi só para me zoar, mas é tão fofo que não conseguir jogar fora. Confesso que guardei o vestido também.

— Não foi só zoeira, foi um presente. — Olho novamente ameaçadoramente para ele. — Ok! foi só zoeira mesmo, mas foi bem leve essa.

— Realmente foi bem leve, se não olhar pelo lado da mensagem subliminar: gorducha, baixinha e *bravinha*... — retruco.

— Não esquece o dentuça e cabelo de banana nanica, são os meus favoritos — rebate debochado deixando a cama entre nós. Ele sabe que vai apanhar.

— Eu só não te mando tomar naquele lugar em respeito a casa da minha mãe.

Meus dentes são normais e meu cabelo é lindo!

— Calma, Mônica, é só uma brincadeira de nada.

— Pode continuar brincando, não ligo, azar o seu que gastou dinheiro com zoeira.

Ele dá de ombros. E escuto o *buzinaço* do Thomas aí na frente, depois não sabe porque mamãe não gosta dele. Sempre faz questão de provocá-la.

Balanço a cabeça terminando de arrumar a cama, jogo as roupas limpas no cesto e as sujas em uma trouxa antes de começar a me maquiar para sair. Se eu não arrumo, minha mãe me mata. Ela já tinha ajeitado tudo aqui.

— Vocês não têm guarda-roupa?

Essa pergunta me pega desprevenida, será que ele não percebeu antes? Observo ele analisar o quarto todo com muita atenção, mas não diz nada, apesar de nitidamente não gostar da parede cheia de foto de homens famosos ou de como é quente e apertado aqui.

Max não é do tipo filhinho de papai, mimado, pelo contrário até, mas sempre foi rico. Muito rico. Então, não sei o que se passa na cabeça dele quando percebe a enorme diferença entre minha casa e a mansão dele.

Sem dar muita bola para o que ele deve estar pensando, termino a *make*, ajeito meu cabelo solto mesmo, pois ainda está meio molhado, calço uma rasteirinha da minha irmã e por último, perfume.

— Precisa se arrumar tanto? — indaga colocando de volta sua camiseta.

— Óbvio! Sou uma empreendedora agora, necessito estar sempre linda.

— Você já é linda sempre.

Esse homem faz tão bem para minha autoestima que daqui uns dias terão que colocar diva antes do meu nome.

— Se continuar me mimando tanto, acabo desistindo de sair e fico o dia todo com você.

— Essa é a intenção.

Novamente ouço buzinas de carro e minha mãe gritando ou melhor, xingando aos quatro ventos.

— Melhor eu ir impedir uma desgraça. — Aliso a roupa para tirar alguns amassados. — Quanto tempo vai ficar aqui mesmo?

— Essa semana toda.

— Traz suas coisas para cá, assim ficamos mais tempo juntos.

— Prefiro ficar no hotel, estarei aqui toda hora, mas a noite você vai para o hotel dormir comigo.

— Está bom — concordo sem nem cogitar contrariar. Aqui teríamos que dormir separados então, essa é uma ótima solução.

— Bom, me apresente ao homem que está te roubando de mim — brinca achando meu celular no meio dos lençóis. Já sei que após apresentá-los, não terei paz. Vai morder as costas de tanto ciúme.

— Vem, vou apresentar vocês. — Puxo ele pela mão em direção a sala.

— Por que ele não entra? — questiona ainda ouvindo as buzinas irritantes enquanto atravessamos a sala.

— Porque ele foi banido desta casa — respondo simplesmente.

Quando saímos de casa, Max já aperta minha mão com mais força ao ver meu advogado que está encostando no carro preto de óculos escuros na cara, do outro lado da rua com uma postura séria, apesar da mão na buzina só para atentar minha mãe. Normalmente comigo ele é bem profissional, mas basta colocar dona Amélia ou Telly que seu humor muda. Para bom ou mau, dependendo de qual das duas.

— Depois me explica essa história de banido! — Max sussurra no meu ouvido.

Não digo nada, apenas concordo, já chegamos ao carro e não vou ser pega fazendo fofoca.

— Thomas... — tento um cumprimento educado, mas sou interrompida pelo ciumento do meu namorado.

— Sou Maximiliano Castelli, namorado dela!

Reviro os olhos enquanto eles apertam as mãos e posso ver que Max usa bastante força pela careta que o Thomas faz. Lá vem excesso de testosterona.

— Thomas Azevedo, advogado...

— Você é diferente do que imaginei quando a Belly me falava de você.

— Como você me imaginava? — indaga Thomas tirando os óculos e exibindo seus olhos verdes.

— Velho, careca e barrigudo — responde me fazendo rir.

Talvez eu tenha contribuído um pouco para essa impressão.

— Max! — Cutuco ele com o cotovelo, mas confesso estou me divertindo.

Não tiro a razão do Max em ter ciúme. Thomas é um homem bastante atraente. Bastante mesmo. É alto, apesar de ser mais baixo que o Max, olhos verdes incríveis, dono de sorrisos raros capazes de fazer qualquer uma subir pela parede, cabelos castanhos e pele bronzeada. Sem falar que deve ser muito bom de cama, já que a safada da Telly não larga esse osso de jeito nenhum e se pegar alguém admirando esse monumento, arranca a cabeça. Não se assumem, mas é um morrendo de ciúmes do outro

— Imagino que sua namorada deva falar muito bem de mim — brinca.

— Eu nem perco meu tempo falando de você Thomas — rebato. Dou um beijo rápido no meu namorado. — Nos vemos à noite.

— Nada disso, mudei de ideia. Vou com vocês. — Avisa entrando no banco de trás do carro sem nem deixar eu responder.

— Ciúmes — sibilo para o Thomas que ri também entrando no carro.

Imito eles e sento atrás ao lado do Max. Acho que se eu sentar na frente sou degolada.

Assim que estamos devidamente instalados, com os cintos de segurança, Thomas liga o carro e desembesta a falar das partes legais e como é importante seguir tudo à risca para não ter problemas futuros e toda uma chatice que confesso ter parado de prestar atenção quando Max me abraçou nitidamente tentando marcar território ou ver se me quebra no meio pela força excessiva que estava usando.

Ciúmes um pouco desnecessário. Eu jamais ficaria com o homem da minha irmã. Por mais gostoso que ele seja não vale isso e não troco meu negão por olhos verdes nenhum.

Aproveito que ele está próximo e Thomas agora presta total atenção a estrada para namorar um pouco. Pouso minha mão na coxa do Max, beijando seu

pescoço só para mostrar que sou completamente e totalmente dele. Só dele



CAPÍTULO 22

SEMPRE APAIXONADO POR MIM

Passar três horas com um namorado ciumento e um advogado galã foi a pior coisa que já fiz na vida e um ótimo jeito de estragar meu dia.

Max ficou tão grudado em mim que minha cintura deve estar roxa de tanto me abraçar. Apertar.

Agora sei como a mamãe coala se sente levando o filho nas costas para cima e para baixo. Fiz isso por horas e pior, nem foi com um filhote. Foi com um homem feito de quase 2 metros de altura. Tudo isso para nada, já que Thomas nem dá bola para mim e coitado dele se desse. Ajudava a Telly a quebrar a cara dele!

Para completar o excesso de testosterona, Max deu uma de velho rabugento e todos os lotes, prédio... caralho a quatro que nós víamos como futuro local para abrir ou construir nosso restaurante lanchonete — quero fazer os dois em um de uma forma inovadora, aconchegante e de alto nível... Ainda não sei bem como — ele via algum defeito que nem existia e já descartava logo, por mais que eu dissesse ser um excelente lugar. No fim, vasculhamos a cidade e ainda não temos um lugar para montar o negócio, porque o mister universo não achou nenhum de seu agrado.

Retornamos para casa estressados e exaustos. Thomas estava com a cara de quem vai para o céu depois de carregar a cruz até o fim.

Eu, sentindo como se tivesse corrido atrás de um trio elétrico até o fim do mundo e não rodei por três horas em um carro confortável com direito a ar condicionado.

Max era o único que chegou como se tivesse saído para fechar um negócio e não deu certo por acaso do destino e não por interferência dele.

Homem dá tanto trabalho. Cansa tanto que namorada deveria ser profissão e receber um salário máximo, porque mínimo não cobre todo o esforço, carga horária, tempo perdido e a paciência investida. Olhando por esse ângulo, namoro é igual trabalho, se você não faz com amor, prazer e dedicação, jamais dará certo.

Ao chegar em casa tudo que eu queria era comer e dormir, porém em vez disso, tive que fazer o bolo da tal formatura. A menina pediu algo complicado e mamãe não conseguia fazer. Até eu mesma me bati para fazer. Preciso aprender novas técnicas de confeitaria. Estou enferrujada nesse quesito e em receitas mais refinadas. Vou investir em cursos on-line e muita prática para

ser a melhor e mais completa da área. Trabalhar sob pressão eu já sei, só falta ter técnicas para agilizar o processo.

Foi corrido terminarmos, aleluia, já está tudo pronto para a festa de formatura, basta levar para o local. É maravilhoso ver finalmente meu sonho brotando, por enquanto, está um embrião, mas a cada dia vai tomando forma e tamanhos, até se tornar algo grande e sólido.

Precisávamos de muita coisa ainda: carro específico para levar as encomendas, uma equipe maior, uniformes padronizados, investir em propagandas, equipamentos mais avançados, além de toda a parte burocrática que é responsabilidade do Thomas. Hoje eu não preciso ir ajudar a servir os convidados (às vezes damos uma de garçons também), pois combinei de Anna, filha da vizinha, me cobrir na festa. Não terá muito o que fazer: é só obedecer a dona da festa que tudo sai bem. Como Max está aqui, vou ficar com ele, tenho que dar um pouco de atenção ao meu gato ciumento também.

Nesse momento estou na cozinha terminando de rechear um pão bisnaga para mim e para ele. Sobrou recheio dos que fiz para a formatura então, estou aproveitando. Max me observa encostado na pia de braços cruzados, está quieto há muito tempo para ele.

— Que foi? Está quieto. Ainda com ciúmes?

— Não tenho ciúmes!

— Rosnou até não querer mais para meu advogado, só faltou fazer xixi em mim para marcar território e não é ciumento. Imagina se fosse! — rebato. — Diz logo o que você tem.

— Nada, só estou imaginado ficar sozinho com você. Aqui é tão movimentado, sempre tem alguém atrapalhando. Me sinto vigiado.

— Acostume-se, você está sendo realmente vigiado. Eles estão testando se é bom o suficiente para mim, se no futuro você se transformará no meu marido — pisco para ele — e garantir que não vamos transar em qualquer canto da casa.

— Bem que eu queria, mas minha namorada agora vive só para os clientes, negócios...

Dramático!

— Acostume-se com isso também, será assim por muito tempo, estamos no início de um negócio. Dá muito trabalho, toma muito tempo, mas estou adorando.

— Estou vendo.

— Parte disso é culpa sua. — Começo a cortar a bisnaga já toda recheada com patê de frango. — Obrigada por mostrar que meu sonho é possível, por estar aqui vivendo essa loucura e correria comigo. — Agradeço oferecendo um pedaço para ele.

— Não precisa agradecer. Eu estou aqui porque quero, porque te amo e também porque tenho necessidade e fome... — beija meu pescoço — fome de você — sussurra mordendo minha orelha.

— Aguenta só mais um pouquinho, já estou acabando e já, já, ficaremos a sós.

Foi só falar e minha irmã entra na cozinha provando o que ele disse. Realmente não conseguimos ficar sozinhos por muito tempo.

— Desculpa casal, mas estou faminta. Tenho uma hora até está formatura começar — explica abrindo a geladeira procurando alguma coisa para comer. — Letty ligou para *mainha* agorinha, quer conversa comigo e com você amanhã. — Avisa comendo uma fatia de pizza fria.

— Está repreendido. — Esfrego a testa com o antebraço antes de completar — Primeiro o pai do Max, agora a Letty. Tenho até medo de descobrir o que esses dois querem comigo.

— A Letty quer um favor, provavelmente, só lembra do resto da família para isso. — Senta no chão abraçando a perna sem importar que está de vestido. Essa menina é toda moleca!

— É, provavelmente.

— Então a ave de rapina quer conversa com você é? — Ela olha para Max. — Disso não sabia.

— Eu vou tomar um banho enquanto vocês conversam ou xingam meu pai.

— Deixei uma toalha na cama para você. — Tento avisar, mas ele sai da cozinha tão depressa que nem me ouviu, mais uma vez fico com a impressão de que eu, ele e alguém da minha família no mesmo ambiente é um crime.

— Acho que ele não gosta que xinguem o pai.

— Azar o dele, porque o pai dele nunca facilitou para mim.

— Mas você sempre tirou de letra, está acostumada a lidar com coisas cabeludas.

— Sei não, Max está estranho. — Pego uma fatia do pão e jogo para ela. Já experimentei, não é porque eu fiz, mas está sensacional.

— Estou achando a mesma coisa...

— Quer me dizer algo, mas não consegue — comento sentando no chão ao seu lado.

— Humm... estranho mesmo.

— Preciso te contar uma coisa... — digo em tom de segredo. — Eu e o Max estamos namorando...

— Isso não é novidade! Todo mundo já sabia. Deu em um site que o Max trocou uma modelo internacional por uma faxineira gorda...

Oi?

— Falaram isso mesmo? — grito indignada.

Será que era isso que Max queria me contar?

Sinto cheiro de processo, mas não meu e sim de quem escreveu. Quando eu acabar com a raça desse filho ou filha de um cão.

— Não com essas palavras óbvio, mas está nas entrelinhas. — Ela abre o pão comendo apenas o recheio. — E mamãe ligou para uma rádio mandando beijos e pedindo a música do Henrique e Juliano para vocês — comenta aparentando desinteresse. — Todo mundo sabe que está namorando.

— Ainda bem que todo mundo sabe, mas ninguém me conhece — comento entre risos. — Imaginei que soubessem, a novidade é que hoje eu disse que o amo.

— Mentira! — grita cobrindo a boca. — Isso sim é novidade. De onde tirou coragem para isso? Logo você que jurou não se jogar em uma relação nunca mais.

— Para você ver que estou realmente ficando louca.

— E ele? Disse também?

— Sim. — Foi minha vez de gritar. — Ele é incrível, acho que nunca gostei tanto de um homem, ainda mais em tão pouco tempo. É magnífico e apavorante ao mesmo tempo!

Telly grita me empurrando mais empolgada que eu.

— Quando sai esse casório?

— Não dê uma de mamãe. Estamos bem como namorados.

— Com ele vindo aqui uma vez por mês? Duvido.

Lá vem ela *tacar* fogo no meu castelo transformando tudo em cinzas. Respiro fundo e fico um tempo em silêncio antes de comentar:

— Pedi para ele se mudar para cá. Bom, tem uma casa no fim da rua alugando. Ele poderia vim e...

— E voltar no mesmo dia? São mais de 7 horas de viagem, Belly. Não tem como. Ele teria que largar a empresa.

— Não quero ir para lá. Aquela cidade sempre me dá azar e...

— Nem sempre. O Max está lá e é a melhor coisa que já te aconteceu em anos. Belly, por enquanto você não tem nada que te prenda aqui.

Teoricamente é verdade.

— Tenho uma vida aqui, vocês, esse negócio e...

— Eu não disse para morar com ele, tenho certeza que é cedo para isso, é apenas para ficar uns dias com seu gato. Sozinhos. Você é empreendedora, não deve satisfação a patrão. Diferente do Max... E a mamãe nem precisa saber que está lá na casa dele. Igual da outra vez.

— Verdade, vou... espera, como sabe que eu fiquei lá?

— Amiga? Sério? Você nunca confiaria tão rápido em alguém ao ponto de ficar na casa dela desarmada. Acreditaria mais que se meteu em confusão e ficou presa.

— Confiei no Max.

— Porque gostava dele desde o colégio, talvez não como homem, mas gostava. Ele era o mais próximo de um amigo que você teve lá.

— Eu gostava de qualquer um que me oferecesse lanche e ele fazia isso sempre.

— Falando de mim?

Max entra na cozinha nos assustando com apenas a tolha amarrada na cintura. Esse economiza água. Um banho mais rápido que o outro.

— Não estamos falando de você, amor, pode ir vestir uma roupa. — Ele sorri, mas continua no mesmo lugar. — Agora! — completo com um sorriso forçado. Exibido!

— Hmmm... tatuagens! — Telly comenta bem maliciosa. — Gostei, sou louca para tatuar o Thomas todo, mas ele não gosta. Chato.

— Telly, para de babar pelo meu namorado, vai logo trabalhar. E manda o Ricky dirigir com cuidado.

— Pode deixar chefa — brinca saindo da cozinha.

— É tão bom ouvir você dizendo amor — Max diz caminhando em minha direção.

— Mas você é meu amor mesmo. — Empurro ele contra a parede.

— Te amo — diz me abraçando.

— Eu também.

— Você também o quê? — indaga estreitando os olhos.

— Me amo — sorrio. — Sabia que todos vão sair e você e eu, vamos ficar aqui... — Passo a mão por seu peito frio, mas que logo, logo estará quente. — Sozinhos, com privacidade...

— Do lado de fora! — Minha mãe interrompe nos separando. — Max, vá se vestir, aqui não é circo para ficar se exibindo e — aponta para mim —, arrume a cozinha, quando eu chegar só quero dormir. — Pega alguns pratos de cima da mesa colocando na pia. — Max vai dormir aqui?

— Não, vou dormir no hotel com ele. Amanhã cedo estou aqui. Sabe o que pensei — ela não diz nada, apenas continua ajeitando a louça na pia —, pedi para os clientes...

— Faz como quiser — interrompe bruscamente. — Estou com dor de cabeça.

— Está estranha também. Que houve?

Caminho até ela segurando seus ombros. Max nos observa comendo o resto do pão.

— Letty e a cruz do pai dela, para variar... — suspira cansada.

— Mãe...

— Estou bem, leva seu namorado para vestir uma roupa, não quero olhar com cobiça meu genro.

Em outra ocasião eu teria dispensado essa informação, mas só o fato dela sorrir no fim da frase, mesmo que seus olhos ainda estejam nublados pela tristeza, já me deixa contente fazendo eu ignorar a parte de cobiçar meu namorado.

Eu sei que em meio a sua loucura e seu jeito de viver, no fundo minha mãe sente que abandonou a filha mais nova, por isso não se perdoa e toda vez que fala com minha irmã e sente a rejeição dela para com todos nós, é como se a abandonasse de novo.

— Eu vou pegar uma roupa do Ricky para Max pelo menos ir vestido até o hotel, porque pelo visto ele não trouxe nenhuma.

Ele sorri.

— Aham... Limpa a cozinha antes de ir — manda beijando minha testa. — Juízo vocês dois. Usem camisinha, não quero netos sem um aro de metal brilhando no dedo anelar esquerdo de vocês.

Max tossiu para disfarçar ou realmente engasgou, no entanto eu só ri.

Prefiro minha mãe assim indiscreta. Desbocada. Sem filtro. Do que triste com a relação ou melhor, a não relação com a Letty.

— Mãe, pode ir sossegada, juízo é meu nome do meio.

— Sei... mas de qualquer forma, quero lembrar que surra é meu sobrenome — ameaça saindo.

Eu até acredito que realmente esse seja seu sobrenome, no entanto, como diria Telly: o que os olhos da mamãe não veem, nossas costas não sentem.

Olho safada para meu gato ouvindo o barulho do carro se afastando. Sei que é o nosso pelo barulho de algum problema no motor.

— Essa Letty não conheço — questiona me puxando para ele.

— Um dia vocês se conhecem — puxo sua toalha esperando ver meu bilhete premiado para o paraíso, mas... — Humm que pena, de cueca — lamento enquanto a baixo para fica da altura de sua cintura. — Não imagina como eu senti sua falta.

— Por que não me mostra? — desafia.

Sorrio mordendo um pouco abaixo de seu umbigo e ele reage imediatamente. Posso ver o volume na boxer tomar forma.

— Sabe por que o Thomas foi banido daqui? — ele nega. — Porque minha mãe chegou e pegou ele no flagra transando com a Telly.

— Caralho! Acho bom não sermos pegos então, não quero ser banido, gosto da comida daqui — brinca safado soltando meu cabelo do coque.

— Proibido é mais gostoso e o fato de que podemos ser pegos a qualquer momento me excita. — Aliso seu membro por cima da cueca para dar ênfase a minha fala.

— Me apaixono mais toda vez que você fica safada assim. — Enrola a mão no meu cabelo.

— Bom, acho que preciso ficar safada mais vezes, assim você será sempre apaixonado por mim.

Não dou chance para resposta, seguro seu membro, pronta para mostrar toda a intensidade da minha saudade.



CAPÍTULO 23

O ENCONTRO

— Max? — chamo beliscando seu braço, enquanto tapo a boca dele com a outra mão para que não faça nenhum barulho.

Está meio escuro devido ao horário da madrugada e não consigo focalizar direito, principalmente porque acordei agora assustada com o despertador e com Max na minha cama.

— Que foi? — pergunta abafado, mas continua de olhos fechados. Acho que nem sentiu o beliscão.

— Calado — mando, ele resmunga algo inaudível, mas continua sem se mexer. — Acorda! — rosno dando um belisco com a ponta das unhas.

— O que você tem? Estava tão romântica ontem... — retruca alisando o local dolorido. — Mulher perversa!

— Você dormiu aqui... — sussurro, mas ele parece não entender. Ótimo, pela manhã ele é mais lesado que eu. — Na minha casa, na minha cama depois de termos quebrado várias regras da minha mãe — explico pausadamente —, minha mãe vai nos matar.

— Calma! Sua mãe me adora, duvido que me mate — diz me puxando para deitar no seu peito, mas não faço isso. — Não adianta chorar pelo leite derramado.

— Não adianta chorar pelo leite derramado — repito imitando sua voz — Vaza logo! Por que dormiu aqui? Eu disse para ir para o hotel.

— Disse? Lembro que quem começou com proibido é mais gostoso foi você. Eu até tentei resistir.

— Ah claro! Eu abusei de você. Pobre homem inocente.

— Ainda bem que você sabe. — Dou um tapa nesse safado.

— Max, não é hora de brincar. Sai! — ordeno empurrando ele. — Vou me meter em encrenca por sua causa.

— Lembro que você disse está cansada e pediu para dormir um pouquinho aqui depois ir para o hotel. Então, culpa sua.

— Aliás, uma péssima ideia — admito —, mas agora pode ir.

— Por onde? Eu não passo por essa janelinha aí não e pelo barulho, sua mãe já está acordada e sua irmã tá dormindo aqui, na cama do lado. Significa que já nos viraram dormindo juntos.

— Verdade — *fudeu* —, mas se está tudo bem é porque mamãe ainda não viu.

— E se não viu, não fizemos nada — pisca para mim — só dormimos e isso não é contra as regras.

— Mentirosos — quase grito ao ouvir a voz de Telly do nada. Ela liga a lanterna do celular e põe abaixo do queixo como se estivesse contando uma história de terror —, entretanto, mamãe não vai acreditar. Vocês transaram aqui, agora terão que pagar.

— Cala a boca, Telly.

— Agora é sério. Espero não terem feito nada na minha cama e na mesa. Usamos ela para comer, seria nojento — brinca levantando da cama.

— Não pensou nisso quando estava dando nela né, sua safada?

Ela só ri. Na hora do bem bom com Thomas ela nem lembrou de nojo.

— Não fizemos nada — Max tenta sustentar a mentira.

— Não tentem esse jogo, ninguém vai acreditar. — Ela enrola o cabelo — Vocês sozinhos depois de um mês separados e não rolar nada. Essa é igual cuspe, não cola. — Ela vira se espreguiçando. — Mas como eu sou um amor. Não se preocupem, só eu sei que vocês estão aqui.

— E o que quer em troca para não me entregar?

— Assim me ofendi, eu faço tudo por amor — dramatiza cínica colocando a mão no peito. Olho para ela com os olhos estreitados. — *Tá bom.* Quero ver Thomas. Não aguento mais esse castigo da mamãe. Quero ficar com ele só um pouquinho. — Faz biquinho.

— Feito, mas só alguns minutos! — concordo. — Agora dá um jeito para o Max poder sair sem ser visto.

— Ok, mas sejam rápidos.

— Eu *estô* só de cueca... Precisa pegar uma roupa do seu irmão para mim.

Caminho até o cesto, por sorte as roupas do Ricky também ficam aqui. Pego a primeira bermuda do meu irmão para ele. Fica super apertada e metade da cueca para fora, tenho que morder a língua para não gargalhar, mas mesmo assim meu corpo sacode pelo riso preso. Nunca vi algo tão ridículo na vida.

— Manda sua mãe não se preocupar, se depender do seu irmão ela nunca terá um neto. Não é possível usar uma bermuda dessas e continuar fértil. — Ele tenta fechar a braguilha. — Não vou sair na rua com isso. Tem certeza que não é da sua irmã? Que porra apertada nas partes... — Seguro para não rir

nem fazer nenhuma piada. — O miserável que criou isso com certeza não tinha saco.

— Não reclama Max... E fala baixo! É só por alguns minutos, não vai te matar.

— Não, só vou criar uma vagina — debocha. — Gustavo Lima deve estar incomodado com a concorrência pesada do seu irmão.

— Max vaza!

Pelo amor de Deus, ou vou ter uma crise de risos.

— Nunca diga a ninguém sobre isso. Nunca fui tão humilhado na minha vida.

— Prometo que não conto. Agora vaza dramático. — Jogo uma camiseta para ele. — Nos vemos a noite... — Dou um selinho.

— Nada disso, me ligue quando chegar do encontro com sua irmã, mas não alimente expectativas, estou sendo castrado a cada passada — reclama devolvendo a camiseta. — Não vou usar isso. Vai ficar no meu umbigo isso se entrar. Seu irmão não parece tão magro assim.

— Ele está em construção, mas você é mais alto e forte... E mamãe que compra nossa roupa, dá um desconto.

— Acho que ela compra tudo na Marisa!

Já sinto gosto de sangue na boca de tanto morder para não rir. Ele vira de costas para sair e fica ainda pior, pego o travesseiro abafando minha gargalhada.

— Pode rir, mas se eu gritar você tá ferrada.

— Desculpa, desculpa, parei. Juro. Te amo mesmo usando essa bermuda.

— Também! — responde nitidamente devolvendo minha provocação de ontem.

Olho para ele com os olhos estreitados.

— *Imitação!*

— Parem de mela, mela e agilizem isso — ordena Telly colocando abruptamente a cabeça para dentro do quarto. — Mamãe está na cozinha, dá para Max sair sem ser visto. Sejam rápidos! — pede balançando uma aranha enorme de brinquedo na mão. Mamãe tem horror a aranhas. — Isso será nossa distração — informa.

E no mesmo instante que fecha a porta do nosso quarto, ouço um grito dela seguido de vários gritos apavorados da minha mãe. Maldade!

Max aproveita a deixa para sair, mais uma vez tenho uma crise de riso. Muito ridículo! A bermuda nem subiu mais da metade da bunda dele. Pelo amor, o idiota nem lembrou que a roupa que ele veio ontem ainda está aqui e eu que não ia dizer e perder esse *micão*.

Espero alguns minutos e após me controlar, ter certeza que ele já saiu. Faço o mesmo com a melhor cara de paisagem que consigo compor fingindo ser uma heroína e matando a aranha, se fosse de verdade eu estaria gritando histérica. Jogo o brinquedo pela janela, mas queria mesmo era queimar, sacanagem fazer isso com mamãe

— De que inferno saiu esse bicho medonho? Queima isso! Pelo amor dos seus nove meses de gravidez.

— Já matei e joguei fora.

— Ué, não foi dormir com o Max no hotel?

— Sim, cheguei agora e pela sua gritaria sabia ser uma aranha. — invento. — Vou tomar banho para começar a fazer as entregas.

— E eu vou chamar a Ana para começarmos a fazer os salgados. — Minha irmã nos avisa, nem ligando de sair na rua de camisola. Quando digo que ela é toda moleca, ninguém acredita.

Assim que Telly sai, mamãe segura o meu braço me impedindo de fazer o mesmo. Acho que ainda não me livrei dessa.

— Que foi mãe?

— Eu sei reconhecer quando sua irmã está mentindo e desde ontem quando chegamos ela está fazendo isso. E aranha de plástico, sério? Vocês já foram mais criativas.

— Estamos encrencadas?

— Não, dessa vez vou deixar passar, pelo esforço de vocês — avisa prendendo o cabelo loiro com um prendedor —, mas na próxima...

Ela deixa a frase no ar fazendo aquele velho truque de pais, vai ver na próxima nem tem nada, mas só de deixar a frase no ar os filhos já imaginam tanta coisa ruim. Tão ruim que nem pode ser dito em voz alta. Seria melhor dizer logo e acabar com essa pressão psicológica de uma vez.

— Não terá próxima — garanto com pressa.

— Bom dia família — somos interrompidas pelo meu irmão que entra esbanjando felicidade. Transou!

— Essa felicidade tem peitos enormes, bundão...

— E um sotaque maravilhoso — pega uma fatia de pão em cima da

mesa. — Bora baixinha? Hoje vou te ajudar nas entregas.

— Vou só tomar banho.

— Tenho três notícias para dar, duas boas e uma má. Qual querem primeiro?

— Boas! — respondemos juntas.

— Advinha o que mandei fazer finalmente?

— Um guarda-roupas! — grito em êxtase.

— Exatamente, mas achei melhor comprar um beliche, assim tem espaço para o guarda-roupas grande.

Nosso quarto não tem espaço para duas camas e guarda-roupas, então a solução seria fazer algumas partes embutidas na parede.

— Que... — *péssima ideia* — ótima ideia.

Merda, como transar em um beliche com um homem de 1,80m de altura? Não que eu esteja planejando, mas...

— Agora, a melhor notícia de todas... A empresa do Max ligou. Vou fazer uma entrevista com eles na segunda.

— Parabéns Adônis — grito pulando em seu colo. — Considere-se contratado.

— Vou estudar tudo sobre a empresa, vou ser o melhor.

— Já é o melhor, filho. — Mamãe também o abraça.

— Agora a ruim. — Faz uma careta. — Fui demitido por dormir no trabalho... De novo.

O ruim de trabalhar demais é que sempre acaba dormindo e sendo demitido.

— Tudo bem, logo você consegue o estágio ou outro trabalho. Por enquanto pode fazer administração da nossa casa. Estamos precisando.

— Pode deixar mana. Hoje à noite faço uma planilha.

Dou um beijo na bochecha dele e sigo para o banheiro. Tomo um banho rápido que o dia já começou.

Quando saio do banho já estou atrasada, quase 5:00 da manhã. Sempre levantamos às 4 horas da madrugada para dar tempo de fazer todas as encomendas antes das 6:00 da manhã, que é o horário que vou entregando para as lanchonetes que irão revender às 7:00 horas.

Funcionamos como um relógio inglês. E quanto mais clientes temos mais cedo acordamos. Ainda não temos um tipo de trabalho bem definido. O que

aparecer é lucro, mas quando termos um ponto fixo, esse tipo de trabalho será extinto. Graças a Deus!

Fazer entregas é geralmente chato e muito trabalhoso, mas hoje com meu irmão foi bem divertido. Ele contou durante o trajeto mais um pouco sobre sua noite. Disse não saber nem o nome da mulher, mas a apelidou de estrangeira porque tem um sotaque bem marcante e impossível de saber a origem já que ela sempre aparece após a quarta dose de uísque. Ricky é o único da família que consome bebida alcoólica, mas depois da primeira dose, mesmo sendo uma bebida fraca, esquece o próprio nome. Não sei quem é ela, mas mexeu demais com ele. Só espero essa estrangeira o mereça.

Como estávamos falando de "relacionamento ", contei do meu com Max, como estou feliz e apaixonada por ele. Falamos do restaurante, de como eu imaginava a decoração e até a estrutura. Foi a melhor entrega. Fazia tempo que eu não tinha um momento assim. Eu amo minha família, meu sonho jamais estaria tão bem encaminhado sem eles e Max.

Quando retornei das encomendas fiz o almoço enquanto Telly arrumava a casa e Ricky tinha ido com mamãe ao supermercado. Assim, deixamos tudo pronto para mamãe não precisar se preocupar em fazer tudo quando chegasse, já que hoje temos um encontro com nossa irmã caçula.

— Vamos, Belly — Telly me chama da porta do nosso quarto já arrumada. — Estamos atrasadas.

Fico um tempo admirando como ela cresceu e está mais linda e gostosa usando um vestido cor vinho, tomara que caia mostrando os braços e boa parte de suas coxas. Não sei porque Thomas não assume nada com ela. Deve ser bem legal apresentar um mulherão desses como namorada, porque eu me sinto a mulher mais incrível do mundo quando me apresento ou apresento Max como meu namorado. Meu homem.

— Belly? — chama estalando o dedo na frente do meu rosto. — Tá viajando?

— Oi — respondo despertando do transe.

Tenho vontade de entrar no assunto "Thomas ", mas sei como vai terminar. Nela dizendo que sabe o que faz.

— Vamos ou não?

— Sim... Você está linda.

Ela dá uma volta sorrindo e uma rasteirinha cor de cobre que está usando chama minha atenção. Parece nova e cara.

— Sandália nova? — pergunto muito interessada. Afinal, calçamos o mesmo número.

Su sandália, mi sandália!

— Thomas me deu de presente. Já tem um tempo, mas só conseguir usar hoje.

— É linda, como todos os outros presentes que ele te deu.

— Não vem insinuar, como mamãe, que só estou com ele pelos presentes ou que nossa relação é uma troca de favores, ele me dá presentes e eu dou para ele — pede irritada.

— Não disse nada, nem ia insinuar — esclareço —, mamãe só disse isso porque estava brava, afinal são quase 6 anos com ele Telly, nunca quis mais que esse lance de vocês? — Sento na cama dela.

— Estamos bem do jeito que está.

Sei que essa resposta encerra o assunto e não vou insistir então, decido mudar de assunto.

— Palpites do que Letty quer com a gente? — indago amarrando meu cabelo em um rabo de cavalo.

— Nada que iremos aceitar — comprime os lábios fazendo uma careta.

Minha irmã é do tipo, não gosta de mim? Então não vou forçar simpatia. E muito menos educação. Logo ela e Letty juntas, toda hora é troca de farpas, provocações infantis e eu no meio tentando apaziguar as coisas. Elas nem tentam ser amigáveis uma com a outra e sempre sobra para mim tentar uma relação fraternal.

— Vamos dar um voto de confiança, quem sabe não é para avisar que irá passar o natal com a gente.

Nos entreolhamos caindo na gargalhada. Realmente foi uma piada, minha irmã jamais deixaria de passar o natal em Paris para passar com a parte pobre da família. Acho que ninguém trocaria.

— Belly, não vá iludida, vai ser a mesma coisa de sempre — avisa pegando as chaves do carro na bolsa. — Vamos logo. Não quero perder o meu dia com criança mimada.

— Vamos senhora adulta. — brinco. — Depois estava pensando em irmos a uma loja. Preciso de umas coisas novas.

Ela me olha assustada como se tivesse cabeças brotando na minha própria. Se tivéssemos um crucifixo, ela estaria com ele nas mãos agora

apontando para mim e repreendendo.

— Quem é você e o que fez com minha irmã?

Não a culpo, nem eu acredito em como mudei nos últimos dias.

— Só estou pensando mais em mim.

— Quem te viu, quem ti vê. Antes eu tinha que chorar para você comprar uma calcinha nova, agora está chamando para ir às compras. Gosto mais dessa versão sua.

— Pois é, agora sou uma jovem empreendedora — digo sem esconder a felicidade que sinto — e namoro o ex de uma modelo internacional — completo revirando os olhos. Não vou ficar por baixo das exs dele.

— Está certíssima! Fazer aquele site engolir aquela matéria.

— Exatamente!

Tomo a chave da sua mão enquanto caminhamos empolgadas até o carro. Iniciamos uma conversa animada sobre meu relacionamento com Max que do nada foi para posições e fantasias sexuais.

Confesso estar amando esse dia. É tão bom conversar um pouco sobre tudo e nada com meus irmãos. E isso me enche de esperanças de que talvez Letty queira fazer as pazes com a gente hoje.

É assim, cheia de esperança e boas energias que entramos na sorveteria. Percebo que apesar de mostrar no ar delicadeza e sofisticação, é um lugar simples, pequeno e discreto, por isso não foi difícil localizar minha irmã ali, além de ter poucas pessoas. Letty destoava completamente do lugar com seus longos cabelos cor sangue soltos, fazendo um lindo contraste com sua pele branca e olhos em destaque, com uma maquiagem forte e bem marcada.

Adolescente rebelde sempre com o mesmo estilo, pelo menos ela tirou as mechas roxas, o batom e roupas pretas. Já é uma evolução.

— Finalmente! — reclama abrindo os braços e bufando emburrada. — Estão atrasadas e eu odeio atrasos!

— Desculpa rainha — Telly inicia a provocação sentando a mesa —, mas a senhora sabe que quando sai para fazer caridade, para o trânsito com vossa beleza!

Já vi tudo. Acabou a paz e harmonia do meu dia.

— O que realmente para o trânsito é a baleia que te trouxe até aqui.

Oi? Ela está falando de mim? Olha a audácia da cabide de vassoura. A Telly tira onda com a cara dela e sobra para mim. Respiro fundo. Ela não vai me tirar do sério sou mais velha tenho que manter ordem e respeito.

— Meninas chega!

— Não fala mal da minha irmã, Gnomo de jardim!

— Por que, Super *saiyajin*, vai me mandar um *Kamehameha*?

— Parem as duas! — berro batendo na mesa. — Letty, não será assim que vai conseguir seja lá o que quer — digo firme e ela revira os olhos. — Vamos pedir, pelo menos comendo vocês ocupam a boca e falam menos.

— Então você deve ser muda hein Belly — provoca rindo.

— Às vezes sou muda sim, antes comendo do que enchendo o saco dos outros, além do mais, só os tolos e burros falam o tempo todo.

Ela revirar os olhos fingindo tédio.

— Como tenho um comercial para fazer hoje, vou direto ao assunto — informa cruzando os braços em cima da mesa em uma postura séria. — Preciso que digam ao meu pai que vou dormir no sábado na casa da Amélia.

Ela sempre chama a mamãe pelo nome.

— Por quê? — pergunto, já me preparando para dizer não.

— Quero ir em uma *rave* com meu namorado e papai não permitiu...

— Seu pai proibindo algo? Isso é novidade!

— Ele não gosta do meu namorado, nem de *raves*, mas como Amélia é do tipo liberal, não terá problemas.

Olho para ela chocada. Nossa mãe liberal? Desde quando? Ela só pode estar louca. Mamãe confiar na gente é diferente do que ela e os outros acham. Não temos essa liberdade toda mesmo sendo maior de idade.

— Enlouqueceu? — Ainda bem que Telly deu voz aos meus pensamentos. — Sabe o que rola nessas *raves*?

— Diversão, música, droga, sexo, violência, muita bebida... Eu sei me cuidar.

Se soubesse se cuidar nem estaria cogitando ir para um lugar assim.

— Quem é seu namorado? Você é menor de idade, vai falsificar a identidade para entrar?

— Não interessa! Não devo satisfação da minha vida para vocês, só precisam confirmar. Tenho 17 anos e nessa idade, Amélia já tinha a Belly e uns três casamentos.

— Você não é mamãe! Não são da mesma época e nem tente imitar a trajetória dela. Sabemos como termina — brado e algumas pessoas nos olharam horrorizadas. Cambada de riquinho fresco. Vejo barraco deles todo dia nas redes

sociais, mas pobre não pode.

— Fale baixo, tenho uma carreira, não gosto de escândalos.

— Foda-se! Eu falo no tom que eu quiser.

— Não iremos acobertar nada, pelo contrário, vou fazer de tudo para mamãe saber e impedir essa burrice. — Telly mais uma vez da vida aos meus pensamentos.

— Vou de qualquer jeito.

Desisto dessa menina!

— Pois vá! Vai em frente, transe, beba, falsifique seus documentos, fume, use drogas injetáveis, mate e enterre o corpo no quintal da festa — pauso observando as reações da nossa irmã antes de completar dando leves empurrões com as mãos fechadas na cabeça dela. — Faça bastante merda, depois lide com as consequências de "qualquer jeito".

Levanto pegando minha bolsa e nesse momento nossos pedidos chegam. Pego o meu, jogando o dinheiro em cima da mesa. Paguei por ele então, vou embora, mas vou levar junto.

Telly fez o mesmo, mas antes de saímos virou com toda a sua sabedoria e disse:

— Não seja injusta com nossa mãe, ela nunca nos incentivou a ter uma vida sexual ativa. Ela só sabia que iríamos começar cedo ou tarde por isso, nos falava tudo sobre o assunto para nos precaver de uma gravidez precoce ou doença sexualmente transmissível. — Suspirou. — Sexo é muito bom, mas tem que ser feito com consciência. Ainda mais se for sua primeira vez. Transei quando me senti pronta com um homem que confio, não para afrontar ninguém. Eu sei como evitar uma gravidez ou uma DST, mas e você? — Nossa irmã não responde, Telly continua: — Você sabe fazer algo além de perder tempo brincando de ser uma rebelde mimada, fútil e infantil?

Nossa irmã caçula abre a boca para retrucar, mas acho que depois dessa surra de língua, ela perdeu a petulância.

— Pense bem Letty, somos suas irmãs, sua família. Não nos coloque como inimigas — completei. — Vamos Telly?

Letty apenas revira os olhos remexendo o sorvete com quem pensa "*cachorro latindo e eu nem ouvindo*", mas sei que no fundo ela vai repensar.

Saímos sem olhar para trás. Mesmo que machuque, está na hora de um tratamento de choque para ela, contudo não posso impedir que meus olhos fiquem nublados. Abraço Telly apertado. É difícil não ter um relacionamento

fraternal com a caçula. É difícil não reconhecer minha irmãzinha ou saber que talvez, se seu pai não tivesse a levado durante o período incerto de nossas vidas hoje, ela saberia dar valor as coisas certas.

— Belly, se você chorar te dou uma surra — Telly me ameaça limpando uma lágrima teimosa que escorreu por minha bochecha.

— Sinto falta dela. De como poderia ter sido se ela morasse com a gente. Eu a vi nascer Telly... e hoje não sei nada sobre ela.

— Esquece isso! — pede. — Pensa no que você vai inventar para mamãe.

— Como...

Nem completo a pergunta pois vejo Thomas encostado no carro dele do outro lado da rua com um sorriso tão lindo. Que Max não me ouça, mas até eu parei para babar. O nome desse sorriso é efeito Telly.

— Minha carona chegou.

— Telly — chamo em reprovação.

Ter irmãos é uma dádiva e uma maldição.

— Prometeu me dar cobertura por não te entregar para mamãe — lembra e já sei que vai cobrar esse favor para o resto da vida. — Volto em duas horas, não vou fazer nada ilegal e nem me meter em confusão. Fique aí para chegarmos juntas em casa. — Entrega seu sorvete, dando um beijo melado na minha bochecha e corre para os braços do amado.

Sento na mesa do lado de fora tendo uma ideia para nos reaproximar da Letty. Nesse instante, como se adivinhasse meus pensamentos, ela passa por mim com o nariz em pé fingindo não me ver. Não será fácil.

Pego meu celular na bolsa e mando um SMS para Max, para pelo menos tomar sorvete juntos para tentar salvar minha tarde. Passa alguns minutos e nenhuma resposta dele.

Esse dia só piora.

O que será que ele está fazendo? Penso terminando de tomar meu sorvete e olhando o movimento. Que sina a minha. Sempre acabo sozinha!

Sinto o aparelho vibrar na mesa e atendo pulando de felicidade sem olhar o identificador de chamadas.

— Oi motivo do meu tesão, vem tomar sorvete comigo — sussurro bem safada.

— Espero que não esteja falando comigo.

Engasgo tendo uma vergonhosa crise de tosse. Merda! Nem preciso

olhar para saber não ser o Max e sim seu pai. Poderia ser qualquer um, menos esse homem.

— Óbvio que não — *pelo senhor só sinto asco e ranço*, completo em pensamento. — Ao que devo a honra de um telefonema tão ilustre? — debocho.

— Aos 120 mil que sugou do meu filho, ao seu relacionamento com o mesmo...

— O dinheiro, eu irei pagar. Foi apenas um empréstimo e Max garantiu que o dinheiro é dele. Logo só ele pode cobrar — interrompo já na defensiva. — Agora, sobre o relacionamento, só lamento pelo senhor.

— Sempre petulante!

— Sem elogios. Vá direto ao assunto, não sou fita adesiva para ficar me enrolando. Seja direto. O que deseja de mim? — *Além de distância*

— Um encontro — *oi?* — Desejo falar com você aqui na minha empresa — anuncia. — A proposta que tenho para lhe fazer só pode ser feita pessoalmente.

— Não tenho nada para falar com o senhor.

Não faço pacto com o diabo!

— Mas eu tenho, exatamente por isso que falei "desejo falar com você" na primeira pessoa e não o contrário. — *Homem chato para caramba.* — Segunda às 10 horas, não conte para Maximiliano dessa nossa conversa e muito menos do encontro. Venha com seu irmão, será um álibi perfeito. Não pense que sou idiota e não ia descobrir o parentesco.

Merda!

— Estarei aí dentro das suas condições, mas não vou facilitar. Não sou mulher de fugir e nem de desistir de quem amo — aviso firme.

— Ótimo! Porque eu não sou homem de não cumprir minhas ameaças.

Diz e desliga. Assim na minha cara. Que cara louco! O que será que ele quer de mim? E qual das milhares de ameaças ele vai cumprir? Dá até medo descobrir.

Passo as mãos no rosto. Isso estragou todo o meu dia que tinha começado tão bem. Vejo que o sorvete da Telly virou qualquer outra coisa menos sorvete, mas não me importa. Nem estou mais com vontade de tomar mesmo. Olho para frente observando os carros, as pessoas passando, todos tão alheios a tudo. Meu celular apita, mas estou longe. Bem longe. Já no dia do encontro. Uma sensação ruim me invade. Algo me diz que eu não vou gostar nem um pouco desse encontro com meu sogro.



CAPÍTULO 24

BRIGADOS

A tarde de ontem se tornou um daqueles típicos pesadelos onde tento acordar, mas não consigo. Depois do encontro super amigável com minha irmã caçula e da ligação do meu querido e amado sogro, fiquei plantada na sorveteria um bom tempo me perguntando, quem somos, de onde viemos, para onde vamos e por que com mais de 7 bilhões de pessoas no planeta Terra Sr. Castelli tem que ser justo pai do Max? Acho que em vez de atirar o pau no gato, eu joguei na cruz. Só assim para merecer um castigo tão grande.

Falando em castigo além do telefonema do *demosogro*, Max resolveu sumir e nem se dignar a me dar notícias. Até a operadora — ou algum presidiário — me mandou mensagem ontem e o filho da mãe não. Passei boa parte da tarde sozinha sem poder voltar para casa, já que *dona* Telly esquece da vida quando está com *doutor* Thomas e eu não poderia voltar sem ela. Provavelmente isso foi praga da minha mãe por eu ter acobertado o casal.

Mas hoje? Hoje é um novo e lindo dia. Telly está no quarto estudando sozinha e entediada. Sr. Castelli deve estar infernizando outra alma miserável e Max está aqui com a sua melhor cara de pau lubrificada com muito óleo de peroba.

Olho atravessado para ele pela quinta vez desde que entrou na cozinha para me fazer companhia enquanto treino receitas.

— Mônica?

— Oi! — respondo de forma bem seca.

Até agora não respondi nenhuma das suas perguntas com mais que uma monossílaba, embora minha vontade seja xingar ou dar na cara dele por aparecer aqui com a cara mais lavada do mundo depois de me ignorar o dia inteiro. Permaneço firme no tratamento de gelo. Indiferença é mais cruel que um soco, apesar do soco ser mais divertido que a indiferença.

— Por que está me olhando assim desde que cheguei? — indaga se dando por vencido de que não conseguirá fugir do assunto, ou melhor, da briga.

— Assim como? — Faço de desentendida enquanto misturo alguns ingredientes em uma tigela.

— Como se quisesse me matar.

Porque é exatamente isso que quero.

— Eu? Te matar? — começo a socar, quer dizer, sovar a mistura para

fazer pães ou só descontar minha raiva, ainda não decidi.

— Como se quisesse — corrige.

— Ah, não era isso que eu tinha em mente... — Bato a massa com força na mesa e ele se assusta. — Estava só me perguntando aonde você passou o dia ontem... — repito o movimento de bater a massa contra a mesa — já que nem sequer respondeu minhas mensagens. — Aperto a massa. — Achei que estivesse aqui para ficar comigo, não para desaparecer o dia e a noite toda... Por vários momentos me pergunto aonde passou a noite ou com quem — insinuo.

— No hotel, óbvio... — afirma e eu acerto a massa com ainda mais força na mesa fazendo um estrondo. — Com o Pai nosso que estás nos céus, santificado seja o Vosso nome...

Pode orar desgraçado! Ore muito.

— Então, por que não respondeu minhas mensagens? Se eu quisesse um namorado sumindo do nada, eu namorava o Batman.

— Estou aqui para ficar com você, mas não precisamos ficar grudados o dia todo feito gêmeo siame... — Olho para ele com meu melhor olhar psicopata fazendo ele interromper o que dizia e mudar totalmente de tom e atitude. — Amor, desculpa. Tive um imprevisto, fui resolver, demorou mais do que o previsto, cheguei exausto e meu celular ficou aqui. Então só vi suas mensagens hoje de manhã, quando liguei o outro aparelho e corri para cá — explica.

Tenta se aproximar, mas acho que minha postura está tão rígida, tão ameaçadora, que ele prefere encostar na extremidade da mesa contrária a minha.

— Aham... Sei!

— Não venha com "*aham*". Estou falando a verdade.

— Eu não disse nada, está desconfiado? Está escondendo algo ou alguém? Uma esposa talvez...

— Não começa com essa história de esposa, caralho! Você que está desconfiada.

— Por que acha que estou desconfiada? Tenho motivo para ficar desconfiada Max?

— Não, claro que não! Só que...

— Só que o quê? Qual o nome desse imprevisto? Esse tal imprevisto tem seios? — pergunto e meu tom é cada vez mais alto.

— Não, foi um imprevisto de trabalho. Mônica...

— Não me venha com Mônica, para de me chamar assim. Cresce

Maximiliano! Você não é mais adolescente — rosno quase que literalmente.

— O que você tem hoje?

— Max, Max, se eu sonhar que tem mulher nesse imprevisto...

— Não estou te traindo — revira os olhos adquirindo uma calma repentina que nem parece estar brigando com a namorada.

— Eu não disse nada de traição, você que está dizendo, mas não precisa trair, basta ter uma, só uma mulher no meio desse imprevisto. Basta minha paranoia sonhar que tem e você estará frito.

— Ok! Entendi — diz simplesmente. Odeio quando quero brigar e a pessoa não colabora. — Queria uma bebida — comenta tentando mudar de assunto.

— E eu queria um namorado que respondesse as merdas das minhas mensagens.

— Porra! Você está insuportável hoje! Desisto de falar com você — brada socando a mesa.

— A porta é por ali, caso tenha esquecido — berro apontando para saída. — Sinta-se à vontade para sumir hoje também.

Ele revira os olhos, mas não sai apenas, muda de posição cruzando os braços e as pernas.

— Que houve lá na sorveteria que te fez acordar assim feito Pitt bull raivoso?

— Minha irmã caçula quer virar um marginal, fui em dez lojas e nenhuma tinha meu número e as idiota das funcionárias que me olham com cara de *"sinto muito, mas é só parar de comer"*. Deixa eu ver... — finjo pensar dedilhando na mesa. — Não, isso tudo eu já acostumei, aliás, vivi situações piores... Acho que foi só bolo enorme que levei do meu namorado que deixou meu humor péssimo.

Tá, foi o telefonema do meu sogro marcando um encontro para ferrar com minha vida que me fez acordar virada, mas Max não é totalmente inocente então, ele que aguente meu estresse.

— Quer que eu compre?

— Não, não quero. — *Eu quero brigar, gritar, bater, tocar fogo em você. Só isso!*

Volto a torturar a massa.

— Juro que não sumo mais e podemos tomar sorvete outro dia.

— Humm...

Nesse instante Telly entra na cozinha toda saltitante, olha de mim para Max e só pelo clima ou por minha tromba, percebe que estamos brigados.

— Devo pegar uma máscara de oxigênio? Um colete a prova de bala? O ar aqui está mais pesado que em uma zona de guerra. — Cobre o nariz com as mãos. — Acho que em Nagasaki está mais respirável que aqui — brinca sentando na cadeira. Cruza as pernas antes de perguntar: — Que aconteceu com meu casal favorito? Max?

— Eu não fiz nada — defende-se —, sua irmã que está com ciúmes!

— Imaginei que a briga seria culpa dela mesmo. — Vira para mim. — Que frescura é agora?

Frescura?

— Frescura nenhuma, Max que está estranho! — rebato.

Não fico de frescura!

— Você que está estranha! Coitada dessa massa, consigo ouvir ela agonizando daqui.

Deixo de lado a massa. Acho que não serve para mais nada.

— Concordo com ele, você está estranha mesmo desde ontem. Aconteceu algo depois que eu sair?

— Não... — digo já mais controlada, se eu continuar assim vou acabar contando tudo. — Só estou preocupada com nossa irmã e o fato dele sumir ontem me deu motivos para descontar minha raiva nele.

— Pronto! Viram, não foi tão difícil conversa civilizadamente. — Ela levanta como se fosse uma advogada. — Max, releve, sua namorada sempre fica querendo briga quando não sabe o que fazer e você vacilou sem dar notícias.

Não digo nada, mas é isso, mesmo que o motivo seja outro. Letty eu entrego nas mãos da mamãe, mas com Sr. Castelli terei que lidar sozinha.

— Tem razão — Abraça por trás beijando meu pescoço. — Na próxima vou colocar um chip GPS dentro da minha cabeça, assim saberá todos meus passos.

— Para mim bastava mandar um torpedo avisando, mas gostei dessa sua ideia.

Max sorrir contra a pele do meu pescoço e seu hálito quente me faz arrepiar. Que golpe baixo.

— Estou me controlando, mas já, já te joga nessa mesa e tiro toda essa sua birra — sussurra descendo a boca até meu ombro.

Sorrio pela primeira vez hoje.

— Ah é? E acha que dá conta? — provoco virando para olhá-lo.

— Quer pagar para ver? — rebate me apertando entre seu corpo e a mesa.

— Oi, Oi! Eu ainda estou aqui casal... — minha irmã grita balançando os braços no ar. — Então, se puderem me poupar, agradeço imensamente.

— Relaxa cunhada, não vamos fazer nada... Pelo menos não na sua frente.

— Vou deixar vocês a sós para continuarem fazendo nada, mas tenham juízo e lembrem que tem gente em casa — avisa enquanto caminha para fora da cozinha.

Eu sempre tenho juízo não sei porque esse povo vive me pedindo isso. Juízo é meu sobrenome!

— Desculpa — peço encostando a cabeça no peito do Max. — Estou estressada hoje e queria brigar com alguém, aliás, com você.

— Isso eu percebi. Por que está estressada? Só por sua irmã?

— Tanta coisa que já nem sei...

— Bom, então vamos relaxar. Poderíamos pegar um cinema ou piscina...

— Ou estudar! Preciso aprender novas técnicas para trabalhar e não pagar mico no jantar chique do pai dos gêmeos. Precisamos ser perfeitos.

— Seria justo você pagar mico, por me fazer sair com uma bermuda feminina na rua. Nunca amaldiçoei tanto deixar o carro em um estacionamento tão longe daqui. Na próxima o carro vai ficar aqui na frente, nem ligo se roubarem.

— Não era feminina e ninguém vai roubar um carro de luxo facilmente rastreável. — Reviro os olhos — Para de drama, Max.

— Não tenho tanta certeza disso, seu irmão falou que a bermuda não é dele e existe ladrão para tudo.

— Estranho! Não temos mais homens nessa casa e é muito raro entra um... mas enfim, eu devia ter fotografado você com aquela bermuda. Estava muito ridículo.

— Você é má. Por que não lembrou das minhas roupas? Sair sem documento, sem celular, sem carteira, sem nada.

— Por que você não lembrou?

— *Touché!* — exclama colocando a mão no peito. — Agora que já nos entendemos... Tenho uma novidade.

— E qual é?

Que seja coisa boa! Que seja coisa boa.

— Minha irmã chega de viagem em um ou dois meses. Vamos ter um grande jantar em família... — começa coçando o queixo, porém para, como se esperasse que eu dissesse algo. Como não faço continua: — Conheço quase toda a sua família e você só conhece meu pai, além do mais, faz anos que não vejo essa minha irmã... — aspirar profundamente apoiando sua testa na minha. — Só queria que você estivesse comigo, conhecesse minhas irmãs.

— Não faz disso um drama, embora a presença do seu pai me dê ânsia, vou adorar conhecer suas irmãs — aceito o convite enquanto brinco sujando o pescoço dele com minhas mãos melecadas de farinha. — Vou gostar de conhecer a parte boa da sua família — completo.

— Não aposte nisso. Tenho quatro irmãs, três são adolescentes mimadas e a outra, mesmo não tendo muito contato há uns 15 anos, é muito parecida com meu pai nas atitudes e no modo de falar.

Que balde de água fria. Só me falta a essa altura da vida uma versão feminina do pai dele. Como se não bastasse uma cruz, terei que levar duas. Tô ferrada com essa família Castelli!

— Não vou mais não.

— Tudo bem se não quiser ir, mas pensa no assunto. Só estou te alertando como são, porque uma hora terão que se conhecer de qualquer modo e não quero ser acusado de não ter dito nada.

— Vou pensar, mas só se você dizer por que não vê sua irmã há 15 anos. É muito tempo! Vocês são brigados?

— Não, não somos, só que ela cresceu em um internato nem sei onde e eu aqui... Por isso tivemos pouco contato.

— Sortuda! Qualquer coisa é melhor que viver com seu pai!

— Olhando por esse lado realmente... — Sorri, mas um sorriso triste. — Porém a mim fez falta, principalmente nas datas especiais. Eu queria estar com ela e não podia — confessa e me arrependo de ter feito a piada.

— Desculpa, imagino que deve ter feito mesmo, sei como é difícil ter uma irmã e não ter uma relação fraternal com ela.

Letty também me faz muita falta em datas especiais. Quando a família se reúne e ela nunca está. Fica faltando algo. Falta minha irmãzinha caçula e nada pode substituí-la.

— Mônica... Belly! — corrige rindo. — Eu não consigo me acostumar

a te chamar pelo nome. Anos chamando de Mônica.

— Pode me chamar de Mônica, eu já disse que estava estressada. No fundo até gosto — confesso —, apesar de achar que meu nome fica bem mais sexy nos seus lábios.

— Minha safada está de volta — afirma com um sorriso sacana.

— Sabe como é, não consigo ficar de mal com a melhor coisa que já aconteceu na minha vida — declaro deixando minha mão vagar por seu peito, agora, sujando sua camisa.

— Então... — inicia fazendo uma longa pausa enquanto captura alguns fios soltos do meu cabelo colocando atrás das orelhas — dorme comigo todas as noites.

— Se você não tiver nenhum imprevisto e conseguir me convencer, quem sabe.

Fingir que não vi as pretensões por trás de suas palavras ou realmente não tem pretensões e eu estou sendo vaidosa. De qualquer forma, no quesito casamento, ele vai ter que sambar, cantar e tocar muito samba enredo para tirar nota 10, não ser rebaixado e ainda levar o título de meu marido.

— Pode deixar! — Segura meu rosto. — Eu sei ser bastante persistente quando quero.

— Que bom, porque eu sei ser bastante teimosa quando quero.

Sorrimos simultaneamente um para o outro. Como que selando as provocações, seus lábios tocam os meus em um beijo lento e carregado de promessas.



CAPÍTULO 25

DIA D

O resto da semana que sucedeu o telefonema do Sr. Castelli passaram como um borrão, só a presença do Max me distraía de pensar no dia D. O dia em que eu ficaria cara a cara com meu sogro em uma conversa aparentemente definitiva.

Eu especulava tanto acerca dessa conversa que ficou cada vez mais difícil disfarçar a ansiedade e a curiosidade que me consumiam a cada segundo. Óbvio que todos ficavam confusos com minhas mudanças de humor e Max era quem mais sofria. Todo dia eu brigava com ele, fazia as pazes e brigava de novo. Max parecia se divertir às vezes com nossas brigas, mas na maioria simplesmente fazia o que ele disse aquele dia. Tirava minha birra ou melhor, meu estresse na cama, parede ou carro mais próximo. Devo deixar claro que eu estava adorando. Fazer sexo com ele depois de uma briga se tornou um fetiche para mim, já nem lembro se eu brigava por estar irritada ou excitada.

O problema maior era fora do setor relacionamento. Não conseguia me concentrar nas minhas obrigações, nem no que tinha ou devia fazer, o que resultou em prejuízos para o negócio e fui obrigada a deixar praticamente tudo nas mãos da minha família e contratar uma nova ajudante para não sobrecarregar ninguém. E me odiava por deixar aquele ser de outro mundo me afetar tanto e ainda me fazer mentir para Max. Odiava mentir para ele e muitas vezes quis contar do telefonema só que o pudor me travava.

Eu tinha medo do pai dele, na realidade, não saber nada de mim e tornar tudo isso grande demais ao ponto de sufocar a nossa relação. Eu tinha medo dele realmente ter algo para me separar do Max. Eu sei a única coisa que ele poderia usar contra mim, mas pode não ser isso e eu me precipitar contando tudo para Max, trazendo toda essa merda de volta para minha vida. Algo que já está morto e enterrado. Eu rezava para ser apenas uma crise de meia idade do Sr. Castelli ou que fosse algo sem ligação com minha relação com o filho dele ou que... sei lá. São tantas hipóteses malucas que passa por minha cabeça que quando fui ver já, está no dia, na hora de finalmente encarar seja lá o que for.

Fiz tudo como solicitado, vim com Ricky. Menti para ele dizendo que ficaria no andar de baixo lhe esperando e agora estou do lado de fora da sala da presidência esperando *Lúcifer* me atender.

Desde que cheguei aqui não consegui ficar quieta, já andei a sala inteira dez vezes. Já roí todas as minhas unhas das mãos, bebi uns cinquenta

copos de água e agora, além de ansiosa, estou com as unhas destruídas e com vontade de fazer xixi.

— Senhorita Belly Oliveira — Espanto ao escuta uma mulher de estatura mediana, pele clara, devidamente uniformizada com terno escuro e cabelo preso na nuca, me chamando. — Senhor Castelli irá atendê-la agora.

— Ok, obrigada — digo forçando um sorriso.

Maravilha! Vou entrar trabalhada no ódio. Manda eu ser pontual para me dar um chá de cadeira de duas horas. Ele só pode estar de brincadeira com minha cara.

Sigo a jovem, que imagino ser secretária do Sr. Castelli, por um corredor que deve dar na sala dele sem reparar em nada que não seja o barulho do meu salto no chão e do meu coração acelerado. Eu gostaria de sair correndo para os braços do meu homem que está em casa me esperando, porém eu nunca tenho a opção fugir, ou enfrento logo ou um dia volta para me atormentar.

Assim que chegamos em frente a uma porta escrita Marcel Castelli (presidente), a jovem vira me olhando dos pés à cabeça e agradeço por estar vestida a altura do lugar. Levanto o queixo em postura defensiva. Se ela tentar me humilhar, abro a porta com a cara dela!

— Não sei quem é você, mas aqui no setor sempre avisamos "*coitado daquele que for falar com o presidente em um dia que vemos ele sorrindo*" e quando ele pediu para te chamar, vi algo parecido com um sorriso no rosto dele. Por isso, cuidado e boa sorte, você vai precisar.

Sem dar tempo de resposta ou para eu correr, ela bate na porta, abrindo logo em seguida nos anunciando em tom bastante profissional:

— Senhor Castelli, aqui está a senhorita Belly Oliveira.

Entro sem dizer nada, já que ele também não disse, apenas fez sinal para a secretária se retirar. Não vou gastar minha educação com quem não merece.

Levada pelo silêncio e a curiosidade, olho ao redor reparando que a extremidade do cômodo é feita totalmente de vidro. Como uma janela mostrando a cidade. Sem poder me conter, imagino meu sogro ali, olhando o movimento de carros e pessoas se sentindo Deus.

Consigo ainda captar os tons suaves de verde e branco bem como os detalhes bem desenhados dos móveis e da decoração. Trabalhei anos limpando coisa cara e fina, sei reconhecer uma decoração de luxo e essa definitivamente é. Percebo tardiamente que fiquei tanto tempo e tão encantada com o lugar que não notei ter uma terceira pessoa no lugar. Meu bom e velho amigo John! Só de ver

esse otário aqui, já deixo todas as minhas convicções boas a respeito desse encontro de lado. John, Castelli e eu no mesmo ambiente. Não tem como ser coisa boa.

Dou mais três passos na direção deles esperando que se pronunciem, mas como ambos apenas me observam sem dizer ou expressar nada, resolvo ser a primeira a falar:

— Como solicitado, aqui estou! O que querem de mim?

— Se prefere ir direto ao assunto...

— Prefiro — afirmo cruzando os braços. — Tenho muita coisa para fazer ainda hoje.

— Sente-se — pede indicando a cadeira a sua frente e ao lado da John.

Porém, pelo seu tom foi mais uma ordem do que um pedido. Portanto não farei, não sou um de seus empregados.

— Estou bem de pé!

Sr. Castelli agora fica ereto na cadeira e sua expressão continua a mesma de sempre. Séria e gélida como o iceberg preste a afundar o Titanic.

— Pois bem senhorita, chamei aqui para ratificar o óbvio, quero o fim do seu relacionamento com meu filho, Maximiliano. — Mexe nos papéis em cima da mesa pegando um talão e uma caneta. — E estou disposto a pagar quanto você quiser para que termine com ele.

Sua proposta não me surpreendeu. Essa era uma das minhas milhares de teorias a respeito deste encontro. A melhor para mim na verdade, pois essa eu sei muito bem como lidar.

Balanço a cabeça gargalhando e viro para sair sem nem dar resposta. Afinal, o que é ruim a gente simplesmente ignora!

— Melhor ouvir...

— John, calado e sentado. Cachorrinhos como você só cumprem ordens — interrompo o paspalho bruscamente indicando a cadeira onde ele estava. Só o fato dele levantar e cogitar tocar em mim, já me deixa irada.

— Olha aqui sua...

— John, sente no seu lugar ou irei pedir que se retire! — intervém meu sogro com firmeza e ele obedece como o bom cachorro que é.

— Agora dá um petisco para ele.

— Eu vou adorar ver toda essa sua ousadia virar lágrimas.

Essas palavras e a cara de pretensão do John me fizeram ter certeza que eu estava nas mãos deles. E não tinha chance de um acordo. Eu tenho que

ser mais esperta e mais forte que eles.

— Já sabia que não aceitaria o dinheiro. É mais vantajoso ficar com meu filho.

— Realmente é mais vantajoso sim ficar com seu filho, mas não pelos motivos que o senhor pensa. Estar com Max é uma vantagem que nem todo seu dinheiro pode comprar.

— Veremos!

— Quase me convenceu com esse discurso romântico — debocha a lacraia também conhecida como John —, mas que tal você terminar com ele para sua família não ficar sabendo que você é uma prostituta?

Ouvir isso assim, de forma tão banal, depois de tantos anos. Depois de eu ter apagado isso da minha vida foi como leva 90 tapas na cara. Minhas pernas parecem que viraram gelatina e me arrependo amargamente de não ter sentado. E eu que pedi tanto para ser tudo menos essa história... Com isso eu não vou saber lidar.

Respiro fundo abrindo e fechando a mão, tentando me manter firme e calma para descobrir até onde eles sabem. Preciso ser fria, mesmo me sentindo como um animal enjaulado.

— Não sei do que está falando, não sou...

— Não tente negar, conhecemos um dos seus clientes — expõe o senhor Castelli e sua cara de vitória me dá tanto asco quanto a do John.

Fecho os olhos e é como se eu estivesse novamente naquela época. Eu não sou uma prostituta. Fiz sexo como moeda apenas uma vez. Eu me entregava para ele e ele me contratava como atendente em sua loja. Era para ser simples, mas virou uma bola de neve.

Não pensem que essa foi minha primeira opção, foi só um ato de desespero. Íamos perder a casa e consequentemente, eu e meus irmãos acabaríamos em algum abrigo por aí. Mamãe já tinha vendido boa parte das nossas coisas. Todas suas joias, roupas, bolsas e sapatos. Se desfez de muitos móveis. Tudo a preço de banana para ter saída rápida e conseguimos pagar logo todas as dívidas do papai, mas sempre surgia uma nova dívida, novas ameaças e não tínhamos tempo nem a quem recorrer.

Vendo nossa situação desesperadora, todas as nossas saídas esgotadas e para completar nem eu, nem mamãe conseguimos emprego em lugar nenhum. Então, saí por aí pedindo emprestado a todos os comerciantes do bairro. Eu pagaria depois com serviços. Nenhum deles queriam aceitar, pois eu não tinha experiência e não queriam menor de idade trabalhando nos meus

estabelecimentos. Quando eu já estava sem esperança, um deles fez a proposta. Na hora que aceitei não pensei muito bem. Só sabia que pelo menos teto nós teríamos.

No dia seguinte ao acordo ele me deu o dinheiro, até fingiu ser bom moço ajudando uma pessoa necessitada, porém a noite o ato foi consumado. Diferente do que pensei, foram os minutos mais longos e dolorido da minha vida e para ferrar com tudo, o babaca resolveu mudar o acordo para um mês de serviços na loja e a noite, eu ser dele. Não aceitei, uma vez foi o suficiente para saber que jamais conseguiria fazer isso de novo e continuar lúcida. Dois dias depois da minha recusa, começaram a chegar rosas vermelhas. As vezes apareciam em cima da mesa, na varanda de casa, na minha cama. Eu sabia ser ele em uma mensagem clara de que eu teria que ceder.

No entanto, mamãe não sabia de quem era e com medo de nos machucarem, resolveu mudar e foi assim que recomeçamos com muita dificuldade, mas juntos e sem ameaças constantes.

Agora, essa maldita história volta para novamente mudar o rumo da minha vida.

— Ele contou tudo com muitos detalhes — sou despertada do transe pela voz chata do John, que ri com escárnio. Deve estar adorando tudo isso. — Sabia que até hoje ele te procura para cobrar o resto da dívida?

Sabia! Mas por alguma razão ele nunca foi atrás de mim na minha nova vida. Não seria difícil me achar, principalmente porque mamãe mudou para cidade onde o pai da Letty morava. Ele ficaria com ela e ela queria ficar perto da filha então, juntamos o útil ao agradável.

Tento me concentrar no agora. Preciso controlar essa situação e para isso, preciso fingir que esse assunto não me abala. Não tenho necessariamente vergonha disso. O problema é que se minha família descobre, vão ficar arrasados. Minha mãe vai se culpar e não quero isso. Temo que ela volte ao estado depressivo que estava quando papai morreu. Eu amo eles demais para colocar minha felicidade acima deles.

— Tenho esse defeito, só encontro babacas e quando encontro um cara legal, o pai dele e os amigos são babacas.

— Respeito...

— Calado John! — rosno andando em sua direção com o dedo em riste. — Você é amigo do Max, como pode compactuar com isso? Fazer seu amigo sofrer simplesmente porque a nossa relação não agrada o pai dele. Ridículo isso.

— Ele vai superar, é para o bem dele.

— Ah, o senhor está pouco se lixando para o bem do seu filho. Só pensa no seu dinheiro — grito espalmando as mãos com força na mesa dele. — Ah, ela é golpista. Que se dane se faz o merda do meu filho feliz.

Ele levanta e com o rosto bem próximo do meu ameaça:

— Melhor se comporta ou...

— Ou o quê? — pergunto mostrando os dentes sem me intimidar. Agora vão ouvir tudo que tenho para falar. — Vai ir fazer fofoca para Max que dormi com um homem por emprego para livrar uma mãe e quatro crianças de morar na rua? Quer saber? Foda-se! Pode contar, não me orgulho disso, mas seu filho não irá terminar comigo, além do mais, uma hora ou outra ele iria saber mesmo — completo sorrindo jogando meu cabelo para trás. — Se era só isso que os *senhores* queriam, vou indo...

— Odeio mulheres burras e desobedientes — declara sentando novamente. — Não irei contar para meu filho e sim para sua família. Nosso amigo também nos deu a informação de que você faria qualquer coisa para eles não saberem.

— E podem provar? — indago com firmeza. — Seu "amigo" não irá atestar nada. Eu era menor quando ele fez a proposta e o ato foi consumado... Até onde sei, isso é crime. Seu amigo seria o primeiro a negar qualquer envolvimento comigo para se preservar.

— Belly, sente-se — pede agora em tom brando. — Sei que está blefando. Você não quer que ninguém saiba disso e basta terminar com meu filho. — Cruza as mãos embaixo do queixo. — Seu segredo continuará guardado para sempre e posso garantir que esse homem não te incomode nunca mais. — Ele pausa, talvez observando as reações de suas palavras sobre mim, mas me mantenho indecifrável. — Agora, se não aceitar...

— Vai contar para ele onde estou e para todos.

— Ou pior, posso te entregar para ele em uma bandeja de prata ou uma de suas irmãs...

— Não ouse insinuar isso — grito avançando para cima do velho, mas John me impede. Jogo os papéis e o notebook da mesa no chão em um ataque de fúria. — O Senhor não seria tão baixo e miserável.

— Tudo só depende de você.

— O senhor é pior do que pensei — constato resignada. — Me solta John antes que eu faça Max quebrar sua cara.

Ele me larga sorrindo.

— Você nunca perde a ousadia.

Ignoro seu comentário cedendo a chantagem:

— Tudo bem. Eu termino com seu filho.

— É uma sábia decisão!

Seu sorriso presunçoso me dá vontade de cometer um homicídio.

— Max não vai aceitar bem tudo isso. Um dia eu o amo, faço planos com ele e no outro termino.

— Dá seu jeito.

Fuzilo John com os olhos. Corrigindo, vontade de cometer dois homicídios.

— OK! Terminarei com ele hoje mesmo...

— Não, em duas semanas — interrompe Sr. Castelli. — Você descobrirá não está apaixonada por ele terminando tudo, afinal demorou mais ou menos isso para se apaixonar.

— Não menospreze o que sinto pelo pouco tempo que namoro com Max. Afinal, o senhor é pai dele e não dá a mínima para ele, nem sabe que tem um filho maravilhoso.

— Se não "desse a mínima" não estaria agora garantindo o seu futuro — brada com uma raiva palpável na voz. — Apenas termine com ele.

— Assim? Sem motivo, simplesmente não estou apaixonada. Seu filho não é burro.

— Inventa um. Você é boa em fingir.

Penso um pouco, não posso inventar um motivo, preciso de toda a participação possível do meu sogro nessa história caso um dia Max descubra e eu vou fazer ele descobrir. Então, como um estalo, tenho uma ideia.

— Por que o senhor não inventa uma esposa para ele?

— Como assim? — questiona John interessado.

— Max tinha o número da empresa salvo como esposa...

— Todos os funcionários têm! — informa sem perceber que nos uniu ainda mais. Poderia ter dito que sim e nem precisaria de chantagem para nos separar.

— Mas eu não sabia disso e sempre que brigamos esse assunto surge... — pondero as próximas palavras. — Basta arrumar uma esposa de mentirinha e temos o motivo.

— Não será fácil, mas poderá ser uma ex dele. A Brenda seria ideal.

Pena não poder, só que jamais, nem de brincadeira quero essa mulher perto dele, mas tem uma que eu adoraria conhecer. Sem pensar duas vezes sugiro:

— Tenho uma ideia melhor. — Ando pelo ambiente fazendo mistério.
— Que tal a garota do colegial? Max contou que o outro relacionamento terminou por causa dela. Uma que ele era apaixonado desde o colégio...

Sou interrompida pelos relinchos de John que gargalha feito cavalo quando vê capim verde. Sua presença me irrita mais que a chantagem, uma vez que tudo que digo ele dá um risinho me fazendo lembrar de todas as brincadeiras de mau gosto que ele fazia comigo no colégio.

— Algum problema com a sugestão, John? — Sr. Castelli questiona parecendo ter gostado da minha ideia.

— Não podemos usar essa tal garota.

— Por que? Tenho certeza que são capazes de achar achá-la até no Inferno.

— Realmente não será problema achar a garota, principalmente porque ela está bem aqui.

Olho para trás não tem ninguém. Será que é a vadia da secretária? Ou alguma funcionária da empresa? Não acredito que Max escondeu essa informação, posso ter cruzado com ela aí fora e nem sabia. Que ódio.

— E quem é ela? Trabalha aqui por acaso? — questiono sem disfarçar o ciúme.

— Não trabalha aqui — afirma sorrindo e minha expectativa vai a mil porque finalmente minha ficha começa a cair.

— Não é possível... — murmuro.

— Acho que finalmente você percebeu que a garota do colegial é você, Belly. Você é a garota por quem Max é apaixonado desde o colégio.



CAPÍTULO 26

GAROTA DO COLEGIAL

Já passei por tanta coisa na vida e nunca tinha experimentado a sensação de estar sendo engolida por mim mesma. Pela minha própria burrice. Quase consigo ouvir minha mãe gritando que carrego a lerdeza do mundo toda nas costas, se ela estivesse aqui com certeza estaria repensando se eu realmente nasci de nove meses ou ainda faltava um bom tempo para a formação do meu cérebro.

É tudo tão óbvio e tão ridiculamente inacreditável e no entanto, se John não dissesse, eu jamais saberia.

— Não pode ser... — sussurro com a mão na testa um tanto, ainda, atordoada com a revelação.

Como um filme, todos os dias que passamos juntos no colégio, em casa, na cama dele, as coisas que ele diz... A frase "*sabe, eu já tive muito mais do que sonhei*" passava pela minha cabeça me deixando tonta. Essa frase nunca fez tanto sentido para mim, aliás, agora, tudo faz sentido. A frase na boate, a forma intensa como ele me olhava às vezes, até o modo como ele parece me conhecer tão bem, nesse momento faz sentido.

Como fui tão burra? Tão cega? Ele estava ali o tempo todo me amando. Lembro bem do seu riso quando roubava um beijo meu, antes eu achava ser de vaidade, mas hoje não. Recordo de todas as vezes que Max me chamou para sair de brincadeira ou será que na verdade era uma forma silenciosa de aplacar sua vontade e os sentimentos por mim? Talvez alimentasse esperança de eu sentir o mesmo, porém naquela época, eu tinha uma paixonite por outro e ele era só o cara bonito, mas idiota do colégio.

É triste notar que passei tanto tempo achando que ele era o cara errado que me envolvi com amores falsos, com relacionamentos vazios, quando o de verdade estava ali o tempo todo dizendo que me ama e eu não vi.

— Sabe o mais irônico — ouço a voz nojenta do John no meio da minha confusão mental meio que me arrastando para realidade —, todos na escola perceberam, menos você — expõe. — As garotas te odiavam porque queriam ser você. Ser a garota por quem Maximiliano Castelli só faltava babar em cima de tão apaixonado.

John viveu até hoje para pisar em mim, eu sabia que a existência dele não era em vão, mas agora que já fez isso, pode morrer. Desnecessário eu ter que aguentá-lo na minha vida desde a adolescência!

— John basta desse assunto! — pede senhor Castelli.

— Espera! — grito. — Só me responde por que ele nunca se declarou? Nunca me chamou realmente para sair...

Tenho vontade de bater no Max por ele ter demorado tanto para ficar comigo, pior, senão tivesse a festa do reencontro nunca teríamos nos encontrado, nem seríamos um casal hoje.

— Isso lamento, mas só ele pode te responder.

— Você terá tempo para conversa com Maximiliano, agora vamos resolver o resto do nosso acordo...

— Eu não posso fazer isso... — confesso. — Não posso terminar com ele... — murmuro. — Como vou fazer isso com Max depois dessa informação? Já era terrível para mim terminar antes, imagine agora que sei da imensidão do amor dele por mim. Não vou conseguir. Simplesmente não vou conseguir — repito com a voz embargada.

Não chore! Não demonstre fraqueza!

— É óbvio que não é verdade essa história — intervém minha cruz. — Max amava todas as garotas na época do colégio. Todo dia tinha uma adolescente desfilando na minha casa depois de passar a noite com ele.

Isso é verdade! Durante o colégio Max pegava qualquer ser com uma vagina entre as pernas.

— Mas na época do colégio ele não pegou a Belly, até onde sei, ficou só na vontade. — Gargalha. — Tinha que ver as crises de ciúmes que ele tinha de você... — Sua gargalhada se torna um riso cínico. *Lá vem veneno!* — Mal sabia que para te levar para cama era só pagar.

John está se achando com essa história, mas não vou permitir que me humilhe. Ninguém me ajudou quando precisei então, não vão me condenar, nem apontar como se estivéssemos acima da lei e moral.

Caminho até meu ex-colega bem confiante, coloco meu pé bem no meio de suas pernas com o salto na sua parte íntima fazendo John engolir em seco. Aperto ali e seus olhos ficam escuros, mas não de excitação e sim de medo. Um pavor enorme de me ver novamente ameaçando sua masculinidade é o mesmo olhar de quando me viu no dia da acareação logo após sair do hospital, acreditem se quiser, queriam que eu pedisse desculpas pessoalmente a ele. Tem gente que bota uma fé na humanidade que chega a ser lindo de ver, pena que meu lado malévola sempre acaba guiando meus atos.

— John, John — pronuncio seu nome bem lentamente —, Max não precisa pagar, é o tipo de homem que consegue excitar e dar prazer apenas com

um olhar. — Aliso o colarinho dele. — Quem precisa pagar, fazer chantagem por sexo, são homens como você, desprezível e de baixa autoestima... — Aproximo minha boca do seu ouvido, enfiando meu salto com força na sua virilha. — Se bem que no seu caso nem pagando você daria conta de fazer uma mulher ter prazer de verdade. Como já disse, é só um cachorrinho que cumpre ordens.

— Por favor.... — pede tentando puxar meu pé.

John é do tipo que congela quando se sente ameaçado. Essa é a parte ruim de sermos inimigos a tanto tempo, um sabe o fraco do outro. O meu, todos sabem que é minha família. O dele é ficar paralisado pelo medo.

— Pede desculpas por suas brincadeiras idiotas.

— Desculpa, não brinco mais com você... Juro!

— Bom garoto! — zombo desmanchando o cabelo dele. — Não me provoque John! Eu não gosto de ser ameaçada — digo em um recado claro para senhor Castelli. Eu ainda vou virar esse jogo.

— Belly, deixe o John em paz, por favor, antes que ele caia duro no chão — pede.

— Tudo bem, mas só porque pediu com educação.

— Acho que essa conversa já durou tempo demais. Acharei uma mulher para se passar por esposa do meu filho, combinado?

— Não! Não precisa... Vou dar um jeito.

Sou capaz de matar a coitada se ela se atrever a pelo menos olhar para meu homem. Só dei a ideia porque queria conhecer a tal garota do colegial. Que sou eu. Eu! Meu Deus, ele me ama mesmo e é meu namorado. Meu!

Mas até quando?

— Max ficará com você as duas semanas que te restam, aproveita para se despedir. Sou um homem generoso no fim. — *Muito generoso.* — Termine com ele no hotel, no quarto que ele está hospedado. Eu estarei pessoalmente ouvindo tudo para garantir que você terminará com ele.

Concordo com um aceno de cabeça, mas meu coração grita que tenho que convencê-lo do meu amor por Max. De que é real e verdadeiro, movido a tudo menos dinheiro. Por isso me pego, em tom apaziguador, dizendo:

— Sr. Castelli, sei que me acha uma interesseira, mas eu amo seu filho. Amo muito. E vou lutar para fazê-lo feliz, o seu dinheiro não me importa, só quero seu filho.

— Maximiliano, nesse meio tempo que vocês estão juntos, já gastou 120 mil reais com você, abandonou uma viagem de trabalho e outros afazeres e

agora cogita largar a empresa para montar uma lanchonete. E dinheiro não importa? Conheço bem seu tipinho de mulher, se faz de boa, honesta para dar o golpe do baú no primeiro otário.

— Não, não conhece — asseguro. — Posso convencer Max a ficar na empresa, garantir que ele nunca mais deixe nada do trabalho para ficar comigo e quanto ao dinheiro, eu vou pagar cada centavo.

— Pagar? — Ri. — Eu investiguei, sua dívida era de 60 mil reais e você não conseguiu pagar, imagine o dobro.

Isso também é verdade.

— Eu vou pagar, a dívida original crescia por dia, quando meu pai fez o empréstimo com o agiota era 5 mil reais. Os juros foram imbatíveis para nós, toda vez que juntávamos a quantia, o valor já estava o dobro.

— Não me interessa sua história de coitadinha. Sua mãe é ex-mulher de dois grandes empresários, querem me convencer dessa história triste? Não sou idiota.

— Não quero te convencer da minha história e sim do meu amor por Max.

— Pare de tentar, é inútil! — afirma. — Você não pode mudar o fato de ser uma faxineira. De ter trabalhado na casa de um dos meus diretores, de amigos meus e até funcionários. — Olha nos meus olhos e continua: — Como vou apresentar você para eles como minha nora? Como vai carregar meu sobrenome se não passa de uma limpadora de privada? Meu nome vai ser motivo de chacota.

— Realmente não posso e não quero mudar isso, pois é um trabalho digno e...

— Não quero discursos moralistas, quero você longe do meu filho — berra perdendo a pose.

— Seu filho sofrer é algo é menor que a droga de um sobrenome?

— Se tivesse um sobrenome de renome como o meu, saberia como é zelar por ele, mas é só uma garota que nem o sobrenome do pai tem...

Isso me machucou, sempre foi difícil para mim não ter pai nem no meu registro.

— Vejo que sabe tudo sobre mim — debocho cruzando os braços para não demonstrar que fiquei abalada.

— Sei o suficiente, por isso mesmo quero você longe do meu filho. — Entrelaça os dedos apoiando o cotovelo na mesa. — Max vai superar, é só mais

uma paixonite, quando ele crescer um dia, parar de ser adolescente problemático. Você será apenas mais uma — sentença. — Não se sinta especial, ele era louco apaixonado pela Brenda e um dia, do nada, não amava mais e a deixou quase no altar.

— Paixonite? Acha mesmo que é isso? Uma paixonite?

— Exatamente!

— Então por que o senhor está perdendo tanto do seu valioso tempo com uma mera paixonite?

— Garota...

— Não sou nenhuma garota, sou uma mulher bastante adulta! — corrijo. — Mas não se preocupe, farei como combinado.

— Essa é sua melhor decisão.

Como se eu tivesse escolha.

— Espero que um dia o senhor perceba pelo menos um terço do quanto seu filho é maravilhoso. — Viro para sair mais antes completo: — Espero que um dia o senhor entenda que a nossa "paixonite" é maior que a sua arrogância.

Saio da sala batendo a porta com força, me apoio nela, sentindo toda essa energia ruim me afetar. Eu posso me manter firme em frente a eles, mas agora sinto meu coração partir em mil pedaços e minhas pernas falharem. Ainda assim, caminho para fora do prédio para longe daquela sala, sem falar com ninguém embora saiba que todos estão me olhando, eu só me concentro em manter meus passos firmes para não cair feito fruta pobre no chão da sede das empresas Castelli. Basta ter sido massacrada pelo dono.

Não vou fraquejar, nem chorar perto deles. Deixo um recado para meu irmão na recepção da empresa antes de parar o primeiro táxi que encontro na rua.

Encosto minha cabeça na janela do automóvel enquanto começamos a nos movimentar. Não acredito que não percebi antes que eu sou a garota do colegial, talvez isso tivesse mudado tudo.

Meu Deus! Como vou terminar depois disso? Como vou viver carregando o sentimento de amá-lo sem poder tê-lo e machucá-lo por não poder tê-lo. Nossa, isso deu um nó no meu cérebro, acho que quebrei, ótimo, agora ele está tão afetado tanto quanto meu coração.

Algumas lágrimas teimosas desceram pela minha bochecha e enxuguei depressa. Nem sei qual endereço dei ao taxista, aliás, não sei nem se dei um

endereço para ele, de qualquer forma, não tenho para onde ir mesmo.

Meu Deus! Por que sou tão azarada? Custa pelo menos uma coisa dar certo na minha vida? Mais lágrimas rolam e dessa vez, não me importo.

— *Tá tudo bem, dona?* — indaga o taxista muito solícito me despertando das minhas indagações, porém, continuo olhando pela janela do táxi.

— Já teve que decidir entre guardar um segredo e magoar uma pessoa, além de partir o próprio coração ou revelar o tal segredo e magoar sua família toda? — pergunto arranhando o vidro da janela.

— Não, nunca tive que decidir algo assim — sua voz é grave e parece cansada, o que me faz virar para olhá-lo.

Ele presta atenção no trajeto, mas eu posso ver pelo seu perfil que está um na casa dos 30 anos. Seus traços são bem marcados, a barba grande, a pele bronzeada pelo sol e o cabelo preto desgrenhado mostravam ser um homem simples e rústico. Podia notar também que além do seu porte físico evidente na blusa branca ele, não parecia rato chato de academia, o que o torna bem mais atraente e interessante. Vejo pela sua expressão que está sorrindo, só então percebo que fui flagrada o admirando.

— Eu nunca *que tive* um segredo tão poderoso assim — comenta e eu me esforço a lembrar do que estamos falando — e acho melhor ficar guardado mesmo. — completa.

— Foi o que pensei — concordo.

— Gostou do que viu?

Sei exatamente do que ele está falando, como sei também que ele está flertando comigo.

— Desculpa, mas prefiro meu namorado — sorrio para ele já deixando claro que sou comprometida. — Qual seu nome?

— Bruno.

— Belly.

— Bruno e Belly, parece que temos algo em comum — pisca para mim. — Mas por que estava chorando? Brigou com o namorado?

— Não, não brigamos... Só é complicado namorar sem o consentimento das famílias — confesso. — Sinto que estou prestes a perder o amor da minha vida para sempre.

— Se ele é o amor da sua vida, vocês encontrarão um jeito de ficar juntos. Nenhum segredo é maior que o amor.

— E o que sugere?

— Que a *dona* pare de chorar, uma hora saberá o que fazer.

— E se eu não souber?

— Aí a *dona* me liga porque vai ver que o amor da sua vida sou eu — brinca me entregando um cartão.

— Vou pensar no seu caso — aviso no mesmo tom de brincadeira.

Ele sorri galante, antes de encostar o carro e virar para mim, o que me deixa em sinal de alerta.

— Estou brincando com você Belly, respeito seu relacionamento, mas você não precisa da aprovação de ninguém para ficar com quem você quiser, se for isso que ele também quer. Conversem! Tenho certeza que encontrará a solução.

— Obrigada, Bruno — agradeço, apesar de não ser simples assim, é bom desabafar. — Pode me levar em um lugar?

— Esse é meu trabalho e já estava preocupado... Você não me disse para onde ir, eu apenas notei que precisava de um tempo e dei umas voltas no quarteirão, por sua conta óbvio. Tenho meta a bater.

— Ok, eu pago. Bom saber que não é um perfeito cavalheiro — brinquei me sentindo um pouco mais leve, afinal, ele tinha razão. Não vou resolver nada chorando. Preciso clarear as ideias e para isso, vou no lugar onde tudo começou antes de voltar para casa.

Quando finalmente entro em casa depois dessa segunda-feira 13, já está tudo escuro. Já é noite. Passei horas apenas sentada perto do lugar onde meu pai morreu. Imaginando como seria se tivesse vivo ou como seria se ele não tivesse voltado da primeira vez que foi embora. E depois que a fome bateu, peguei o primeiro ônibus e vim embora para casa. Fiquei o caminho todo focando em pensamentos positivos para não demonstrar tristeza ou que chore. Foi difícil, mas controlei. Os conselhos do Bruno me ajudaram muito também, conversamos sobre muitas coisas, o que ajudou a tirar o peso das minhas costas. Tenho duas semanas. Duas semanas para decidir o que fazer. Não adianta fazer nada na emoção, serei fria como ele.

Assim que atravesso a sala em direção ao quarto e ouço risos e gritinhos vindo da cozinha, me aproximo e vejo Max com meus irmãos fazendo guerra de farinha ou fazendo alguma receita maluca, porque estão cobertos de pó branco.

— Mônica! — Max é o primeiro a me ver. — Onde estava? Estávamos preocupados com você.

Estou vendo. Dá para ver a preocupação de vocês a distância.

— Te procurei feito louco na empresa, só depois vi seu recado — dessa vez meu irmão que se pronúncia.

— Eu estava andando... Fui visita o túmulo do papai.

— Ah...

— Está tudo bem? — Telly sonda preocupada.

— Sim.

— Se junte a nós, estamos fazendo pizza.

— Não, Max... Estou cansada, vou deitar. — Vejo a sonsa da nova ajudante no canto limpando alguma coisa. Odeio gente sonsa no mesmo ambiente que meu namorado. — Me chame quando a pizza estiver pronta.

— São 6 horas da noite, como assim vai deitar?

Não respondo, simplesmente vou para o meu quarto e me jogo de costas na cama, não passa nem um minuto e Max surge:

— Que houve, Mônica?

— Já disse que estou bem, vai fazer sua pizza.

— Prefiro ficar com você. — Tira minhas sandálias dos meus pés e começa a fazer massagem. — Ricky disse que foi contratado.

— Que ótimo! — Tento força um entusiasmo, mas tenho vontade de pedir para ele largar. Não sei se senhor Castelli vai tratá-lo mal só para me atingir.

— Tenho outra novidade para você — diz empolgado.

Tenho até medo!

— Fala logo que estou sem paciência hoje.

— Só hoje? Tenho umas unhas aqui que provam que você vive sem paciência. Vou te chamar de onça, só de onça mesmo, porque pintada só a minha.

— Como você é idiota Max — empurro sua cara com meu pé, gargalhando.

— Foi só para te fazer sorrir, te achei meio triste quando chegou. É muito doloroso visitar o túmulo do seu pai, não é?

— É sim, mas faz parte da vida... Diz logo a novidade.

— Eu decidi que vou largar a empresa e me dedicar ao nosso

negócio... Talvez mude para cá — conta sorrindo.

— Está sendo precipitado, Max... — aconselho. — Ainda não temos nada concreto nesse negócio e não gera o lucro o suficiente para seu padrão de vida.

— Pode ser... No entanto, minha relação com meu pai está cada vez pior e não vou perder muita coisa. Vou continuar sendo acionista — explica. — Minha irmã já está no Brasil, chegou hoje à tarde, será mais fácil me desligar da empresa.

— Já? Achei que só chegaria em um ou dois meses...

— Eu também, mas Nayara é sempre imprevisível. Contrariando todos, resolveu volta antes.

Droga! Vou ter que conhecê-la ou pior, ir no jantar em família. Perco o apetite só de pensar.

— Max, se quiser voltar para ver sua irmã, por mim tudo bem.

— Não, vou deixar para vê-la depois mesmo. Meu pai ligou hoje e disse que se eu quiser posso ficar mais essa semana com você. Acho que finalmente ele está aceitando nossa relação.

Coitado! Isso me lembra que preciso perguntar sobre a garota do colegial.

— Acho melhor deixar tudo como está. Você lá e eu aqui.

— E já eu acho que essa decisão é minha. Todo negócio, até os mais sólidos, tem riscos.

— Tudo bem, faz como você quiser. — Ele deita na cama e eu me aconchoo nos seus braços sujos de farinha. — Max eu quero te perguntar uma coisa.

— Quantas quiser.

— A garota... — início tão insegura que minha voz falha. — A garota por quem você é apaixonado desde o colégio... — Respiro fundo enquanto sinto sua mão apertar minha cintura com força. Mesmo sabendo que ele ficou nervoso completo: — A garota do colegial, sou eu?

— Sim, é você! — responde firme.

— Por que não me contou? — Apoio a cabeça no cotovelo para olhá-lo.

— Porque eu não sabia como dizer... Você sempre me esnobou.

— Eu? Você que implicava comigo — rebato. — Eu tô apaixonado. O que faço? Me declaro para ela? Não, vou lá implicar, fazer muita zoeira,

bullying, pegar as amigas dela... Escandalizar a porra toda — rebato imitando sua voz.

— Hoje, eu sei que não foi legal, mas sou isso Belly, não sabia como agir, queria chamar atenção nem que fosse fazendo merda e você nunca facilitou ou abriu uma brecha para mim com esse jeito autossuficiente, intelectual, dona da verdade. — Suspira. — Não me levava a sério, se eu me declarasse você iria rir de mim... Cada um demonstra como pode.

— Você tem um jeito meio doido de demonstrar que gosta de alguém.

— Você também, por isso no fim estamos juntos.

— E se a gente não der certo? Como você vai ficar... Não quero te fazer sofrer Max!

— Então não me faça sofrer!

— Às vezes não depende só de nós.

— Outras vezes depende. Você tem que se perguntar: "E se" a gente der certo? — Ele deita por cima de mim, beijando meu pescoço. — Como descobriu sobre isso?

— John me disse.

— John? Quando?

— Hoje... Sabe, encontrei ele por acaso na empresa, entre trocas de farpas juntei tudo e deduzi.

— Não é tão lerda quanto parece.

Na verdade sou, mas ele não precisa saber disso.

— Max... — Ele roça a barba no meu pescoço. — An... An... Vamos voltar para cozinha, ver se a pizza de vocês prestam.

— A minha deve estar muito boa, afinal, tudo que eu faço é gostoso. — Esfrega seu membro em mim.

— Bem humilde esse meu namorado.

— Sempre. — Levanta me puxando. — Belly, não vá agir diferente só porque te amo a mais tempo. Posso parecer criança, mas não sou, se tem alguma dúvida que me ama e que quer ficar comigo, diga agora.

— Não tenho.

— Essa sua sinceridade que me faz ter certeza que nunca me magoaria — sussurra tentando me beijar, mas quase que involuntariamente viro o rosto. — Que foi?

— Nada! — falo puxando seu pescoço e o beijando enquanto penso

nessa merda que me meti.

Droga! Não vou conseguir terminar com ele e não tenho muitas saídas, aliás, no momento, só consigo pensar em uma, convencer o pai dele do nosso amor.

Agora a pergunta que não quer calar é, como vou fazer esse milagre?



CAPÍTULO 27

PRECISAMOS CONVERSAR

— Vocês dois já estão na cama de novo! — mamãe diz aparecendo na porta do quarto. — Parecem doentes terminais, vira e mexe, volta para cama.

— Não estamos fazendo nada demais mãe... só conversando, para de agir como se eu fosse uma adolescente virgem.

— Você tem uma casa só sua ou mora com a mãe?

— Moro com minha mãe — respondo emburrada.

— Então você é adolescente — conclui como se fosse simples assim.

— Max, vai ver sua pizza, quero falar com sua namorada a sós.

Max me dá um selinho levantando da cama.

— Permissão para se retirar senhora? — grita batendo continência para minha mãe.

— Sai logo seu abusado! — manda dando um tapa no braço dele que sai rindo.

Também acabo sorrindo. Acho que minha família ama mais ele do que eu.

— Como ele faz isso? — indago sem realmente buscar uma resposta.
— Conquista todo mundo tão rápido.

— Parece que é algo nato — comenta fechando a porta. — Gosto dele, por isso, acho bom você casar com ele ou serei obrigada a adotá-lo.

— Mãe você é inacreditável! — digo entre risos. — O que deseja falar comigo?

— Seu irmão disse que foi visitar o túmulo do seu pai... — Senta na cama por cima de uma das pernas. — Por que? Sei que está acontecendo algo com você, anda tão estranha desde o encontro com sua irmã.

— Senti vontade de ir lá. — Deito a cabeça no seu colo. — Faz tanto tempo que não ia visitar o túmulo dele e...

— E? — insiste fazendo cafuné na minha cabeça.

— Nossa vida virou do avesso depois da morte dele, só queria sentir uma conexão, sei lá... É meu pai e eu não sinto praticamente nada por ele.

— Entendo que não é fácil realmente sentir, porque é um laço construído e seu pai não era capaz de um vínculo tão forte assim com ninguém.
— Ela suspira saudosa. — Não era culpa dele, e sim dá doença e grande parte

minha. Eu que insisti com ele e acabei levando vocês. Lamento.

Culpa! Ela já sente tanta culpa. Como vou fazer sentir mais uma? Não posso contar tudo para ela, minha mãe não aguentaria, por isso resolvo mudar de assunto.

— Já passou, ninguém tem culpa de nada. Vamos mudar de assunto.
— Levanto do seu colo imitando sua pose. — Mãe?

— Oi.

— Eu te amo!

— Eu também te amo. — Beija minha testa. — Vá tomar um banho e venha comer. Está se alimentando muito mal, lembra do que o médico receitou?

— Seguir a dieta e fazer exercícios regularmente.

— Exercício sei que pelo menos um você pratica com Max, mas a dieta não vejo você seguindo. Com saúde não se brinca menina!

— Agradeço a preocupação, mas sei me virar.

— Só vou ter certeza de que sabe se virar quando casar e eu poder andar nua pela casa, aliás, quando todos vocês casarem.

— Até o Ricky? Nossa! A senhora querendo o Ricky casado! Isso é novidade. — Coloco as mãos para cima. — Vai chover!

— Eu não quero ele casado, mas desde quando vocês fazem o que eu quero?

Faz sentido.

— Ah mamãezinha linda, nunca vou deixar a senhora morar sozinha — digo cínica. — Quando eu casar venho morar aqui. Não finja que vive sem a gente.

— Deus me livre! — Bate na cabeceira da cama. — No dia do teu casório, vou levar você e as malas para o altar com um termo assinado e registrado em cartório de não aceito devoluções.

— Assim me magoa. — Coloco a mão no peito dramatizando e essas palavras me lembra algo. — Mãe? Se a senhora tivesse que machucar alguém por um segredo, faria?

— Sim!

— Refazendo a pergunta, se tivesse que machucar alguém que ama, faria?

— Aí muda de figura, se esse alguém for você ou seus irmãos, faria o impossível para ninguém magoar ou machucar vocês. — Segura a minha mão.
— Agora, se você estiver cogitando machucar Max, nesse caso eu seria obrigada

a te machucar. Ele é um bom garoto, não merece.

— Não tem nada a ver com Max, é só algo hipotético — desconverso.
— E se estivessem te chantageando com um segredo para magoar alguém que ama? Um segredo muito poderoso.

— Quer me dizer alguma coisa filha? — indaga com os olhos semicerrados em desconfiança.

— É só para um teste que vi em um jornal...

— Bom, para começar, jamais aceite ser chantageada, sempre vira uma bola de neve sem fim — aconselha pensativa. — Em segundo, eu tentaria quatro saídas, foda-se a chantagem, que a bomba estoure mesmo, ou contava a verdade para alguém e assim deixava de ser segredo, ou enganaria o chantagista ou chantageava ele de volta.

— A senhora é boa nesse jogo!

Nossa, em uma situação hipotética ela conseguiu pensar em quatro saídas! Quando crescer quero ser igualzinha a minha mãe. Só que com menos casamentos e filhos no currículo.

Escuto meu celular tocando interrompendo nossa conversa e me precipito para atender, acreditando ser um cliente, mas infelizmente não é e antes mesmo de eu dizer *alô* uma voz conhecida por minha área responsável pelo estresse e irritação reconhece imediatamente o ser do outro lado da linha.

— Mudanças de plano, termine com meu filho o mais breve possível. Você tem até o fim dessa semana ou já sabe do que sou capaz se não cumprir com nosso acordo. Eu estarei vigiando todos seus passos caso tente me enganar!

Acho que fiz uma cara desespero, porque minha mãe parecia em completo estado de alerta quando joguei o telefone mudo sobre cama.

— Quem era filha? Você está pálida.

— Um trote de mal gosto, fiquei assustada! — Ensaio um sorriso torcendo para não sair como uma careta. — Max pode dormir aqui hoje?

Se estou sendo vigiada melhor ficar em casa. Aqui sei que ninguém estranho entrou ou vai entrar.

— Se vocês deixarem um lugar para que Cristo possa dormir entre vocês dois, pode, mas na sala e eu estarei de olho — alerta.

— Deixaremos todo espaço do mundo para nosso Senhor! Nem iremos dormir de conchinha! — digo zombeteira. — Vamos comer pizza agora que o cheiro está divino e claro, ver se tenho um homem prendado.

— O importante é que você tem um homem que come bem.

— Que isso mãe? — finjo está escandalizada.

— Come bem, se alimenta bem. Eu estou falando de comida, Belly. Você só pensa besteira. Assanhada.

Ela sai repetindo o final da frase e fico sozinha imaginando o que tenho que fazer agora que meu prazo acabou de diminuir. Eu poderia abrir o jogo para Max, mas o que impediria seu pai de contar a verdade para todos? Eu poderia contar para minha família, mas ia ser um baque grande, e já sofremos tanto com tudo isso, e pior, os gêmeos já tem uma relação tão complicada com o pai deles, imagine se souber do meu segredo, nunca vão perdoá-lo, afinal, eles o culpa pelos maus dias que vivemos. Meu ex-padaastro tinha e tem dinheiro o bastante para ajudar todos que quisesse e não fez isso por nós por puro egoísmo, no entanto, ele se arrependeu e para mim é o que importa e eu não quero mais essa história, mais essa culpa assombrando minha família logo agora que tudo parece tão certo, porém, do outro lado da moeda tem Max e também não quero perdê-lo. Em outras palavras, preciso de um plano para deixar tudo como estava antes do Sr. Castelli se meter.

Pensa Belly! Pensa! O que você faria se estivesse de fora dessa situação? Se fosse algo hipotético... E *Shazam!* Como um raio, de repente, eu sei o que fazer. Não será fácil, mas por hora é minha única e melhor saída.

Sorrio. Senhor Castelli finalmente ganhou uma inimiga a altura e comigo é assim, na mesma intensidade que eu amo, me vingo.

Dias depois...

Abro os olhos com a luz do dia no meu rosto fazendo meus olhos arderem, passei a noite quase toda em claro. Pensando. Hoje termina o prazo que o senhor Castelli me deu. O dia em que eu tenho que fazer o inevitável. Aliás, está na hora.

Os últimos dias dessa semana eu passei sem tanto estresse. Mergulhei no trabalho, saí com Max para o cinema, restaurantes, shopping, piscina aproveitei bem para não ficar pensando muito nesse momento e devo dizer que as distrações adiantaram e muito, afinal, mesmo que eu não tenha um roteiro pois depende muito da reação dele, eu sabia exatamente o que tenho que fazer. Apesar de agora não esteja mais tão segura quanto antes.

Olho para o relógio despertador em uma mesinha ao lado da cama percebendo que já passou das 8:00 horas da manhã e eu ainda na cama adiando, tentando ganhar tempo e coragem.

— Fiona levanta! — Max me chama pela quinta vez, puxando o

Edredom.

— Não quero... Me deixa!

Tento me cobrir novamente, mas ele joga as cobertas tudo no chão.

— Devo te chamar de Belly ou de bela adormecida? Faz duas horas nessa manha, colabora, tenho que te deixar na sua casa e ir para empresa ainda hoje.

Respiro fundo, não dá para adiar para sempre. Preciso fazer agora, quanto mais rápido eu fazer, mais rápido resolvo tudo isso.

— Tenho que falar com você antes de ir — anuncio sentando na cama.

— Pode fala durante o banho? Estou quase atrasado para uma reunião importante.

— Max, senta — peço indicando a beirada da cama.

— Já vi que é coisa séria. — Joga-se do meu lado tentando me puxar para si, mas me desvencilho.

Notando que diferente de mim ele já está vestido com uma camisa social com as mangas dobradas até o cotovelo e calça social, embora ainda está descalço e sem o paletó. Logo hoje ele resolveu madrugar.

— A coisa é muito séria. — Levanto começando a me vestir. — Eu quero terminar.

— Terminar o que Mônica? — indaga confuso. — Está se sentindo bem?

Não!

— Nosso namoro, quero terminar — digo de uma vez.

Ele ri levantando da cama e por um momento fico confusa com essa sua reação, só quando ele caminha até mim, coloca a mão na minha testa eu entendo o porquê dela.

— Volta a dormir que você está precisando, mando um táxi te levar para casa mais tarde. — Dá um selinho e vira para sair.

— Me escuta! — grito. — Eu estou falando sério. Quero terminar com você.

Ele olha para mim com ceticismo.

— E quando chegou a essa conclusão? Foi assim do nada? — *Eu disse que ele não ia acreditar.* — Acordou e de repente quer terminar, porque até ontem você me amava.

Viro de costas porque as coisas que tenho que dizer vai doer demais e

por frações de segundos me arrependo de não ter combinado tudo com ele, pois agora serei cruel.

— Eu dizia que te amava, é diferente de realmente amar — minha voz saiu tão sofrida e sem convicção que esperei ele rir novamente.

— O que está querendo dizer? — indaga e sua voz agora está mais baixa. — Não me ama mais, é isso? — completa em um fio de voz e isso faz meu coração se resumir a estilhaços.

Mais uma vez me condeno por não ter combinado tudo com Max ou pelo menos deveria ter começado a preparar o terreno. Eu sei que será temporário, mas ele não, por isso suas palavras me ferem na mesma proporção que as minhas ferem ele.

— É, é isso que estou tentando dizer, eu... — minha voz falha e minha garganta fecha em um soluço contido. — Eu não sinto o mesmo que você — minha voz conseguiu sair ainda mais baixa que a dele, nem sei se ele me ouviu e não tenho forças para ficar de frente para ele. — Eu queria terminar faz dias, mas fiquei com pena de te magoar.

— Pena? Você só pode estar brincando comigo! — rosna. — Dormiu comigo esses dias tudo... Como já queria terminar? — Sua respiração está tão pesada que consigo ouvir mesmo distante. — Caralho, Mônica! A gente fez tanta coisa juntos... Para com essa brincadeira!

— Não é brincadeira. — Termino de me vestir, mas ainda assim não viro para ele, pego meu celular que deixei dormir embaixo da cama, já coloco no que preciso. — Claro que nós transamos, você é bom de cama... Gostoso, bonito, mas agora cansei de você.

— Cansou de mim? — Ri sem humor. — Está me zoando, só pode. Nem consegue olhar para mim. Cadê as câmeras?

Não procura que você acha. Não duvido que o pai dele tenha colocado em algum canto do quarto para nos vigiar.

— Não, não estou zoando! E não quero mais te ver. Achou o quê? Que eu ia casar e ter filhos com você? — Respiro fundo antes de continuar, pois minha voz está vacilando. — Eu não te amo mais, aceita que dói menos.

— Sai! — grita. — Sai daqui agora. — Puxa pelo braço com brutalidade me arrastando para a saída.

— Está me machucando Max! — Tento soltar meu braço, porém ele intensifica o aperto.

— Que bom, assim ficamos quites. — Joga-me para fora quase me fazendo cair no chão e bate a porta na minha cara.

Vou repensar no meu próximo passo depois dessa. Porque agora, quero realmente ficar brigada com ele.

— Infantil! Babaca! Grosso... Mal-educado! — grito chutando a porta.
— Max me perdoe — murmuro.

— Muito bem Belly... Achei que você nem faria. — Bate palmas. — Fez tudo direitinho. Pode ficar tranquila que eu cumprio com minha palavra.

Viro para ficar de frente com meu sogro querido.

— Que bom que o espetáculo foi do seu agrado. — Aproximo dele. — O senhor está sozinho?

— Sim — responde firme, mas sua expressão mostra desconfiança.

— Ótimo! — levanto meu punho e dou um soco bem no seu queixo que faz ele dar dois passos para trás surpreso. Queria acertar o nariz, mas ele é tão nariz empinado e minha altura não ajuda então, vai no queixo mesmo. — Nunca mais me chantageei, nem ameaça minha família.

— Enlouqueceu, garota? — rosna entre dentes, segurando meus braços com força.

— Tenta me bater — mando aumentando meu tom de voz — que eu grito e em menos de um segundo seu filho e toda a imprensa do país estará aqui — sorrio mesmo que seja um blefe. Ainda não tenho o que preciso —, e seu precioso nome será para sempre vinculado ao meu de modo bem negativo. — Puxo meus braços.

— Jamais bateria em uma mulher... Nem em uma louca como você.

Posso ver que mesmo não sendo meu melhor soco, consegui tirar sangue dele. Espero que morra envenenado.

— Louca eu? O senhor que enlouqueceu quando decidiu me chantagear. Irá se arrepender por tudo que me fez dizer para Max com essa chantagem tão baixa. Ameaçar minhas irmãs e a mim? Só sendo muito baixo e sórdido mesmo.

— Não brinque comigo...

— Ou o que? Vai manda nos matar? Vai pedir para seu cachorrinho John nos matar ou vai fazer algo pior? — pergunto com fúria contida. — Tudo isso porque sou uma faxineira e que não é o bastante para seu filho. Que pensamento antiquado hein Marcelo Castelli?

— Quem você pensar que é para falar assim comigo?

— Eu sou seu pior pesadelo. Aguarde, eu também sei cumprir minhas ameaças.

Jogo o cabelo e saio em direção contrária ao elevador, torcendo para ele não entrar no quarto de Max, vai que eles decidam ir embora juntos, a segunda parte do meu plano falha na hora. Aperto meu celular nas mãos rezando para o capeta ir logo embora.

Segundos depois, observo, ainda escondida e vejo que ele já foi. Graças a Deus!

Acha que é esperto sogrinho, veremos quem é mais.

Mesmo depois da partida dele, fiquei um bom tempo esperando escondida, na espreita, só saí quando vi o que eu queria, Max saindo do quarto dele e andando a passos largos até o elevador. Precisei correr para impedir que as portas fechassem e fosse tarde demais.

— Precisamos conversar — digo ofegante pela corrida para os olhos que me olham com muita mágoa e raiva contida.

É, isso não será fácil. Nada fácil.



CAPÍTULO 28

VERDADES

— Não tenho nada para falar com você! — rosna apertando o botão do elevador com tanta força que quase escutei o pobre grita de dor.

Permito que a porta feche atrás de mim assim ele não tem para onde fugir.

— Mas eu tenho muito para falar com você! — digo em tom autoritário cruzando os braços.

— Deixa eu reformular a frase, eu não quero conversar com você, aliás, não quero nem ver sua cara na minha frente. — E como o homem maduro que é, vira me dando as costas.

Não tiro a razão dele de estar zangado comigo, depois de ter terminado e com tudo que eu disse, quem não estaria? Eu acho que o mataria se fosse em uma situação inversa, mas como não é o caso, ele é obrigado a me escutar por bem ou por mal.

— Facilita para mim Max — tento me aproximar, mas sua postura está tão rígida que me faz manter a distância entre nós.

Não quero ser estrangulada em um elevador, aliás, não quero ser estrangulada em lugar nenhum.

— Se eu soubesse que esse dia seria tão ruim, tinha continuado na cama... Se bem que você estava na minha cama, deve ser isso que mamãe queria dizer quando falava... — vira para mim ficando perigosamente perto antes de completar entre dentes — para não comer porcária para cama.

Abro a boca pronta para uma torrente de palavrão inenarrável seguida de várias voadoras na cara dele que com certeza o levaria a ter uma lesão cerebral fatal, mas lembro que agi feito uma vadia, que ele não sabe a verdade e tem razão de me dizer coisas horríveis, até porque eu fiz exatamente isso. Nesse momento só me resta entender e aceitar sua raiva. Como dizem, "*gato escaldado tem medo de água fria*".

— Vou deixar essa passar só por causa do ocorrido mais cedo — aviso fechando os olhos para conter minha raiva —, mas terá volta.

Não acredito que ele me chamou de porcária!

— Qual o seu problema? Você termina comigo, me diz coisas horríveis e agora volta aqui como se nada tivesse acontecido. E pior, esperando que eu seja compreensivo.

— Meu único problema no momento é namorar um homem grosso, estúpido e teimoso feito mula empacada!

— Namorar? Já está com outro?

— Eu estou falando de você Maximiliano!

— Acabou de terminar nosso namoro... — fecha os olhos, imagino que tentando se acalmar. — Você quer me enlouquecer, é isso?

— Você está louco desde o dia que aceitou namorar comigo — brinco tomando fôlego para me manter calma ou vamos começar a brigar de novo. — Max, se vier comigo te explico tudo. — A porta do elevador abre no térreo e eu aperto para subir novamente. — Eu não queria dizer nada daquilo.

— Mas disse e me machucou muito. — Passa a mão pela cabeça em um gesto cansado. — Belly, não sou um brinquedo que você usa, cansa, joga fora e depois quer de volta.

Seu olhar demonstra como o magoei e meu coração encolhe no peito diante das suas palavras. Marcelo Castelli que me aguarde, vou ferrar com a vida dele!

— Me machucou também caramba, não foi fácil falar tudo aquilo para você... — confesso. — E só disse porque fui obrigada, jamais agiria de modo tão hediondo, sabe disso.

— Não sei mais de nada, preciso de tempo para pensar... — Max encosta a testa na lateral do elevador. — Talvez seja melhor ficarmos separados mesmo, pelo menos por um tempo.

— Não! Eu não vou ficar sem você! Me deixa explicar, te contar toda a verdade, aí você irá entender. — Aproximo dele com minha melhor cara de cachorro órfão, ferido e abandonado. — Por favor, amor. — Invado o espaço entre ele e o elevador, abraçando sua cintura e deixando minha cabeça repousar em seu peito. — Só preciso de uns minutos do seu tempo para te contar a verdade.

— Tudo bem — ele se desvencilha dos meus braços com delicadeza. — Vamos para o quarto.

— Sim, mas não para o seu — digo apressada. — Aluguei um para mim.

— Aqui? Você tem dinheiro para isso? — indaga desconfiado.

— Óbvio que não tenho. — A porta do elevador abre no momento certo. — Usei um de seus cartões, peguei ontem na sua carteira e fiz a reserva enquanto você dormia, espero que não se importe. — Completo saindo do

elevador em direção ao quarto que aluguei.

— Ah, tudo bem. Adoro gastar dinheiro atoa e ser feito de trouxa — ironiza me acompanhando pelo corredor.

— Foi o que pensei — devolvo piscando para ele que sorri.

— Alugou a suíte mais cara? — quase grita enquanto abro a porta. — Não tinha nada mais em conta?

Quem escuta pensa que ele não tem dinheiro. Muquirana!

— Não é a mais cara e é por uma boa causa.

— Vai abrir um orfanato aqui?

— É bom ver você implicando comigo novamente, não gosto de te ver triste ou zangado — comento sorrindo e ele tenta retomar a pose de *macho alfa frio e calculista*.

— Ainda estou zangado com você.

— É, eu sei e está me deixando excitada com essa cara de lobo mau.

Sorriso mordendo o lábio inferior, ele tenta disfarçar o sorriso desviando a atenção para o ambiente.

Aproveito para fazer o mesmo. É tudo tão lindo e a suíte é bem espaçosa com poucos móveis super bem distribuídos e uma cama enorme.

Os detalhes em vermelho e dourado na decoração da suíte, o tapete, o acabamento nos móveis e paredes deixa nítido o cuidado e primor que dedicaram ao local, revelando também que muita coisa foi trabalhada a mão para dar um toque de sutileza único.

Apesar de ter alugado a suíte ontem, eu ainda não tinha entrado nela. Viro meio deslumbrada com o lugar e dou de cara com Max muito mal-humorado, me olhando inquisitivo.

— Ainda estou esperando você me explicar essa história direito.

Caminho até a poltrona mais próxima sentando nela, dou uma bela cruzada de pernas, aproveitando que estou de short para fazer uso do meu charme com ele e funciona, pois seu olhar logo frisa em minhas coxas grossas. Tenho certeza que ele está se lembrando de ontem a noite quando estava entre elas.

— Nem sei por onde começar, creio que de qualquer forma você sairá machucado — digo sincera.

— Comece parando de me seduzir.

— Tentarei. — Tomo fôlego e desabo na cama olhando para o teto. Saber a verdade sobre o pai também será dolorido, mas essa é uma questão a ser

resolvida entre eles. — Seu pai...

— Meu pai? O que ele tem a ver com isso?

— Se você não me interromper novamente, ficará sabendo tudo certinho.

— Desculpa, pode continuar. Agora estou bem mais curioso — pede metendo a mão no bolso e não consigo evitar de olhar para sua virilha.

Tentador! Logo hoje ele tinha que está vestido formalmente? Fica tão sexy e gostoso que... *Foco Belly*, primeiro você explica, depois briga com ele e aí transa para comemorar e fazer as pazes.

— Seu pai tem tudo a ver com "essa história". Foi Marcelo Castelli, seu pai, que me obrigou a terminar com você. — Levanto da poltrona caminhando até Max. — Para isso ele ameaçou minha família e a mim — jogo de uma vez porque meu jeito delicado é o mesmo de um urso faminto dentro de uma colmeia de vidro.

— É brincadeira, não é?

Fuzilo ele com o olhar. Só sabe dizer isso porra? Se ele perguntar de novo se estou brincando meto a mão na cara dele. Está pensando que sou parquinho para ficar brincando o tempo todo?

A muito custo, ignoro sua interrupção e prossigo com meu relato:

— Lembra da entrevista de estágio do meu irmão na sede das indústrias Castelli?

— Sim — responde desanimado sentando no chão no canto da parede próximo a porta.

Acho que ele está acreditando, mas sempre foi difícil aceitar verdades sobre o pai. Era assim na época da escola. O pai humilhava ele e quando falávamos... *Tá!* Eu falava que Sr. Castelli não passava de um jumento usando terno, Max logo partia em defesa do progenitor tentando minimizar a situação.

Exatamente por isso penso com cuidado nas próximas palavras enquanto sento entre suas pernas aconchegando no seu corpo.

— Seu pai tinha ligado para mim no bendito dia da sorveteria...

— Não sabia que meu pai tem seu número, muito menos que conversavam por telefone.

— Não conversamos nem por educação imagine telefone Max, ele só ligou duas vezes para me intimidar e óbvio que pegou meu número no seu celular.

— Pode ser... — Sua mão pousa na minha coxa. — continua, quero

saber de tudo.

— Bom... Aí marcou de falar comigo enquanto Ricky fazia a entrevista de trabalho. Quando cheguei, estava seu pai e John na sala da presidência... — Eu nem precisava me esforçar para lembrar de detalhes da conversa. Tudo está vivo na minha mente. — Primeiro ele me ofereceu dinheiro para te deixar, como recusei... Ele começou a me chantagear com uma merda que fiz no passado e logo em seguida ameaçou minhas irmãs, foi quando aceitei terminar com você... Naquele momento eu não tinha um plano, foi minha mãe que me deu essa ideia mesmo sem saber, e todos diziam para conversar com você...

— Todos quem?

— Mamãe, Bruno... Minha consciência, meu coração, meu corpo... Nenhum dos meus sentidos queriam viver sem ti e para isso eu precisava contar para você a verdade. Pelo menos para você.

— Parei de escutar quando você disse Bruno. Quem é ele?

— Um taxista muito simpático — *e gato* — que me ajudou quando saí da empresa. Eu estava muito abalada.

— E demorou para chegar aquele dia... Estava com ele?

— Max! Não é hora para ciúmes. Foco!

— Desculpa, mas tudo isso é muito surreal! Não consigo acreditar que meu pai foi tão baixo.

— Sinto te decepcionar, mas ele foi e é muito baixo. — Pego meu celular e entrego para ele a gravação da minha conversinha com meu sogro minutos atrás.

Max escuta tudo e a cada palavra sua expressão ficava ainda mais perplexa. Imagine se ele tivesse escutado a conversa no escritório do pai dele.

— Não posso acreditar que meu pai foi realmente capaz dessa baixeza.

— Ele fez pior e o seu amiguinho John estava no meio — deduro. Não vou livrar a cara de ninguém.

— Então terminou comigo por causa disso...

— Fingi terminar — corrijo brincando com os botões da camisa dele. — Precisava que seu pai acreditasse no nosso término pois só teria uma chance para gravar minha conversa com ele.

— Por que não combinou comigo esse tal termino? Doeuvir tudo aquilo.

— Porque eu queria que fosse o mais real possível. Eu precisava que

ele acreditasse e não desconfiasse em hipótese alguma do meu plano, além do mais, não sei se você conseguiria fingir. — *E tenho certeza de que se eu dissesse tudo a você antes, com certeza daria um jeito de minimizar o que seu pai disse ou teria se precipitado indo atrás para tirar satisfação.*

— Meu pai não saberia o que dissemos. Poderia ter combinado e falar que terminou. Pronto.

— Saberia porque além dele estar do lado de fora do seu quarto, acredito que tenha colocado gravador ou câmera, sei lá... Ele insinuou saber muito bem o que eu e você dissemos durante a briga. Por isso não queria conversar lá.

— Essa história fica cada vez melhor — murmura.

— Por isso gravei, falando acho que ninguém acredita.

— O que pretende fazer com essa gravação? — ele balança meu celular no ar.

— Chantagear seu pai para ele parar de me chantagear — *óbvio* — e diferente dele eu tenho provas. — Sorrio. — Talvez eu jogue na internet. Já pensou no escândalo "*empresário Castelli é preconceituoso, chantageia e ameaça nora*" seria lindo para o sobrenome dele.

— Não pode fazer isso.

— Posso e vou!

— Belly... Eu cuido disso, esse escândalo seria muito ruim para empresa e muita gente depende dela.

— É isso então? — Afasto bruscamente dele. — Vai vim com o mesmo discurso que o babaca do seu pai? O nome está acima de tudo, até mesmo do nosso amor? — grito furiosa.

Por essa eu não esperava, achei que Max ficaria do meu lado.

— Não! Claro que não, só quero resolver isso a minha maneira.

— Vá *pro* inferno! — Tento levantar, mas ele me segura. — Não acredito que está do lado dele.

— Não estou do lado dele, já disse vou cuidar disso, mas do meu jeito.

— Do seu jeito? Deixando por isso mesmo. — Pego meu celular da mão dele.

— Não vou deixar por isso mesmo. Só não vou jogar na internet, além do mais isso aqui — tenta pegar o celular de volta, mas não deixo —, essa gravação não prova nada. Você o acusou e ele apenas não negou e no fim, você ainda faz ameaças, tornando tudo facilmente reversível.

Pior, além de ameaçar ainda dei um soco na cara dele. Droga! Consegui estragar meu próprio plano, então só me resta deixar tudo nas mãos de Max.

— Se é assim, pode resolver — aponto o dedo para a cara dele —, mas eu vou ficar com a gravação de qualquer forma, é uma garantia. — Ele me abraça afundando o rosto na curva do meu pescoço.

— Pode ficar, mas quero uma cópia.

— Me garante que ele não vai contar nada do que sabe para minha mãe ou para qualquer outra pessoa?

— Contar o que? Posso saber esse erro que gerou a chantagem?

Assinto e ainda no seu abraço conto desde a morte do meu pai até a parte a proposta do comerciante. Eu poderia ter contado só a parte que Senhor Castelli usou para me chantagear, mas estar nos braços do homem que amo me fez abrir tudo. Reviver o passado, me libertando de muita coisa que eu nem sabia ainda estar presa.

Durante todo o relato Max continuava calado, me abraçando forte, em vários momentos cheguei a ficar emocionada, mas lutei contra as lágrimas ou acabaria não conseguindo falar. Quando terminei, fiquei um tempo em silêncio apenas sentindo o cheiro dele e ouvindo seu coração bater enquanto esperava ele se pronunciar sobre tudo que ouviu.

— Meu pai tem o dom de me decepcionar — sussurra quando termino o relato. — Em vez de ficar compadecido com a história, ele usa para tirar proveito.

— Obrigada, por não me julgar... Foi algo sem pensar. Um ato de desespero.

— Você é maravilhosa! Sua garra e dedicação para com quem ama é de uma lealdade sem tamanho. — Beija minha testa. — Eu te amo e te admiro ainda mais agora — declara —, apesar de querer ter cuidado de você bem antes, só para impedir tudo isso.

— Faz como eu, finge que não aconteceu. Que eu não te contei.

— Não sei como você consegue fingir. Eu tenho vontade de quebrar a cara desse cara ainda mais que... Foi sua primeira vez, não foi?

— Foi... — confirmo lembrando de que hoje jamais teria conseguido esconder algo assim da minha família, mas naquela época, meus irmãos eram muito pequenos e mamãe estava deprimida e preocupada demais com o amanhã para perceber comportamentos estranhos. — Podemos mudar de assunto?

— Se prefere assim, podemos.

— Promete que mais ninguém vai ficar sabendo dessa história?

— Prometo, não se preocupe. — Em um gesto fofo, coloca uma mexa de cabelo rebelde atrás da minha orelha. — Agradeço por confiar em mim e juro que darei o troco *a lá* Castelli.

— Queria tanto ter o gostinho de ver a cara dele — faço bico manhosa —, posso pelo menos participar desse plano?

— Não, se você participar meu pai vai arranjar outros meios para tirar essa prova das suas mãos — alerta. — Se eu fizer garanto que ele até te chamará de nora.

— Esse milagre eu pago para ver.

— Confia em mim. Não tem nada de divino no que vou fazer. — Segura minha cabeça entre as mãos deslizando a língua por minha boca. — Fiquei louco achando que não te veria mais, que não te tocaria nunca mais... Acho que quebrei metade do quarto de frustração — conta rindo.

— Seria ainda mais triste para mim... — meto a mão por dentro da camisa dele — perder tudo isso de homem.

— Quer aproveita a suíte?

— E sua reunião? — pergunto já abrindo os botões de sua camisa.

— Vou deixar para o meu pai, quem sabe ele não ocupa melhor todo o tempo livre que tem.

— Gostei dessa ideia. — Mordo seu queixo.

— Só tem mais uma coisa que preciso para o plano da certo — *lá vem* — teremos que fingir estar separados.

Paro, me afastando o suficiente para olhar em seus olhos.

— Não gostei dessa ideia. Por que? Quanto tempo?

— Porque quero pegar meu pai desprevenido e é por no máximo três dias. Prometo.

— Me conta seu plano.

— Não seja curiosa, ainda não sei bem — tira minha blusa deixando meu sutiã a mostra —, mas percebi hoje que não pode haver segredos entre nós e como estamos tão bem e tudo está fluindo...

— Não vai me pedir em casamento né?

— Não... — me puxa para montar em seu colo — ainda não.

— Só que eu tenho algo para te dizer e sei que vai ficar nervosa, brigar

comigo e no fim, entender que foi tudo por amor.

— Max, não começa.

— Eu preciso te contar agora, porque você está aqui tão transparente me contando tudo e é injusto eu deixar que no futuro nossa relação seja ameaçada novamente por um segredo.

— É traição?

— Não é traição, bom... não traição do tipo envolvendo outra mulher...

— Então é com homem?

— Não! Não é traição. Esquece essa parte.

— Diz logo porque estou ficando nervosa.

— Belly, toda essa história com meu pai fez eu perceber que segredos podem ser perigosos e...

— Sem enrolar. Você já disse isso.

Levanto do seu colo e do chão, já me preparando para discussão, porém ele continua sentado como se fosse a melhor posição para se abrir comigo.

— Desde já quero dizer que pode me bater se quiser, gritar, mas não vou permitir que saia daqui brigada comigo.

— OK! Agora estou nervosa e pode apostar que vou te bater.

— Nunca teve encontro de ex-turma, aliás, até teve, mas foi bem antes... — ele balança a cabeça tentando organizar as ideias. — Nosso encontro não foi por acaso, pelo menos não lá no resort...

— Como assim? Do que está falando Max?

— Quero deixar claro que todo o resto é real e tudo que eu sinto por ti também e que não estou arrependido de ter agido assim porque consegui ter você e o seu amor.

— Max, está dizendo que armou tudo? Armou um encontro de turma falso para ficar comigo? É isso? — deduzo.

Filho de uma égua!

— Armar é uma palavra feia e falando assim é muito... Errado. Eu prefiro dizer que combinei tudo com minha sogra para ter a chance de conquista a mulher que sempre amei.

Da confusão de pensamentos, teorias e informações que transitava por todo meu corpo, a única coisa que minha boca conseguiu externa mesmo que pausadamente com extrema dificuldades, foi:

— Eu vou te matar Maximiliano Castelli!



CAPÍTULO 29

APAIXONADA

Antes mesmo que eu saísse do lugar para concretizar minha ameaça, Max já tinha se colocado de pé com apenas um pulo, correndo para trás do sofá usando o móvel como obstáculo entre nós dois, como fez certa vez com a cama.

— Se você me matar vai ficar sem saber dos detalhes — tenta negociar.

— Posso viver com isso — rebato pulando para cima do sofá tentando pegá-lo, mas ele se joga no chão e rasteja para o lado contrário ao meu.

Como um homem tão grande tem mais agilidade que eu?

— E sua vingança contra meu pai? Sem mim ficará sem.

— Darei um jeito — avanço novamente para cima dele que desvia gritando *olé*.

Essa relação não vai dar certo, ele é mais ágil que eu e isso significa que estarei sempre em desvantagem durante uma briga. Com tantos super-heróis fui pegar logo uma mistura de Batman com The flash.

— E como vai viver sem seu *nego delícia* que faz amor gostoso com você?

— Convencido! — Jogo uma almofada em sua direção.

Só porque gosto dos argumentos anteriores, paro me jogando no sofá, nada a ver com o último comentário. Posso viver sem "*o nego delícia que faz amor gostoso*" apesar de não querer.

— Adoro essa sua cara de fera indomável.

— Começa a falar antes que eu mude de ideia.

— Não sei se quero conversar nesse quarto, acho que seria justo eu alugar um em seu nome. — Ele olha para os lados antes de sussurrar: — Vai que esse está grampeado pelo governo.

Impressão minha ou ele está me *tirando*? Tenho certeza que o pai dele seria capaz de algo assim, não é paranoia ou loucura, embora possa parecer.

— Se vai começa a me zoar vou embora.

— Já parei. — Se jogar na poltrona. — Não prefere tomar café da manhã ou escovar os dentes antes que eu comece a falar?

Fuzilo com os olhos, mas foram tantos acontecimentos que realmente preciso de uma pausa.

— Fique quietinho aí — ordeno e corro pela suíte até achar o banheiro que merecia minha atenção para admirar todo o seu glamour, mas não fiz.

Agradei mentalmente pelo hotel ter tudo que eu precisava e mais que depressa já estava novamente na sala mais ajeitada apesar de ter continuado só de sutiã para manter meu padrão de sempre estar seminua em uma discussão. Max me esperava de pé próximo a janela olhando o movimento.

— Agora comece a falar, de onde você e minha mãe se conhecem?

Ainda acho que estamos em uma realidade paralela. Max e minha mãe se conhecem e armaram um plano para ficarmos juntos abusando da minha inocência para me ludibriar. Inocência é uma palavra forte, lerdeza cairia melhor, mas de qualquer forma se aproveitaram de mim.

— Eu conheci sua mãe totalmente por acaso há uns quatro anos... Eu acho...

Uns 4 anos? Sento no sofá para ficar mais confortável, porque a história vai ser longa.

4 anos!

Eu achando que tinha uma bomba para jogar em cima dele e Max me tira uma arma nuclear da manga. Com essa eu sequer sonhava.

— Max, senta aqui perto de mim, não vou te matar — *pelo menos não agora.*

— Não confio na sua calma.

— Então continua, merda.

— Minha madrinha mora uma rua atrás da sua. Foi assim que conheci sua mãe. Ela fazia encomendas para minha madrinha e por as duas serem, digamos, extrovertidas — *ou seja louca* — viraram amigas. — Ele parece pensar antes de completar: — Já tinha visto Amélia por lá várias vezes, conversado com ela antes de descobrir o parentesco com você. — Ele coça o queixo. — Sabe, sua mãe tem um jeito muito particular, consegue ganhar todos muito fácil e até deu em cima de mim...

— Me diz que vocês não ficaram — interrompo alarmada.

Aí já seria demais para o meu psicológico instável e abalado. Minha mãe com meu namorado é demais até para essa família.

— Não, só porque eu era comprometido, caso contrário teria rolado. — Olha para mim com um riso cínico. — Sua mãe é uma coroa muito gostosa.

Tiro meu salto jogando em seguida com bastante força bem no meio da testa dele que consegue proteger o rosto com os braços gargalhando. Odeio

esses reflexos rápidos.

— Não quero mais saber como se conheceram, pula para o plano.

— Bom, papo vai papo vem, ela disse ter uma filha chamada Belly, não é um nome muito comum e eu sabia que você morava por ali... Só juntei tudo e tive a confirmação de que minha Mônica estava próxima de mim novamente.

Isso foi tão fofo que quase esqueci de manter a pose interrogatória deixando escapar um suspiro apaixonada. *Minha Mônica!* Acabei de ficar mais apaixonada por ele... se isso for possível.

— Conta como sabia que eu morava por ali. Não dei meu endereço para ninguém, nem mesmo deixei o nome da cidade. Andou me perseguindo?

— Claro, porque sou um desocupado maníaco perseguidor — ironiza com cara de tédio. — Te vi um dia, por acaso, saindo de casa. Coincidências da vida, como se já estivesse tudo escrito no nosso destino.

— Para de ser fofo.

— Não posso evitar, é algo natural. — Pisca para mim.

— Natural é sua cara de pau. — Jogo outra almofada na sua direção.
— Conta como me encontrou.

— Faltava pouco para o dia do aniversário da minha mãe e estava com a cabeça cheia por brigas com meu pai... Aí decidi ficar uns dias com minha madrinha e um dia saí para correr pela vizinhança buscando extravasar, já estava quase em frente sua casa quando te vi chegando. Era noite e não te reconheci logo de cara, foi muito rápido e fiquei meio em choque... — Olha para o teto. — Só a perspectiva de encontrar alguém parecida com meu amor de adolescência foi o suficiente para fazer vim a torna todo o sentimento adormecido e me fazer virar um adolescente de novo.

Levanto do sofá sentando no seu colo, ele já aproveita para apertar minha bunda com um risinho sacana.

— Quantas vezes me viu?

— Mais vezes do que seria normal, saudável e recomendável. — Ri sem humor. — Passei a vir aqui umas três vezes por mês, o que causou mais brigas... — Deixo minha cabeça na curva do seu pescoço. Gosto de ouvir essa parte da história, me sinto sortuda por tê-lo na minha vida. — Sempre te via chegando ou saindo para trabalhar, e me achava um louco de estar sempre rondando para te ver. Aí voltava para casa, jurava que não voltaria mais, que não era certo e pouco tempo depois estava correndo novamente por seu bairro, querendo te ver ou só descobrir que realmente era você, até pensei em formas de

te abordar.

— Por que não fez?

— O que eu diria? — indaga. — Nem sabia se tinha namorado ou se estava casada. Não sabia nem se iria querer falar comigo. A última vez que tinha te visto foi no enterro do seu pai e sabe que nos expulsou da sua vida.

— Já disse que não vi você lá, expulsei seus amigos idiotas, mas um oi, bastava, estudamos juntos por muito tempo, não seria estranho da oi. Eu teria puxado assunto com você — digo tentando buscar na memória alguém parecido com ele, mas não encontro ninguém. Definitivamente eu não presto atenção ao meu redor.

Sinto que sou tão egoísta por não ter notado antes seu amor por mim.

— Te conheço, não ia puxar assunto comigo nunca — aperta meu nariz —, passou por mim algumas vezes e não me reconheceu, pelo visto nem me viu, tão focada no seu próprio mundo. Parecia sempre atrasada para tudo.

Isso me faz ficar ainda pior. Era exatamente assim, eu nunca tinha muito tempo livre entre uma faxina e outra e quando tinha, arrumava outra para fazer.

— A última vez que eu te vi foi depois da história da foto, um pouco antes do enterro do meu pai. Lembro de você me defendendo das piadinhas dos seus amigos, dos pais irados deles com a pegadinha que fiz. Eu gostava de você.

— Então você disfarçava muito bem — sorrio contra seu pescoço —, queria matá-los por aquela babaquice, mas você fez bem pior. — Faz uma careta que me faz rir.

— Foi sem querer querendo — brinco em minha defesa —, eu teria te dado uma chance se soubesse tudo que sei hoje.

— Eu teria tentado se soubesse disso. — Ri. — Depois que confirmei ser você, eu sabia que te amava tanto ou mais que na adolescência e pior, agora desejava com mais intensidade. Me sentia um trouxa com essa paixão platônica. John me zoava muito.

Reviro os olhos, odeio essa amizade deles. Odeio que esse babaca sabia e eu não. Por isso decido mudar de assunto, retornar aliás.

— Contou para minha mãe que me amava?

— Amo — corrige e não evito sorrir apaixonada por ele. — Na verdade, acho que ela desconfiava do tanto que eu perguntava de você, fingi um enorme interesse pela família dela, não queria contar que estudamos juntos nem nada...

— Aposto que ela se lembrou de você, mas fingiu que não para alimentar seu interesse. Não acredite em tudo que você escutou da minha mãe. Ela exagera.

Enquanto nós vamos plantar o milho, mamãe já plantou, colheu e comeu.

— De qualquer forma confirmei tudo há quase dois anos, no dia que explodi e rompi com minha noiva...

— Ex-noiva! — grito interrompendo. Palhaçada! *Minha noiva o caralho.*

— Ex-noiva, bebi demais e acabei soltando que sou apaixonado por você... Ainda bem que não fui no seu portão gritar isso.

— Seria hilário — digo imaginando a cena enquanto mudo de posição para fazer a pergunta que não quer calar — Como surgiu esse plano?

— Sua mãe falou que você estava solteira, acho que usou a expressão: juntando poeira ou mais abandonada que jiló em piquenique de criança.

— Não era para tanto. Eu tinha vários casos — *graves de abstinência sexual, social e emocional.*

— E que não tinha tempo para namorar... — ignora minha interrupção. — Eu poderia ter te convidado para sair, fazer sexo com você, mas não conseguiria o seu amor e para mim, não seria o bastante... — deixo minha mão vagar pela sua camisa aberta enquanto ouço ele falar: — Conversamos por mais tempo quando ela apareceu com a ideia. No início fui contra, porque você me mataria se desconfiasse desse combinado — ele segura minha cabeça me olhando nos olhos —, mas o que eu tinha a perder? Seria uma chance de ficar com você por quase um mês. Longe dos seus problemas, dos meus problemas. Basicamente, só eu e você. Era tudo que eu queria em anos.

E foi tudo que eu precisava em anos. Os dias com ele foram maravilhosos, tenho certeza que jamais vou esquecer e se pudesse, eu mesma repetia todos novamente, mesmo dentro de uma armação.

— Max, você faz tudo pelo avesso. Pelo caminho mais difícil.

— Mas fui bem-sucedido, de qualquer forma.

— Sabia que eu era faxineira e me deixou mentir. — Dou um tapinha em seu peito.

— Você que resolveu mentir para ficar por cima da carne seca. Eu que não ia tirar doce de criança. — Beija minha bochecha.

— Dormiu comigo esse tempo todo dentro de uma farsa — acuso, mas

não estou brava.

— Não é uma farsa e você quis todas as vezes, confesso que quando transamos pela primeira vez, eu sumi por crise de consciência, achei errado, mas eu já tinha ido tão longe, pensei "*quando ela me amar irá valer a pena. Irá me perdoar se descobrir.*"

— Se? — repito alarmada. — Como assim? Não iam me contar?

— Pois é, sua mãe e sua irmã achavam melhor você nunca saber...

— Telly sabia de tudo?

Vadia cínica. Filha da mãe! Claro que sabia, ela que me convenceu a ir. Ah, mas a vez dela vai chegar e eu faço questão de ajudar.

— Seu irmão também. — *Não acredito!* — John, alguns amigos meus, alguns funcionários da empresa, pois fizeram papel de figurantes no encontro.

Sabia que tinha algo estranho com esse encontro de turma e o pior é John estar lá feito uma mandinga na minha vida.

— John sempre está no meio de tudo, como uma coceira chata que não passa.

— Era meu melhor amigo e meu pai é casado com a mãe dele. — Conta em tom de desculpas.

Ótimo! John agora é meu cunhado. Por que ninguém me falou isso antes?

Ficamos um tempo em silêncio, absorvendo tudo que foi dito. Meditando. Comecei a juntar tudo que foi dito para pesar os prós e contra enquanto ele fazia uma carícia sutil com o polegar na minha coxa e no meu ombro. Carícia sutil e excitante.

— Era só ter me chamado para sair — digo cansada quebrando o silêncio. — Olha que circo desnecessário vocês armaram.

— Não vamos voltar para isso novamente.

— Não sei o que dizer, o que pensar. Me sinto invadida, enganada... Por outro lado, me sinto tão amada e sortuda por tê-lo em minha vida.

— Tudo que te disse é real. — murmura — e estou sendo sincero agora, não se sinta enganada.

— Como não vou me sentir enganada? Minha mãe fazendo leva e traz entre eu e você.

E eu ainda contei detalhes da gente para aquelas traidoras.

— Não, eu e sua mãe falamos pouco quando nosso romance começou e com seus irmãos, o contato sempre foi praticamente zero.

— Sei... — seguro sua cabeça empurrando para trás. — Eu te odeio.

Ele ri.

— Você me ama... — segura meu cabelo puxando com firmeza, me puxa fazendo voltar a posição anterior. Montada nele. — Como eu te amo. — Adentra meu short. — E me deseja... — Morde meu queixo descendo o nariz por meu pescoço. — Como eu te desejo.

— Me solta... — minha voz sai tão fraca e sem firmeza que pareceu mais com "*arranca minha roupa, vai*". Eu já estava sem blusa mesmo.

Tento me afastar, porém sou impedida por ele que se inclina em um rompante me jogando no tapete.

— Max! — grito com o susto já que ele me segurou para não cair em cheio no chão. — Assim me machuca, seu maluco.

— Relaxa, sei o que estou fazendo — tranquiliza ficando em cima de mim, mas apoiando seu peso nas mãos. Rio quando ele faz uma flexão sobre mim.

— Não quero mais brigar com você — confesso.

— Imagine eu que nunca quero brigar, prefiro fazer outras coisas mais interessantes com você — sussurra no meu ouvido antes de se levantar em outra flexão. — Me perdoa, vai.

— Estou pensando no seu caso — desce novamente roubando um beijo e torna a sustentar o peso nas mãos.

Olha, acho que assim até eu começo a fazer flexão.

— Belly, eu te amo e só queria fazer você me amar. Mostra que posso ser infantil, brincalhão, mas sou capaz de ser seu homem. Namorado. Marido.

— Não precisava disso tudo...

— Mas você nunca é fácil. Você nunca teria saído comigo se ficasse aqui. Não teria se permitido sair da rotina e ser minha. — Deita sobre mim e gira para que eu fique por cima. Quase não consegue e acabamos rindo, pois reforçou sua fala.

Acha que sou a ex-modelo, aqui é gostosura em altas proporções *mon amour*.

— Mas bem que você aproveitou para fazer sexo comigo.

— Você queria sexo. — Dá de ombros. — Além do mais, quis te contar várias vezes, mas sua mãe achava péssima ideia. Por isso eles marcavam tão em cima.

— Sabia que vocês estavam escondendo algo.

— Me perdoa vai, vamos fazer as pazes na cama — sussurra alinhando nossos quadris.

Não preciso sentir seu membro para saber que ele está excitado. Sou capaz de perceber isso no tom da sua voz. Sempre fica mais rouca e sussurrada quando está excitado.

— Jura que nunca mais vai fazer isso comigo? — apoio minha mão no seu peito e quase involuntariamente meu quadril começa a se movimentar.

— Juro.

— Jura que não está escondendo nada de mim?

— Estou preparando uma surpresa para você.

— Que tipo de surpresa?

— Do tipo muito boa.

— Fora isso então.

— Juro!

— Só mais uma coisa. Se me puxar de novo daquela forma ou me chamar de porcaria — seguro seu rosto afundando meus dedos em suas bochechas —, arranco suas bolas com os dentes.

— Super de acordo, apesar que eu adoro comer porcaria.

— Te dou na sua cara, cretino filho da mãe. Porcaria é suas amiguinhas, eu sou de primeira. Cinco estrelas.

— Pode dar na minha cara o quanto quiser. — Abre meu sutiã brincando com meus seios.

— Não tente me seduzir.

Novamente ele me faz deitar de bruços no tapete e um grito surpreso sai de minha garganta fazendo ele rir.

— Fica quieta, mas não muito... — pede mordendo minha orelha e esfregando sua virilha em minha bunda.

— Safado! E é você que está me fazendo de brinquedo jogando para lá e para cá.

— Você gosta. — Roça os lábios na minha nuca. — Como ficamos?

— Vou levar essa armação como uma prova do seu amor. E gosto da minha vida mais ainda agora com você deixando tudo novo, leve e divertido. Às vezes me pergunto, por que não me apaixonei antes por você?

— Vai ver você já era, mas é tão lerda que só percebeu agora.

— Idiota... Humm... — suspiro quando ele morde minha nuca abrindo

o zíper do meu short. — Cala a boca.

Max puxa meu short me deixando apenas de calcinha. Sua boca passeia por meu pescoço me fazendo arrepiar e gemer enquanto suas mãos levantam meu quadril e eu já nem sei do que estamos falando.

— Posso até calar a boca — pausa dando uma palmada na minha bunda —, mas vou fazer você gritar muito.

Sorrio jogando a cabeça para trás e empinando ainda mais a bunda enquanto sua boca desce pelas minhas costas.

Acho que meu plano de matar Max foi derrubado pelo meu desejo de amá-lo e ser amada por ele.



CAPÍTULO 30

EM FAMÍLIA

Já passava das 16:00 horas da tarde quando Max me deixou em frente de casa. Não pretendia ficar no hotel por tanto tempo, mas como o insuportável insistiu com argumentos indiscutíveis que não devem ser mencionados, além de jogar a cada segundo na minha cara que paguei uma das suítes mais caras com dinheiro dele para nada. Parece até que não gasta dinheiro todo dia com diária naquele mesmo hotel para viver aqui em casa ou na casa da madrinha.

Vontade de dar na cara desse abusado. Mas não consigo evitar sorrir olhando para o portão de ferro da minha casa lembrando de como tive um dia conturbado e ao mesmo tempo maravilhoso, não é sempre que descubro que o homem que amo me ama há tanto tempo. É uma sensação inenarrável.

Esse dia está gravado em nossa história. Tantas coisas ditas embora agora me sinta bem em saber que nada estará entre nós, pois sei que podemos dizer tudo um para o outro sem ficar um clima estranho, ainda assim preferia que pelo menos meu segredo permanecesse guardado, mas como não foi possível, espero ter conseguido jogar novamente esse assunto para o vácuo do esquecimento, também conhecido como, *passado-mais-que-distante-e-esquecido*.

Só falta mais uma coisinha para fechar esse dia totalmente. A parte mais difícil de descobrir armações, falar com a cabeça da operação, que no caso a dita cuja é minha mãe, ou seja, tenho que estar irritada sem gritar ou xingar, porque ela é minha mãe e pode resolver me dar uma surra sabendo que eu tenho toda razão para gritar e xingar com ela, mas como mãe, tem foro privilegiado. São inocentes quando são culpadas e santas quando são inocentes, por isso, se metem na nossa vida sem nenhum pudor.

— Saco! — murmuro.

Não estou com raiva do que ela fez... Mentira. Estou sim, com muita raiva na verdade. Max pelo menos fez por amor — e isso deixa tudo lindo e romântico —, agora mamãe não, só ajudou porque queria um marido para mim. Nada mais que desencalhar a filha mais velha e quase na menopausa, mas ela ainda não venceu a partida. Posso até ter caído na armação, mas não casei, então estamos empatadas nesse jogo.

Escuto um barulho vindo do interior da minha casa que desperta minha curiosidade. Eu até pretendia ficar sentada em frente de casa até saber tudo que diria, mas lá dentro está uma algazarra tão grande que me faz entrar correndo

lembrando que sumi praticamente o dia inteiro e logo hoje que temos muito trabalho para fazer. Minha mãe vai me esfolar viva. O serviço deve estar todo atrasado.

— Até que fim resolveu aparecer hein, Dona Rica, Patroa, Diva! — Telly grita toda trabalhada no sarcasmo assim que apareço na porta da cozinha. Não precisa dizer que ela parece muito irritada.

— Desculpa, esqueci completamente...

— Sem desculpas — minha mãe corta —, vai lavar as mãos, pega o avental e nos ajude porque estamos atrasadas, um equipamento quebrou e nossa chefe resolveu passar o dia fora como se já fosse a rainha da Inglaterra — reclama fazendo pasteizinhos com muita raiva. — Não vou mencionar que nessa cozinha não cabe mais nada e nem ninguém... Estou ficando louca nesse calor, com tanto barulho e mil coisas para fazer ao mesmo.

Despeja tudo em cima de mim em um só fôlego. Realmente está uma zona isso aqui, tudo sujo, forno e máquinas ligadas ao mesmo tempo e nem posso afirmar se realmente estão sendo úteis. Um cheiro forte de queimado misturado com outros irrita meu nariz. Muita coisa queimada jogada em uma caixa no chão, coisas empilhadas sem cuidado nenhum, outras derramadas por toda parte. Parece que um terremoto dizimou isso aqui.

Desperdício e prejuízo em modo máster.

— Mainha respira, primeiro respira e se acalme.

— Fácil falar, passou o dia no bate coxa enquanto nós fazíamos seu trabalho — debocha.

Melhor eu ficar irritada com ela outra hora. Gosto de viver.

— Já pedi desculpas, tive um dia cheio também! — defendo, mas eles continuam de cara fechada.

Ao que parece, antes de confrontá-los preciso resolver isso aqui. Não posso manchar nossa imagem e ela tem razão. Sou chefe dessa equipe.

Olho ao redor para saber por onde começar e já percebo que a distribuição das atividades está inteiramente errada. Vejo Ricky fritando salgados e ele definitivamente não sabe fazer isso enquanto Anna, a filha da vizinha, vai guardando os fritos — ou tostados — em uma caixa empilhada nas cadeiras, o que toma muito espaço e corre o risco de cair ou amassar a mercadoria. Telly fazendo brigadeiros (alguns de forma erradas). Tem dois bolos médios sobre a mesa só ocupando espaço e Clara, a nova funcionária, decora outro maior. Para fechar, mamãe — a única que está na atividade certa — faz os salgados. Tudo isso disputando espaço em duas mesas juntas.

Conheço minha equipe de trabalho e lembro os pedidos mentalmente, sei o que devo fazer para o trabalho sair e fluir normalmente.

— Clara, leve esses dois bolos prontos para a sala, coloca em qualquer lugar só para abrir espaço aqui — ordeno. — Assim que terminar de levar os bolos, leve as caixas que já estiverem prontas para sala também... — vejo Ricky tirar mais uma porção de pastéis queimados antes de corrigir minha fala — se estiverem consumíveis.

— Mas... E o bolo? Já comecei a confeit.

— Esse terceiro bolo é para mais tarde, pode deixar de lado até agilizar os outros serviços que são para daqui a pouco — respondo indo até a pia lavar as mãos. — Faz o que mandei e depois ajuda minha mãe com os salgados que são muitos e enquanto isso, eu frito, pois Ricky só sabe queimar. — Meu irmão ri largando a tarefa. — Me digam o que temos pronto e o que falta.

— Os pães de queijo acabaram de ficar prontos, as tortas estão no forno. Daqui a pouco estão prontas. Empadas e *tortaletes* já estão na caixa. — Quem responde é Clara que continua fazendo a mesma coisa em vez de me obedecer.

— Então agiliza, vai levando para a sala já, já, a cliente vem buscar e nem estão separados e se isso acontecer, cabeças rolam — começo a empurra as caixas para cima dela. — Faz como eu mandei — brado.

Com esse andar da carruagem a Cinderela vira abóbora e sai carregando os cavalos nas costas. Nenhum dos três pedidos estão pelo menos parcialmente prontos e meus planos de enfrentar a família são soterrados pela avalanche de problemas.

Isso não é de tudo ruim, serve como experiência.

Sentindo-me em um grande restaurante, comande a equipe e vi as coisas fluíam mais rápido e melhores. Em pouco tempo tínhamos feito três festas de aniversário. Simples, porque se fosse extravagante estávamos ferradas.

Não demorou para que as clientes fossem buscar seus pedidos, logo em seguida, eu dispensei as meninas e fui terminar de arrumar a cozinha aproveitando a deixa para ficar sozinha com minha mãe e finalmente dizer tudo que estava engasgado.

Mamãe começa a lavar a louça em completo silêncio, como se já soubesse que teremos um assunto sério a ser tratado. Não duvido que Max tenha ligado para ela avisando. Fofoqueiro!

— Que papelão em dona Amélia! — digo limpando a mesa. — Que papelão!

— Onde? Não vejo papel nenhum. — Faz de desentendida com a cara de pau mais bem polida do mundo.

— Não venha disfarçar comigo. Eu conheço a senhora. — Encosto na mesa cruzando os braços. — Armar uma viagem para me desencalhar? Sêrio? Meio baixo isso.

— Sabia que ele ia te contar — joga a bucha dentro da pia. — Telly, você me deve 50 *pratas* — grita. — Eu apostei que Max não aguentava nem seis meses sem te contar tudo. — Fecha a torneira e vira para mim. — Max é gostoso, mas muito fofinho.

Que ótimo, minha mãe acha meu namorado gostoso e ainda por cima tem a coragem de dizer na minha cara uma coisa dessas.

— Por que faz essas coisas, mãe? E pior, por que está fingindo que esse assunto não tem importância? — Esqueço que está limpando e passo a mão no olho que imediatamente começa a arder fazendo uma lágrima descer.

— Também não precisa chorar filha. — Suspira. — Só fiz tudo isso porque vocês não me escutam. — Defende-se. — Tudo aquilo de homem apaixonado por você há anos e você feito retardada sem perceber. Só precisou eu ouvir ele dizer seu nome e soube que te amava. — Percorre a pequena distância entre nós e dá um peteleco na minha testa. — Você parecia mais esperta quando nasceu.

É, pode ser, mas como estou brava, não é essa a resposta que escapa dos meus lábios.

— Não se meta mais na minha vida ou irei lhe renegar — repreendo espalmando a mão na mesa e vou para o quarto batendo a porta com força.

— Não bata minhas portas — mamãe grita. — E que tom é esse? Ou melhor, que história é essa? — Abre a porta do meu quarto em um rompante. — Nove meses com filho ingrato na barriga, fazendo xixi nas calças, inchada feito um baiacu, uma dor do cão para trazer ao mundo, noites acordadas com filho chorando no ouvido ou chupando até minha alma pelos seios e quando cresce recebo berros, malcriação, portas batendo, sermões e até mesmo ameaças de filhos que não sabem o que quer da vida — dramatiza aos berros. — Onde esse mundo vai parar meu Pai?

— Corta o cordão umbilical, dona Amélia, não sou mais um feto. — Bufo me jogando na cama. Não vou deixar ela ganhar a discussão com chantagem emocional.

— Eu sei que não é mais feto, por isso me preocupa mais, quando era bebê ficava protegida dentro de mim ou do meu lado na cama. Eu cuidaria e te

defenderia de tudo, fácil. Hoje voa para todo canto e me preocupo quando não estou com vocês... E quando penso que posso não está, me preocupo ainda mais. Quero sentir que estão felizes. Que se eu partisse hoje, ficariam bem.

— Saberemos nos virar. E já sou feliz.

Apesar de que minha vida seria triste sem a senhora, completo em pensamento.

— Eu sei que sabe se virar e que cuidaria da felicidade de seus irmãos, mas já sobre ser feliz... — anda pelo quarto ajeitando qualquer coisa que vê fora do lugar.

— O que há com eu ser feliz?

— O problema é o conformismo. Você pode achar a vida que tem maravilhosa porque tem uma família, consolos e muito trabalho para preencher seu tempo, mas para nós, que estávamos de fora dessa sua rotina louca, não é bem assim e não aguentamos mais sua vida de zumbi feliz.

— Não entendo...

Como assim zumbi feliz?

— E se Telly e Ricky fossem morar em outra cidade? E não tivesse mais a mim?

Eu ficaria sozinha e vazia. Sem propósito, já que vivo por e para eles. São tudo para mim.

— Entendo o que deseja me mostrar, mas se eu perder vocês, mesmo casada iria me sentir sozinha e vazia.

— Não quero dizer sozinha sem marido, mas sim sem você.

Isso não faz sentido.

— Mãe, acho que a senhora trabalhou demais hoje, melhor ir deitar. Como eu ficaria sem mim? A senhora está se ouvindo?

— Você que não está me ouvindo. O que construiu? Deixou seu sonho de lado, se deixou de lado e vive carregando o medo da nossa vida volta a ser como antes. — Ela suspira novamente deitando do meu lado na cama. — Eu também tenho medo, mas faz anos que podemos nos dar um luxo de vez em quando, mas em vez disso, você se matava ainda mais de trabalhar e nós nos sentimos mal em aproveitar e você não. Resultado, seus irmãos acabam se matando e ficando presos ao trabalho como você.

— Então eu estou destruindo a vida de vocês e por isso querem se livrar de mim?

Nossa, obrigada família!

— Sem drama Belly, não exatamente isso — *An? Não é exatamente, mas é isso? Obrigada família.* — Eu queria te dar férias da rotina, das obrigações, das dívidas e humilhações, não pensa que não percebia você entrando aqui com cara de choro. Eu sei como às vezes trabalhar em casa de família é insuportável, desgastante e muitas vezes fazem sentir como se fosse um nada. Já trabalhei com isso. — Ela vira para mim. — E hoje... te vendo resolver a situação, governando uma cozinha com firmeza, me fez ter certeza de que seu sonho será real. De que você se encontrou.

— Mãe... — levanto da cama passando as mãos no rosto — Eu...

— Não me interrompa — pede erguendo a mão —, sei que não quer falar sobre suas experiências como faxineira e respeito seu espaço, mas jamais iria deixar essa situação ser duradoura. Não consigo ficar quieta assistindo com você sua vida passar, Belly. Nunca fui paciente. — Segura minhas mãos. — Você merece mais. Muito mais. Merece ter uma vida, ser você. Viver você. Se curtir mais. Estar consigo mesma...

— E com marido e filhos também né?

— Embora eu realmente adorasse te ver de noiva entrando na igreja ou com um filho nos braços, com essa armação, eu queria mais que te dar um homem, sexo... Por mais que você estivesse necessitada. Eu queria te mostrar que há vida lá fora, longe desse casulo que você criou para viver. — Aperta minha mão com força. — Eu iria me sentir a pior das mães se deixasse você viver a margem dos meus erros. Eu só queria te ver assim, forte, feliz, leve e livre. Entende?

— Não sei... — Solto sua mão retornando para minha cama. — Forjou a viagem para eu fazer enxergar o mundo? É isso?

Por essa realmente eu não esperava. Dona Amélia era uma caixinha de surpresas ou melhor, de armações muito bem boladas e eficientes.

— Não, te dei essa viagem para mudar sua visão do mundo, apesar de você ter ficado só com Max, eu tinha preparado outras coisas, mas como recusou a pousada, deixei você se virar. — Senta do meu lado e confiante, completa: — Max é um excelente rapaz, não teria ajudado se não tivesse confiança nele e no sentimento dele por você. Estou desesperada para te casar, mas não vou dar minha filha para qualquer um. Tem que merecer. Vocês são minha vida.

— Dona Amélia carinhosa. Filma que é coisa rara.

Ela sorri revirando os olhos.

— Além do mais, eu nem deveria estar aqui me explicando. Um homão daqueles dando no couro toda noite e vem reclamar comigo. Ah, dá

licença que ninguém te obrigou a nada. — Puxa meu cabelo. — Me agradeça por ter te dado um homem maravilhoso, gostoso e um pouco mais de cor para sua vida, em vez de ficar batendo portas.

— Não vou te agradecer. Foi errado. Um errado que deu certo, mas errado.

— Um errado bem gostoso convenhamos. — Sorri maliciosa.

E para desaparecer com toda minha birra, dona Amélia me abraça apertado sussurrando que me ama.

— Obrigada mãe, sei que fez o que achou que seria melhor para mim — retribuo o abraço com a mesma intensidade —, mas...

— Mas nada. Somos crescidos Belly, pode ser um pouco egoísta e gastar com você... — Segura meu rosto. — Sai, realiza seus sonhos. Sonhe outros... Tenha amigos... — divaga animada. — Sei que você diz que *ninguém é amigo de ninguém*, mas existe poucas pessoas legais e leais no mundo prontas para serem suas amigas.

— Sempre me pergunto como uma mulher tão sábia conseguiu casamentos tão ruins?

— Porque eu era como você — pausa fazendo mistério antes de completa —, burra.

— O quê?

— Brincadeira, mas eu era burra mesmo. — Dá de ombros. — Sabedoria ganhamos da vida, da vivencia, dos erros e acertos. Eu casei todas as vezes carente e iludida com a ideia de um matrimônio por amor e queria fazer durar para vida toda. — Puxa os próprios cabelos com raiva de si mesma. — Demorei a perceber que casar é fácil, difícil é continuar casada. Suportar homem em tempo integral é pior que dor de dente.

— Deveria ter horror a casamento, pelo menos.

— Casamento não é ruim, tem comida e não precisa se preocupar com presentes. — Ri. — Casamento é um passo grande e as vezes, amor não é o bastante para dar certo e sem amor, não dá certo mesmo. — Coloca meu cabelo atrás da orelha. — Algo me diz que você e Max se sairão bem nisso.

— Nem começa. — Levanto indo pegar roupas no cesto. Preciso tomar banho.

— De qualquer forma, se fizer um mal casamento, faça um bom contrato. Não aceite nada além da metade de tudo, se tiver chance de ficar com tudo, faça isso. Deixe o desgraçado sem nada, pior que ex-namorado, só ex-

marido. Não tenha pena, pois eles não terão de você.

— Mãe!

— Você viu minha história, casada com dois ricos e só passei perrengue porque fui burra e orgulhosa. Casei com contrato por pensão e acabei transformando em uma bolsa para vocês. Depois, quando a coisa pegou, não tinha nada e eles foram os primeiros a virar as costas sem se importar com os próprios filhos. Pelo menos hoje tentam nos ajudar.

— O pai da Letty não nos dá nada.

— Porque ele cria a Letty, não dá ideia senão ele é capaz de me cobrar pensão.

— Não duvido.

Enquanto procuro roupa limpas, me vem uma Ideia na cabeça.

— Sabe que andei pensando em nos mudarmos para uma casa maior quando tiver mais dinheiro entrando.

— Ah não! Gosto daqui. E não quero casa maior, abre um leque para mais pessoas morarem aqui ou fiquem para sempre na casa da mamãe — resmunga. Às vezes parece mais minha irmã.

— O que aconteceu com "*nos darmos uns luxos de vez em quando?*"

— Não é negociável! Gosto daqui e vou ficar aqui — responde encerrando a discussão. — E então, resolveu aquele seu problema hipotético? — pergunta como quem não quer nada, mas aproveitando para mudar de assunto.

Inacreditável. Não dá para enganar essa mulher então respondo simplesmente:

— Resolvi.

— Quer falar sobre isso? — Puxa-me de volta para sentar na cama. — Contou pro Max?

— Não e sim.

— Então, você pode me contar ou posso torturá-lo até arrancar dele tudo que quero saber — ameaça. — Eu prefiro a primeira alternativa, não tenho mais 27 anos para esperar você arranjar outro namorado... que preste.

Exagerada!

— Mãe, deixa o Max em paz. E não é nada demais...

— Sei, nada demais envolvendo chantagem, Sr. Castelli e você terminando com o filho dele.

Abro a boca surpresa. Acho que Sr. Castelli não é o único me

espionando.

— Eu não disse nada disso. Como descobriu? Andou fuçando minha vida?

— Não, só que ficou estranha depois daquele telefonema. Esperei você entrar no banho. Retornei, ele desatou a falar para você terminar logo com o filho dele ou viveria com as consequências — dá de ombros. Isso para mim é espionar.

Privacidade é tudo... que eu não tenho.

— O que aconteceu com respeitar meu espaço?

— Mas respeitei, pensei em te confrontar, em confrontar aquele senhor, mas acabei ficando quieta, pois você tem que aprender a resolver seus problemas sozinhos. É bom ver que conseguiu.

— Já é um milagre a senhora ter pelo menos ficado na sua. Uma vez na vida.

— Não foi a primeira vez. Conheço minhas filhas e sei quando escondem algo e quase sempre deixo passar, só que você já esconde há muito tempo... Respeito seu tempo e espaço, porém, isso está te magoando agora, de novo. Não adianta negar, sei que é algo do passado só pelo fato de ter ido visitar o túmulo do seu pai. — Olha nos meus olhos. — Não vou permitir que o passado volte a te magoar. Está na hora de contar e resolvemos isso de uma vez por todas, como sempre fizemos, juntas.

Deito a cabeça no seu colo. É mais difícil dizer para minha mãe que me prostituí do que para o meu namorado.

— Como a senhora faz isso? É vidente?

— Quando for mãe irá entender. Que por um filho e principalmente aos olhos deles, podemos ser fadas, rainhas, bruxas, até mesmo videntes, quando na verdade é simples, basta conhecer a *cria* para saber tudo que se passa no coraçãozinho e na mente deles.

Ela sorri e me sinto quase olhando no espelho. Somos muito parecidas mesmo que alguns traços de seu rosto sejam tão diferentes dos meus, como o formato fino de seu nariz ou meu queixo ser mais arredondo que o seu. Tão iguais e tão diferentes.

Ficamos um tempo em silêncio só uma sentindo a presença da outra até que decido ceder, aceitando seu pedido:

— Tudo bem... — digo em tom baixo. — Eu conto, mas promete que não vai se meter nesse assunto? Max vai cuidar de tudo.

— Não prometo nada! Se alguém está deixando minha filha triste vou me meter sim. E muito.

— A senhora pode atrapalhar tudo...

— Não vou atrapalhar nada, confia em mim... — Olha para os lados antes de sussurrar em tom conspiratório: — Vou fazer tudo parecer suicídio.

— Mãe, não brinca com isso — repreendo, mas acabo rindo.

Nesse momento minha irmã coloca a cabeça para dentro do quarto com os cabelos molhados indicando que acabou de tomar banho.

— Ela vai contar o tal problema hipotético?

Reviro os olhos. Não acredito que mamãe foi contar para Telly. Nada é segredo nessa casa. Depois Max que é fofoqueiro.

— Vai, acabou de confirmar. — Pisca para mim. Como se eu soubesse que ela já espalhou para o mundo essa história.

— Que bom, porque já trouxe sorvetes, chocolates e fiz uns brigadeiros a mais para nós. — Mostra as mãos repletas de sacos cheio de doces. Só prejuízo essa menina.

— Depois reclama que não sigo a dieta! — retruco.

Elas riem agora, mas vivem criticando quando me veem chupando uma bala.

— Já preparei os travesseiros, lençóis lá na sala e um filme com Jason Statham está pronto para rodar — meu irmão anuncia entrando no quarto. — Vai tomar banho, *Almofada de Anão*, colocar seu pijama que hoje teremos uma mega noite em família.

Almofada de Anão? O que é *bullying* no colégio comparado aos que meus próprios irmão fazem comigo.

Ignoro o apelido porque se eu reclamar, ele irá inventar outro mesmo, só que eu preferia ter essa conversar apenas com mainha.

— É necessário todo esse circo? Porque queria falar só para mamãe mesmo.

— Mamãe acabaria nos contando de qualquer forma — Telly fala como se fosse fácil e prático contar logo para todos, mas não é.

— E não queremos segredos entre nós, baixinha. Somos como um, apesar de você ser apenas uma pequena parte.

— Continue com essas piadas que acabará sem pinto — ameaço beliscando seu braço. Ricky faz uma careta de dor, mas no fim ri. — Tudo bem, eu conto tudo — concordo mesmo não me sentindo à vontade para falar nada.

— Isso! Vai tomar banho logo, depois é a mamãe.

Em busca de ganhar tempo, aceito a sugestão do meu irmão e vou direto para o banho. Um bom banho gelado deve aumentar minha coragem.

Assim que saio do banheiro ouço a companhia toca e a voz mais que conhecida do meu homem cumprimentando meu irmão chega até mim, despertando minha curiosidade. Só o que faltava! Novamente ter essa conversa com ele. Pode ficar mais constrangedor?

Solto meu cabelo aspirando fundo e me tranco no quarto para vestir meu pijama que se resume a um conjunto rosa decorado, um short curto e bastante apertado. Já são quase 22:00 horas e a água do chuveiro realmente estava gelada. Meus dedos ficaram roxos, mas nada que um pijama e um homem quentinho não resolva. E olha só que coincidência, hoje eu tenho os dois.

— Mônica? — Max, me chama batendo na porta.

Abro para ele entrar e acabo dando de cara com um urso enorme, não consigo conter o riso.

— Espero que não seja para mim. Não tenho mais espaço para esses presentes.

— Vou trocar esse pelo primeiro que te dei — avisa entregando o urso para mim.

— Ah não, meu Sansão... Estou acostumada com ele — faço bico pegando o urso de seus braços.

— Pena, se quiser de volta terá que...

— Te esfaquear e pegar?

— Não! — Sorri. — Irá descobrir um dia — comenta misterioso —, agora me diz o que está acontecendo? — Cruza os braços e automaticamente os músculos contraídos chamam minha atenção.

Ele está de roupa de dormir também. Blusa regata branca com calça flanela cinza. Homens com roupa de dormir são muito sexy, mas Max vestido para dormir é extremamente sexy.

Tento pensar em uma resposta, mas é difícil com minha imaginação tendo outras ideias, por isso opto pela resposta mais prática:

— Teremos uma noite em família e pelo jeito você é da família.

— Ah, por isso sua mãe ligou para mim, dizendo para vir para cá de pijama e trazer presente... — Coça a barba. — Meio que só achei uma floricultura aberta, como não gosta de flores, tinha uns ursos lá, daí peguei esse

para você, não sabia se era para trazer para todos... Nunca participei de noites em família.

Não sei de onde tirou que gosto de urso, mas sendo um presente, aceito tudo.

— Não precisa de presente nenhum, sua sogra que é exagerada. — Puxo ele pela gola da blusa. — Até em reunião de família você vem. Acho que agora vou te chamar de Maximiliano Oliveira.

— Prefiro Belly Castelli.

Só de ouvir isso meu sangue fica em ebulição. Jamais irei carregar esse sobrenome, por isso opto por mudar de assunto.

— Vou contar para eles a chantagem do seu pai, o segredo... — Max me envolve em um abraço reconfortante, mesmo assim minha voz sai trêmula. — Você é o único que já sabe então... Só...

— Fico calado te dando suporte. Entendi — Beija o topo da minha cabeça — Serei seu pilar hoje.

— Eles pensam em tudo, não é? — pergunto retoricamente, ainda presa em seu abraço.

— Sim, em tudo! — confirma e tenho certeza que vem algo a mais aí.

Alguma armação com selo Amélia de qualidade.

— Não faça essa cara!

— Que cara? Como sabe a cara que estou se nem está olhando para mim?

— Porque te conheço muito bem, seu safado. — Dou um tapa no seu peito fazendo ele rir. — Vamos para sala.

— Você fica gostosa com essa roupa — belisca minha bunda —, apesar de ficar mais sem. — Desce a alça da minha blusa, mas recuo sorrindo maliciosa.

Não digo nada, apenas saio rebolando em direção a sala, Max me alcança sussurrando "*delícia*" no meu ouvido fazendo meu sorriso aumentar, porém, não temos tempo para mais nada, pois quando sentamos no tapete da sala, o filme já tinha começado. Então, só encosto a cabeça no peito do meu homem — adoro falar isso — e relaxo olhando mamãe sentada um pouco a nossa frente que logo me oferece uma tigela repleta de chocolate que passeia de mão em mão. Telly está deitada em seu colo prestando atenção no filme e tomando sorvetes. Meu irmão entra no cômodo com uma tigela cheia de pipoca e senta do meu lado no tapete me puxando para encostar em seu peito. Ciumento!

— Pipoca, *chaveirinho de Smurfete*? — provoca bagunçando meu cabelo.

Conheço esse menino desde quando ele não tinha pinto e agora fica implicando comigo como se fosse mais velho que eu. Já viu.

Nego com um aceno de cabeça mordendo minha barra de chocolate e migrando novamente para o peito do *mozão*. Ricky não está merecendo essa honra.

— Saudades de quando eu era o único homem dessa casa — reclama dramático indo implicar com sua gêmea.

Max sorri e então ficamos um bom tempo apenas comendo, assistindo e sendo uma família até ele interromper a paz em uma tentativa de me encorajador.

— Conta logo para eles. O filme já está acabando, a comida também e até agora ninguém disse nada — Max murmura.

— Vou contar, mas... — *não sei por onde começar* — você não já deveria ter ido? — pergunto ao ver no relógio dele que já é quase uma da madrugada. — Seu pai vai desconfiar que não estamos separados assim.

— Não vai, liguei para ele fazendo cena, falei que já estava na estrada, mas ia passar a noite em um hotel. Eu poderia fingir que estava na casa da minha madrinha, mas como é perto, ele ia vigiar. Achei arriscado demais.

— Tem razão, mas realmente não vai me contar mesmo seu plano?

— Não! — responde simplesmente. — E não mude de assunto. Está na hora de começar a falar para realmente deixar tudo isso para trás. — Ergue minha cabeça para olhá-lo melhor. — Nossa história só está começando e não quero sombras sobre ela.

Desvio meu olhar para algum ponto acima de sua cabeça pensando no significado daquele momento. Max é o mais novo membro dessa grande família Oliveira. E mesmo sem ser oficial, isso é um grande passo. Gostando dessa conclusão, dou um beijo rápido nos seus lábios antes de declarar:

— Eu te amo!

— Eu também te amo Mônica. — Aperta meu nariz. — Esse momento está tão lindo que até me pergunto, será que se eu a pedir em casamento agora, ela aceita?

— Provavelmente não — respondo sorrindo levando na brincadeira. — Mas dizem que comigo nada é fácil.

Max sorri antes de sussurrar olhando nos meus olhos:

— E dizem que eu gosto de tudo pelo modo mais difícil. Costumo fazer indiferença virá amor e não virar sim sem nem perceberem.

Não respondo, só seguro o sorriso apaixonado que ameaçava lascar meu rosto quando mesmo que involuntariamente, imagino uma cópia minha e dele crescendo dentro de mim e mesmo sem querer admitir, me pego ansiosa para dizer sim.

Desvio o olhar do dele para meus irmãos sentados na pilha de almofadas. Mamãe encostada no sofá penteando com os dedos os cabelos loiros de Telly enquanto a loirinha e seu gêmeo jogam pipoca um no outro. Pego na mão de Max entrelaçando nossos dedos. Está na hora de contar a chantagem e o segredo, mas não deixo de sorrir pensando que posso não ter a melhor família do mundo a mais rica ou a mais sensata, contudo, definitivamente mesmo com todas as armações, dificuldades e loucuras, tenho a família perfeita. Uma família perfeitamente desenhada para mim.



CAPÍTULO 31

QUASE UM EPÍLOGO

Muitas pessoas não acreditam em destino, coincidências, amor à primeira vista ou felizes para sempre. Bom, se eu disser que não sou uma delas estaria mentindo, porém, tenho fortes razões para não acreditar. Toda vez que eu acredito que algo aconteceu por acaso na minha vida tem o dedo dela, minha querida e intrometida mãe.

Embora reclame devo muito a suas intromissões, graças a elas, hoje é uma data importante na minha vida. Completa um ano que minha irmã me convenceu a ir para um reencontro de turma falso. Forjado por ela, mamãe e Max.

É engraçado, como lembrando de tudo atualmente pareça bem óbvio ser uma armadilha. Ninguém sabia meu endereço, como mandaram convite? Ex-colegas que não conheço e nem me conheciam. Ou o fato de só termos nos reunidos uma vez em um reencontro de vinte dias. Max sabendo tanto sobre mim... Estava tão na cara o tempo todo que me pergunto como eu não percebi.

Aliás, como sempre, convenhamos que eu nunca percebo nada até estar bem na minha cara. Vou ter que atualizar as configurações da minha lente para ver as coisas como elas são e podem ser e não apenas para enxergar superficialmente, como venho fazendo. Não vou ser enganada novamente.

Apesar que não é de todo ruim não enxergar o lado profundo das coisas, basta olhar como dentro de um ano tanta coisa aconteceu: Viajei para minha antiga cidade depois de anos sem pisar o pé lá, encontrei o melhor idiota do colégio, passei dias maravilhosos com ele. Apaixonei-me por ele. "Paguei" a última dívida do meu pai. Comecei a namorar o cara mais improvável. Aí, como nem tudo é maravilha no país de Alice, veio meu sogro e quase nos separou por uma chantagem muito suja. Dei a volta nele em seu próprio plano — além de ser diva, sou genial — e acabei abrindo o jogo com minha família. Isso não foi nada agradável, mas mostrou que a vida é uma moeda de dois lados recheados de altos e baixos e que devo estar preparada para enfrentar o lado que ela me oferecer.

Até mesmo a reação da minha família quando disse que havia me prostituído. Lembrar disso, meses depois, é como abrir uma ferida cicatrizada pois no fundo nem eu, nem eles conseguiram deixar de lado as sombras que essa história nos trouxe.

Recordo como se fosse hoje a gente na sala sentados sobre pilhas de

travesseiros e lençóis assistindo filme e comendo porcarias como sempre fazemos em nossas reuniões em família.

Deixo minha mente vagar para esse dia e me sinto revivendo o momento.

— *Mônica, sem querer pressionar, mas esse é o segundo filme que assistimos, estou cansado, com sono e... — Max começa a reclamar se remexendo sob mim. — Metade do meu corpo está dormente e a outra metade está doendo. — Ele tenta mudar de posição me tirando de cima dele, mas não deixa.*

Essa é tão confortável para mim pelo menos.

— *Eu sei que tenho que contar... — olho no seu relógio de pulso e já passa de 1:00 da madrugada — Eu vou contar, mas é difícil.*

— *Por favor, estamos tão cansados que sua irmã já desenhou dois pintos na cara da sua mãe com maquiagem e ela não acordou. — Aponta para a cena e percebo que viajei legal no meu mundinho e nem percebi que mamãe já dormia de boca aberta e Telly moleca como sempre, aproveitava para aprontar com ela.*

Minha irmã ria se divertindo com a peripécia. Até selfie tirou.

Mesmo sabendo que vai dar briga, acabo rindo também antes de suspirar levantando do peito do meu namorado, de certa forma me preparando para abrir, falar. Já adiei demais.

— *Não sei como começar...*

— *Eu sei que é difícil, por isso estou aqui — beija minha mão sentando no tapete —, e são sua família, não irão te julgar.*

— *Mas vão surtar.*

— *Belly, diz logo o que está acontecendo que já perdi a compreensão.*
— *Telly nos interrompe. — Cometeu um crime? Está usando ou vendendo drogas?*

— *Quem está usando ou vendendo drogas? — Mainha acorda sobressaltada.*

— *Ninguém mãe — tento acalmar os ânimos. — Telly, não é nada disso.*

— *Então diz logo que minha bunda já está ficando quadrada de tanto esperar sentada. — Levanta se espreguiçando.*

— *Eu... — olho para o teto "fale tudo de uma vez, mas de modo sutil" — Eu... Eu me prostituí.*

— Você o quê? — meu irmão que pergunta parecendo só agora ter se interessado no assunto. Acho que a intenção dele foi gritar, mas a voz saiu bem mais baixa que o normal.

— Como... Por que fez isso? — Telly sim grita, tão incrédula quanto seu gêmeo. — Como assim se prostituiu? Que brincadeira é essa?

Mamãe parece tão chocada que perdeu a voz. Pelo visto ela não descobre tudo.

— Fiquem calmos! — Max pede. — Belly vai explicar tudo.

— Acho que estou passando mal — mamãe murmura com a mão no peito. Só me falta ela ter um ataque cardíaco.

— Vou pegar um copo de água.

— Não, não quero nada Max, aliás, quero que isso seja uma brincadeira de mau gosto. — Ricky a ajuda a sentar no sofá. Enquanto Telly continua de pé, andando de um lado a outro. — Só diga por que fez isso? Belly, eu não consigo imaginar você fazendo uma coisa dessas... Estava mentindo para gente? Dormia com caras em vez de fazer faxina, é isso?

— Não, claro que não mãe. — Telly me abraça do nada e em seus braços completo. — Faz muito tempo... Foi na época que papai morreu, foi apenas uma vez... — informo tentando tranquilizar, mas tem o efeito contrário minha irmã começa a chorar acompanhada por minha mãe.

— Diz que é mentira por favor... — Telly súplica ainda abraçada a mim.

Ela era muito pequena, com certeza não se lembra de quase nada dessa época, mas ainda assim o passado a afeta tanto quanto a mim.

— Infelizmente é verdade, estávamos desesperados sem dinheiro para nada e eu fiquei com medo de irmos parar na rua, em um orfanato, sei lá... — respiro fundo para não chorar também. Não vou contar detalhes. Eles não merecem isso, por isso sou evasiva nas explicações — Não pensei, só fiz.

— Com quem? — meu irmão indaga e tenho até medo de falar.

Eles são super protetores. Vai que matem o infeliz, seria mais dias de trevas para nossa família.

— Lembra do dinheiro que eu disse ser uma doação de um comerciante?

— Sim.

— Foi com ele... Ele fez a proposta quando fui pedir emprego ou empréstimo e então, se aproveitou do meu desespero... — conto sentindo Max

me abraçar por trás. Telly ainda me abraça cada vez mais forte me dando coragem para continuar. — Depois ele quis mudar o acordo, de uma vez para várias vezes, mas não aceitei e por causa disso, ficava mandando rosas em forma de ameaças.

— Me deixou agradecer aquele desgraçado? Até bolo fiz para o infeliz que abusou da minha filha. — Ela chorava abraçada ao meu irmão de raiva, de ódio, de frustração.

— Não queria que ninguém soubesse... Eu me sentia suja. — Desvencilho dos braços precisando de ar. — Não adiantou, já que agora todo mundo sabe do mesmo jeito.

— Eu vou matá-lo! — Ricky rosna.

— Não, você não vai fazer nada — mamãe manda. Ainda bem que ela está sensata hoje. — Eu que vou matá-lo — retiro o que disse. Mamãe nunca é sensata.

— Calma, ninguém vai matar ninguém. — Max tenta apaziguar. — Eu vou cuidar de tudo, dele inclusive.

— A filha é minha, então eu tenho... — mamãe para como se tivesse lembrado de algo. — Cuidar de tudo o quê?

— Então, essa é outra parte da história.

— Tenho até medo de saber.

— O pai do Max descobriu que fiz essa maluquice e estava me chantageando — conto de uma vez — E também ameaçou Telly e Letty para me fazer terminar com Max.

Mamãe cai sentada no sofá.

— Aceito água com açúcar agora. — Passa as mãos no rosto. — Que homem escroto!

Max vai logo se prontifica para buscar a água e eu fico parada sem saber onde meter a cara.

— Velho desgraçado! — meu irmão xinga irado. — Foi naquele dia da entrevista que ele te ameaçou? Por isso sumiu? Ainda teve a coragem de me cumprimentar no corredor. Vou acabar com a raça dele.

— Não vai fazer nada. Fique no seu emprego, deixem isso com Max, por favor.

Ele, teoricamente, ainda não trabalhava na sede das empresas Castelli. Seu estágio só começaria em três meses.

— Vou deixar! — aceita rápido demais para ser verdade. — Não se

preocupe.

— Só me diz por que não contou nada disso antes. Achei que fôssemos uma família unida.

— E somos Telly, só não disse porque vocês iam sofrer por uma decisão que foi minha e com Sr. Castelli já resolvi tudo.

— Você nem tinha 16 anos, não toma decisões sem mim — mamãe afirma. — Belly, eu ia dar um jeito em tudo. Eu ia tentar vender o resto das coisas... Ia negociar com os credores e...

— Eu sei que ia, mas a senhora não estava bem e precisava estar bem para cuidar da gente — interrompo. — Não dava para negociar com eles, já tínhamos tentado isso. Tive medo de perder vocês e agi por impulso... Foi isso.

— Desculpa... — dona Amélia pede começando a chorar de novo e Max lhe entrega o copo d'água. — Desculpa ter estragado a vida de vocês. Juro que eu tentei dar o melhor de mim para que ficassem bem... — Enxugo algumas lágrimas que escorrem por meu rosto. — Eu não sirvo para esposa, nem para ser mãe. Nem consegui sustentar meus filhos que é o mínimo.

— Não diz isso mãe. — Sento entre suas pernas e meus irmãos nos abraçam. — A decisão foi minha. A senhora é a melhor mãe que nós poderíamos ter, bom, se pudesse se meter menos na nossa vida seria melhor.

Aproveito para alfinetar.

— Não conte com isso. — Sorri colocando meu cabelo atrás da orelha. — Eu devia ter percebido, eu devia ter impedido... Eu devia ter conversado com você quando percebi que tinha uma sombra nos seus olhos, mas não... Fiz tudo errado como sempre. Letty tem razão, eu não sei ser mãe.

— Óbvio que sabe, Letty é uma mimada mal-agra decida — brado. — Mãe, quantas vezes me disse que ninguém vence sozinho? Quantas vezes deixou de comer para gente poder comer mais? Vendeu tudo que conseguiu sem ligar para luxos só pensando em nós? Quantas vezes se humilhou para conseguir algo para gente?

— Mas não fiz isso por vocês — sussurra —, e olha que pensei, que ofereceram... Fui orgulhosa e você era só uma criança...

— Não pense nisso. — Levanto limpando as lágrimas. — Odeio ver vocês chorarem. Para mim, não tem mais importância. Sou feliz agora. Estamos bem e o mais importante, juntos. Nada será maior que isso. — Caminho até Max abraçando sua cintura. — Sem falar que tenho um namorado maravilhoso.

Max me dar um selinho sibilando "**eu te amo**".

— *Eu devia ter percebido.*

— *Mãe, por favor, era uma situação delicada, vamos esquecer isso.*

— *Não dá para esquecer.*

— *Por isso não queria contar. A decisão foi minha, vocês não têm culpa de nada. Ninguém tem culpa — grito.*

— *Ele tem — afirma com raiva. — Eu tenho... — Fecha os olhos. — Me perdoe.*

— *Não tem nada para perdoar. Amo vocês e daria minha vida por vocês.*

— *Melhor a gente mudar de assunto — Max sugere. — Fazer um jogo legal. Não gosto de ver minha família triste. Isso tudo está no passado, também é difícil para mim, mas sei que ficar falando sobre isso machuca a Belly.*

— *Isso não dá para esquecer, mas dá para conviver. — Telly aperta a mão da nossa mãe. — Somos os Oliveiras, superamos tudo.*

— *Tudo bem... — mamãe concorda, passa a mão no rosto e percebe que está manchado. Oh-Oh ou! — Max, depois quero falar com você a sós — anuncia pegando seu celular para ver o que há com o rosto. O desenho está danificado, mas dá para ver. — Será que alguém pode me explicar por que tem uma giromba desenhada na minha cara?*

Nós apenas nos entreolhamos pensando que a casa caiu, antes de sairmos correndo pela casa com ela atrás de nós fazendo ameaças. Acho que essa foi sua forma de aliviar a tensão e a tristeza que o assunto trouxe. Max não é o único que não gosta dessa família triste.

Suspiro voltando a minha tediosa realidade. Nesse exato momento, eu deveria estar estudando, mas por ser uma data especial, o dia que a mudança da minha vida começou, não estou. Queria estar com meu namorado ou com minha família, mas eles preferiram sair a ficar em casa comigo.

Olho para o teto pensando que meses depois, se eu disser que as coisas estão como sempre, estarei inventando um conto de fadas. Mamãe não voltou totalmente ao normal. Já a flagrei várias vezes no meu quarto me olhando dormir no meio da noite como fazia quando éramos menores. Às vezes chora muito apesar de não dizer nada, sei que se culpa e não consegue esquecer o ocorrido. Eu sabia que não seria fácil para nenhum deles e principalmente para ela. Por isso era segredo.

Telly foi a única que depois conversou comigo mais abertamente sobre o assunto. Ricky é o que melhor fingiu que nada aconteceu, até acabou aceitando a vaga de estágio, não sei o que o fez mudar de ideia. Talvez o fato de

atualmente meu sogro não estar mais à frente dos negócios. Agora a presidência do império é da irmã do Max, Nayara Castelli.

Como isso aconteceu?

Bom, como a vida é uma gangorra maravilhosa, dois dias após eu contar meu segredo para minha família eu estava preparando mais uma encomenda quando tive uma grata surpresa, meu *sogrito* lindo na minha porta acompanhado pelo Max pedindo desculpas para mim.

É gratificante quando os humilhados são exaltados.

Claro, não foi aquele pedido voluntário nitidamente, Max, não sei como já que ele não quis me contar, o obrigou a isso. Só sei que teve dedo da minha mãe e foi um mega escândalo.

Todos os sites noticiaram "*Marcelo Castelli ameaça nora por não aprovar o namoro do filho com uma faxineira*". A empresa perdeu milhões de reais e a saída de Max, que agora mora pertinho de mim, piorou ainda mais os negócios de seu pai. Claro que tentaram abafar o assunto até que a única notícia dada era a nova presidente mulher, jovem e negra do império Castelli. A Nayara era uma novidade mais interessante que eu, que nunca me pronunciou sobre o assunto, apesar da imprensa ter insistido muito. Várias celebridades e mulheres de todo o mundo tomaram minhas dores contra ele e não nego ter amado isso e hoje, metade do sucesso da lanchonete devo a esse escândalo. Porém, nunca acusei formalmente meu sogro, eu realmente não desejo a falência para ele, mas também não vamos ser amigos.

Só não o destruí, como todos queriam, porque muita gente depende das empresas Castelli e como a situação econômica do Brasil não está boa, ninguém merece perder o emprego. Apenas por isso e por Max que mesmo fazendo a linha não me importo, no fundo se importa e muito com o pai, sabe que a fortuna e o sobrenome são a vida do Sr. Castelli.

Fecho o notebook desistindo de estudar por hoje. Quero Max! Impossível negar que estou cada dia mais apaixonada por ele e começando a detestar estar em casas separadas. Quero dormir e acordar ao lado dele, mas a *sargenta* Amélia marca em cima e como ela não está legal, prefiro evitar brigas e é óbvio que ela aproveitando para encher meu saco com a ideia de casamento. Já perdi as contas de quantas revistas de noiva vi nos últimos meses ou quantas pessoas me chamaram de Sra. Castelli. Fui a tantos casamentos de gente que não conheço e duvido que minha mãe conheça todos os noivos. Ela nunca teve uma vasta lista de amigos.

O irônico é que Max não falou mais em casamento depois de eu ter

dito que provavelmente não aceitaria. Não que eu queira que ele faça o pedido ou comece a pensar na ideia, mas não vejo lógica nessa missão mamãe quer me casar, se nem eu nem ele deseja isso. Agora tenta explicar isso para minha mãe que todos os dias aparece com uma camisa escrita alguma frase do tipo: "*não tenho mais 27 anos de vida para esperar você resolver casar*" ou minha favorita "*com um homão desses eu já estava chamando de marido há muito tempo.*"

Que se dá ao trabalho de escrever bilhetes de "*Futura noiva*" ou "*Lá vem a noiva*" e colar por todas as partes da casa. Que me deu vários vestidos brancos e ainda fez uma fantasia, que me recusei a vestir, de noiva cadáver no Halloween. E no auge do absurdo, ela teve a audácia de escrever uma cartinha para papai Noel e Santo Antônio pedindo que uma de suas filhas casasse antes de ficar tão velha ao ponto de não aguentar segurar o próprio neto sem se cag... Deixa para lá. É traumatizante só de pensar. Sem falar no tanto de estátua do santo casamenteiro dentro d'água. E sabe o pior: ela nem ao menos é religiosa.

Quando tudo isso começou eu fiquei virada no samurai. Gritei, mandei, pedi para pararem, quase matei Max, mas ele negou ter algo com isso. Só que com o passar dos dias, passei a não me importar. simplesmente rasgo e jogo no lixo. Ignoro as frases, tiro os santos de dentro da água e respondo todos que me chamam de Sra. Castelli de forma mais seca possível. Já tem uns três meses acontecendo diariamente, até que é divertido, parece que mamãe instalou uma campanha prol casamenteira na vizinhança e mesmo que toda vez que eu a confronto e ela faça cara de paisagem fingindo que não sabe do que eu estou falando, ela é culpada sim.

E quero ratificar novamente que Max não fez o pedido. Não que eu queira que ele faça. Estou muito bem como está. Nós dois juntos. O negócio crescendo a cada dia. Não tivemos mais problemas com meu sogro. Ah, e conheci as irmãs do Max (ainda bem que ele avisou, realmente são chatas e mais frescas que Letty) e sua madrinha, que é uma pessoa maravilhosa. Tão louca quanto minha mãe e jovem também. Confesso que esperava uma mulher mais velha. Madura, não uma cópia da minha mãe. Embora tenha as conhecido, nunca juntamos as duas famílias. É uma excelente relação. Eles lá, nós aqui.

— Amor? — assusto com Max sussurrando no meu ouvido, não esperava ele aqui essa hora.

— Max! — Dou um beijo rápido em seus lábios. — Não vai sumir o dia todo? — brinco.

Ultimamente ele tem sumido sempre, mas diz que é para tal surpresa que está preparando para mim.

— Não, dessa vez irei te levar comigo.

— Finalmente vou ver essa surpresa. — Giro a cadeira para ficar de frente para ele. — Só espero que não seja um filho com outra mulher.

— Não começa. — Mostra uma venda. — Vi isso em uma loja e achei perfeita para o momento, apesar de querer ter imaginado sua cara ao ver a surpresa só consegui imaginar... — Morde o lábio inferior aproximando a boca do meu pescoço. — Você vendada, nua e ajoelhada — puxa meu cabelo para trás me fazendo suspirar —, com essa boca que me enlouquece entreaberta... desse jeito — contorna meus lábios —, com as bochechas coradas... — desliza o polegar por minha bochecha e eu cairia se não estivesse sentada. Nunca deixo de ficar excitada quando ele faz isso.

— Max... — sussurro.

— Adoro a forma como reage a mim — olha nos meus olhos —, adoro mais ainda quando diz meu nome, assim, de modo suplicando. — Beija minha boca, mas quando seguro sua camisa, me preparando para aprofundar o beijo ele, se afasta. — Isso te lembra algo?

— Aham, lembra muita coisa.. mas estou a fim de fazer e não lembrar — digo maliciosa. — Já estou prontinha para você.

— Agora não...

— O quê?

Que desgraçado! Excitou para nada.

— Mais tarde fazemos o que você quiser — responde vendando meus olhos — afinal, teremos muito o que comemorar.

— Odeio quando fico excitada para nada

— Não tenho culpa se sou irresistível — diz me ajudando a levantar.

— Vamos logo e vê se não me deixa bater em nada! — mando.

Max me guia até seu carro em silêncio e com cuidado.

Chegando no veículo, eu já estava impaciente. Faz meses que ele está preparando essa surpresa, deve ser coisa grande.

— Max, para onde estamos indo? — indago assim que ele liga o carro.

— Paciência Mônica. — Alisa minha perna. — Pode tirar a venda se quiser.

Agh! Todo aquele carnaval para ir vendada até o carro. Retiro a venda e a primeira coisa que vejo parece miragem. Um *outdoor* de recém-casados muito feliz. Ah, ainda essa história.

— Max... — chamo em advertência.

— Para de ser paranoica. Isso não é coisa da sua mãe. Ela não tem dinheiro para isso e muito menos minha.

— E muito menos minha... — imito. — Ainda não acredito que você não saiba de nada.

— Mas eu sou inocente. Conhece sua mãe, ela está querendo te casar, aliás nos casar — pisca para mim —, como vem fazendo desde sempre.

— E quanto ao caminho?

— Admito que segui um palpite dela, nem sabia desse outdoor aí.

— Vou falar para ela que basta você fazer o pedido, assim ela sai do meu pé e vai para o seu — provoco.

Ele apenas sorri de lado prestando atenção ao trajeto. Resolvo fazer o mesmo. Vejo a lua e as primeiras estrelas brilhando no céu. De repente, passamos em frente a uma igreja e observo os noivos tendo a famosa chuva de arroz enquanto se beijam parecendo extremamente felizes. Fico olhando a cena até sumirem do meu campo de visão.

Fecho os olhos, só falta eu começar a ser sensível a casamento, abro fitando o perfil de Max que continua prestando atenção no caminho. Espero que esse safado não esteja planejando me pedir em casamento.

Meu Deus!

Será isso? Ele não seria louco de fazer isso sem meu consentimento ou seria... Começo a bater o pé até senti-lo segurar minha mão só então percebo que estava roendo as unhas também. Ele detesta quando faço isso.

— Odeio quando faz isso! — *Não disse?* — Me irrita... Sempre sangra e parece bastante dolorido. — Desvia o olhar para mim e parece bem zangado — Não faça mais isso.

— Não levante o tom para mim! — aviso. — Sabe que é algo involuntário, sempre que fico nervosa ou ansiosa acabo fazendo.

— É, eu sei... — Ele balanço a cabeça. — Desculpa, não deveria ter falado assim. — Entrelaça nossos dedos. — Já estamos chegando.

Isso definitivamente não me acalmou, mas me esforcei para deixar minhas mãos no colo. Ele não está com cara de quem vai me pedir em casamento. Analiso suas roupas: calça jeans, blusa preta e tênis, nem está vestido para isso. Mas, e se ele pedir na frente de uma multidão? Aí meu Deus. Começo a bater o pé e sentir uma vontade louca de comer. Não tenho estrutura e nem maturidade para ser esposa... Mãe.

Socorro!

O carro para e fico ainda mais em pânico, permaneço estátua olhando para frente, me recuso a sair desse veículo. Se eu ficar não tem pedido, se não tem pedido não preciso responder. Viu, um excelente plano.

— Relaxa Mônica, vou só te mostrar algo. Irá gostar. — Tranquiliza e solto o ar que nem percebi está prendendo. — Agora, olha para o lado.

Faço o que ele pede e meu coração falha algumas batidas. É restaurante com o nome do meu próprio. Não pode ser. Fico sem ar de novamente. Isso só pode significar uma coisa.

— Max isso... Isso é o que estou pensando? — indago e meus olhos automaticamente enchem de lágrimas.

— Se está pensando que esse é o nosso restaurante, então acertou. — Ele me abraça. — Era assim que sonhou?

Oh meu Deus! Ele fez o restaurante. É meu sonho concretizado eu não sei dizer o que estou sentindo. É a melhor sensação do mundo algo com o que uma mãe sente ao ver o filho pela primeira vez.

Saio do carro não sei como, porque minhas pernas tremem. E de pensar que fiquei tão brava quando Max sumiu da primeira vez. Ele estava fazendo meu — nosso — restaurante, do jeito que sempre quis. O meu sonho. Finalmente está aqui diante dos meus olhos e é tão grande, tão lindo.

— Como? Como fez isso?

— Com cimento, bloco, pedreiros, pás, dinheiro... — Dou um tapa no seu braço sorrindo entre lágrimas. — Sua família me ajudou com custos, trabalhos, decoração. Tudo foi trabalho em equipe para você.

— Não sei como agradecer e pagar tudo que faz por mim. Olha isso meu Deus!

— Faça esse lugar ser um sucesso, seja feliz e dê lucros. — Beija minha testa. — Sério, dê lucros mesmo, porque estou ficando falido.

— Negócio fechado. Posso fazer tudo isso... mas faço questão de te pagar...

— Como já disse, sua família pagou umas coisas. Telly cuidou de toda decoração, Thomas da parte legal. Ricky até trabalhou na obra, seu ex-padrasto, pai dos gêmeos, também colaborou. Não fiz tudo sozinho e somos sócios, essa é minha parte e tomei cuidado para colocar todo o negócio no seu e no meu nome.

— Você é incrível. — Pulo no colo dele. — Obrigada, obrigada. — Beijo todo seu rosto. — Também quero te dar algo.

— Aqui? Alguém pode ver — comenta todo *assanhadinho*.

— Não é nada disso seu safado. — Desço de seu colo. — comprei um presente para nosso aniversário de namoro. Quero te dar hoje porque para mim nossa história começou nessa data.

— Para mim também, por isso reservei a surpresa para hoje.

— Bom, o meu está lá em casa. Na minha casa. Não é algo tão maravilhoso quanto esse que você me deu, mas...

Na verdade, é só um jogo de vídeo game e um relógio que ouvi ele comentando que queria. É difícil dar presente a quem tem tudo.

— Eu posso pensar em um presente mais maravilhoso que esse restaurante e que você pode me dar. — Desce a mão pela minha bunda. E sei exatamente o que ele quer.

— De jeito nenhum pervertido — empurro seu peito sorrindo —, se contente com o que eu já comprei.

Ele me puxa.

— E que tal se fantasiar de Mônica e fazer amor me batendo com o Sansão?

— Seria traumatizante.

— Não na minha cabeça, aliás, parece muito bom.

— Tenho certeza que parece, mas não vai rolar. — Ele faz cara de cachorro sem dono. — Não funciona comigo.

— Esqueci que você não tem coração.

— Tenho coração, tanto que me sinto mal por você ter rompido com sua família...

— Não rompi com minha família, meu pai rompeu comigo. É diferente.

— Max...

— Vem, vamos entrar — chama e sei que está fugindo do assunto.

— Sabe, por um momento eu pensei que...

— Eu fosse te pedir em casamento? — Ele ajoelha na calçada a minha frente tirando uma caixinha do bolso, quase me fazendo cair dura no chão de tantas emoções conflitantes que atravessam meu corpo em um breve intervalo de tempo, já que ele abre a caixinha e vejo que é só uma chave e não uma aliança.

— Ra-ra-ra! Você é muito engraçado. Já pensou em substituir o Tiririca? Agora que ele é deputado devem estar precisando de outro palhaço.

— Pensou que fosse uma aliança? — Não respondo. — E se eu

realmente tivesse uma aliança e fizesse o pedido. O que responderia?

O que eu responderia?

Ainda não sei o que eu diria. Eu quero ele, óbvio. E a ideia de tê-lo como marido é tentadora, mas... Sei lá. Exatamente por estar vivendo esse dilema opto por apenas sorrir enigmática e caminhar até a porta da frente do restaurante. Ainda está fechado pelo que vi, a inauguração oficial é amanhã. Queria analisar com calma cada pedaço do meu sonho. Pelo que pude ver, eles fizeram realmente como eu sonhei, mas Max me arrasta para todo o canto com uma pressa surreal que mal consigo ver o local.

— Você é louco — grito quando ele me puxa para outro lugar.

— Completamente! — Beija meus lábios. — Vem, quero te mostrar uma última coisa. — Puxa-me para o fundo do restaurante. Para cozinha especificamente e já noto no chão um tapete fofinho, velas, pétalas de flores e alguns dos ursos que ele me deu. Um cantinho romântico. Por isso a pressa.

— Não vamos transar aqui né? — perguntando brincando.

— Por que não? Não vejo problema nenhum. Já aproveito para batizar o lugar.

— Vou fingir que não ouvi isso.

Ele sorrir beijando meu pescoço.

— Fica aqui só um segundo... Vou pegar uma coisa.

Sai do meu campo de visão por um tempo que foi bem mais que um segundo e é quando aparece com meu Sansão na mão vestido de cebolinha. Começo a rir. Rir não, gritar. Berrar. E eu achando que ele ficou ridículo com a bermuda, nem se iguala a isso aqui.

Porque nunca tem câmeras filmando uma hora dessas?

— Max, o que você está fazendo? Que palhaçada é essa? Olha, eu achava que você ficava sexy com tudo, mas acabei de mudar de ideia. Se está querendo terminar comigo continue usando esse short — zombo.

— Fica quieta e calada, isso não é um short, é uma bermuda.

— É acima do joelho para mim é short. — Volto a rir.

— Belly, fica quieta, está me deixando ainda mais nervoso.

— Por que está nervoso?

Ele me entrega o meu Sansão que tinha sequestrado da minha casa. O que ele me deu anos atrás ainda na época do colégio. Estendo a mão para pegá-lo quando noto uma aliança na ponta de sua orelha e recuo.

— Max... O que significa isso? — *Está óbvio o que isso significa.* —

Isso é sério? Sério mesmo? Tipo, para valer?

— Nunca fiz nada tão sério na minha vida.

Ele sabe que está vestindo de Cebolinha? Um personagem infantil.

— É, realmente você está muito sério — debocho.

Nós dois rimos de nervoso com certeza. Isso está meio constrangedor. Max respira fundo, segura minhas mãos e meu sorriso congela.

— Mônica, deseja me empurrar da cama todas as noites? Me chamar de Chaves e deixar eu fazer morada...

— Está me chamando de barril?

— De Chiquinha, na verdade. — *Max tem uns shippers bem esquisitos.* — Eu ia dizer fazer morada no seu coração — *isso seria pior do que me chamar de barril* —, desculpa, estou tão nervoso e isso está pegado... — passa as mãos no rosto —, nem sei o que dizer.

— Melhor não dizer nada então.

Ele sorri de lado e se ajoelha na minha frente. Minha barriga começa a dar voltas e parece que vou vomitar em cima dele.

— Belly Oliveira — *Jesus! Ele vai fazer o pedido* —, deseja ser esposa desse idiota que é loucamente apaixonado por você desde a adolescência?

Sem pressão.

— Você não sabe o que está fazendo. — Esquivo da pergunta. — Eu sou lerda, muito ciumenta e isso em um namoro... Como esposa será bem pior, tenho tendência homicidas quando estou de TPM e...

— Já estou ciente de tudo isso. Estamos juntos há quase um ano e fez esse discurso quando começamos a namorar, além disso, se eu quisesse tranquilidade viraria monge. Se estou com você é porque gosto de viver perigosamente mesmo. — Sorri. — Seria terrível dormir à noite sem imaginar que a qualquer momento você pode tocar fogo em mim enquanto durmo.

— Não é para tanto, jamais faria isso com você dormindo. — Rio, mas queria mesmo era roer as unhas.

— Não respondeu minha pergunta e meu joelho já está doendo de tanto ficar nessa posição.

— Você nem está há tanto tempo ajoelhado.

— Tempo suficiente para saber sua resposta — diz desanimado.

— Espera... — pego meu urso com as mãos trêmulas. Bom, já sou a Mônica dele mesmo. Retiro o anel da orelha do coelho e coloco no meu dedo. — Acho que ficou bom — comento ainda meio sem saber o que estou fazendo, mas

o anel é lindo, tem uma pedra enorme vermelha rodeada de pedrinhas menores brancas.

— Isso é um sim? — Um largo sorriso se forma no seu rosto.

— É, é sim... — fico de joelhos também e sorrio para ele — Eu aceito ser sua esposa.

Max segura meu rosto e me dá vários beijos rápidos, quase explodindo em fogos de artifício feito a *Katy Perry* em *Firewok*.

— Sonhei por muito tempo em te chamar de minha esposa — sussurra apoiando sua testa na minha.

— E eu vou amar te chamar de meu marido. — Dou mais um beijo nele. — Poderíamos casar escondidos e fingir que estamos morando juntos sem um casamento. Só para assustar minha mãe.

— Seria uma excelente ideia, se eu não gostasse de ser o genro favorito e não já tivesse dito que iria te pedir em casamento hoje.

— Puxa saco. — Reviro os olhos.

— Puxa saco não, esperto! — Corrige. — Conquistei a mãe e agora a filha.

Pior que ele está certo. Primeiro conquistou minha mãe, logo em seguida me conquistou e ainda conseguiu o que ela tanto procurou, um casamento para mim por amor. Vai surtar quando receber a notícia que eu disse sim.

— Nunca pensei que casaria com você. — Comento sendo tombada no tapete por ele.

— Pois eu sempre soube que seria minha esposa. — Deita por cima de mim. — E finalmente será.

— E não vejo a hora de me tornar sua esposa.

Abraço seu pescoço, o ambiente é escuro e para mim bastante romântico, mesmo que eu possa ver os aparelhos da cozinha que daqui uns dias eu estarei a frente, posso ver também o homem que me proporcionou tudo isso. O homem que amo e se tornará meu marido em breve. Sorrio fechando os olhos ao sentir os lábios de Max passeando pelo meu pescoço com seu corpo sobre o meu.

Minha história com Max pode não ter sido amor à primeira vista, ou coisas do acaso e do destino, muito menos coincidência, mas serei feliz. Porque se tem algo que aprendi durante esses meses é que minha felicidade só depende de mim.

FIM!



EPÍLOGO

EM UM MÊS E MEIO

Entro em casa na manhã seguinte ao meu pedido de casamento como se estivesse pisando nas nuvens. Se eu tivesse leveza estaria valsando... se pelo menos tivesse uma boa coordenação motora para isso.

Ninguém vai acreditar. Eu e Max casando! Nem eu acredito que aceitei, para falar a verdade. Só sei que daqui para o casamento vou roer muita unha para aguentar a ansiedade.

Jogo Sansão, meu urso, no sofá me perdendo em pensamentos. Max entrou tão profundamente na minha vida, adentrou o meu coração, minha pele e ficou de um jeito tão bom, tão acalentador, que jamais conseguirei — e nem quero — tirar.

Desejo ser dele com a mesma intensidade que ele deseja ser meu. Amo Max como nunca pensei amar um dia.

Sorrio lembrando dele vestido de Cebolinha, até para pedir em casamento Max é idiota. Meu idiota gostoso!

Volto a realidade ao ouvir vozes na cozinha então resolvo fazer algo que queria desde que aceitei o pedido: gritar. Grito. Muito. Rodando na sala de braços abertos com um sorriso enorme no rosto, me sinto uma adolescente retardada, mas uma retardada feliz.

— O que está acontecendo? Ficou louca Belly? — Mamãe aparece assustada na sala de touca e alguma coisa de cor escura embaixo dos olhos, provavelmente, produto para orelheiras o que significa que ela tem encontro hoje.

— Mainha, adivinha quem vai casar? — Pego na mão dela fazendo com que gire comigo.

— Alguma celebridade famosa?

— Quase isso — sorrio misteriosa.

— Não me diga que...

— Isso mesmo. *Euzinha*, a futura maior chef do Brasil, vou casar.

— Mentira! — Mamãe grita, como se não já soubesse e eu também, Telly já entra no cômodo gritando e pulando sem nem saber o motivo.

Estamos parecendo um monte de crianças que acabaram de ganhar o bilhete premiado para a fantástica fábrica de chocolate.

— Por que estamos gritando e girando? — Telly indaga depois de um

tempo, jogando uma almofada em mim.

Já estou ofegante e, não sei elas, mas até estou suando.

— Belly vai casar.

— Com o Max?

— Não, com o Batman — ironizo revirando os olhos. — Óbvio que é com Max, né *leza* — zombo batendo com a mão fechada na minha própria testa.

Telly grita novamente tentando pular em cima de mim, mas me afasto para mostrar o meu anel de noivado fazendo cara de esnobe. Observo o queixo delas caírem e suas bocas formarem um O. É, eu sei o que elas estão pensando, a pedra do anel é imensa, além de ser muito lindo e caro. Meu futuro marido tem bom gosto e não economiza para me agradar.

— Uau! — Telly grita, saindo do estupor. — Se vender esse anel dá para comprar um prédio inteiro — exagera pegando minha mão para olhar o anel mais de perto. — Chamem a NASA, avise ao Guinness Book. A muralha da China não é mais o único monumento que podemos ver do espaço. Olha o tamanho dessa pedra!

— Simplesmente magnífica! — Mamãe também segura minha mão analisando o objeto. Lembro que antes do fundo do poço, ela tinha várias joias caríssimas, que foi obrigada a se desfazer por preço de banana.

— Tenho até medo de sair na rua, esse anel é um convite para sequestro relâmpago.

— Não se preocupe, duvido que alguém acredite ser valioso, você anda muito... — ela me olha de cima a baixo antes de completar — discreta. — Com discreta ela quis dizer, pior que cachorro de mendigo.

Lembrete para mim: fazer uma consultoria de moda urgente.

— Depois me ajudem, tenho que mandar fazer uma aliança de noivado para Max. Quero uma enorme e bem brilhante para ser vista até de olhos fechados da lua.

— Se for para espantar vagabunda, saiba que elas adoram um homem de aliança — minha irmã comenta.

— Não é para vagabunda, é para ele lembrar que tem mulher. — Jogo-me no sofá. — E que a carne é fraca, mas minha mão na *fuça* é bem forte.

Elas riem se divertindo.

— Isso aí, leve seu homem na rédea curta.

Balanço a cabeça sorrindo. Confio no meu taco, mas se ele quiser me sacanear vá em frente, só que solteiro.

— Nem acredito que você vai casar. — Mamãe senta no sofá ao meu lado.

— É um milagre! — minha irmã exclama se joga em cima da gente.

— Depois de anos tentando conseguir casar Belly, só pode ser isso mesmo. — *Elas sabem que estou aqui?* — Vou até volta para a Igreja. — Como se ela já tivesse frequentado alguma vez na vida.

— Pois é mãe, milagres acontecem — resolvo entrar na brincadeira —, estarei oficialmente fora das pistas... Só lamento pelos gatos que seriam minha companhia para o resto da vida se eu virasse uma velha solteirona.

— Sei bem de que gatos você está falando — Telly diz maliciosa piscando para mim.

— Pior que ela deve está falando de felinos mesmo — mamãe corta acabando com minha moral.

Falando assim parece até que eu não pegava ninguém.

— Eu tinha casos.

— Não tinha não, você nem saía de casa.

— Podemos volta ao assunto do meu casamento? — Vejo um largo sorriso se forma no rosto da minha mãe. — Pelo menos uma filha a senhora conseguiu desencalhar.

— Que venha a próxima.

Telly engasga ou finge beliscando discretamente minha perna.

— Não incita meu pesadelo — murmura.

— Só lamento por você, irmãzinha! — provoco. — Prepare o coração do Thomas.

— E quem disse que ele será o marido da Telly? — Mamãe interrompe.

— Não? — Telly grita quase caindo no chão. — Como assim mãe?

— Ué, não sabia que queria casar com ele. — Mamãe ergue a sobrancelha em desafio. — Se quiser fique à vontade. Já mato dois coelhos com uma cajadada só.

— Não, não quero casar com ninguém — minha irmã nega rápido em alerta.

— Ainda bem porque não gosto do Thomas — declara.

— Novidade. — Telly revira os olhos.

— Bom meninas, o papo está ótimo, mas vou para a lanchonete agora,

a noite tenho um encontro. — Pisca para gente. — Belly, me cobre a tarde se não for para o restaurante cuidar da inauguração? — Assinto. — Telly, você tem prova na faculdade no último horário. E lembre-se de ver aquele intercâmbio que tanto quer. — Minha irmã também responde com aceno afirmativo de cabeça. — Tem café e almoço prontos no fogão. — Tira a touca, jogando os cabelos loiros, caminhando para a porta.

É muita maldade deixar ela sair com o produto na cara?

— É bom ter uma carcereira, às vezes — minha irmã brinca.

— Ter marido também é. Não vejo a hora de ter o meu — falo só para provocá-la. — Se bem que só eu estou noiva aqui, você não sabe como é.

— Para quem nem queria casar *tá* empolgada hein Belly, talvez seja bom ter um bebê logo.

Fuzilo Telly com os olhos quando vejo a nossa mãe parar e fazer aquela cara de que "ótima ideia" ou de "estou tendo uma ideia". O que é bem pior.

Essa minha irmã não sabe brincar.

— Um neto seria maravilhoso, quem sabe na lua de mel...

— Tudo ao seu tempo mãe. Tudo ao seu tempo. — Esquivo levantando do sofá. — Ah! Só mais uma coisa. Meu casamento é em um mês e meio.

— O quê? — elas gritam juntas e eu corro para o quarto rindo. Vamos ficar loucas até lá.

Que comece o corre-corre para o grande dia.

Os preparativos para o meu casamento estão a todo vapor. Minha mãe não me dá trégua nem dormindo. É detalhes da decoração, Buffett, convites, festa, Igreja, papéis... Ah, socorro! Estou ficando louca e olha que mamãe e Telly é que estão à frente de quase tudo, já que estou cuidando da grande inauguração do restaurante. E confesso, isso está sendo a coisa mais incrível do mundo mesmo que seja só alguns detalhes e toques finais, pois ainda falta umas burocracias antes de abrir oficialmente o restaurante. Estou amando. Por mim já estava funcionando a muito tempo, não vejo a hora de ver meu bebê crescer.

Sou eu quem está contratando os funcionários, principalmente um chef para ficar à frente da equipe. Estive muito tempo fora do ramo gastronômico, não me sinto segura para gerir uma cozinha, atender a vários pedidos lidando com imprevistos do ofício. Preciso praticar novas receitas, aprimorar técnicas e

aprender muita coisa. Procurar ser o mais atual possível. Embora seja irônico, ser funcionária no meu próprio restaurante não me incomoda, logo tomarei minha posição.

Outra coisa que está me deixando eufórica é que o restaurante mal abriu e já é um sucesso. O escândalo com Sr. Castelli e meu casamento com Max foi como uma alavanca para isso. Vários meios divulgaram meu restaurante como a volta por cima da ex-faxineira humilhada pelo magnata Castelli que em um golpe do destino, dá a volta por cima e está prestes a abrir um restaurante familiar, além de casar em breve com um dos herdeiros do império Castelli.

Óbvio que os advogados do Sr. Castelli entraram em contato exigindo que ele não fosse mencionado por nenhum de nós — como se fizéssemos questão — em lugar nenhum ou abriria um processo milionário por uso inapropriado da sua imagem e isso piorou a relação de Max com o pai. E temo ser de uma forma irreversível.

Perdi meu pai antes mesmo dele falecer, sei como é não ter uma relação paterna, às vezes sinto que não me esforcei para ter essa relação e não queria que Max perdesse o seu pai também. Mesmo sendo um canalha com o qual não tenho a menor intenção de estreitar relações, é o pai do homem que amo e ninguém é completamente feliz brigado com a família, portanto, se depender de mim eles se entendem o mais rápido possível.

Balaço a cabeça tentando focar na tela do notebook a minha frente. Preciso terminar esse curso, mas sempre há algo para atrapalhar. E agora com a correria do casamento e da inauguração, mal sobra tempo para isso nem para ver meu noivo, o que é preocupante. Tenho medo de nos casar para viver sozinha.

— Belly! — ouço mamãe gritar. — Temos que procurar um vestido para você ainda hoje — reviro os olhos fechando o notebook. — Falta um mês para o casamento e nada do vestido de noiva. Vai entrar de avental ou de Tarzan na Igreja?

— São 7 horas da madrugada mãe, dá um tempo — resmungo. — Dormi depois das 4 horas da manhã, estou cansada — grito fingindo que ainda não levantei.

A verdade é que nem dormi. Ontem tive que ver com Telly coisas da decoração para a Igreja, foi-se uma manhã inteira só com isso, aí fui para a lanchonete enquanto mamãe via com Telly detalhes da festa... foi-se o resto do meu dia. Quando me preparava para ir dormir com Max, Ricky liga pedindo para buscá-lo em uma festa porque tinha bebido e não lembrava como se ligava o carro, que aliás não faço a mínima ideia de que carro ele se referia, já que o dele

estava comigo. Sabe o pior, provavelmente nem foi bebida alcoólica. Ricky fica bêbado só com o cheiro de álcool e luzes de boate. De qualquer forma, a madrugada foi entrando, Max acabou dormindo e eu fui fazer a playlist da festa. Quando vi já era manhã, peguei o notebook e resolvi terminar o curso.

— Não existe 7 horas da madrugada. Levanta que hoje você não trabalha. Aliás, esse mês, precisa agilizar seu casario.

— *Tá, tá* — concordo mesmo contrariada.

— E se depila direito.

— Mãe, como sabe da minha depilação? — indago, mas penso melhor e completo: — Não responde, não quero saber.

Ela coloca a cabeça na porta com olhar furioso. Levanto da cama porque não estou com saco para brigas e sigo para escovar os dentes e trocar de roupa. Disposição nesse momento para tomar banho nunca nem vi.

Como se fosse pouco ter que sair da minha cama, tivemos que ir andando até o centro da cidade, que não é perto e Telly resolveu se juntar a nós, ou seja, mais críticas. O dia será longo.

Assim que chegamos na primeira loja, mamãe comprou uma briga com a vendedora, só Jesus sabe porque e fomos convidadas a nos retirar. Saímos direto para outra rezando para não ter encrenca. E assim começou minha peregrinação por um vestido de noiva.

As primeiras três lojas que entramos nada me agradou. Os vestidos eram velhos, feios e só alugavam. Eu quero comprar um para poder guardar depois. Apenas na quarta loja que eu encontrei um vestido maravilhoso, muito minha cara. Só tem um probleminha, tenho quase certeza que ele não dá em mim, mas é lindo.

— Adorei esse! — grito encantada. Era tomara que caia, rendado, sem calda e com mangas 3/4. Lindo. — Quero experimentar.

— Esse também não dar em você senhorita. Não temos roupas para o seu tamanho. — A vendedora anuncia com voz de tédio. — Mas temos excelentes vestidos de madrinhas que creio darem nas suas irmãs.

— Ah, imagina, não precisa puxar meu saco, só queremos vestido para ela — mamãe debocha. Ela fica irada quando sente que estou sendo depreciada por alguém... que não seja ela. — Sou mãe delas, pois é, uma delas vai fazer 28 anos e sim, continuo jovem e gostosa.

Mamãe só tem filha de quase 28 anos quando é para se alto promover.

— Sério? Nem parece que é sua filha.

É que além de gorda tenho cara de idosa, penso irônica.

— Primeiro, você não sabe meu tamanho — arrebatou o vestido do cabide. — Segundo, não pedi sua opinião, então cumpra sua função que é apenas me atender — completo em tom firme, espero ela retrucar, mas como isso não acontece, viro para minha mãe e irmã. — Vou experimentar. Me ajudem.

Entramos na cabine do provador que por sorte é espaçosa o suficiente para nós três.

— Devia ter chamado mais gente para ajudar — Telly reclama e eu nem comecei a colocar o vestido. — Esse vestido não vai entrar em você.

Ignoro seu comentário e começo a vestir.

— Belly, não dá em você — mamãe enfatiza.

— Dá sim — teimo — e se eu encolher a barriga? — prendo a respiração.

— Ajudaria se pelo menos ele passasse por sua panturrilha.

— Esse vestido não dá nem na Letty que pesa tanto quando uma latinha vazia e é mais fina que um louva-Deus — Telly resmunga tentando subir o vestido.

— Mas gostei tanto — digo olhando o vestido preso abaixo do meu joelho. Realmente não dá em mim, mas não consigo me dar por vencida — Talvez se...

— A gente cortar metade das suas pernas? É realmente, talvez assim, entre.

Como assim talvez? Exagerada. Nem estou tão fora de forma como ela prega. Para ser fitness só falta fazer academia.

— Está subindo!

— Só se for minha pressão de tanto fazer força para isso entrar. Tô até vendo pontinhos brancos.

Dramática essa minha mãe!

— Não, não está subindo e nem vai. É como colocar a roupa de um grilo em um elefante. Você sente a diferença. — Irmã! É tão bom ter por perto. Sempre levantando nossa autoestima.

— Virei elefante agora.

— Eu não disse isso, só fiz uma ilustração. Sem drama que comigo, não funciona — brada puxando o vestido para sair de mim.

— Telly, demonstra que esse vestido não entra em ninguém.

— Por que eu?

— Porque eu estou de calça jeans apertada.

Minha irmã revira os olhos e retira o *maquito* que está vestindo ficando apenas com uma calcinha que revela mais do que eu gostaria de ver.

— Isso na sua coisinha... é um bigode?

Coisinha?

— Mãe! — Telly grita se cobrindo. — Fala mais alto, a loja toda não ouviu ainda. — Debocha tentando vestir o vestido, mas também não dá nela. Ainda bem.

— Só tem a gente aqui e a atendente nojenta lá fora. Aliás, está explicado porque esse lugar está vazio. Só tem vestido para modelos que nunca irão comparar aqui e o atendimento é tão ruim quanto os tecidos dos vestidos.

— Mãe, fala baixo.

— Eu não, quero mais que escute mesmo, atualmente não estou fingindo nem orgasmo imagine outras coisas.

— Nos poupe! — Telly e eu pedimos juntas.

— Vamos embora daqui — Telly continua. — Mamãe, faz seu vestido como você quiser. Não somos obrigadas a aceitar esse tipo de atendimento.

— Isso, podemos comprar um e eu customizo como você quiser, uma vez que não dá tempo de fazer do zero.

— Obrigada mãe — agradeço vestindo minha roupa. — Quero lacrar no meu casamento, depois do escândalo com meu sogro tenho certeza que vai ter repórter lá. Por isso tenho que estar maravilhosa.

— Eles nem sabem metade da sua história e já te acham exemplo de superação. Deveria dar uma entrevista contando sua trajetória para eles — ela comenta saindo do provador.

— Deus me livre! Posso até dar uma falando do meu trabalho, mas vida pessoal jamais. E não tente nada mãe, já basta ter explanado para a mídia o áudio da minha conversa com o senhor Castelli. Não quero estar novamente no olho do furacão. — Entrego o vestido para a vendedora que parece interessada na nossa conversa.

— Faria pior se você não fosse tão boazinha. Ninguém vai ameaçar minhas filhas e sair ileso. — Ela suspira antes de completar: — E se eu tivesse achado o desgraçado que...

— Mãe, por favor, não vamos falar disso. — Aperto sua mão em uma mensagem silenciosa. Isso será um fantasma na minha vida para sempre.

Max também tentou achar o tal comerciante, mas eu só sei o apelido e descobrimos que ele meio que sumiu feito fumaça. Ninguém sabe, ninguém viu. Provavelmente tem dedo do Sr. Castelli nisso. Era parte do acordo e ele não nega ter feito algo.

— Como quiser... Só que...

— É difícil fingir que não aconteceu — completo.

— Exatamente — concorda enquanto caminhamos pela rua observando as vitrines. — Vamos deixar para lá, foco no seu casamento.

— Isso, falando em casamento, será que vocês podem cuidar da decoração e da festa sem minha opinião de hoje em diante? Não entendo nada disso e eu vou ficar responsável apenas pelo Buffett, será o primeiro serviço do meu restaurante — informo e elas parecem ter gostado da ideia. — Preciso agilizar isso e ficar mais com meu noivo.

— Precisa mesmo. Até agora a única coisa que fez foi dar uma aliança para Max e os convites.

— Duas coisas que servem como anúncio de casamento em breve — respondo simplesmente.

Elas riem revirando os olhos.

— E a despedida de solteiro? Max está organizando a dele.

O quê?

— Max não vai ter despedida de solteiro! — grito. — Por que ele não me avisou nada?

— Estou brincando. Ele comentou se íamos fazer, pois pretende fazer uma.

— Não íamos, pois achei que ele não ia fazer, mas agora vamos — digo tendo uma ideia — e o melhor, junto com a dele.

— É uma excelente ideia. Até porque você não tem muitos amigos. Ia ser difícil fazer com três pessoas.

Pego a ponta de um dos vestidos que está na manequim.

— Tenho muitos amigos, sim — retruco. — Avisa a Max da despedida e avisa Ricky para irem escolher ternos juntos, se ainda não fizeram.

Esse vai ser o casamento mais desorganizado do ano.

— Sim chefe. Vou ver com eles e pegar também suas preferências de comida e principalmente bebida.

— Sem muita bebida alcoólica, preciso do meu marido sóbrio.

— Anotado! — bate continência. — Está feliz com o casamento, mana?

Não respondo, pois fiquei cativa por um vestido bem mais bonito do que o outro. Estilo espartilho que vai abrindo em camada, um pequeno decote V com transparência e as mangas são de rendas. Já posso ver as mudanças que mamãe irá fazer para ficar perfeito. E já consigo imaginar entrando na Igreja com esse vestido e um lindo buquê de rosas vermelhas. Vai ser esse meu vestido de casamento. Mamãe e Telly parecem aprovar também.

— Estou muito feliz. Já nem alimentava esperança de que isso aconteceria. — Entro na loja para analisar melhor o vestido. — Achei que ficaria para tia.

— Deixa esse trabalho para mim. Vou adorar ficar com seus filhos. Aí, quando eles começaram as traquinagens, mando embora.

— Esperta. — Ela sorri. — Lembra que Anna, Bruno, Thomas e você são meus padrinhos de casamento.

Sim, Bruno o taxista. Acabamos virando amigos e ele com seu jeito safado continua flertando comigo. Levo na brincadeira mesmo sabendo que Max vai enfartar quando conhecê-lo. Ciumento como é, até hoje, apesar de ser amigo de Thomas, tem os dois pés atrás com ele.

— Quem são os de Max?

— Mariana Sales, a ex-secretária dele, a madrinha, um tal de Vítor e o outro nem lembro o nome, mas também trabalha com ele.

— Certo, depois vejo na lista de convidados, lá tem também suas preferências? — Afirmo com um aceno de cabeça. — Ótimo.

— Vamos meninas. Já peguei o vestido. Vamos ao buquê, sandália, acessórios, sua segunda roupa e claro, a lingerie. — Sorri safada. — Depois cuidamos da roupa das madrinhas.

— Não, é melhor eu experimentar o vestido.

— Não, sei que dá em você, caso não dê, você fará dar.

Regime não!

— OK! Posso transar depois ou tem mais alguma coisa? — Pego a caixa do meu vestido e a atendente está com um sorriso sem graça. É, parece que ela escutou isso.

Mamãe revira os olhos e Telly acerta um tapa na minha bunda, me empurrando para fora.

Os dias pareciam mais apressados para me casar que minha própria mãe. Uma semana parecia um segundo e o mês que restava passou em um dia. Quando percebi, só faltava um dia e meio para meu casamento.

— Belly, não esquece da despedida de solteiro hoje, na casa do Max. Vocês resolveram fazer juntos quebrando uma tradição.

— Óbvio, não vou deixar eles fazerem com alguma *striper* saindo do bolo. Do jeito que os amigos do Max são, tenha medo.

— E como anda sua dieta?

Ela nem anda, ela desfila no corpo da Gisele Bündchen ou corre no do Usain Bolt, porque eu nem levantamento pélvicos, que é meu único esporte, estou praticando ultimamente.

— Vai indo — *por água a baixo*.

Estou chorando para entrar no meu vestido de noiva sem parecer um botijão de gás ou um galão de água. É difícil ter uma mãe que põe roupas nos objetos domésticos, parece que estão sempre competindo comigo.

Eu precisava perder cinco quilos, mas com toda a ansiedade ganhei três. Jesus teve pena de mim e consegui perder seis. É o máximo que consigo sem ir parar no hospital.

Eu ainda não me sentia noiva. Não sabia como seria morar definitivamente com Max. Ser esposa dele. Pensar em filhos. Ficar longe da minha família. Tudo isso me assusta muito.

—... e acertar os últimos detalhes.

Ops! Nem percebi que viajei e não prestei atenção no que mamãe dizia.

— Para! — quase grito. — Vou correr um pouco. Não aguento mais ouvir falar em casamento.

— Se arrependeu de ter aceitado?

— Não, claro que não, mas se dependesse de mim seria só eu e ele em Vegas e pronto.

— Max não iria querer isso e ele merece mais. Vocês merecem mais.

— Às vezes parece que gosta mais dele que de mim — comento ciumenta e ela apenas esboça um sorriso. Oxe, nem para negar. Que mãe essa minha! — Não vou fazer isso, não agora que já tenho tantas prestações para pagar.

Mamãe abaixa os olhos, segura minha mão antes de me olhar novamente. Percebo que está emocionada.

— Pensei nesse momento quase minha vida toda. E agora que chegou... — Desliza a mão pelo meu cabelo. — Estou insegura de deixa você partir.

— Essa é nova, vive me expulsando — brinco, mas também estou emocionada. Abraço mamãe bem apertado. No fundo sinto o mesmo.

— Pois é — limpa as lágrimas saindo do meu abraço —, mas... você sempre foi nosso pilar e suporte. Fez o provável e o improvável por essa família... — ri de alguma piada interior. — É difícil soltar a cria. Agora você vai construir sua própria família e esquecer da gente.

— Eu não vou construir minha família, já tenho uma, irei apenas completá-la.

— Será uma mãe maravilhosa. — Ela passa a mão na minha barriga e eu me afasto com os olhos estreitados. Mamãe apenas sorrir. — Se precisar estamos aqui. Não hesite em voltar para casa.

— Eu sei. — Beijo sua testa. — Vou para o restaurante — aviso. — De lá irei direto para Max. Pode cuidar dos tira-gosto da festa?

— Já cuidei disso.

Diferente do combinado, eu continuava indo ao restaurante, a inauguração seria com minha festa de casamento. Resolvemos assim pelo número de convidado e o destaque que o casamento teria. Um ótimo marketing gratuito.

Com a certeza que tudo estará certo, saio então a caminho do restaurante. Estou uma pilha de nervos e ansiedade para o casamento, até terapia tive que fazer para conter meus tiques nervosos ou acabaria louca.

Assim que entro no restaurante meu celular apita. Mensagem de Telly.

"Belly, o Buffett vai ser aquele mesmo?"

Confirmo, até porque a essa altura não dá para mudar nada, principalmente o cardápio. Assim que respondo a mensagem da minha irmã chega outra.

"Amor, que horas vem para cá?"

Suspiro e penso seriamente em desligar o aparelho, mas resolvo responder meu noivo. Afinal, ele está tão nervoso quanto eu.

"Daqui a pouco. Estou no restaurante."

Observo a movimentação no ambiente. Estão limpando para começar a decorar, para não dar uma de patroa diva, decido ajudar. O tempo passa rápido e em um piscar de olhos já está na minha hora de ir. Sigo para o banheiro dos

funcionários apenas para tomar um banho rápido, já que ainda iria me arrumar devidamente para a festa.

Pego meu carro e vou para a casa de Max, que em breve será minha também.

Assim que entro percebo com alívio, que ninguém chegou ainda. Ótimo, dá para me arrumar tranquila.

— Mônica! — Max praticamente grita antes de me beijar demoradamente contra a porta. — Um dia. Menos de 48 horas... Estou quase cagado de ansiedade. — Ri colocando meu cabelo molhado atrás da orelha. — Te apavora?

— Um pouco, às vezes — tento me fazer de forte, Max ergue a sobrancelha. — Admito, estou, muito. Ao ponto da loucura. Quase cagada também.

— Fico feliz em saber que não é só eu. — Prende-me ainda mais contra a porta, cheirando meu pescoço. — Sinto sua falta.

Imagino, faz tempo que não namoramos direito. Três semanas que não fazemos amor. Um saco!

— Eu também, mas já está acabando.

— Ou começando, depende do ponto de vista. — Ele olha o relógio. — Temos uma hora e meia até seus irmãos chegarem.

— Rapidinha?

— Dá para mais que isso. — Desce a alça do meu vestido. — Vamos para o quarto. Quero fazer amor pela última vez com minha noiva, porque depois é apenas com minha esposa.

Mordo o lábio.

— Ah, não sei se devo, meu marido pode não gostar — brinco fazendo cara de inocente.

Espalmo as mãos no seu peito sentindo os músculos que conheço. Posso sentir até o calor de seu corpo sob a camisa branca.

— Juro que ele nem ficará sabendo — responde entrando na brincadeira. Seu corpo pressiona ainda mais o meu e posso sentir sua ereção sobressaindo na calça.

Meu corpo logo reage, abstinência dele é pior que abstinência de só sexo.

Max me levanta e abraço sua cintura com as pernas metendo minha mão dentro da sua camisa, retirando-a. Desço minha mão para sua virilha, por

dentro da calça. Ele ofega usando a parede como apoio. Mantenho minha mão ali aproveitando para morde seu ombro nu.

— Melhor no quarto... Alguém pode chegar — Max murmura afetado com minhas carícias. Ele está mais sensível ao meu toque.

— Tranquei a porta. Saberemos se alguém chegar.

Ele apenas sorri, gostando do mesmo que eu, o perigo de alguém chegar e nos flagrar. Isso me excita muito.

Max tira meu vestido me deixando quase nua e começa a mim beijar. Com as mãos apertando meu corpo, faço o mesmo com ele. Estou molhada pelo desejo e louca de vontade para tê-lo dentro de mim. Tira meu sutiã e tortura meus seios com a língua e os dentes me fazendo gritar de prazer. Também estou sensível a ele.

Está uma bom, está gostoso, mas não é porque gosto do perigo que vamos ficar aqui dando sopa para o azar. Resolvo apressar as coisas antes que alguém chegue.

Desço do seu colo fazendo um caminho de beijos por seu peito e barriga, aproveitando para unhar bastante. Sei que ele gosta. Abro o cinto puxando sua calça junto com a cueca e fico mais uma vez enfeitiçada com seu membro saltando rígido para fora da cueca. Prontinho para ser meu. Olho para ele e seus olhos estão escuros pelo desejo causando um reboliço no meu próprio corpo. Ignoro meu desejo de ser invadida por ele e saciar minha vontade. Seguro firme seu membro deixando beijos por toda extensão.

— Não temos tanto tempo — lembra quando começo o provocar apenas beijando ou massageando seu pau e parando.

Sorrio colocando meu brinquedo na boca, ele automaticamente segura meu cabelo querendo ditar o ritmo. Sei como ele gosta e como fazer ele gozar rápido e levando em consideração o tempo sem. Não tive muito trabalho em fazer ele chegar lá, bastou seguir um ritmo constante com o auxílio da minha mão e logo senti o jato quente de seu gozo. Sem desviar os olhos dos seus engulo tudo.

— Lembro que da primeira vez você não engoliu — comenta alisando meu cabelo.

— Eu não te conhecia o suficiente para isso... — sussurro levantando e beijando sua boca.

— Minha vez, mas vou pular a formalidade... — Ele é interrompido pela companhia. — Porra!

Merda!

Xingamos antes de começar a nos vestir desajeitamento, se eu não estivesse com medo de ser pega nua por sei lá quem estaria rindo da situação. Droga! Logo na minha vez tinha que chegar alguém.

— Dá para mais que isso — imito ele. — Está me devendo dois orgasmos — aviso, irritada.

— Por que dois?

Não respondo, simplesmente viro abrindo a porta. Ouço a risada de Max e um grunhido escapa da minha garganta. Que ódio!

Claro, ele gozou, se tivesse na vontade como eu estaria irritado também e não rindo.

— Que demora! — Ricky reclama entrando carregando duas bandejas em cada mão.

— Eles estavam transando, nitidamente, o vestido da Belly está até pelo avesso — a bocuda da Telly explana.

Olho para baixo e percebo que realmente está pelo avesso.

— Quem dera, só deu tempo para um boquete.

— Me poupe Belly, não preciso saber disso — Ricky interrompe a conversa indo pegar mais alguma coisa no carro.

— Vão para o quarto, eu termino tudo aqui — Telly pisca para gente. E nem penso sobre o assunto, só caminho puxando Max para o quarto. — Sejam rápidos! — ainda escuto Telly gritar se divertindo com a situação.

Assim que nossas "peripécias" da tarde acabaram, fomos para o banheiro tomar banho e nos preparar para nossa despedida de solteiro. Antes mesmo de entrar na sala, Telly e Ricky nos olharam com cara de quem sabe o que estávamos fazendo. Até porque eles sabem exatamente o que estávamos fazendo. Pisco para eles e vou receber os outros convidados.

Não demorou muito até todos os 20 convidados estarem aqui e mais alguns trazidos por eles. Muitos amigos de Max, outros de Telly, duas ex-patroas minhas, Bruno e as meninas que trabalham conosco na lanchonete e no restaurante também, até a madrinha de Max está presente. Só não vi ainda minha mãe.

Cumprimentei, apresentei, fui apresentada a algumas pessoas e claro, aproveito a deixa para apresentar Max a Bruno, que antes mesmo de eu dizer alguma coisa, olhou para meu amigo com a pior cara do mundo. Ciumento toda vida.

— Bruno, esse é meu noivo Maximiliano. Max esse é meu amigo Bruno. — Sorrio quando eles apertam as mãos com mais força que o necessário.

— Às vezes acho que em vez de um restaurante minha mulher tem uma agência de modelos.

— Bonita desse jeito, ela que poderia ser modelo.

Ai meu Deus!

— Realmente ela é muito bonita. — Max aperta minha mão. — Mais do que bonita, Belly é maravilhosa, por isso vou casar com ela. — Beija meu lábios e sinto sua mão na minha bunda. Opa!

— Controle-se — mando.

— Bruno, nos dá licença que vamos cumprimentar os outros convidados. — Puxo Max pelo braço. — Sem crises de ciúmes, por favor!

— Nem estou com ciúmes, aliás, nem fiquei surpreso que o taxista aspirante a cowboy seja galã de Hollywood.

— Todos meus amigos para você são galãs de Hollywood.

Ele retruca algo que não consigo decifrar, mas resolvo deixar para lá quando vejo uma ruiva, alta, extremamente branca que reconheceria em qualquer lugar do mundo. Brenda. Ex do Max. Viro achando que ele ainda está atrás de mim, mas não o vejo.

— Quem convidou aquela mulher? — pergunto para o meu irmão que está passando.

— Qual? A ruiva gostosa?

Olho para ele surpresa. Nunca vi meu irmão chamando uma mulher assim. Não faz o perfil dele, geralmente ele usa outras expressões.

— Sim a ruiva, ela é ex do Max...

— Olhando bem ela nem é gostosa. Como diria a Telly, tem cara de vadia feia quando fica velha. — Tenta consertar fazendo uma careta.

— Eu sei que ela é bonita, não precisa mentir. Não ligo para isso, sou eu quem faço Max gozar.

— Desnecessário eu ter que ouvir isso — retruca.

— Quero saber quem a convidou. — Ele dá de ombros. — Espero que não tenha sido meu noivo. — Nesse momento vejo Max do outro lado da sala e vou marchando até ele. Passo pela tal fazendo questão de esbarrar nela.

— O que essa mulher faz aqui? — pergunto entre dentes para Max, por mais baixo que eu tenha perguntado. Dois amigos com quem ele conversava

consegue escutar e riem.

— Não a convidei, se é isso que quer saber — defende-se bebendo cerveja. Se sabe de quem estou falando é porque já a viu.

— Vou colocar ela para fora — aviso, mas ele segura meu braço.

— Não vai, seria um escândalo desnecessário. Conheço Brenda, ela está aqui apenas para te provocar porque sabe que foi por você que desisti de casar, mas não vai tentar nada. Ignora e curte a nossa festa — pede abraçando minha cintura.

A ruiva nos olha levantando a taça de champanhe com um sorriso nos lábios. Que ódio! Tenho que lembrar de pedir para Telly cuspir na próxima taça dela.

— Se eu te pegar respirando perto dela... — seguro seu queixo — te mato!

— Não se preocupe. Ficarei grudado em você feito cachorro no cio — brinca e seus amigos voltam a rir. Max já é idiota sem álcool, com então...

— Não precisa grudar em mim, basta olhar para aliança...

— A aliança é mágica? — um dos seus amigos me interrompe.

— Sabia! Até fizemos a piada de que está todo o lanterna verde disfarçado de empresário — zomba um de seus amigos.

— Os dois patetas podem nos dar licença? — interrompo a brincadeira.

A aliança nem é tão grande assim.

— Toda.

— Como eu ia dizendo, basta olhar para a aliança e lembrar de tudo que irá perder — aviso. — John não vem, né?

Só o que me falta.

— Evidente que não. Já disse, minha amizade com ele não tem volta.

Pode ser egoísmo, mas fico aliviada em ouvir isso. John é alguém que não sou obrigada a suportar.

— Suas irmãs também não?

— Não, sabe que elas acham precipitado nosso casamento. — Ele coça o queixo.

— E para você tudo bem? — indago fazendo carinho no seu braço enquanto observo os convidados comendo, bebendo e dançando.

Nossa sala é bem espaçosa e retiramos os móveis para ficar ainda

melhor.

— Não é algo que está no meu poder, se minha família resolveu me dar as costas... — dá de ombros. — Mas não vou desistir da minha felicidade apenas para os agradar. — Beija o topo da minha cabeça.

— E se... — fecho os olhos.

— Eu não trabalho com "e se" e sim com certezas. Eu estou feliz aqui com a mulher que amo nos braços, com as pessoas que me apoiam, há um dia do meu casamento.

Ele sorri para mim, me dando um beijo de esquimó.

— Casal, deixem o namoro para depois, agora vamos aos jogos — minha irmã grita animada, mas antes de eu responder, a tal ex-noiva nos aborda.

— Oi Isabelly.

— Belly, apenas Belly, é o meu nome.

— Sério? É um nome bastante peculiar. Parece apelido. É estranho e íntimo.

— Sabe que Max me disse o mesmo antes de contar que te deixou plantada no altar por mim? — provoco sentindo ele beliscar meu braço.

— Cuidado para não acontecer o mesmo com você.

— Não se preocupe com isso, não vai acontecer.

Ela sorri.

— Max é um homem maravilhoso — comenta me fazendo revirar os olhos —, mas não precisa me atacar, sou casada, muito bem casada, tenho um filho lindo... Não estou aqui para tumultuar sua festa ou sua relação, queria apenas ver.

— Que bom! Seria uma pena sua carreira de modelo acabar de forma trágica.

— Isso é uma ameaça? — Ela sorri.

Deve ter algum problema dentário ou tenho cara de palhaça para ela sorrir tanto. Vontade de manchar esses dentes braços com sangue.

— Não! É apenas uma premonição.

— Entendo... porque Max é tão apaixonado por você.

Ela bebe o resto da taça, entrega para Max, logo em seguida dá um beijo nele, quase na boca e caminha em direção a saída.

— Essa mulher é louca para morrer — comento.

— Não seja assim, Brenda é uma boa pessoa, não a mate. — Ele puxa

meu braço. — Vamos aos jogos — grita e todos gritam de volta animados.

— Regra do primeiro jogo — Telly quem conduz a brincadeira —, vocês devem sentar um de costas para o outro e vendados responderão as perguntas do jogo. A primeira pergunta é a seguinte "algo do noivo ou da noiva que te incomoda muito". Não vale responder igual, nem mudar ou contestar as respostas do outro.

Ai, já vi que esse jogo não vai ser fácil.

Todos formam um círculo a nossa volta enquanto fazemos os exigidos nas regras. Rio em perceber que a venda mais uma vez faz parte da minha vida.

— Não sei algo nele que me incomode muito.

— Oxe, espera casar que vai ser difícil é achar algo que te agrade — quem grita isso é a madrinha dele. Reconheço a voz pelo sotaque forte que ela tem.

— Como assim? — indago divertida.

— Sem conversas paralelas — Telly corta. — Max, responda à pergunta.

— Não gosto quando minha noiva rói as unhas. Me incomoda muito.

— Agora diga algo sobre o noivo ou a noiva que ninguém sabe, exceto você.

Perigosa essa pergunta.

— Belly conversa com a barriga quando acha que ninguém está vendo — o filho da mãe expõe e escuto a gargalhada geral.

Ei! Isso é mentira. Foi só uma vez e realmente achei que ninguém estava vendo.

— Max já usou short curto e uma bermuda feminina — devolvo.

Escuto mais gargalhadas e gritos de seus amigos zoando ele. Alguns gritavam "Maximiliana"

— Isso é mentira!

Talvez sim, talvez não, mas quem pode provar.

— Não pode contestar Max — Telly alerta, mas também está rindo. — Próxima pergunta: Meu noivo ou noiva tem cara de... Mas...

— Minha noiva tem cara de fogosa, mas só aguenta uma.

Ouçó a galera explodir em gritos e assovios. Que droga. Isso não é verdade. Vou matar Max!

— Meu noivo tem cara de bem-dotado, mas tem pinto de recém-

nascido — minto, e a algazarra é geral.

Todo mundo viu que foi ele que começou com as provocações, então não pode me matar depois.

— Só acredito vendo! — essa parece a voz da minha mãe, mas espero que não seja.

— Belly está querendo fica solteira! — Max diz me beliscando.

— Max, próxima interrupção e você irá pagar um mico — Telly ameaça e sei que está adorando tudo isso. — Atenção para a pergunta: meu parceiro ou parceira é...

— Mentirosa.

— Idiota.

— Digam algo que marca a relação de vocês.

— Armações.

— Belly vendada!

Ouçoo um coro de "Hummm" maliciosos e mando beijos para o nada.

— Agora diz algo o que ama no seu parceiro ou parceira.

— Eu amo tudo nela, minha gordinha fogosa gostosa.

Chupa Brenda!

— Eu amo tudo nele, meu negão idiota gostoso.

Retiro a venda, levanto da cadeira e beijo ele com uma salva de gritos e palmas. Gostei dessa grande família. Dessa bagunça. Acho que é disso que mamãe falava quando dizia que eu precisava de amigos.

Olho para todos sorrindo, ainda abraçada com Max. Escuto o relógio dele anunciar meia noite como um lembrete de que falta só mais 24 horas para o nosso casamento.

— Solta o som, que eu vou casar amanhã — grito mais feliz que pinto no lixo.



EPÍLOGO

PARTE 2

Quando acordei hoje pela manhã me sentia como um buraco negro fazendo tudo ao redor prisioneiro. Só eu estava sugando todas as sensações e as transformando em emoções extremas.

Uma *mistureba* louca e intensa de ansiedade, felicidade, frio na barriga, nervosismo, alegria, ânsia de vômito e tiques nervosos que eu lutava para controlar. Max que não me ouça, mas acabei roendo todas as unhas: as minhas e até as postiças que foram super caras. Eu avisei para não gastar dinheiro com algo que nasce naturalmente de graça e eu acabo roendo, mas ninguém me escutou. Saudades de quando apenas comia quando ficava ao ponto de uma crise nervosa.

Enfim, boa parte da minha desordem física, mental e psicológica estão diretamente ligadas a três fatos, além da minha genética propícia a isso.

Primeiro: eu nunca fui o centro das atenções de *nadica* de nada até hoje. Nem festa de aniversários eu tive, geralmente mamãe fazia um bolo e cantava parabéns só com a gente da família, dava presente e pronto.

Segundo: Não tenho mais controle sobre minha própria vida, se é que já tive alguma vez... Embora eu adore as voltas que a vida dá, confesso que ter uma rotina me ajudava a ficar mais calma. Ter tudo no lugar, cronometrado e previsível me deixa confiante e desde que Max apareceu tudo está fora do eixo. Não que eu esteja reclamando de tê-lo em minha vida, mas é que, na mesma intensidade que adoro essa bagunça, ela me apavora.

E o terceiro e mais importante: Minha mente não para de criar teorias acerca da cerimônia de casamento.

Teorias esdrúxulas do tipo, algum ex-namorado entrando na hora do sim cantando Pablo. Aparecer uma mulher na porta da Igreja dizendo estar grávida do Max. Senhor Castelli surgindo bem naquela parte que o padre pergunta "se alguém aqui tem algo contra esse matrimônio, fale agora ou se cale para sempre", me chamando de golpista. Max dizendo não e fugindo para o Caribe. Eu caindo estendida no chão com a bunda de fora depois de tropeçar no meu vestido de noiva rasgando-o. Alguém desmaiando. Uma grávida dando à luz no meio da Igreja. A polícia interrompendo a cerimônia para prender alguém. Alienígenas abduzindo a Igreja. Mamãe fazendo strip-teaser no meio da cerimônia. Entre outras milhões dessas cenas clichês de filmes e novelas que assisti ao longo da vida e agora estão me assombrando no dia do meu casamento.

Como um lembrete constante de que tudo pode acontecer.

Minha mente fervilhava e trabalhava mais que a escrava Isaura ao ponto de em vez de me fazer comer como uma condenada, que é minha reação normal, eu não conseguia nem olhar para comida sem sentir um embrulho no estômago.

O lado bom é que, se precisava de dois quilos para o vestido ficar perfeito em mim, perdi no intervalo de ontem para hoje.

Eu queria ter tomado um daqueles chás fortes de capim pra melhorar ao menos o enjoo, mas mamãe não deixou alegando que nenhum me faria bem.

Só consegui me acalmar agora a tarde, há poucas horas do casamento, depois de um longo banho de banheira com direito a Ricky fazendo massagens — divina — nos meus pés, costa e ombros por quase uma hora. Pois é, esse nasceu para casar e só mamãe não vê isso.

Depois de todo esse mimo, meu corpo deu trégua e consegui controlar a ansiedade e começar a finalmente me arrumar. Faltam duas horas para o casamento, estou quase pronta. Telly contratou uma amiga maquiadora e cabeleireira pra me arrumar, que aliás, acabou de sair daqui.

Estou vivendo meu dia de princesa.

Em frente ao grande espelho do quarto de hóspede da minha casa com Max, vestindo um roupão, mamãe faz os últimos retoques na barra do meu vestido de noiva.

Preferi me arrumar aqui pois tem mais espaço e o quarto principal arrumei para a noite de núpcias. Por causa do restaurante, preferimos adiar a viagem de lua de mel.

— Preciso ir ao banheiro!

— Belly, assim não dá para te arrumar — mamãe reclama. — Daqui a pouco entra mijada na igreja.

— Credo, mãe!

— É a milésima vez que pede para ir ao banheiro. Nem consigo acertar seu vestido. — Vejo pelo espelho ela passar a mão no rosto em um gesto cansado. — Fica tranquila, é só uma cerimônia.

— Não é só uma cerimônia. É meu casamento com o amor da minha vida e a inauguração do nosso restaurante. Minha vida vai mudar muito daqui para frente. — Sinto um puxão na cabeça. — Ai, Telly! Está ajeitando meu véu não matando um frango, cuidado.

Minha irmã está em cima de uma cadeira só de roupão prendendo

direito meu véu que ameaçava cair.

— Você que não fica quieta, vai suar, borrar a *make*, amassar ou lascar o vestido e vou deixar ir como estiver. É a terceira vez que ajeito esse véu — Telly devolve irritada.

Fico calada o mal humor dela tem nome, sobrenome, olhos verdes e doutorado, nada a ver com minha inquietação. Ótimo! Estou com fome, minha cabeça está para explodir, meus padrinhos estão brigados. O que mais pode dar errado?

— Aí mãe — grito quando sou espetada pela agulha, não sei o que ela tanto costura.

— Belly, nem estou tocando em você.

— Tá apertado isso.

— Óbvio, você engordou.

— Perdi seis quilos.

— E quantos achou?

Aff, parece que não perdi os dois quilos que faltavam!

— Só termina o que está fazendo. Não aguento mais tanta mulher me apertando, me pegando... — elas riem.

— Já, já teu negão te pega — Telly diz maliciosa.

— Fica calma, estou só brincando. — Passa a mão pelo vestido terminando a tarefa. Posso ver pelo espelho ela me admirando de cima a baixo. — Está ótima, depois de mim, você é a noiva mais linda do mundo.

— Que honra está no seu patamar — debocho. Realmente, estou linda. Sinto-me linda.

— Eu disse, depois de mim.

Balanço a cabeça sorrindo, relaxando um pouco a tensão, ainda em frente ao espelho admiro meu reflexo. O vestido estilo sereia abraça minhas curvas me deixando sexy. Tem um decote V com uma pequena alça de renda apenas de enfeite, deixando meus ombros de fora. Além da alça, mamãe colocou alguns enfeites de pérola, mais uma camada de saias e a calda do vestido. Meu cabelo está ondulado e meio preso pelo véu. Jogo umas mechas para frente cobrindo os ombros.

— Estou apavorada mãe — sussurro — e enjoada... Poderia fazer um chá para mim agora?

— Sim, farei seu chá — ela agacha pegando algo embaixo da cama —, mas só depois que você fizer isso. — Entrega-me uma caixa embrulhada com

papel de presente azul e um laço médio vermelho. — Comprei enquanto você estava no banho. Abre.

Faço o que ela pede revirando os olhos e tenho uma crise de risos quando vejo o que tem dentro. Três testes de gravidez e uma chupeta misturados em papéis decorativos.

— Não estou grávida mãe, só estou nervosa.

— Faça o teste. Só para ter certeza disso, você nunca vomitou de nervoso.

— É porque nunca fiquei tão nervosa. — Jogo o teste em cima da cama. — Não estou grávida — completo calma, mas por dentro estou... Em surto.

Senhor meu Deus do céu, Pai de Cristo, qual foi a última vez que menstruei? Se a resposta não for "esse mês", nem responde. Senhor! Diz que pelo mesmo eu tomei anticoncepcional todos os dias.

Droga! Nunca esqueci essa merda quando não tinha uma vida sexual ativa e fui inventar logo quando estou dando pra caralho... Apesar de não poder afirmar que realmente esqueci. Que beleza! Mamãe conseguiu me deixar ainda mais nervosa.

— Se tem certeza que não está grávida... — Pega outra caixa embaixo da cama, com minha sandália inteiramente vermelha, com exceção do salto que é dourado. Mamãe ainda customizou com rendas e ficou único como meu vestido, mesmo que não dê pra ver já que o vestido encobre toda a sandália.

— Mãe, não me deixa mais nervosa, por favor. — Sento na cama com cuidado.

— Desculpa — pede me ajudando a calçar a sandália. — Sabemos que está nervosa, mas relaxa, está tudo maravilhoso. Seu marido é maravilhoso.

— Eu sei...

— Belly, vai se sair bem. Seja a mulher segura que você é. — Telly segura meus ombros me sacudindo.

— Exatamente! Você vai apenas morar oficialmente com Max. Porque vocês já são companheiros, você lava, passa, dorme e cozinha para ele. Basicamente, isso é ser esposa.

— Só cozinho e transo, porque a senhora sempre vai me buscar e não me deixa dormir lá. — Telly ri, provavelmente acontece o mesmo com ela. — E ele tem empregada.

— Viu! — exclama agora escolhendo qual par de brincos devo usar.

— Isso será uma vantagem, agora pode dormir com ele todos os dias. — Ela conversa com um par brinco preso entre os lábios, acabou se decidido por um de diamante branco em forma de estrela com um pérola na ponta. Lindo e presente do meu marido. — Nunca mais se preocupar com faxina, só curtir o luxo com seu marido.

— Mãe, a senhora vê a vida de uma forma bem prática.

— A vida já é complicada demais e você complica ainda mais — filósofa dando um peteleco na minha testa. — Lembre-se: se não dar certo, pode volta para casa se quiser, estarei te esperando de braços abertos, mas só por precaução, vou mudar as fechaduras.

— Mãe!

— Brincadeira. — Termina de colocar o brinco, dá mais uma ajeitada no vestido antes de anunciar: — Está pronta.

Aleluia!

— Obrigada, de qualquer forma, espero continuar casada.

— Eu também. — Ela beija minha testa.

— Não chorem. Não façam drama. — Telly pede retocando a própria maquiagem. — Essa *make* deu trabalho e esse penteado então... As meninas já foram e eu já avisei, não faço mais nada hoje.

Ela ainda está de roupão, assim como mamãe. Preferiram me vestir primeiro, pois seus vestidos são mais práticos que o meu.

— Isso aí, sem choro — concordo. — Max já está na Igreja? — Indago observando Telly retocando agora a maquiagem de nossa mamãe.

— Sim, Thomas foi com ele — confirma. — Ah! Ricky ficará te esperando na frente da igreja e pediu para não atrasar muito — ela conversa enquanto faz tudo com maestria — ou Max vai ter um enfarte de tanta ansiedade.

Meu irmão como minha mãe e irmã entrarão comigo na Igreja.

— Tudo bem. Depois vocês podem ir para Igreja também, irei com Bruno.

— De jeito nenhum, faço questão de irmos juntas, caso desmaie no caminho, não terá só o Bruno por perto para te despertar com um beijo apaixonado.

Mamãe, ultimamente, tem mais ciúmes de mim com outro homem do que meu futuro marido.

— Ricky disse que tem imprensa no local por causa do escândalo.

— Já esperava por isso, não me incômodo. Estou até me acostumando com eles.

— Olha ela! — Telly grita sorrindo colocando seu vestido. — Fecha o zíper pra mim mãe.

Ela vira de costas e meu queixo cai.

— Telly que vestido é esse? Esqueceu que é madrinha? — grito quando vejo o tamanho do decote do vestido. Falta pouco para mostrar a bunda. Porra, quer ficar mais gostosa que eu no meu casamento. Sacanagem!

— Você disse que só precisava ser da cor. E é azul. — Dá de ombros. — Além disso, é uma renda transparente. Teoricamente estou vestida.

— A tá, pena que eu não sabia que você escolheria algo tão escandaloso ou eu mesma teria escolhido seu vestido.

— Que culpa tenho se tudo fica sexy em mim? — Ela gira mexendo o quadril. E percebo uma fenda até a coxa.

Pior que a cachorra tem um corpo que tudo fica sexy. Pelo menos é longo e sem decote na frente, não está parecendo a vadia que é.

— Nem tente chamar mais atenção que eu — aviso. — Vadia!

— Prometo que tentarei — brinca, mas continuou séria. — Prometo que tentarei não chamar mais atenção que você — completa.

Não acredito muito nisso, mas não tem jeito mesmo, então decido mudar de assunto.

— A família do Max... — tinha até medo de perguntar — está lá? Tipo, pelo menos uma irmã?

Não quero que nesse momento ele esteja sem ninguém da família para compartilhar algo tão único, pois se dependesse de mim, nosso amor será para a vida toda.

— As quatro irmãs, a madrinha e primos estão na Igreja, Ricky confirmou.

Amém! Respiro aliviada, mas não consigo evitar perguntar:

— Sr. Castelli? — tento ser otimista. Acredito em redenção.

— Esse não vem, posso garantir.

— Alguma ex?

— Várias. Cada corpo divino, inclusive a tal Brenda, oh mulher maravilhosa. — Devo ter feito uma careta porque ela logo rir e completa: — Brincadeira.

Mamãe se arruma em silêncio, mas prestando atenção a nossa conversa, está linda em um vestido longo na cor vinho. Tem uma transparência na parte superior com decote. Hum! Até que está discreta para ela.

Telly se olha no espelho e vejo seu olhar mudar.

— Brigou com Thomas?

— Terminei com ele — responde simplesmente.

Pela milésima vez só esse ano. Todo dia eles terminam e voltam. Brigam e se amam. Se perguntar, eles nunca têm nada. Nunca vi terminar o que não se tem. Conclusão, são dois imaturos que não sabem o que querem da vida.

— Por quê?

— É complicado.

Novidade!

— E isso será um problema para mim?

— Não, vamos nos comportar, prometo!

Por que será que não acredito nisso também?

— Espero, já tenho problemas demais — digo sentindo um frio ao ver a caixa com os testes de gravidez. Será?

— Se ela aprontar dou uma surra lá mesmo — mamãe nos interrompe.
— E aproveitando que está brigada com o Thomas e já que não tem nada com ele mesmo... Vou te apresentar aos amigos gatos do Max.

— E eu vou me apresentar a um belo buffet, não vejo a hora de comer. Comer muito. Só tô casando pela comida.

— Por que não come antes de ir? Não vai engordar porque comeu um pouco antes de sair.

— Eu não preciso comer para engordar, mãe, basta pensar em comida que já viro o professor aloprado.

— Agora também não dá mais tempo — Telly comunica checando o celular. — Ricky mandou mensagem avisando que todos os convidados já estão na Igreja e já estamos atrasadas.

O frio na barriga volta com força. É agora.

— Melhor irmos logo, quanto mais rápido acabar, mais rápido eu como e tiro esse vestido.

— Espera mais 5 minutos...

— Em 5 minutos posso morrer de fome. — Levanto quase de um pulo.
— Vamos logo.

— Engraçado que nas horas e horas de parto você não era nada apressada. — Mamãe reclama passando por mim.

Espero as duas saírem do quarto. Pego a caixa que estão os testes de gravidez, vou até nossa suíte nupcial, e coloco no armário do banheiro. Se eu estiver grávida só saberei depois do casamento.

O carro para em frente à Igreja. A mesma que vi dias atrás, quando Max me pediu em casamento, os noivos felizes durante a chuva de arroz. A lembrança me deixa mais tranquila.

Bruno é o primeiro a descer do carro e foi bastante silencioso durante o percurso, depois mamãe e Telly que tagarelaram o caminho todo. Elas entraram praticamente comigo na Igreja. Eu escolhi assim, como se todos — ou quase todos — que amo estivesse me entregando ao noivo e abençoando nossa relação.

Ainda espero um minuto no carro antes de Ricky abrir a porta e me ajudar a descer.

— Está linda — beija minha testa antes de cobrir meu rosto com o véu.

— E faminta.

Estou com tanta fome que passei em frente a uma casa de ração de cachorro e, pasmem, o cheiro fez minha barriga roncar ou embrulhar, nesse momento não sei mais a diferença.

— Você está sempre com fome. Graças a Deus Max que vai ter que te sustentar agora. — Ele ri e acerto seu braço com um tapa.

Ricky está de smoking azul e o cabelo devidamente penteado para o lado. Não é por ser meu irmão, mas ele está muito gato. Está criando barba, o que lhe dá um ar mais maduro.

Olho para frente, para porta fechada da Igreja, para minha mãe e minha irmã está me esperando acima da escadaria. Caminho até elas segurando forte o braço do meu irmão mais novo. Senti falta de duas coisas, das dama de honra e do pajem com aquelas plaquinhas divertidas, mas como não temos criança na família, vai sem mesmo e de não ver os fotógrafos que diziam estarem aqui, apenas um que foi contratado, tirava fotos minhas.

— Preparada? — mamãe indaga.

Antes que eu possa confirmar, escuto alguém gritar meu nome e todas as teorias loucas me invadiram com força. Se tocar Pablo eu me jogo escada

abaixo. No entanto, meu nervosismo passa ao ver minha irmã mais nova linda em um vestido vermelho curto. Os cabelos estão soltos e ondulados, ela segura um buquê branco, mamãe e Telly também seguram um.

— Letty?

— Oi, está linda — elogia, olha para nossa mãe depois pra Telly — Estão lindas!

— O que você quer? — Telly indaga na defensiva. — Já deveria estar lá dentro, achamos que nem daria a honra de sua presença.

— Eu estava lá dentro, mas quero entrar com vocês, peguei o buquê da Anna... — cada madrinha, além de minha mãe, tem um. — Se permitirem é claro. — Quase chorei sem acreditar que realmente estava acontecendo.

— Claro que pode. — Aperto a mão dela para impedir o ímpeto de abraçá-la. — Mamãe, a senhora vai na frente. Letty e Telly lado a lado, um pouco atrás. Quando vocês estiverem tomando seus lugares na Igreja, eu entro com Ricky.

— OK!

A porta se abre e elas entram cada uma segurando um buquê branco sob uma música clássica instrumental que não consigo identificar. A valsa começa a soar logo em seguida, quando piso o pé direito na Igreja. Não quis outra música, essa é tão simbólica e especial.

A minha primeira visão é Max parado no altar. Esperando. Fico imaginando como é para ele me ver a noiva entrando. Se é tão maravilhoso quanto é pra mim vê-lo de noivo. Depois não consigo evitar que meus olhos passem pelos meus padrinhos e madrinhas, segurando seus buquês brancos e pela decoração da Igreja, foi surpresa para mim, já que Telly cuidou de tudo.

Deixo meus olhos vagarem pela passarela que me leva até o altar e sorrio emocionada, sem acreditar quando vejo meu caminho decorado com Sansões azuis segurando luzes de *led* em formato de flor sobre uma cama de pétalas de rosas vermelhas. Não acredito que Telly fez isso e ainda conseguiu deixar rústico, diferente e nada infantil, diria até elegante. Os arranjos de flores brancas estrategicamente colocados em alguns lugares deram um toque de sofisticação.

Ando devagar sob alguns flashes, havia em torno de cinco fotógrafos e vários convidados filmavam a cerimônia, eu só queria decorar cada detalhe desse meu momento, mas com tantas câmeras começo a me preocupar em andar até o altar sem cair igual uma melancia podre no chão. Posso ver pela Igreja lotada que realmente todos os 200 convidados vieram. Mas como um imã, meus olhos

não querem focar em nada que não seja Max me esperando no altar. Está lindo de smoking inteiramente branco, apenas a blusa de baixo preta e a lapela vermelha. Seu sorriso é do tamanho do planeta e parece refletir no meu.

— Podemos ir mais rápido? — sussurro.

— Já estamos chegando... Tenha calma.

Deixo meu olhar preso ao de Max e quase me perco no brilho deles, sei que os meus brilham tanto quanto os dele e brilham ainda mais quando finalmente chego ao meu destino.

— Cuida bem dela ou eu cuidarei de você — Ricky ameaça, mas não surte muito efeito. Qualquer um teria mais medo de mim do que do meu irmão.

— Cunhado — Max retira o véu que cobre meu rosto —, eu vou cuidar muito bem dela. — Ele enlaça meu outro braço, mas Ricky reluta um pouco antes de finalmente me soltar e tomar seu lugar. — Está gostosa pra caralho.

— E você está parecendo um rapper americano — zombo.

— Seu irmão disse que eu parecia um cafetão — brinca sorrindo.

— Mais respeito, essa é a casa de Deus — o padre clareia a garganta nos dando uma bronca, demonstrando que escutou e não gostou das nossas provocações.

Ops!

— Perdão padre — Max pedi —, mas essa mulher é muita tentação — completa em um sussurro apenas para eu ouvir.

O padre dá início a cerimônia, provavelmente tentando se livrar de nós antes de falarmos algo pior e traumatizar a congregação.

Graças a Deus, contrariando todas as minhas teorias, ocorreu tudo bem, excerto por eu quase não ter consigo colocar a aliança no meu marido de tanto nervosismo e demos um esquentar pra lua de mel com um beijo quente na hora que o padre nos consagrou marido e mulher, com direto a muita mão boba e gemidos. Faltou pouco para sermos convidados a nos retirar da Igreja para sempre.

E a hora dos votos também foi muito mico. Max fez um discurso lindo de como nosso casamento seria próspero e duradouro, com a casa futuramente cheia de filhos. E eu só conseguia pensar nos testes de gravidez no banheiro. Nem ele deseja um filho agora. Sem falar que eu não fiz os votos. E eu, *leza* pra variar, achei que usaríamos os votos tradicionais, tive que improvisar, ou seja, saiu uma cagada.

Saímos da Igreja embaixo de chuva de arroz, muitos gritos animados e assim foi até o local da festa. Todo mundo apertado nos carros, menos nós, os noivos, que fomos sozinhos com uma comitiva buzinando e gritando pelas ruas. Imagine essa galera bêbada.

Pelo menos são educados. Os primeiros a chegar ficaram esperando em frente ao restaurante até quase todos estarem presentes, pois ainda estava com a fita de inauguração que eu cortei com muita satisfação e com a ajuda do meu marido.

O restaurante já era lindo antes de estar decorado para a festa de casamento, mas agora estava esplêndido. Quase não acreditei que em casa eu tenho uma decoradora nata e nunca percebi. Se minha irmã investir nisso vai longe.

O lugar estava simplesmente esplêndido, enfeitado com arranjos e luzes de *led* fazendo uma mistura de cores, tipos e formas diferentes. Tinha algumas poucas mesas a direita, algo simples e bonito. Rio quando vejo no topo do bolo enormes nossos bonequinhos de noivos. A pessoa que fez merece parabéns. Captou direitinho nossas características. O boneco é negro e a boneca gordinha e baixinha. Parecia realmente com a gente. Eu suspensa no ar, meio montada nas costas de Max com o coelho suspenso ameaçando bater nele, enquanto Max tenta escapar segurando um prato com uma fatia de torta... Eu acho que é torta. Adorei.

Paro de presta atenção no bolo quando novamente somos surpreendidos por chuva de arroz e muitos gritos.

— Já deu de arroz ou coloco vocês para limparem! — digo fingindo estar zangada. Max ri ao meu lado. Esses amigos dele...

— Pessoal! — chama. — Sintam-se a vontade, a festa é de vocês.

O som começa a tocar enquanto eu tiro um bilhão de fotos com um milhão de poses diferente. A parte chata de ser o centro das atenções.

— Não vejo a hora de ficamos a sós para poder tirar seu vestido. — Max sussurra no meu ouvido enquanto sorrimos para mais fotos.

Se ele está com pressa imagine eu, que estou segurando a respiração há horas.

Enjoada de tirar foto, abraço Max e começo a dançar ali mesmo no grande salão. Logo outras pessoas que estavam comendo, bebendo ou paquerando se empolgam e puxam seus parceiros para dançar também. Acabamos criando uma coreografia em grupo. Todos dançando juntos para frente, para trás e girando. Eu não acompanho por muito tempo, meu vestido não

permitia muito movimento e o salto também não. Não quis deixar o glamour e sair feia nas fotos ao contrário de Max, que já tinha tirado boa parte de suas vestimentas e nem se lembrava onde as colocou.

Aproveito a distração de todos que ainda dançam animados e fui atacar o Buffett.

— Viu sua irmã por aí? — Thomas pergunta chegando de repente, me assustando. — Fui pegar uma bebida quando voltei ela não estava mais onde a deixei e nem em lugar nenhum.

Percebi de relance seu olhar enquanto Telly entrava na Igreja. E era o olhar de um homem apaixonado, eu diria fascinado pela beleza da amada. Tenho a leve sensação de ser por resistência da minha irmã eles não terem nada sério. Thomas parece um homem certinho.

— Vi ela com o Bruno indo...

— Bruno? Que Bruno? Quem é Bruno? — indaga curioso.

Ciúmes! Ora, ora, posso brincar com isso.

— É um amigo nosso.

— Infelizmente — Max se intromete e foco com desagrado na sua taça de champanhe. Dois minutos sozinho e ele já volta bêbado. — E para piorar, um amigo que não perde a chance de dar em cima de uma amiga bonita — Max completa.

— Não estou interessado nesse sujeito, viu para onde foram?

— Acho que para a adega, ou a para a parte de cima do restaurante ou pra um motel... sei lá — digo maliciosa.

Ele estreita os olhos.

— Quanto tempo tem isso?

Olha o faro de advogado trabalhando as hipóteses.

— Uns 15 minutos.

— Estão demorando então.

— Vai ver aproveitaram para fazer algo mais interessante.

— Vou continuar tentando... — ele não completa, pois olha por cima do meu ombro, viro e vejo Telly caminhando até nós arrumando o vestido. Opa! Será que ela estava mesmo se pegando com o taxista?

Posso ver pelo corpo tenso de Thomas que ele está se esforçando para não agir como um macho ciumento e possessivo.

— Lá vem o assunto — Max brinca me abraçando por trás.

— Com quem estava e o que estava fazendo?

— Poções mágicas — debocha —, não te devo satisfações. Deixou isso claro ontem — rebate.

Se eu soubesse que teria embate, tinha colocado pipoca no cardápio.

— Ainda isso? Esse é problema de dormir com criança mimada.

— E o que está fazendo me procurando então? — cospe entre dentes. Tenta se retirar, mas Thomas segura seu braço a puxando pra si e eu o empurro quase derrubando eles sobre o bolo. Foi puro reflexo. Odeio quando um homem segura assim uma mulher.

— Belly! — Telly grita.

— Cuidado com minha irmã, cretino.

— Eu sempre cuido dela.

— Se resolvam logo ou escolham outros parceiros, esse é o meu casamento, não me estressem — ordeno.

— Vamos dançar loirinha.

— Não... Ainda estou puta com você.

— Já pedi desculpas. E foi só um nude.

Agora tá ficando interessante.

— Ouvi *nudes*? — Bruno chega no sentido contrário ao de minha irmã e percebo que não estava esse tempo todo junto com Telly. Que pena!

— Ouviu isso mesmo, se quiser uns meus te mando — vira pra Thomas —, afinal, são só *nudes* — provoca.

— Seus? — o safado olha minha irmã de cima a baixo e como ela está de costas para ele, a vista deve estar boa. — Não vou aguentar ver sem pegar pessoalmente.

— E pode pegar, Telly é solteira — digo empurrando ela pra cima do meu amigo.

Acho que Belly deveria ser uma marca de isqueiro, porque de pôr fogo eu entendo.

— Não é não.

— E com quem ela é comprometida?

Ele me encara com os olhos verdes tão intenso que se eu tivesse juízo ficaria calada.

— Telly, vem comigo... Preciso conversar com você.

— Não quero falar com você. — Ela segura no braço de Bruno.

— Oh gênio abençoado esse de vocês! — murmura e Max ri. Tenho certeza que ele concorda. — Por favor, será que você pode me escutar? — pede em tom brando segurando o braço dela para impedir que saia com Bruno.

— Ela já disse que não quer.

— Amigo, fica na sua para não sobrar para você.

Eles se encaram em desafio com a postura rígida como se fossem atacar a qualquer momento. Opa! Níveis de testosterona aumentando perigosamente.

— Se estragarem meu casamento a briga será comigo — aviso. — Telly! Bruno! — chamo e nem preciso falar nada, eles logo entendem o recado.

— Vamos conversa lá fora — cede e Bruno se retira revirando os olhos —, mas não toca em mim.

— Isso não garanto — diz sorrindo e sei que já fizeram as pazes.

— O que achou? — indago para o meu marido, observando o casal se afastar.

— Que vão acabar casados ou mortos.

— Se depender de mim, casados.

— Se depender da minha sogra também — sorri apontando com o queixo para minha mãe que conversa não muito longe de nós com Letty, aproveitando que a ovelha negra está de guarda baixa.

Acho que o gesto da caçula hoje foi tão importante para ela quanto para mim.

— Que tal fugimos da festa? — Max propõe, depois de um tempo em silêncio, roçando a boca no meu pescoço.

— É uma ótima ideia, a festa está boa, mas estou cansada.

— E eu só quero minha mulher agora.

— Percebi. *Tava* excitado enquanto a gente dançava.

— Desde que você entrou vestida de noiva na Igreja... Fiquei até com medo de notarem.

— Bobo.

— Joga o buquê e na confusão, saímos.

— Boa! — Desvencilho dos seus braços gritando: — Atenção, solteiras de plantão. Se preparam! Vou jogar o buquê.

Todas as encalhadas se juntam, até mesmo Letty, mamãe e as minhas cunhadas, só Telly que fica em um canto, com Thomas ao seu lado segurando a

cintura dela. Subo alguns degraus da escada que leva ao segundo andar, miro o Buquê bem na direção deles, fico de costas, conto até cinco jogando em seguida. Viro a tempo de ver Telly se esquivar e em um reflexo, Thomas pega o buquê. Antes que eu pudesse zoar minha irmã, toma das mãos dele e joga no chão chutando para longe.

— Belly, não vem com oferenda para mim não — grita e acabo gargalhando. Pode fugir do buquê, mas da mamãe não.

Percebo com curiosidade que o buquê parou bem aos pés da Nayara, minha cunhada. Mesmo estragado ela pega e as outras lamentam. Escuto Max xingar baixinho, sorrio para ele, aproveitando que todos prestavam atenção nela, seguro na sua mão e puxo para a saída de funcionários.

— Uhhu! Conseguimos! — grito do lado de fora segurando de qualquer jeito meu vestido e meu salto.

Max corre até o carro sem me esperar e senta no banco de passageiros. Como o palerma bebeu, tive que dirigir até em casa. O caminho foi rápido pois nossa casa é perto do restaurante, mas com direito a muita mão boba e provocações que quase tiraram meu foco. Ainda bem que aqui é cidade pequena, ou seja, trânsito praticamente zero mesmo não passando das 22 horas, caso contrário, Max teria feito eu bater em alguém.

Ele nem espera eu colocar o carro na garagem, me arrasta para dentro.

— Max! O carro...

— É um condomínio, ninguém vai roubar — diz assim que adentramos beijando toda a extensão do meu pescoço. — Enfim em casa, querida esposa.

— Não vai me carregar?

— Não. Já vou fazer isso a vida toda.

— Mal casamos e o romantismo já acabou.

Ele apenas ri, mas quando chegamos a porta do quarto, acaba me pegando no colo. O quarto está todo arrumado, tentei reproduzir o cenário de quando ele me pediu em casamento, mas dessa vez, no quarto e sem ursos. Apenas velas, pétalas de rosas e alguns brinquedinhos afrodisíacos para nos divertir.

A primeira coisa que faço quando ele me coloca no chão fechando a porta com o pé, é abrir o zíper lateral do vestido e soltar a barriga.

— Ufa. Estava louca pra vir pro quarto e comer à vontade sem correr o risco de parar de respirar.

— Escondeu comida aqui?

— Evidente.

— Ótimo, porque não comi quase nada na festa. — Ele retira a camisa e os sapatos.

Pego uma lasanha que deixei guardadinha na gaveta, junto com uma poção de coxinhas e batata frita. Poderia deixar no micro-ondas, mas teria preguiça de ir buscar. Me julguem.

— E minha Cinderela vira Fiona — brinca quando sento na cama com minhas gostosuras.

— Acostume-se — digo mordendo uma coxinha.

Acabei comendo só um pedaço de lasanha. Comecei a sentir enjoo. Não sei porque, está tudo frio, mas maravilhoso.

Então lembrei do teste de gravidez no banheiro, de que os enjoos poderiam realmente ser um sintoma e posso realmente está grávida. Caminho sem falar nada e não sei se Max falou alguma coisa. Apenas ando até o banheiro decidida a fazer o teste.

Tranquei a porta e fiz. Os três. Desejei que o resultado fosse *pá-puff*, pois os minutos de espera parecem intermináveis, não resistir e nem me importei em roer as unhas postiças, que não existiam mais. Quando finalmente o resultado apareceu, não sabia o que sentir ou pensar.

Positivo.

Os três.

Coloco o teste dentro da caixa que mamãe me deu e com dificuldade embrulho novamente. Minhas mãos tremem e minhas pernas também.

Eu estou grávida.

— Belly, está tudo bem? — ouço Max perguntar do outro lado da porta e sua voz soa bastante preocupada. — Responde ou vou arrombar.

— Sim, estou bem. — Abro a porta e ele me olha como se procurasse alguma coisa.

— Está pálida...

— Estou bem — ratifico. — Tenho um presente para você.

— Por quê? — indaga desconfiado. — Presente vindo de uma ida demorada ao banheiro... Não sei se eu quero.

— Não seja nojento — acabo sorrindo. — Irá gostar... Eu acho. — Estendo a caixa pra ele que reluta, mas acaba pegando.

— Não tenho nenhum para você.

— Você já me deu e nem sabe.

— Como assim?

Aponto para caixa.

— É só abrir.

Ele mesmo contrariado abre, fico apreensiva por sua reação.

— Temos que parar com esses presentes — responde pegando a chupeta e fazendo careta.

OK! Acho que ele não entendeu, nem percebeu os testes.

— O que acha que isso significa?

— Que vai fazer um boquete? — chuta coçando o queixo.

— Não significa isso, mas provavelmente eu vou fazer um. — Ele ri, retorna os olhos para caixa e seu sorriso morre. Agora ele sacou. — Significa... — pauso, pegando o teste —, que você vai ser pai.

— Está grávida?

— Existe a possibilidade de você ser pai sem eu estar grávida?

— Não?

— Espero que não, e sim, estou grávida. Descobri hoje também, agora na verdade. — Suspiro. — Bom, minha mãe levantou a hipótese antes do casamento e só confirmei.

— Meu Deus, Belly! Isso é incrível. Eu vou ser pai — grita eufórico. — Está feliz com a ideia?

— Estou apavorada, em choque...

— Eu também, mas acima de tudo, estou feliz. — Puxa-me pela cintura juntando nossos corpos. Apoia sua testa na minha antes de sussurrar: — Sei que não estava nos planos, mas quero saber se você está feliz. Se quer ser mãe.

— Sim, estou feliz. — Ele me dá vários beijos na boca e no rosto. — É algo não planejado, mas é uma extensão do nosso amor e se Deus quis me dar todas as coisas maravilhosas que eu poderia desejar de uma só vez, aceito de bom grado.

— Meu pai vai surtar quando souber. Sempre quis um neto.

Essa foi a primeira vez que falou do pai sem eu puxar esse assunto ou sem ressentimentos. Acho que está tão feliz que nem percebeu.

— Não sei se seu pai vai gostar...

— Verdade... Esqueci que brigamos — diz, mas não fica triste. — Eu vou ser pai, caralho.

E minha mãe será avó... sem um pinga de juízo.

— Agora vamos deixar de lado as comemorações e aproveitar nossa lua de mel.

— Hoje é o dia mais feliz da minha vida. — Coloca meu cabelo atrás da orelha. — Casei com a mulher por quem sou apaixonado e ainda descubro que vou ser pai... — Sorrio emocionada e percebo que ele também está emocionado. — Eu te amo.

— Eu também te amo e obrigada por fazer parte da minha vida — sussurro olhando em seus olhos. Ele me dá um beijo rápido e depois me abraça, fazendo meu coração disparar no peito apenas por estar nos braços do homem que amo.

Meu namorado, companheiro, parceiro, amigo, amante, marido.

Meu amor.

SOBRE A AUTORA

No facebook: <https://www.facebook.com/LILLYKISSCHRIS>
<https://www.facebook.com/LihLendoeEscrevendo/>

No wattpad: <https://www.wattpad.com/user/Lihezzzy>

No Instagram: https://www.instagram.com/lih_autora_santos/

Table of Contents

<u>PRÓLOGO</u>	
<u>FAMÍLIA</u>	
<u>CAPÍTULO 1</u>	
<u>CONVITE</u>	
<u>CAPÍTULO 2</u>	
<u>UNIVERSO</u>	
<u>CAPÍTULO 3</u>	
<u>MÔNICA</u>	
<u>CAPÍTULO 4</u>	
<u>SEJA MINHA GASOLINA</u>	
<u>CAPÍTULO 5</u>	
<u>VOCÊ DE SOBREMESA</u>	
<u>CAPÍTULO 6</u>	
<u>MEU BRINQUEDO</u>	
<u>CAPÍTULO 7</u>	
<u>LIGAÇÃO</u>	
<u>CAPÍTULO 8</u>	
<u>TODO SEU</u>	
<u>CAPÍTULO 9</u>	
<u>UM HOMEM MUITO MORTO</u>	
<u>CAPÍTULO 10</u>	
<u>MARÊ DE AZAR</u>	
<u>CAPÍTULO 11</u>	
<u>PAI DO MAX</u>	
<u>CAPÍTULO 12</u>	
<u>SO UMA FAXINEIRA</u>	
<u>CAPÍTULO 13</u>	
<u>ALGO DIFERENTE (PARTE 1)</u>	
<u>CAPÍTULO 14</u>	
<u>ALGO DIFERENTE (PARTE 2)</u>	
<u>CAPÍTULO 15</u>	
<u>SOGRINHA</u>	
<u>CAPÍTULO 16</u>	
<u>MAMÃE CHEGUEI!</u>	
<u>CAPÍTULO 17</u>	

DESCONFIADA
CAPÍTULO 18
APAIXONADA!
CAPÍTULO 19
EVIDÊNCIAS
CAPÍTULO 20
AS TRÊS PALAVRAS MÁGICAS
CAPÍTULO 21
ADVOGADO
CAPÍTULO 22
SEMPRE APAIXONADO POR MIM
CAPÍTULO 23
O ENCONTRO
CAPÍTULO 24
BRIGADOS
CAPÍTULO 25
DIA D
CAPÍTULO 26
GAROTA DO COLEGIAL
CAPÍTULO 27
PRECISAMOS CONVERSAR
CAPÍTULO 28
VERDADES
CAPÍTULO 29
APAIXONADA
CAPÍTULO 30
EM FAMÍLIA
CAPÍTULO 31
QUASE UM EPÍLOGO
FIM!
EPÍLOGO
EM UM MÊS E MEIO
EPÍLOGO
PARTE 2
SOBRE A AUTORA